

Roberto Costa Fachin

Construindo uma Associação Científica:

30
TRINTA ANOS da **ANPAD**

- memórias, registros, desafios -



Diretoria ANPAD - Biênio 2005-2006

Presidente

Carlos Osmar Bertero

Diretor Científico

Walter Fernando Araújo de Moraes

Diretor Administrativo

Ernani Ott

Diretor de Acreditação

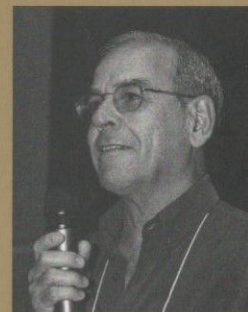
Antonio de Araujo Freitas



Da esquerda para a direita: Walter Fernando Araújo de Moraes, Carlos Osmar Bertero, Ernani Ott e Antonio de Araujo Freitas

Construindo uma Associação Científica:

30
TRINTA ANOS da ANPAD
-memórias, registros, desafios-



Roberto Costa Fachin

Atualmente professor no Programa de Pós-Graduação em Administração da PUC-Minas, é professor titular aposentado da UFRGS. Coordenou o Programa de Pós-Graduação de Administração da UFRGS de 1979 a 1983. Foi o 4º Presidente da ANPAD, no período 1983-1984.

Roberto Costa Fachin

Construindo uma Associação Científica:

30
TRINTA ANOS da **ANPAD**
-memórias, registros, desafios-

copyright 2006 ANPAD

Projeto Gráfico e Capa
Marília Ryff-Moreira Vianna
Portfolio Design

Editoração e Finalização
Scan - Editoração & Produção Gráfica

Revisão
Daniela Schmitz

Imagens
acervo ANPAD

F139c Fachin, Roberto Costa
Construindo uma Associação Científica: trinta anos da ANPAD -
memórias, registros, desafios - / Roberto Costa Fachin. - Porto Alegre: [s.n.],
2006.

242 p.: il.; 15 x 21 cm.

Inclui bibliografia e notas.
Edição comemorativa aos 30 anos da ANPAD.

1. ANPAD – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em
Administração – história. I. Título.

CDU 35:65(091)

CIP – Catalogação na fonte: Paula Pêgas de Lima CRB 10/1229

Construindo uma Associação Científica:

30 TRINTA ANOS da **ANPAD**
-memórias, registros, desafios-

por
Roberto Costa Fachin

com prefácio de:
Carlos Osmar Bertero

capítulos específicos por:
Peter Spink
Roberto Moreno
Tânia Fischer
Walter Fernando Araújo de Moraes

depoimentos de ex-Presidentes
e colaborações especiais, em determinados capítulos, de:
Antonio Artur de Souza
Cláudio Hoffman Sampaio e Marcelo Gatterman Perin
Clóvis L. Machado-da-Silva
José Antonio Gomes Pinho
Marcelo Milano Falcão Vieira
Tomás de Aquino Guimarães
Valéria Fonseca

e a colaboração da comunidade anpadiana

SUMÁRIO

PREFÁCIO	Carlos Osmar Bertero	11
APRESENTAÇÃO	Ano 29 – As origens deste livro	23
PARTE I	Decidindo criar uma Associação Científica da área	
	<u>Capítulo 1</u>	<u>29</u>
	Ano zero. Cenários: Nova Friburgo, Porto Alegre, Rio de Janeiro: por que uma Associação de Pós-Graduação em Administração? As deliberações para criar a ANPAD. O papel da CAPES. Participantes.	
PARTE II	A ANPAD, suas gestões, as Assembléias Gerais e os Encontros Anuais (ou EnANPADs)	
	<u>Capítulo 2</u>	<u>37</u>
	A ANPAD é criada. O ensino e a pesquisa. Os dois primeiros Encontros Anuais. A 1ª Presidência: Armando Moreira da Cunha.	
	<u>Capítulo 3</u>	<u>43</u>
	Trilhar novos caminhos ou procurar implementar idéias já consagradas. Os primeiros anais impressos. O terceiro e o quarto Encontros Anuais. A 2ª Presidência: Volnei Alves Corrêa.	
	<u>Capítulo 4</u>	<u>47</u>
	Continuidades. A presença da CAPES e da FINEP. As críticas ao ensino de Administração. A harmonia nas sucessões na Presidência. A quinta e a sexta Reuniões Anuais. A 3ª Presidência: Eduardo Vasconcellos.	

Capítulo 5	53
O plano de gestão discutido com os coordenadores de pós-graduação. As mudanças no formato dos Encontros Anuais. Os anais publicados em revistas acadêmicas. A reforma na Diretoria da ANPAD. A sétima e a oitava Reuniões Anuais. A 4ª Presidência: Roberto Costa Fachin.	
Capítulo 6	61
Um programa para seis anos. Ênfase em legitimidade institucional. A nona e a décima Reuniões Anuais. A 5ª Presidência: Roberto Venosa.	
Capítulo 7	65
A consolidação do novo formato dos Encontros Anuais. A importância dos Encontros Anuais. Os primeiros anais impressos antes do Encontro Anual. A busca de consolidação da ANPAD como Associação Científica. A décima primeira e a décima segunda Reuniões Anuais. A 6ª Presidência: Clóvis Luiz Machado-da-Silva.	
Capítulo 8	69
Preocupações com a identidade da área e sua legitimidade institucional. Balanço dos progressos e dos problemas enfrentados no momento. O XIII e o XIV EnANPADs. A 7ª Presidência: Suzana Braga Rodrigues.	
Capítulo 9	75
Políticas de afirmação identitária. Interação constante com outras Associações Científicas e com órgãos de fomento. O XV e o XVI EnANPADs. A 8ª Presidência: Tânia Maria Diederichs Fischer	
Capítulo 10	79
As preocupações com inserção nacional e internacional. O aparecimento dos cursos de pós-graduação <i>lato sensu</i> integrados ao sistema de pós-graduação e do mestrado profissional. O XVII e o XVIII EnANPADs. A 9ª Presidência: Clóvis Luiz Machado-da-Silva	

Capítulo 11	83
O registro da Associação e a fixação da sede. O novo formato do EnANPAD, com a contratação de agências especializadas. A criação da revista. A assunção definitiva do Teste de Seleção pela ANPAD. O XIX e o XX EnANPADs. A 10ª Presidência: Peter Kevin Spink.	
Capítulo 12	89
Informatização, profissionalização e contratação de agências – consolidação do EnANPAD como um mega-evento. O primeiro número da Revista de Administração Contemporânea. O XXI, XXII, XXIII e XXIV EnANPADs. A 11ª Presidência (quatro anos): Roberto Moreno.	
Capítulo 13	105
Ampliação das Áreas Temáticas nos EnANPADs. Novos encontros setoriais. A concepção e a criação das Divisões Acadêmicas. ANPAD com nova denominação: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração. A maturidade da Revista de Administração Contemporânea e a criação da Brazilian Administration Review. Reflexões sobre o futuro de uma Associação Científica. Os XXV, XXVI, XXVII e XXVIII EnANPADs. A 12ª Presidência (quatro anos): Clóvis Luiz Machado-da-Silva.	
Capítulo 14	115
A descentralização. As Divisões. As revistas eletrônicas. A reeleição. O XXIX e o 30º EnANPADs. A 13ª Presidência: Carlos Osmar Bertero.	
PARTE III Os Encontros Setoriais	
Capítulo 15	123
EnEO – Encontro de Estudos Organizacionais. <i>com a colaboração de Marcelo Milano Falcão Vieira</i>	

Capítulo 16	135
3 Es – Encontro de Estudos em Estratégia. <i>com a colaboração de Valéria Fonseca</i>	
Capítulo 17	143
EMA – Encontro de Marketing. <i>com a colaboração de Claudio Hoffman Sampaio e Marcelo Perin</i>	
Capítulo 18	151
EnAPG – Encontro de Administração Pública e Governança. <i>com a colaboração de José Antonio Gomes Pinho</i>	
Capítulo 19	159
Simpósio de Gestão da Inovação Tecnológica.	
PARTE IV	O Teste de Seleção da ANPAD
Capítulo 20	163
Padronizando a seleção de alunos. <i>com a colaboração de Antonio Artur de Souza</i>	
PARTE V	As Revistas da ANPAD
Capítulo 21	171
A RAC, a BAR e as revistas eletrônicas. <i>com a colaboração de Clóvis Machado-da-Silva e Tomás de Aquino Guimarães</i>	
PARTE VI	A ANPAD, o passado e o futuro: temas selecionados
Capítulo 22	179
ANPAD 30 anos: o ensino como direção estratégica. <i>Tânia Fischer</i>	

Capítulo 23	185
A ANPAD e a Acreditação. <i>Roberto Moreno</i>	
Capítulo 24	191
Avaliação de trabalhos acadêmicos no âmbito da ANPAD: apreciações e proposições. <i>Walter Fernando Araújo de Moraes</i>	
Capítulo 25	195
A Administração Pública e a ANPAD. <i>Peter Spink</i>	
NOTAS	199
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	203
REGISTROS	
Registro 1	Diretoria da ANPAD (2005–2006) 205
Registro 2	Relação de Diretorias da ANPAD 207
Registro 3	Evolução do número de Associados Efetivos e Observadores da ANPAD 209
Registro 4	Relação de Membros Efetivos (Programas) em agosto de 2006 211
Registro 5	Relação de Membros Observadores em agosto de 2006 221
Registro 6	Relação das Divisões Científicas, respectivas coordenações, número de Associados Individuais por Divisão 223
Registro 7	Reuniões preparatórias à criação da ANPAD 227
Registro 8	Reuniões Anuais da ANPAD (dados sucintos) 229
Registro 9	Encontros Temáticos e Setoriais (dados sucintos) 239
Registro 10	Trabalhos premiados 241

PREFÁCIO

Entregamos neste trigésimo aniversário da ANPAD – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração – a nossos associados e à comunidade científica este relato de nossos primeiros trinta anos.

Graças ao trabalho e ao empenho de Roberto Costa Fachin, temos um texto que abarca as diversas facetas do desenvolvimento da ANPAD até o momento. Cronologicamente, encontramos os períodos cobertos pelos mandatos dos diversos Presidentes. Depois, temos tópicos específicos sobre atividades que se foram criando e que acabaram sendo fundamentais para a nossa Associação. Dentre eles, temos os encontros setoriais, mais recentes e que se iniciaram a partir de 2000. Em seguida, temos a criação das Divisões, ainda em fase de implantação e as preocupações que se intensificaram com o ensino de Administração. As Divisões e o aumento da produção científica levam à necessidade de que, além da RAC – *Revista de Administração Contemporânea* e da BAR – *Brazilian Administration Review*, se criem outros periódicos. Finalmente, temos a criação de uma Diretoria que se ocupa de Acreditação e ainda supervisiona o PCDA – Programa de Capacitação de Docentes em Administração. Não se pode deixar de registrar o desenvolvimento e a consolidação do Teste ANPAD como um dos instrumentos usados pelos Programas no processo seletivo dos candidatos.

A ANPAD é parte integrante do processo de institucionalização da pós-graduação *stricto sensu* no Brasil. Criada há trinta anos por estímulos oriundos de órgãos governamentais encarregados da implantação da pós-graduação, trilhou um longo caminho, no qual se acumulam mais sucessos e experiências positivas do que falhas e insucessos. A pós-graduação sofreu diversas mudanças, como era de se esperar ao longo destes trinta anos e igualmente a ANPAD.

Iniciada com 10 Programas que foram os pioneiros a iniciar a pós-graduação entre nós, com cursos de mestrado apenas, hoje abriga aproximadamente 70 Programas. A tendência é naturalmente para que este número aumente.

Ao longo de trinta anos, a ANPAD cumpriu os propósitos com que foi iniciada. Sua criação foi inclusive estimulada pelas autoridades educacionais no momento em que se iniciava o processo de implantação da pós-graduação no país. Na verdade, a pós-graduação não surgiu abruptamente. O nosso passado universitário registra atividades de pós-graduação, como os antigos doutorados, as livre docências e o título amplo, abrigando muitas modalidades de atividades, que era a especialização. Mas estes Programas eram ligados apenas a

algumas universidades, sem a necessária ingerência das autoridades federais. Participavam destas atividades, buscando doutorados, livre docências e especializando-se apenas aquelas pessoas que já faziam parte do quadro docente das instituições de ensino superior. Igualmente estas atividades eram vistas como manifestações de uma maturidade intelectual e profissional, perseguidas por pessoas que se encontravam pelo menos na metade de suas carreiras e com mais idade do que o atual alunado de Programas *stricto sensu*.

O modelo que se implantava teve sua origem na *hochschule* alemã que nos chegou através do modelo universitário norte-americano. Diversamente do que existia até então como pós-graduação ou atividades e graus que se obtinham após o bacharelado e a licenciatura, o novo modelo era de natureza nitidamente mais escolar. Implicava em créditos a serem obtidos pela frequência a cursos complementados com uma tese ou dissertação calcada, de preferência, em pesquisa. No novo modelo os graus eram basicamente voltados à preparação de pesquisadores. O que se pretendia era formar pessoas que não se dedicariam à atividade profissional em seus campos respectivos, mas seriam os reprodutores da instituição universitária, ensinando e pesquisando. A junção da pesquisa e da docência era considerada traço fundamental do novo modelo em conformidade com o que havia sido proposto por Humboldt para a Universidade de Berlim, ainda no início do século XIX.

Não é difícil perceber que o novo modelo não era proposto isoladamente. Ele seguia o processo de reforma universitária consubstanciado em lei de 1969, na qual, entre outras coisas, se aboliam as cátedras, se estruturava a universidade em termos departamentais e se propunha uma carreira docente que pressupunha que seus ocupantes fossem formados no sistema de pós-graduação que então se implantava. O instrumento legal e administrativo com que as autoridades educacionais pretendiam levar avante a nova pós-graduação era o I PNPG – Primeiro Plano Nacional de Pós-Graduação.

Este foi, em linhas gerais, o contexto no qual se criaram os primeiros Programas de mestrado, depois a serem seguidos por doutorados que logo se implantaram nos Programas pioneiros. Foi naquele momento que a ANPAD foi criada, por sugestão das próprias autoridades educacionais. A nossa Associação não foi fato isolado. Outras áreas fizeram o mesmo em associações que até hoje estão entre nós como a ANPEC para a Economia, a ANPOCS para as Ciências Sociais, a ANPED para a Educação e muitas outras.

O que se pretendia era congregar os Programas para que juntos pudessem trocar experiências e, especialmente, inserir-se no sistema que então se delineava, no qual duas agências federais que já existiam, a CAPES e o CNPq,

passavam a ter novas funções e a desempenhar papel relevante na pós-graduação, como acontece até nossos dias. Os comitês das diversas áreas se formalizaram junto às duas agências e uma Associação de Programas poderia melhor dar cumprimento às tarefas de representação e exercício da arte de influenciar favoravelmente, noutras plagas chamadas legitimamente de *lobbying*, também praticada entre nós, mas não com este nome, que permanece estigmatizado.

Como se constata na cronologia das diversas Diretorias e Presidências, elas não foram nem poderiam ter sido homogêneas e de igual impacto e importância. Na verdade, como muitas coisas na vida, o sucesso depende de fatores controláveis e de muitos incontroláveis. A pós-graduação teve no país uma trajetória inegavelmente ascendente. Mas não sem percalços. Chegou a estar nalguns momentos ameaçada. Uma grande ameaça que enfrentamos na área de Administração foi quando se tentou, de fato e legalmente, felizmente sem sucesso, substituir a pós-graduação *stricto sensu* pela de *lato sensu* para o provimento de cargos docentes e de pesquisadores e, conseqüentemente, para a avaliação das instituições de ensino superior. Houve um período de gestação, que foram os primeiros anos, seguidos de um período de crescimento mais moderado do número de Programas até o grande salto que ocorreu a partir da década de noventa. Aumento não só quantitativo, mas também a introdução, de maneira ambivalente e relutante dos mestrados profissionais, que até hoje dividem a nossa comunidade. As Diretorias que nos dirigiram souberam aproveitar estes momentos. As gestões de Roberto Moreno e Clóvis Machado-da-Silva foram aquelas em que mais crescemos em termos de número de Programas e, especialmente, em nossa produção científica. Digamos que, embora não tenham sido os responsáveis por fatores que não controlavam, souberam muito bem aproveitar os ventos favoráveis e os céus límpidos para projetar ainda mais nossa Associação. A menção destes dois antecessores não é uma avaliação que os colocaria em posição superior aos demais companheiros que exerceram a Presidência. Diz-se, simplesmente, que ocuparam o cargo e souberam utilizá-lo adequadamente em circunstâncias particularmente favoráveis. Outros, certamente, trabalharam com o mesmo empenho e dedicação, mas coube-lhes nos dirigir em momentos possivelmente não tão propícios.

De um início modesto, a ANPAD assumiu a fisionomia de uma Academia Brasileira de Administração. Isto ocorreu depois da criação das Divisões, permitindo a entrada de pessoas e não mais só de Programas. O número de associados e das pessoas que se fazem presentes em nossos diversos encontros está entre os maiores eventos do gênero no mundo. O número de trabalhos submetidos e aprovados e apresentados também torna o encontro maior do

que os que ocorrem em qualquer país do mundo, à exceção do encontro anual da Academy of Management, dos Estados Unidos. Não se trata de ufanismo ingênuo, mas de uma factual comparação de dados e fatos.

Dependíamos para realização de nossas primeiras atividades, especialmente de nossos encontros, inteiramente de apoio oficial. Apenas as taxas de contribuição de nossos poucos Programas associados de então jamais permitiriam que nossas atividades prosseguissem. Atualmente, a situação financeira da Instituição é bem mais confortável, embora sempre tenha que ser prudentemente conduzida, especialmente porque os recursos oficiais, que ainda nos chegam, constituem um aporte quase simbólico.

Se em nosso trigésimo ano de existência compararmos o que realizamos com o que nos propúnhamos realizar, não há como duvidar que o objetivo central foi alcançado, ou seja, colaborar e trabalhar pela consolidação da pós-graduação *stricto sensu* em nosso país. O Brasil tem apresentado seus Programas de pós-graduação como um sinal claro de sucesso para o restante do mundo. Se considerarmos que em nosso país a primeira universidade foi criada no final da década de vinte, do século passado, e que a primeira universidade brasileira de maior envergadura, a Universidade de São Paulo, só foi criada em 1934, não há como duvidar que a pós-graduação consolidou-se em pouco tempo. Chegamos ao final do século passado com cerca de 800 Programas de qualidade variável, mas com um número razoável com notas no terço superior do gradiente de avaliação, o que lhes assegura um nível de qualidade que, mesmo medido internacionalmente, nos coloca em situação favorável. Não há dúvida que ficamos ainda muito a dever aos Programas das universidades de maior prestígio do mundo e que ainda há um longo caminho a ser trilhado. Atualmente, o país forma na maioria das áreas, incluindo a de Administração, a quase totalidade de seus pesquisadores e professores o que não ocorria num passado recente. Os primeiros Programas de Pós-Graduação em Administração foram implantados por Programas que ainda contavam com bom percentual de docentes que tinham obtido seus graus de mestre e doutor em universidades estrangeiras.

Quando se celebra uma data relativamente longa de existência de uma Associação como a nossa ANPAD, fala-se em sucesso institucional. Parte dele foi ter participado e atuado vigorosamente na consolidação da pós-graduação em Administração, mas outra dimensão importante do processo institucional é a perenidade ou sustentabilidade, termo mais contemporâneo. Uma diferença marcante entre uma organização e uma instituição é a duração no tempo. Embora nunca se possa pretender eternizar, instituições desfrutem de uma existência mais duradoura. Veja-se que empresas e unidades diversas do aparato públi-

co merecem o nome de organizações, enquanto o Estado, a família e a universidade são chamadas de instituições. Estas comparações são aqui registradas a fim de enfatizar a duração e a consolidação como aspectos importantes de nossos cursos de pós-graduação e também da ANPAD.

Mas, se os 30 anos de existência demandam celebração, não demandam menos que vejamos o que há por fazer e o que a ANPAD deve se propor num futuro próximo. Evitaria o termo desafio, por excesso de uso, mas ficaria com tarefas a realizar.

Primeiramente, temos a internacionalização. Há muitas maneiras de entender o termo. Há os que a entendem como adesão irrestrita e sem críticas ao que é predominante (*mainstream*) na produção científica e nas correntes teóricas existentes nos países chamados também de centrais ou desenvolvidos. A este tipo de internacionalização nos recusamos a aderir. Mas entendemos internacionalização como presença num cenário internacional, publicando, participando de eventos e congressos e também participando de atividades de ensino e pesquisa em instituições fora de nosso país. Também consideramos internacionalização a presença de companheiros da academia de outros países em nossas atividades. Não só em nossos encontros da ANPAD, mas ensinando, pesquisando e orientando em nossos Programas de mestrado e doutorado.

A internacionalização deve ser entendida como recusa ao isolamento, porque ele não só é pragmaticamente indesejável como eticamente inaceitável. O isolamento não produz necessariamente bons resultados. A autonomia sob a forma de autarquia, ou seja, bastar-se a si mesmo fechando-se deliberadamente a tudo e todos que venham de outras culturas é praticamente impossível. Eticamente é condenável da perspectiva de uma humanidade solidária. Se tivermos algo a oferecer em termos de conhecimento e experiências, não nos será permitido deixar de fazê-lo.

Nossas dificuldades com relação à internacionalização são várias e remontam a nossa própria formação. País continental onde a noção de fronteira não é sentida no cotidiano. Nossos vizinhos estão a milhares de quilômetros e poucos de nós têm contato com eles, a não ser as escassas populações que vivem nas fronteiras. Neste espaço falamos uma única língua. A condição de povo monoglota decorre em boa medida de nosso tamanho e de nosso isolamento geograficamente determinado. Em nossa atividade acadêmica de Administração repetimos o que acontece com nosso país no mundo. Apesar de nosso tamanho geográfico e demográfico, do tamanho de nossa economia e de diversos indicadores objetivos de importância, somos mundialmente um país do tipo

low profile, pouco influenciando os acontecimentos mundiais e sendo até modesto no contexto latino-americano.

O mesmo ocorre com a atividade científica da área de Administração. Fomos um dos primeiros países, à exceção dos Estados Unidos, a iniciar Programas de graduação e pós-graduação em Administração. O desenvolvimento de currículos de graduação em Administração em nosso país foi contemporâneo da expansão de Programas profissionalizantes nos Estados Unidos. Temos um volume de produção científica e encontros que, como já foi mencionado anteriormente, nos situam entre os maiores centros de geração de trabalhos científicos em Administração no mundo. Mas, apesar disto, permanecemos isolados. Poucas presenças estrangeiras em nossa academia e em nossos encontros e, especialmente, pouquíssimas publicações de nossa autoria em periódicos internacionais. Outros países emergentes, aos quais somos freqüentemente agregados como a China e a Índia, já se posicionam de maneira diversa da nossa. Embora cheguem mais tardiamente ao mundo da educação em Administração, manifestam interesse e se expõem internacionalmente enquanto continuamos relutantes, tímidos e voltados sobre nós mesmos.

Um derradeiro argumento, de natureza institucional e normativa, é que a política governamental de pós-graduação, manifestada em normas da CAPES e nos critérios do CNPq colocam a internacionalização como condição necessária e indispensável para que os Programas atinjam os níveis 6 e 7, os mais elevados pelo atual sistema de avaliação. Se rejeitamos a internacionalização como adesão irrestrita ao *mainstream*, predominantemente norte-americano, não podemos ignorar que a internacionalização também implica em levar nossos conhecimentos e experiências a outras comunidades científicas e profissionais.

Segundamente, temos a tarefa de apoio ao ensino com ênfase em docência. O modelo de pós-graduação adotado em nosso país a partir da década de setenta do século passado, como lembrado, é de origem prussiana, remontando à Universidade de Berlim. A universidade norte-americana, de onde importamos o modelo, portanto não o criou, mas apenas adaptou-o. Traço importante do modelo é a união do ensino e da pesquisa. Se interpretado radicalmente, o espírito da universidade berlinense seria de ensinar apenas aquilo que tivesse resultado de pesquisa. Daí o fato de os Programas enfatizarem a formação de pesquisadores, especialmente o PH.D. norte-americano, que é sempre apresentado como um grau de pesquisa (*research degree*).

Ao adotarmos o modelo, a ênfase acabou sendo necessariamente na formação de pesquisadores. A nossa realidade educacional demandaria e ainda demanda mais ênfase em ensino, na medida em que somos um país com imenso

déficit educacional em todos os níveis e especialmente no ensino superior. Mas a avaliação de Programas e de docentes vinculados à pós-graduação sempre deu maior importância a publicações, o que implicava em privilegiar Programas voltados à pesquisa. Finalmente, tivemos o triunfo do modelo de *normal science*, oriundo das Ciências Exatas e Biológicas, e que acabou se impondo também em nossos Programas de Administração. Gradativamente os Programas, especialmente os de mestrado, que haviam sido inicialmente calcados nas áreas funcionais de Administração, foram se organizando ao redor de linhas de pesquisa. Este processo intensificou-se de uma década para cá, quando os Programas abandonaram o antigo formato e tentam ainda hoje, consolidar linhas de pesquisa. Naturalmente, os diversos Programas se encontram em estágios diversos deste modelo. O corolário inevitável do *publish or perish* é o apanágio do privilégio da pesquisa sobre a docência.

Todavia a maioria dos mestres e doutores que formamos deverá ensinar. O espaço para profissionais acadêmicos que se dediquem exclusivamente ou mesmo prioritariamente à pesquisa é bastante reduzido entre nós. Quando se contrata um professor entende-se que sua carga de trabalho será totalmente cumprida em sala de aula com tempo reduzido, se o tiver, para tarefas de pesquisa.

Por outro lado, a expansão da graduação em Administração, atualmente responsável por aproximadamente 15% das matrículas no terceiro grau, tem demandado um número crescente de docentes. Dados do último Censo do Ensino Superior, realizado pelo Ministério da Educação, indicam grande carência de professores titulados. A maioria ainda é formada por bacharéis e especialistas, sendo ainda relativamente reduzido o percentual de mestres e menor ainda o de doutores. A perspectiva inevitável é que o número de matrículas aumente, porque o país ainda se encontra em situação inferiorizada até mesmo diante de seus vizinhos latino-americanos, para não mencionar os europeus. O aumento da graduação puxa inevitavelmente o da pós-graduação para a formação de docentes.

O PCDA – Programa de Capacitação de Docentes em Administração, iniciativa da ANPAD e que se encontra em processo de crescimento e consolidação, é um programa de importância decisiva que tem estimulado os Programas Associados a incluírem em seus currículos cursos, *workshops* e outras atividades que enfatizem o ensino e a docência. Isto não significa que se esteja menosprezando a pesquisa, ou procurando alterar o curso da Associação. Pesquisa voltada à realidade do ensino e à problemática da docência e de docentes é perfeitamente cabível e deve continuar a ser realizada. Ainda em linha com a busca de maior espaço na Associação para ensino e docência, registre-se a recente criação da Divisão de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade.

Outra importante tarefa é a da solidariedade para com a comunidade e para com outros Programas. O tópico foi recentemente incluído nas planilhas de avaliação dos Programas. Naturalmente não se sabe exatamente o que venha a ser solidariedade quando aplicada a Programas de pós-graduação. O tema ainda demanda esclarecimentos e será provavelmente explicitado pela própria comunidade acadêmica. Mas ele se insere num contexto que é competitivo. Na medida em que Programas são avaliados pela CAPES levando a um ranking que hierarquiza, cria-se um espaço competitivo. A solidariedade aciona o registro da cooperação e do esforço conjunto para que todos cresçam. Isto leva a uma dimensão ética que é generosidade humana. O ser humano como amálgama de contradições pode abrigar diversas dicotomias. A cooperação e a competição é a que aqui encontramos. A área de Administração ainda tem a maioria de seus Programas em nível 3 e 4. Poucos com nível 5 e menor número ainda de 6. Ainda não temos, infelizmente, nenhum Programa que tenha merecido o nível 7.

Atos solidários seriam medidas e ações de apoio a Programas menos consolidados por Programas que tenham maior experiência. Isto pode assumir diversas formas, intercâmbio de professores e até propostas de atividades de docência e de pesquisa realizadas conjuntamente. No Brasil, há enorme espaço para iniciativas solidárias em Administração. Basta que se veja a concentração de Programas de pós-graduação em partes do território nacional. O sudeste concentra a maioria, seguido do sul e bem mais recuado vem o nordeste. Não temos quase nada no centro-oeste e no norte do país. Regiões imensas que ainda estão sendo economicamente incorporadas à nacionalidade possuem apenas Programas de graduação.

A tarefa seguinte é a de aproximar-se e apoiar a graduação. Quando se criaram os Programas de pós-graduação foi colocado como tarefa a ser desempenhada não só a formação de mestres e doutores e a conseqüente produção de conhecimento, mas o apoio à graduação. Que houvesse um efeito de fecundação ou de transbordamento do que se criava e produzia na pós para aprimoramento e transformação dos cursos de graduação. Continua-se a prestigiar e encorajar docentes dos núcleos permanentes que também ensinam na graduação. Sempre houve a preocupação de se evitar que a pós se transformasse num *gheto* acadêmico.

A atenção à graduação se faz necessária não só pelo fato de ser um dos cursos, juntamente com o Direito, que detém o maior número de matrículas atualmente, mas especialmente devido aos problemas de qualidade. A rápida expansão do ensino superior em nosso país não mereceu infelizmente os investimentos necessários em treinamento de docentes e tecnologias educacionais. A

forma mais imediata de se apoiar a melhoria da qualidade da graduação é estimulando professores de cursos de mestrado e doutorado que continuem a colaborar de todas as formas com Programas de graduação nas instituições em que atuam e prosseguindo com os esforços recentemente iniciados pelo PCDA. A ANPAD deverá dedicar mais atenção às questões de ensino em seus encontros prestigiando trabalhos voltados a problemas de docência e também promovendo outros eventos e aproximando-se da ANGRAD – Associação Nacional dos Cursos de Graduação em Administração.

A próxima tarefa é consolidar as Divisões. Quando criadas pela Assembleia Geral de nossa Associação o que se pretendia era aproximá-la do modelo de uma Academia que congregasse não apenas Programas, mas também pessoas. Respondia também a uma nova concepção de nossa organização que buscava a descentralização, dando maior autonomia às Divisões que ainda guardam vínculos com as áreas funcionais clássicas de Administração. Havia também o intuito de descentralizar, em parte devido ao tamanho alcançado pela Associação e em parte por desejar abrir espaço para iniciativas das diversas áreas. Até então, toda a organização da ANPAD gravitava em torno da Diretoria, especialmente da científica. As atuais Divisões reportam ao Diretor Científico, mas não dependem inteiramente dele.

Elas vêm desfrutando de autonomia para tomar decisões nas organizações de seus eventos de área e também na realização do EnANPAD.

Mas não podemos considerar as Divisões ainda consolidadas. Vive-se um processo de aprendizado. As Divisões diferem entre si pelo número de Associados e pela densidade e variedade de atividades. É necessário ainda estimular a adesão de pessoas às Divisões. Elas estão abertas a docentes e pesquisadores e também a estudantes de pós-graduação, bem como a pessoas que, embora não estejam vinculadas a organizações educacionais, atuam em empresas ou outros tipos de organização que se envolvem com pesquisa e educação administrativa. Isto é importante num momento em que percebemos que em meio às transformações vertiginosas pelas quais passa a educação e o sistema educacional, as escolas não são mais as detentoras de um monopólio do ensino e da pesquisa. Quando se fala de educação executiva ou de educação para profissionais de Administração, surgem empresas de consultoria e de treinamento. Muitas empresas de maior porte desenvolvem amplos setores de P & D – Pesquisa e Desenvolvimento que abrigam pessoas com graus avançados e, portanto, perfeitamente qualificadas para se associarem as nossas Divisões.

Finalmente, resta a tarefa de aumentar as atividades de publicações da ANPAD. O início foi com os Anais dos Encontros da ANPAD. A seguir, tive-

mos a RAC – Revista de Administração Contemporânea que se consolidou como Nacional A no sistema Qualis. A seguir, foi lançada a BAR – Brazilian Administration Review apenas em forma eletrônica. A próxima etapa será o lançamento de uma versão eletrônica da RAC. Com isso, pretende-se aumentar o espaço para publicações de artigos. A RAC já tem uma fila de espera, formada por artigos já aprovados pelo sistema de *double blind review* que, no momento, permitiria que fosse publicada pelos próximos três anos apenas com os artigos que esperam “na fila”.

Além desta razão, é imperioso reconhecer que o mundo dos periódicos científicos vive momento de transição. Apesar do hábito e do fascínio que sobre todos nós exerce a edição impressa, a tendência é cada vez maior para que se caminhe para a virtualidade. Os serviços de hospedagem de periódicos e que possuem sofisticados sistemas de busca, permitindo seu uso para a pesquisa, já ocuparam um lugar que os tornam insubstituíveis e absolutamente necessários. A tendência para a venda de assinaturas de periódicos impressos é declinante. Vive-se cada vez mais a dificuldade de armazenar revistas impressas.

A possibilidade de expansão das publicações segue a tendência à especialização e depende do dinamismo das Divisões na geração de produção científica em suas áreas respectivas. No momento, esta produção não é homogênea entre as diversas Divisões da Associação. Ainda no universo das revistas, pode-se pensar na possibilidade de que eventuais periódicos de Divisões venham a ser um passo em direção à especialização.

Atualmente, entre as revistas internacionais A e B não encontramos mais revistas generalistas que abranjam todas as áreas. No Brasil, as revistas são quase todas “generalistas”. A RAE – Revista de Administração de Empresas, a RAUSP – Revista de Administração da Universidade de São Paulo e a RAC – Revista de Administração Contemporânea publicam em todas as áreas. A RAP – Revista de Administração Pública e a O & S – Organizações e Sociedade já deixam o universo generalista e manifestam alguma especialização. Embora todos sejamos leitores e assinantes destas revistas generalistas, reconheçamos que não lemos tudo o que é publicado. Acabamos por ler artigos nas áreas de nossa atuação e talvez de áreas sobre as quais tenhamos algum conhecimento, mas não chegamos a ser pessoas da área. É difícil encontrar atualmente pessoas que possuam uma cultura geral de Administração que lhes permita navegar confortavelmente em todas as áreas. A tendência de especialização dos periódicos é consequência desta fragmentação do campo.

A expansão das publicações da ANPAD pode ainda contemplar livros. As possibilidades aqui são as mais diversas. Não se trata aqui de propor uma

política editorial, certamente necessária quando se cogita expandir um setor de publicações. Uma possibilidade seria a de oferecer textos que pudessem divulgar a produção científica dos Programas Associados. Uma alternativa, que não exclui as demais, seria a publicação de textos puramente acadêmicos e que sempre encontram dificuldades em despertar o interesse de editoras comerciais.

Concluindo este prefácio, diremos aos leitores que o texto de Roberto Costa Fachin nos faz percorrer o itinerário de nossa Associação, trazendo a muitos de nós memórias gratas e sempre num estilo descritivo e agradável. Outros colaboradores se uniram para a realização da tarefa. Em nosso trigésimo aniversário, oferecemos um exemplar a todos os nossos associados e àqueles que comparecem a este 30º EnANPAD. Mas deixo aqui registrado em nome de todos os Associados, Programas e pessoas, o agradecimento àqueles que nos dirigiram, ocupando a Diretoria da ANPAD para que pudéssemos hoje estar celebrando um bem sucedido processo de institucionalização e podendo refletir e pensar em novos objetivos e tarefas para o nosso futuro.

Carlos Osmar Bertero
setembro de 2006

APRESENTAÇÃO

Ano 29 – As origens deste livro

Um auditório com cerca de 1000 pessoas foi o plenário para a sessão de encerramento do XXIX EnANPAD 2005 – Encontro Nacional da ANPAD – realizado no dia 21 de setembro, no Blue Tree Park Hotel, em Brasília.

Como de hábito, nos eventos dos últimos anos, houve uma prestação de contas, pelo Diretor Científico da ANPAD (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração), professor Walter Moraes, a respeito do volume de trabalhos submetidos ao encontro (3020), do número de trabalhos avaliados (2723), de trabalhos não avaliados (297) por motivos vários (formato: 53%; repetidos: 11%; identificados – impossibilitando o *blind review*: 18%; convidados: 8%; a pedido: 9%). De todo o processo, para o qual trabalharam 519 avaliadores, nas mais diferentes áreas, chegou-se a 778 trabalhos inscritos e apresentados no encontro.

O professor Walter Moraes, seguindo a mesma sistemática adotada pelo Diretor Científico anterior, professor Rogério Quintella, fez apresentação em *power point* da frequência na submissão de trabalhos para o XXIX EnANPAD. O quadro indicava que, nos primeiros 28 dias, o número de submissões diárias era pequeno: de submissão de 17 e 19 trabalhos por dia em 2004, passou a 4,2 por dia em 2005. À medida que se aproximava a data fatal, ia crescendo o número de submissões: dois dias antes do último dia o número de submissões passou de 130 em 2002 a 309 em 2005; e, finalmente, em torno de 1000 trabalhos/dia no último dia (em 2002) ou 1938 (em 2005). Mas, no último segundo do prazo fatal, o número de trabalhos submetidos sempre subiu: para 1,25 trabalhos/segundo (2004) a 3,65/segundo (2005). Ou seja, o encontro da ANPAD está perfeitamente afinado com o comportamento considerado clássico entre os brasileiros: deixar tudo – ou quase tudo – para a última hora... Mas, se isso ainda é presente, hoje, estamos longe dos primeiros anos, nos quais praticamente só às vésperas do início da reunião sabia-se do número de trabalhos a serem apresentados.

No encerramento do XXIX EnANPAD foram também distribuídos prêmios aos melhores trabalhos de cada uma das Divisões Acadêmicas (10) da ANPAD, criadas na gestão anterior (Administração da Informação; Administração Pública e Gestão Social; Estratégia em Organizações; Estudos Organizacionais; Finanças e Contabilidade; Gestão de Ciência, Tecnologia e Inovação;

Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho; Gestão de Operações e Logística; Marketing; Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade), como também atribuído prêmio ao melhor trabalho de todo o evento, de autoria de João Alberto Crubellate, da Fundação Universidade Estadual de Maringá que recebera, anteriormente, o prêmio da Divisão de Estudos Organizacionais.

Carlos Osmar Bertero, o Presidente, anunciou que o ano de 2006 caracterizaria a passagem de 30 anos da criação da ANPAD, uma data significativa para a Associação. A ANPAD nascera como **Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Administração**, com a adesão de nove (09) Programas de pós-graduação em Administração e um (01) de Ciências Contábeis. Mais recentemente, em setembro de 2003, com a criação das Divisões Acadêmicas, em face da implementação da norma estatutária que criou as categorias de Associados Individuais passou a denominar-se **Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração**, permanecendo a sigla ANPAD. Em 2005, na data do XXIX EnANPAD, o tamanho da Associação tinha aumentado sete vezes em relação ao momento da criação (o número de Associados chegava a 65 Membros Efetivos e 8 Membros Observadores, e um total de 628 Associados Individuais, nas várias Divisões).

Encerrada a sessão, enquanto muitos de nós entabulavam as últimas conversas, eu inclusive, percorri os corredores do hotel e sentados numa poltrona do *hall* de entrada estavam o Presidente, Carlos Osmar Bertero, e o ex-Presidente, Clóvis Machado-da-Silva. A eles me juntei e propus: por que não fazer um livreto com *estorinhas* desses 30 anos, que refletisse o humor e o prazer (ou talvez algum desprazer) que tivemos em estar juntos nesses 30 anos? Houve concordância preliminar de ambos, mas dias depois recebi um desafio maior, da Presidência: produzir um livro sobre esses 30 anos, tarefa maior e mais desafiadora. Como tenho dificuldades para negar o atendimento a um pedido a mim feito, concordei. Mas, não sou um historiador. Mas tenho boas lembranças de todo esse tempo. Este livro é o resultado da tentativa de atendimento a esse desafio. Não pretende ser um relatório burocrático, não pretende ser um livro de *estorinhas*, embora tenhamos conseguido registrar algumas. Pretende ser uma mistura de lembranças, de opiniões, de registros e uma oportunidade para que os leitores, particularmente os mais jovens, possam ter conhecimento do caminho percorrido e que os mais antigos, que viveram boa parte desse período, possam refletir sobre o mesmo, e que todos possam sentir um pouco de orgulho do nosso passado. Pode-se observar como a ANPAD evoluiu, de uma Associação com 10 Programas fundadores para uma Associação, trinta anos depois, com 75 Programas-membros (67 Efetivos e 8 Observado-

res). O leitor vai notar as diferentes tentativas de aglutinação de trabalhos apresentados nas Reuniões Anuais, as primeiras com apresentação de cerca de uma dezena de trabalhos, e os Eventos Anuais, agora denominados de EnANPADs, e a evolução a que se chegou, com cerca de 800 trabalhos sendo apresentados e culminando com as Divisões Acadêmicas ora instituídas e que, possivelmente, passarão por outro processo de diferenciação interna.

Freqüentemente, uso a primeira pessoa, como um observador participante de tudo, eis que acompanho a ANPAD desde pelo menos a 2ª Presidência, tendo sido também o 4º Presidente. Não estive presente nas reuniões preliminares, mas acompanhei mais ou menos de perto os principais acontecimentos. Naturalmente que precisei de alguns colaboradores para tornar viável a redação de alguns capítulos e eles estão mencionados nos textos em que esta contribuição foi feita. Outros leram partes do manuscrito, conferindo a adequação das informações registradas. A coleta de dados e a redação do livro deram bastante trabalho, mas também trouxeram satisfação.

Roberto Costa Fachin

2 de julho de 2006

Construindo uma
Associação Científica:

30
TRINTA ANOS da **ANPAD**

- memórias, registros, desafios -

Parte I

Decidindo criar uma Associação Científica da área

CAPÍTULO 1

Ano zero. Cenários: Nova Friburgo, Porto Alegre, Rio de Janeiro: por que uma Associação de Pós-Graduação em Administração? As deliberações para criar a ANPAD. O papel da CAPES. Participantes.

Como as revistas que começam e organizam o número zero, também a ANPAD nasceu, não em fins de 1976, mas algum tempo antes, com os primeiros encontros e primeiras propostas de organização. Algumas lembranças desses momentos foram obtidas com Armando Moreira da Cunha (EBAP), 1º Presidente da ANPAD; com Volnei Alves Corrêa (UFRGS), 2º Presidente; e, com Edson Machado de Souza, diretor do Departamento de Assuntos Universitários (DAU) do MEC, à época.

Enquanto a área de graduação em Administração começou a instalar-se na década de 40 do século passado (com algumas iniciativas pioneiras, como, por exemplo, a criação, ao final da década, do Instituto Racional do Trabalho (IDORT) e do Instituto de Administração junto à USP, na década de 50 já tinha ocorrido a criação da Escola Brasileira de Administração Pública (EBAP), em 1952, pela Fundação Getúlio Vargas, sob a liderança pioneira de Luis Simões Lopes, e da Escola de Administração de Empresas de São Paulo (EAESP), em 1954), a década reservada para o impulso à pós-graduação foi a dos anos 70¹. Mas, já antes da década de 70, começavam a se formar as bases do que seria a pós-graduação e a pesquisa nas universidades brasileiras. Data, por exemplo, de 1965, o parecer 977 do Conselho Federal de Educação (relator Newton Sucupira) que traça os rumos da pós-graduação no mundo, e o que se deveria pretender para o Brasil.

Foi nessa década de 70 (a lei básica da reforma universitária no Brasil foi de 1968), no bojo dos movimentos pela reforma universitária e sob os novos impulsos de desenvolvimento do chamado “milagre brasileiro”, pelo ingresso de capital estrangeiro e de firmas multinacionais, e pelas exigências de titulação do corpo docente das universidades que começaram a surgir os Programas de pós-graduação em Administração, tanto os chamados de *lato sensu* (cujo pioneirismo pode ser atribuído ao Programa de orientação profissionalizante em nível de pós-graduação na EAESE), “uma tentativa de adaptar às condições brasileiras o *Master of Business Administration* (MBA) norte-americano”², como os de *stricto sensu*, iniciados com Programas de mestrado. A década de 1970 é assim crucial para toda a comunidade científica, pois ali começa a ocorrer a “institucionalização da pós-graduação no Brasil”.

Foi com esse título (Institucionalização da Pós-Graduação no Brasil), circunscrito ao período 1974–1989, que o livro comemorativo do quinquentenário da CAPES registrou essa década e a seguinte³. Darcy Closs, no livro **CAPES, 50 anos** (FERREIRA e MOREIRA, pp. 68-83), ao depor sobre seu período como Diretor-geral da CAPES (1974–79), esclarece que, ao assumir a Direção do órgão, já tinha feito estudos diagnósticos da pós-graduação no país, e que sua prioridade na direção era “aumentar a oferta” de cursos de pós-graduação, a partir de identificação das áreas que era preciso desenvolver, pois já havia visão clara “sobre as áreas e cursos com grande necessidade de capacitação de docentes”. Entre as áreas por ele mencionadas como necessitando tal atenção da CAPES estavam as de Enfermagem, Biblioteconomia, como também as de Educação e **Administração de Empresas [grifo meu]**” (p. 74). É de referir, porque é importante conhecer para entender a dinâmica das modificações de orientação que a ANPAD empreendeu nesses trinta anos, que a orientação de Darcy Closs estava plenamente dentro das diretrizes do I Plano Nacional de Pós-Graduação (1975–79), que eram, dentre outras, as de “institucionalizar o sistema” e “planejar sua expansão” (cf. PNPG 2005–2010, 2005, p. 17).

Edson Machado de Souza - nenhum parentesco próximo, que eu saiba, com o nosso ex-Presidente *Clóvis Machado-da-Silva* - era o Diretor-Geral do Departamento de Assuntos Universitários (DAU) do MEC, e a CAPES era subordinada ao DAU, conta⁴ que, à época, o MEC, através do DAU e da CAPES, queria incentivar e mesmo institucionalizar a pós-graduação no país, e não lhe parecia suficiente depender só dos relacionamentos formais com as Pró-Reitorias de Pós-Graduação (ou órgão similar) das universidades. Experiências satisfatórias obtidas com relacionamentos com a ABENGE (Associação de Escolas de Engenharia) e ABEM (Associação de Escolas Médicas) levaram a CAPES e o DAU a procurar outras associações que pudessem servir de interlocutoras do MEC. A área de Administração era uma delas. A CAPES e o DAU tinham preocupação precípua com o ensino de graduação (lembre-se que a CAPES queria dizer, no início, Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior; e hoje, sua denominação é Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) com o objetivo de “assegurar a existência de pessoal especializado em quantidade e qualidade suficientes para atender às necessidades dos empreendimentos públicos e privados, que visam ao desenvolvimento do país” (*apud* CAPES, 50 anos, p. 7). Para alcançar esse objetivo, a presença de Programas de pós-graduação era essencial. O estímulo da CAPES era, assim, o de dar todo o apoio possível para que Programas de

pós-graduação comessem com estrutura adequada e, nesse sentido, associações científicas ou profissionais em cada uma das áreas de conhecimento pareciam-lhes sumamente importante.

Com estímulo (inclusive financeiro), encontros preparatórios começaram a ter lugar em diferentes lugares do país, com apoio decidido do Ministério da Educação. Armando S. Moreira da Cunha, então coordenador do mestrado na EBAP/FGV e que acabou como 1º Presidente da ANPAD, assim o afirma em seu depoimento no volume especial da RAC⁵:

(...) a trajetória da ANPAD [vem] desde o seminário realizado na primeira semana de setembro de 1976, em Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, com o propósito de avaliar o estágio da pós-graduação em Administração no país. O evento, organizado pela CAPES e pela Fundação Universidade-Empresa de Tecnologia e Ciência da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, contou com a presença dos coordenadores de pós-graduação em Administração das seguintes universidades: Universidade de Brasília, Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal do Rio de Janeiro (COPPEAD), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas (EBAP e EAESP), Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Universidade de São Paulo, esta última incluindo o Programa de Mestrado em Ciências Contábeis. Participaram do encontro, também, representantes da FINEP, PNTE, CFE, DAU/MEC, Fundação Ford, e Embaixada da França.

Esse primeiro encontro foi, nas palavras de Armando Cunha, “uma provocação à análise do estágio em que se encontrava essa área acadêmica no Brasil. Dava-se início, de forma sustentada, ao esforço cooperativo e ao intercâmbio na área, em suas diferentes dimensões” e “refletia os desafios singulares que os diferentes Programas de mestrado em Administração enfrentavam na época” (p. 146). Armando acentua os problemas que o curso de mestrado da EBAP, “surgido, em sua versão inicial, em 1967, como o Programa Nacional de Aperfeiçoamento de Professores em Administração (PRONAPA)” (p. 146)⁶ enfrentava, na época, como um exemplo dos problemas enfrentados por outros cursos no país:

Almejava-se uma formação que contemplasse capacidade de avaliação crítica e independente de opções, ao mesmo tempo em que se proporcionava aos alunos um conjunto de instrumentos de análise e de intervenção. Nessa perspectiva, o Curso tornava-se mais acadêmico do que seria desejável para muitos (p. 146).

Após a reunião em Nova Friburgo, em setembro de 1976, realizada com o patrocínio da CAPES, mais duas foram realizadas para que se tomassem decisões e se formulassem os atos finais de constituição da ANPAD. A segunda reunião foi realizada na FEA/USP, em 15/10/76, dedicada especialmente à preparação do projeto de Estatutos. Na terceira – III Encontro dos Coordenadores de Pós-Graduação em Administração – a última das 3 reuniões que definiram a criação da Associação, realizada na EBAP/FGV, no Rio de Janeiro, em 21/12/76, foram finalmente aprovados os Estatutos⁷ da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Administração (ANPAD), constituída, em seu início, por nove Programas de pós-graduação em Administração e um de Ciências Contábeis como membros fundadores – COPPEAD/UFRJ, EBAP/FGV, EAESP/FGV, FEA/USP, PPGA/UFRGS, PPGA/UFPB, PUC/RJ, UFMG, UnB – e um de Ciências Contábeis (Programa de Ciências Contábeis da USP) e eleita a primeira Diretoria, conforme a pauta de convocação da mesma. Os participantes dessa reunião foram: Armando Cunha (EBAP/FGV), Carlos Osmar Bertero (EAESP/FGV), Eduardo Vasconcelos (FEA/USP), Maria do Socorro M. V. de Carvalho (Depto. de Administração/UnB), Paulo Mattos de Lemos (COPPEAD/UFRJ), Ricardo José Fonseca Pereira (PPGA/UFGM), Tara Baydia (PUC/ Rio), Volnei A. Correa (PPGA/UFRGS) e Wilson Guedes Marinho (UFPB). A pauta era (1) a aprovação da ata do II Encontro de Coordenadores realizado na FEA/USP, em 15/10/1976; (2) aprovação da versão final dos Estatutos; (3) escolha da sede da ANPAD e eleição do Presidente.

Os Estatutos aprovados também possibilitavam a admissão, como Membros Observadores, de quaisquer instituições direta ou indiretamente relacionadas com o ensino de pós-graduação em Administração ou Ciências Contábeis, por proposta dos Membros Efetivos. Era, assim, uma Associação de Programas de pós-graduação na área. Não se previa a ocorrência de Associados Individuais, embora esse tema começasse a ser aventado desde a gestão da 2^a Presidência da ANPAD. Não se fez opção por uma sede determinada, ficando a ANPAD com sede que mudaria com a Direção eleita, para que uma sede num lugar só não acabasse por reforçar um só Programa.

Nos Estatutos, aprovados na reunião supramencionada, previa-se, basicamente:

- representar os interesses das instituições filiadas junto ao governo e entidades correlatas;
- “estabelecer um centro de informações e de demonstração a respeito de métodos de ensino, planos de pesquisas e fontes de recursos”;

- colaborar com instituições de ensino e pesquisa no sentido de prestar informações para “a montagem de Programas e cursos de pós-graduação em Administração ou Ciências Contábeis”;
- “promover a cooperação e o intercâmbio entre as instituições filiadas”;
- “publicar e promover a publicação de livros, revistas e artigos”;
- “promover e realizar congressos, seminários e reuniões de interesse dos membros da ANPAD”.

Na mesma reunião, conforme pauta dos trabalhos previamente definida, foi escolhido o 1º Presidente. A pessoa escolhida foi o anfitrião do encontro, o professor Armando Moreira da Cunha, da EBAP/FGV.

Apenas para registrar quão jovem era a ANPAD, basta que se diga que seu Presidente, Armando Moreira da Cunha, escolhido na reunião, tinha apenas 28 anos! (e, ainda hoje, talvez por questões genéticas, quase aos 60 anos, apresenta uma vasta cabeleira...).

Segundo ele, não houve disputa pelo cargo, embora ele supusesse que havia interessados na Presidência, mas uma vez lançada a candidatura (não se lembra por quem) não houve reação nenhuma, pois antes de tudo o que importava era a harmonia e a cooperação na constituição de uma Associação, recém criada. Foi também decidido que a sede da ANPAD seria na EBAP/FGV.

Construindo uma
Associação Científica:

30
TRINTA ANOS da **ANPAD**
- memórias, registros, desafios -

Parte II

**A ANPAD, suas gestões, as Assembléias Gerais
e os Encontros Anuais (ou EnANPADs)**

CAPÍTULO 2

A ANPAD é criada. O ensino e a pesquisa. Os dois primeiros Encontros Anuais.

A 1ª Presidência: Armando Moreira da Cunha (biênio 1977-1978).

Os Estatutos aprovados determinavam que poderiam ser Membros Efetivos da Associação quaisquer Centros, Institutos, Núcleos ou Programas de universidades públicas ou privadas, ou entidades autônomas existentes no país, com cursos de mestrado ou doutorado em Administração ou Ciências Contábeis, desde que propostos por pelo menos um terço dos Membros Efetivos e aprovados em Assembléia Geral, que deveria reunir-se duas vezes por ano (em março e em agosto), com a finalidade de aprovar Programas, orçamentos e todos os atos normativos e deliberativos que assegurassem o funcionamento da ANPAD. Foi também determinado que a Direção da entidade seria ocupada por um Presidente, escolhido em Assembléia Geral, e por um Secretário Executivo, escolhido pelo Presidente.

Aprovados os Estatutos, na reunião realizada em dezembro de 1976, pelos coordenadores de Programas de pós-graduação em Administração presentes, conforme descrito no capítulo anterior, e eleita a Presidência da entidade, era preciso que a ANPAD começasse a funcionar.

A primeira Assembléia Geral foi convocada pela recém eleita Presidência e realizada no dia 30 de março de 1977, na sede da EBAP/FGV, presidida por Armando Moreira da Cunha e secretariada por Júlio Freitas, Secretário Executivo. O número de presentes, conforme se observa na ata desta primeira sessão, foi de sete Membros Efetivos. Além do Presidente (EBAP/FGV) e do Secretário Executivo, estiveram também presentes Adalberto Fischman (FEA/USP), Carlos Osmar Bertero (EAESP/FGV), Paulo César Motta (PUCRJ), Paulo Mattos de Lemos (COPPEAD/UFRJ), Volnei Alves Correa (UFRGS) e Wilson Guedes Marinho (UEPB).

A preocupação com o ensino de pós-graduação em Administração tornou-se evidente desde essa primeira Assembléia Geral. Como convidados da Assembléia, compareceram o professor Darcy Closs, Diretor-geral da CAPES e a Srª Alba Maria Morandini, assessora dessa entidade. Entre os assuntos discutidos e deliberados na Assembléia, esteve a definição de um folheto anual de

todos os cursos de pós-graduação existentes, com dados sobre o processo de seleção, as disciplinas oferecidas e as áreas de concentração existentes, as bolsas de estudo eventualmente oferecidas, o período de estudos e do tipo de dedicação exigido e o endereço para consultas. A CAPES, presente, se dispôs a fornecer recursos para publicação de tal folheto.

Na mesma reunião, por proposição de Paulo Mattos de Lemos, foi proposta a organização de um *teste básico de aptidão*, à feição dos aplicados nos Estados Unidos (GRE e GMAT), a serem montados sob encomenda da ANPAD, e aplicados simultaneamente em diversas cidades. A proposta teve o apoio do Diretor-geral da CAPES, tendo sido nomeada comissão (Paulo Lemos, Volnei Correa, Carlos Osmar Bertero e Paulo Cesar Motta) para estudar o assunto e elaborar uma proposta concreta até a Assembléia Geral de agosto daquele ano, para eventual implantação no primeiro semestre de 1978.

Mais dois assuntos integraram a pauta da reunião:

- a realização do I Encontro Anual (embrião das futuras Reuniões Anuais, como eram chamadas, e EnANPADs, como o são hoje), proposto para realizar-se em Porto Alegre, sobre o tema *Conteúdo Curricular dos Programas de Pós-Graduação em Administração*; e
- divulgação de *pesquisas* em andamento nos diferentes Programas e de possibilidades quanto ao *aperfeiçoamento dos docentes* vinculados aos diferentes Programas (interesse manifesto da CAPES que oferecia bolsas de estudo no exterior, e estava solicitando a colaboração da ANPAD para seleção de candidatos e indicação de universidades estrangeiras qualificadas no campo da Administração).

Foi evidente o caráter de apoio mútuo entre a ANPAD e a CAPES, esta explicitamente com a missão de **institucionalizar a pós-graduação no Brasil** (CAPES, 50 anos, p. 67 e ss.).

A segunda Assembléia Geral Ordinária da ANPAD teve lugar em 31 de agosto de 1977, em Porto Alegre, no Hotel Plaza São Rafael. Desta vez, onze Programas estiveram representados, os mesmos Programas e pessoas presentes na primeira Assembléia (a EAESP/FGV, desta vez, representada por Polia Lerner Hamburger) e, além desses, Eliseu Martins, representando o curso de pós-graduação em Contabilidade da FEA/USP; João Baptista Vieira Péret, representando a UFMG; Paulo Vieira da Silva, representando a UnB e Laura Dantas, pelo IUPERJ, recém-admitido como Membro Observador da ANPAD. Outras entidades foram convidadas a participar como Membros

Observadores (CAPES, que aceitou; FINEP, que não aceitou; e mais os seguintes, que não haviam respondido até a data da reunião: Secretaria de Modernização Administrativa da Secretaria de Planejamento da Presidência da República (SEMOR/SEPLAN)⁸; CEBRAE (Centro Brasileiro de Apoio à Pequena e Média Empresa).

Na sessão foram apreciados pedidos de filiação da UFRN e da FUNDAP/SP como membros da ANPAD e comunicado que o Programa de Mestrado em Administração da UFRGS tinha sido credenciado pelo Conselho Federal de Educação (CFE), em maio de 1977, e o de Mestrado em Contabilidade da USP em agosto de 1977. A comunicação era importante porque era representativa dos critérios não escritos que vigoravam na ANPAD, no sentido de que Membros Efetivos deviam ter Programas consolidados e o credenciamento pelo CFE assegurava essa condição.

A Assembléia Geral foi precedida do Simpósio sobre *Conteúdo Curricular dos Programas de Pós-Graduação em Administração* (acima referido) organizado com o patrocínio da CAPES, evento esse que efetivamente foi o primeiro Encontro Anual da ANPAD. Aliás, o patrocínio recebido da CAPES para o Simpósio possibilitou que a Assembléia Geral se realizasse sem custos para os Programas. Tânia Fischer (então, uma aluna do mestrado de Administração da UFRGS) foi uma das coordenadoras técnicas do Simpósio. Na mesma reunião de Assembléia Geral, o Professor Paulo Vieira da Silva propôs “que se [tivesse] como política da ANPAD a realização de seminários por ocasião das Assembléias Gerais”, o que foi aprovado por unanimidade.

Ainda nessa Assembléia, foi aprovada proposta para que fosse organizado “um cadastro de professores com qualificação para participarem de bancas examinadoras de teses e exames de docência, com respectivas áreas de especialização e interesse”, proposta que só foi efetivamente desenvolvida na 4ª Presidência da ANPAD.

A terceira Assembléia Geral Ordinária da ANPAD foi realizada no dia 29 de março de 1978, no Rio de Janeiro, no edifício sede da FGV, estavam presentes os representantes de sete programas (USP, EBAP, COPPEAD, UnB, EAESP, UFPb, UFRGS), secretariada, desta vez, por Eduardo Oliveira Dapieve, novo Secretário Executivo.

Nessa Assembléia Geral, foram definidos os contornos do II Encontro de Pós-Graduação em Administração. No primeiro, como se viu, o tema foi Conteúdos Curriculares dos Programas de Pós-Graduação em Administração. Para o II Encontro, foi definido que o tema seria *Pesquisa em Administração*, em que seriam tratados os seguintes aspectos:

- exposição de cada Programa sobre sua experiência e perspectiva em pesquisa; e
- temas específicos de pesquisa (identificados 5 temas: Pequena e Média Empresa; Gerência de Exportação; Empresas Públicas; Formulação e Avaliação de Políticas Públicas; Administração em Ciência e Tecnologia).

Sugeriu-se a apresentação de projetos de pesquisa em Administração, em proposição pelos diferentes Programas, para “forçar uma reação do CNPq”. O encontro teria lugar em João Pessoa, Paraíba, imediatamente antes da realização da quarta Assembléia Geral. Quando da realização da reunião em João Pessoa, um dos presentes foi o Reitor da Universidade Federal da Paraíba, Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque, que, posteriormente, tendo exercido outros cargos na administração federal inclusive a de Diretor Presidente do CNPq, em muito colaborou com a ANPAD, em seu processo de evolução⁹.

Ainda na terceira Assembléia Geral, comunicou-se o andamento do Teste de Seleção, que tinha sido proposto para ser organizado pela ANPAD na reunião anterior, e acabou sendo assumido pela COPPEAD, tendo o PPGA/UFRGS comunicado ter utilizado o teste e recomendado que outros também o usassem.

Na quarta Assembléia Geral Ordinária, realizada em João Pessoa, Paraíba, em 24 de agosto de 1978, foram aprovados novos membros – os Programas de Mestrado em Administração da UFRN e da UFSC – como Observadores, e decidido que, em próxima reunião, seriam debatidos critérios para admissão de Membros Efetivos da ANPAD.

Ainda na mesma Assembléia, foi comunicada a assinatura de um contrato para prestação de serviços técnicos entre a ANPAD e a SEMOR, com tarefas de levantamento de dados dos cursos de pós-graduação em Administração, elaboração de temas para teses em Administração Pública brasileira, indicação de diretrizes gerais para o programa de financiamento de teses e estágios para mestrands em órgãos públicos.

Durante sua gestão na Presidência da ANPAD, Armando Cunha passou a participar da CAPES, como representante da área de Administração, envolvido com distribuição de bolsas de estudo, política de pós-graduação inclusive com esboço de avaliação de Programas. Seu depoimento pessoal¹⁰ é no sentido de que a área tendia a imitar outras áreas científicas em lugar de procurar desenvolver um espaço próprio, sem coragem para defender posições heterodoxas. Um certo complexo de inferioridade como área científica levou a área a procurar ser mais parecida com as demais, pretendendo “rezar na mesma

cartilha”. Após seu período, como representante na CAPES, quem assumiu essa representação foi Carlos Osmar Bertero.

Segundo Armando Moreira da Cunha, a constituição da ANPAD e a interação mais constante entre os vários Programas ajudava a clarificar, no biênio 1977–78, as grandes questões da área, como a “utilização mais racional dos recursos disponíveis na época” e a busca de “mais relevância dos Programas de ensino e pesquisa em Administração, para que tivessem impacto no processo de mudanças em andamento no país”. Foi evidente, nessas primeiras ações, de como a área se articulava e dependia das instâncias governamentais. As grandes questões, levantadas no depoimento de Armando na RAC, eram as seguintes:

Como conquistar o reconhecimento e o apoio, por parte do governo e do empresariado, à função de pós-graduação em Administração, como geradora de conhecimentos e de competências? Reconhecia-se que era imperativo concentrar para um melhor conhecimento sobre o Brasil, tanto sobre a atividade governamental, quanto sobre o contexto empresarial. (...) Dentre outras, questões como a dicotomia ensino profissional versus ensino acadêmico nos mestrados e a crescente importância da educação continuada na área, tinham destaque no entorno mais amplo da educação avançada em Administração no país (p. 147).

Para uma breve incursão em torno do debate mestrado acadêmico x mestrado profissional, presente naquela época (como ainda o é hoje), e das questões de definições políticas da CAPES que impactam decididamente a área, reproduzo, abaixo, trechos de depoimentos orais constantes do livro CAPES, 50 anos:

Quando olho para trás, enfrento, muitas vezes, um conflito existencial: saber se foi adequado insistir tanto na necessidade de ter pesquisa como condição básica para implantar e desenvolver a pós-graduação, principalmente no nível de mestrado [...] Aliás, lembro que não prestei a devida atenção a uma das recomendações dos três consultores americanos [que trabalhavam comigo, Darcy Closs] em seu relatório final: “*Take care*, isto é, tomem muito cuidado para não exagerar na exigência de pesquisa nos cursos de pós-graduação nas áreas profissionais” – Administração, Psicologia, Medicina, Odontologia, etc. [...] (depoimento de Darcy Closs,¹¹ p. 76).

Iniciei a campanha da qualidade: tem que publicar, tem que sair tese, tem que fazer pesquisa, tem que impor tempo integral, tem que dar seriedade (depoimento de Cláudio de Moura Castro¹², p. 91).

Comecei, e teria prosseguido se tivesse ficado mais tempo, a lutar contra o exagero de exigência de diplomas e a diferenciar áreas profissionais das áreas acadêmicas, duas grandes preocupações minhas. São minhas duas obras incompletas na CAPES. Tentei muito controlar o exagero dos diplomas nas áreas onde eles não têm sentido – áreas profissionais ou de serviço – mas não consegui, porque a lei era muito clara, não havia o que fazer. De outro lado, tentei valorizar o desempenho do profissional, em vez de valorizar publicações (depoimento de Cláudio de Moura Castro, p. 96).

Ao final da gestão, foi efetuada eleição para a Presidência da ANPAD no período seguinte, tendo sido eleito o professor Volnei Alves Corrêa, do PPGA/UFRGS. Finalmente, foi decidido que a tomada de contas da Diretoria que encerrava seu mandato seria feita por representantes da PUC-Rio, COPPEAD e USP/Contabilidade.

CAPÍTULO 3

Trilhar novos caminhos ou procurar implementar idéias já consagradas. Os primeiros anais impressos. O terceiro e o quarto Encontros Anuais.

A 2ª Presidência: Volnei Alves Corrêa (biênio 1979–1980).

Eleito para suceder o 1º Presidente, Volnei Corrêa, até então coordenador do curso de pós-graduação em Administração da UFRGS, declara que seu “único trabalho foi procurar transformar as idéias iniciais, verdadeiros sonhos de um grupo de idealistas, em realidade”¹³. Seu depoimento na RAC (1997, v. 1, n. 1) acentua “a necessidade de encontros nacionais para discutir os grandes temas nas áreas de ensino e pesquisa” (p. 149), porque seu grande “temor, naqueles dias, era de que a crescente demanda pelos cursos acabasse transformando-os em mera graduação melhorada, perdendo sua primordial função, a de preparar novos docentes e pesquisadores” (p. 149).

Seu depoimento menciona, pela primeira vez, a ambição de se criar uma *Revista*, já que nos encontros seriam apresentados trabalhos e “por que então não se criar uma Revista, na qual os professores da área tivessem espaço para a divulgação de suas idéias?”, pois apenas havia as “Revistas da EBAP e da USP, mas queríamos algo mais específico, que funcionasse como instrumento de divulgação das pesquisas realizadas tanto pelos professores como pelos alunos dos diferentes cursos”. No relatório de gestão¹⁴, Volnei Alves Corrêa destaca ter atribuído a Paulo Mattos de Lemos o estudo da viabilidade de publicação de uma revista em nível nacional sobre Administração, a ser editada pela ANPAD, sob a tutela do CNPq. Ao menos, esse era o desejo. Atribuiu-se ao mesmo professor fazer contatos com outros possíveis órgãos financiadores. O CNPq alocou recursos para a edição do primeiro número “mas não quis assumir a chancela” (p. 5 do relatório). Ficou, então, decidido que não haveria interesse de “editar-se uma revista sem a chancela do CNPq”. A chamada “Revista Brasileira de Administração”, portanto, não se efetivou em sua gestão, mas os anais da quarta Reunião Anual da ANPAD (o termo EnANPAD ainda não havia sido adotado) realizada em 1980, último ano de seu mandato, foram os primeiros anais publicados. Diferentemente de hoje, em que os anais já são produzidos, em formato de CD-ROM, antes do encontro, naquela época, eram

produzidos após o encontro, enquanto os recursos pedidos às agências governamentais iam sendo disponibilizados, geralmente depois da realização do evento.

A terceira Reunião Anual da ANPAD, em 1979, foi realizada em Niterói / RJ, após a 6ª Assembléia Geral (como é praxe até hoje), sob o tema básico (definido em Assembléia anterior) *Administração na atualidade brasileira*, na qual foram apresentados 6 trabalhos; ainda, na mesma época, foi realizado um 1º Simpósio sobre Metodologia do Caso, patrocinado pelo Sistema Brasileiro de Casos (CEBRAE).

A quarta Reunião Anual da ANPAD, em 1980, foi realizada em Natal / RN, de 26 a 27 de março de 1980 (somente mais tarde foi definido que os Encontros Anuais seriam em setembro) e foi a primeira em que foram impressos anais.

A conferência inaugural foi do Ministro da Desburocratização, Helio Beltrão. Foram publicados 16 trabalhos. A luta da época era, além de conseguir recursos de agências de fomento para viabilizar os Encontros Anuais (inclusive com passagens e estadia para os participantes), a de ter um número significativo de trabalhos (e de qualidade, acrescentar-se-ia) para serem apresentados. Não se exigiam os textos completos, previamente, como é hoje.

Um dos pesquisadores, infelizmente já falecido, que se contava sempre para a apresentação de um trabalho interessante e de qualidade, era o Prof. Luciano Zajdsznajder, da EBAP. Como colega do Volnei, na UFRGS, lembro-me de estar presente quando Volnei, então Presidente da ANPAD, telefonou ao Luciano para saber se ele iria ao evento e se teria trabalho a apresentar. A resposta foi positiva. Efetivamente, no dia do encontro, ou na véspera, chegou o Luciano, com 12 a 13 páginas datilografadas e 2 a 3 escritas a mão, redigidas, ao que parecia, durante a própria viagem de avião. E, por mais de um evento, essa situação se repetiu, segundo minha lembrança. Mas o texto foi apresentado e a qualidade o justificava.

Registre-se, aqui, que os primeiros Encontros Anuais da ANPAD não tiveram anais ou documento impresso registrando as contribuições ou se, e quando, os tiveram, foram produzidos posteriormente. Note-se, além disso, que o que se dispunha como tecnologia era a máquina de escrever e a impressão em mimeógrafo, quando não se conseguia recursos para publicação impressa. Assim, não foi fácil, nos primeiros anos, a produção de anais. O primeiro volume de anais conhecidos (e existentes na Secretaria da ANPAD) foi o datado de 1980.

Volnei destaca, no seu depoimento (*in* RAC, 1997), que sua maior atuação à frente da ANPAD foi procurar “garantir recursos para os Programas”,

tendo recebido “importante apoio da CAPES”, no qual “pleiteávamos bolsas para todos os alunos de dedicação exclusiva [e] buscávamos fontes de financiamento para a pesquisa” (p. 150). Volnei, em depoimento pessoal a mim prestado¹⁵, também destaca que uma questão muito importante nesta fase da ANPAD era o desprendimento de todos os participantes, nunca tendo havido uma disputa por cargos, pois ser Presidente era apenas um cargo. Todos colaboravam, independente da posição dentro da ANPAD, reafirmou.

Mas, o relatório da gestão 79–80, cobrindo o período de janeiro de 1979 a 20 de setembro de 1980, destaca, ainda, outras iniciativas.

Uma dessas era a co-realização, em conjunto com o CLADEA/CEDOCEN/PPGA-UFRGS, do *III Seminário Latino-Americano sobre o Ensino de Administração*, coordenado pela Professora Tânia Fischer (PPGA-UFRGS); mais uma vez se destacava a preocupação da ANPAD com o ensino.

Outra medida tomada foi aceitar convite feito ao Presidente da ANPAD para integrar a Comissão Coordenadora do Sistema Brasileiro de Casos, que veio a substituir a Comissão de Implantação do Método do Caso¹⁶, ambas sob o patrocínio do CEBRAE (Centro Brasileiro de Assistência à Pequena e Média Empresa)¹⁷.

Aliás, a questão da metodologia de casos gerou alguns conflitos políticos. Na ocasião, com apoio do PNTE-FINEP-CEBRAE estava em pleno funcionamento um Sistema Brasileiro de Casos, com a organização da Central Brasileira de Casos, sediada na COPPEAD/UFRJ, e sucessivas organizações de Centrais Regionais de Casos, em várias universidades do país. Assim, quando foi comunicado, em Assembléia, que um “Centro de Desenvolvimento de Executivos – CESDE” tinha pleiteado recursos ao BNDE para a montagem de programas de treinamento para professores brasileiros no Uso do Método do Caso, houve reação imediata da ANPAD que oficiou ao BNDE e CNPq pedindo esclarecimentos, eis que o método do caso já estava implantado no Brasil e não se via “razão de alocar recursos fora do sistema que estava sendo financiado pelo CEBRAE”; o assunto foi sustado e o relatório não aponta decisões finais.

Deve-se destacar que, quando da realização da sexta Assembléia Geral Ordinária, em Niterói / RJ, no período de 29 a 31 de agosto de 1979, precedendo a terceira Reunião Anual, foram discutidas proposições de alterações na Lei 6297/75, para possibilitar a alocação de recursos para os Programas de pós-graduação em Administração e doações e incentivo no imposto de renda por doações aos Programas de pós-graduação em Administração; era uma tentativa, sem sucesso, diga-se, de possibilitar que recursos voltados ao treinamento de pessoal fossem alocados para as entidades de pós-graduação em Administração.

Aliás, a preocupação financeira não era só de cada Programa, individualmente considerado, mas especificamente discutido como questão da entidade (ANPAD) que precisava encontrar meios para se sustentar, pois contava somente com recursos das contribuições de seus filiados e havia inadimplentes. Não há evidência de que ambos aspectos aqui mencionados tenham efetivamente encontrado soluções concretas.

Também foi decidido que o domicílio fiscal da ANPAD, para fins fiscais, seria a cidade do Rio de Janeiro.

A sexta Assembléia Geral Ordinária também comunicou os contatos mantidos com o adido cultural francês para estreitar o intercâmbio entre instituições brasileiras e francesas que atuam na área de Administração. Data desta época a leva de estudantes das universidades brasileiras que foram fazer seus doutorados na França e o início dos programas de intercâmbio com este país, seja diretamente via Embaixada da França, seja através dos programas do convênio CAPES/COFECUB. Como primeira atividade deste contato foi realizado em Fontainebleau, França, um programa de treinamento para professores da área de Administração. Após participar da primeira edição, o Presidente da ANPAD foi convidado a coordenar o processo de seleção de candidatos para os eventos seguintes, mas não encontramos registros sobre quantos grupos e quantas pessoas participaram deste programa.

Volnei Alves Corrêa foi sucedido, na Presidência da ANPAD, por Eduardo Vasconcellos (FEA/USP) que teve, como Secretário Executivo, Roberto Sbragia (FEA/USP).

CAPÍTULO 4

Continuidades. A presença da CAPES e da FINEP. As críticas ao ensino de Administração. A harmonia nas sucessões na Presidência. A quinta e a sexta Reuniões Anuais.

A 3ª Presidência: Eduardo Vasconcellos (biênio 1981–1982).

Em seu depoimento na RAC, Eduardo Vasconcellos, da FEA/USP, eleito como 3º Presidente, preferiu acentuar algumas características da evolução e consolidação da área, do que alinhar realizações. Disse, explicitamente, que

muitos desafios não foram vencidos durante minha gestão como Presidente, ficando para os que me sucederam. O intercâmbio de docentes nunca foi realizado com a intensidade necessária, assim como pesquisas multi-regionais, que integrassem pesquisadores de vários Programas. Tais ações eram sempre discutidas com entusiasmo durante os encontros, mas não foram viabilizadas naquela época (p. 151).

Em termos do contexto, afirmava:

A área de Administração no país continuava seu processo de consolidação. Pouco a pouco as empresas aumentavam a procura por graduados em Administração”, reduzindo a procura por outros profissionais. E concluía: “o número de cursos de graduação em Administração cresceu muito, aumentando a demanda por docentes e exigindo ampliação dos cursos de pós-graduação (p. 151).

Não se deve esquecer que o período 74–79, da gestão Darcy Closs, como Diretor-Geral da CAPES, foi uma época de expansão quantitativa da pós-graduação (inclusive, da Administração), e que a gestão seguinte, com Cláudio de Moura Castro, como Diretor-geral, preocupou-se com a qualidade necessária, num momento seguinte¹⁸.

Em termos da importância da entidade, acentuava:

A CAPES, o CNPq e outras agências passaram a envolver mais a ANPAD nos processos decisórios, por reconhecerem sua representatividade perante a comunidade acadêmica. Além disso, a Associação contribuiu de forma significativa na discussão de padrões de excelência, criando estímulos e metas, tanto para os cursos mais consolidados, como para aqueles em formação (p. 151).

O “clima altamente positivo” das reuniões e “atitudes de cooperação e camaradagem” era, segundo Eduardo Vasconcellos, possibilitado porque “muitos coordenadores de pós-graduação eram os mesmos que criaram a Associação” (p. 151). Na ata da décima segunda Assembléia Geral Ordinária, de 17 de dezembro de 1982 (última de sua gestão), ao divulgar seu relatório de gestão 1981-1982¹⁹, declara que “um dos aspectos positivos da atuação da ANPAD [...] foi o da criação de uma comunidade mais coesa do que muitas das Associações do gênero”. O interesse da CAPES e da FINEP eram notados francamente pela presença de dois representantes desses órgãos em todas as Assembléias e Reuniões Anuais. Ângela Santana, pela CAPES, e Nerine Leinemann, pela FINEP, estiveram sempre presentes a partir de 1980, e contribuíam para facilitar os trâmites de demandas da ANPAD frente a esses órgãos. A mesma ata acima citada registra especialmente “a participação ativa e o entusiasmo da Nerine Leinemann (FINEP) e Ângela Santana (CAPES) para o desenvolvimento do Programa de Administração desenvolvido pelos órgãos de financiamento e a Direção da ANPAD”. Representantes do CNPq também eram presentes, mas sem a mesma frequência. Sabe-se que, sem a CAPES, não se teria tido a facilidade de obter bolsas de estudo para os nossos mestrados; e, sem a FINEP, os recursos para pesquisa, em verdade, um dinheiro-semente, não se teriam as disponibilidades que asseguraram o progresso de muitos cursos.

A presença da CAPES era em parte justificada, porque o interesse pela avaliação de cursos e Programas começara a partir de 1978, porque data deste ano o envolvimento da CAPES na distribuição de bolsas diretamente aos cursos e daí, a necessidade de informações sobre os mesmos para decisões mais racionais. Ângela Santana representou a CAPES, com bastante autonomia, nas Reuniões e Assembléias da ANPAD, a partir de 1980, por cerca de três anos, acompanhando a evolução da área e a receptividade da área a programas da CAPES (na ata de 17/12/82 é por intermédio da própria Ângela Santana que a comunidade toma ciência que o convênio CAPES/Fulbright tinha recebido muito pouca receptividade, com apenas três Programas enviando projetos de intercâmbio de professores).

Em depoimento que obtive de Ângela Santana, em 2005, ela me reafirmou essa autonomia, que era maior que a dos representantes da FINEP e do CNPq. E confidenciou: “Nerine me confessou que chegou a sentir inveja quando em uma das reuniões eu (Ângela) disse que sim, que a CAPES poderia financiar um projeto discutido na reunião”.

A preocupação com o ensino de Administração e com as experiências de pós-graduação no nível mestrado permeou as discussões em torno do futuro Encontro Anual. Conforme a ata da oitava Assembléia Geral, realizada em 26/03/81, foi decidido que o tema básico da Reunião Anual daquele ano seria relacionado com o ensino de Administração, mas a programação dependeria de quantos trabalhos fossem recebidos. Era notória a preocupação com a existência de trabalhos para os encontros e painéis ou mesas-redondas, que eram colocados como alternativas para preencher o horário disponível. Houve também definição dos temas secundários – Administração de Pequenas e Médias Empresas, Administração de Ciência e Tecnologia, Administração de Empresas Públicas, Administração ligada às áreas funcionais da empresa. Estabeleceu-se prazo para receber resumos (em torno de 10 a 15 linhas) e data para receber os trabalhos completos (um mês após). Na carta encaminhada aos coordenadores dos Programas, divulgando o tema, a data e o local da quinta Reunião Anual, também se disse que “as passagens e diárias dos coordenadores de programas serão pagas pela ANPAD” e que tinham sido feitos pedidos de recursos à FINEP, CAPES e CNPq (este para a publicação dos anais) e que “esses recursos seriam aplicados a passagens e diárias aos apresentadores de trabalhos” (ofício da Presidência, de 14 de maio de 1981). Na reunião também foi comunicado que a FINEP não tinha aprovado ajuda à quinta Reunião.

A quinta Reunião Anual da ANPAD foi realizada de 21 a 23 de outubro de 1981, no edifício-sede da FGV, no Rio de Janeiro. O CNPq, representado por Manoel Marcos Maciel Formiga, coordenador de Ciências Humanas e Sociais, e a CAPES patrocinaram o evento e os anais. Para a palestra inaugural da quinta Reunião Anual foi convidado Cláudio de Moura Castro, que era o Diretor-Geral da CAPES (exerceu o cargo de 1979 a 1982). Sua palestra foi sobre *O ensino de Administração no Brasil*. O encontro teve 87 participantes.

Ao contrário de Darcy Closs, cuja proposta de gestão foi a de garantir o crescimento e a institucionalização da pós-graduação e tinha uma postura voltada à criação de oportunidades e de recursos para a pós-graduação, Cláudio exerceu seu mandato adotando uma postura com preocupações específicas com a expansão quantitativa da pós-graduação, não economizando severas críticas à situação da pós-graduação no Brasil²⁰. Cláudio de Moura Castro praticamente concentrou boa parte de sua gestão manifestando preocupação com a qualidade da pós-graduação, dizendo que passara a ser símbolo de *status* e toda “faculdade por aí quer ter seus cursos de mestrado e doutorado”, acrescentando “mas inexiste um crescimento paralelo da qualidade de ensino: não há nem professo-

res e nem alunos, com os perfis necessários, suficientes para atender tal demanda e manter o nível”²¹.

Independentemente do impacto das palavras do conferencista, o resto do encontro continuou discutindo o tema. Dois painéis encerraram a programação do primeiro dia, o primeiro voltado à pós-graduação em Administração no Brasil, com exposições de Eduardo Vasconcellos (FEA/USP e Presidente da ANPAD) sobre “barreiras e soluções de dissertações de mestrado” e de Carlos Humberto Rios Mendes (UFRN) sobre a “pós-graduação no Nordeste”. O segundo painel foi sobre a “Formação do Administrador” com dois trabalhos, o primeiro de Volnei Alves Corrêa sobre “a opinião dos empresários sobre os cursos de graduação em Administração” e o segundo, de Humberto Baptistella e Bernadete de Lourdes Marinho (USP), sobre a “oferta e demanda de vagas no ensino de Administração na Grande São Paulo”. A primeira parte da manhã de quinta-feira, dia 22 de outubro, foi ocupada por outro painel, desta vez sobre “experiências no ensino de Administração”, com três exposições – de Alexander Berndt (USP) sobre “experiências didáticas na disciplina Metodologia de Pesquisa”, de Luciano Zajdsznajder (EBAP) sobre “experiências educacionais no ensino de temas administrativos” e de Alberto Machado Bento (COPPEAD/UFRJ) sobre a “experiência COPPEAD em sistemas de informação”.

Até o início da tarde, tivemos outros painéis: um sobre a “formação de docentes e treinadores”, com Tânia Fischer (UFRGS) falando sobre “a capacitação para o ensino e treinamento no mestrado em Administração” e Pedro Anibal Drago (FUNDAP) sobre “treinamento e desenvolvimento de gerentes: um perfil do profissional”. Acentue-se que Tânia Fischer, agora na UFBA, ocupava-se, desde aquela época, com preocupações sobre o ensino de Administração. Pedro Drago, por outro lado, representava a Fundação de Desenvolvimento Administrativo do Governo do Estado de São Paulo (FUNDAP) que, até um certo momento da trajetória da ANPAD, foi participante ativo e interessado. O painel da tarde foi sobre “experiências no treinamento avançado em Administração Pública” com exposições de Regina Marta Barbosa Faria (FUNDAP) e Armando Moreira da Cunha (EBAP) expondo sua análise crítica sobre Programas de suas respectivas instituições.

A parte da tarde foi ocupada por exposições e discussões (concluídas na manhã do dia seguinte) de “grupos específicos” para “permitir que interesses específicos não diretamente relacionados ao tema *O ensino de Administração no Brasil* fossem atendidos”. Ao todo, o encontro teve, assim, 4 painéis (em que houve 11 exposições) e 8 trabalhos em grupos específicos. O Presidente da ANPAD assina o primeiro texto publicado nos anais: “Os Programas de Mes-

trado em Administração no Brasil e o Papel da ANPAD”. O artigo discute o conflito – considerado não grave – entre formação de docentes e pesquisadores e a formação de administradores profissionais, fala no teste de seleção (exame conjunto de habilitação ao mestrado) adotado, na época, pelos seguintes Programas – COPPEAD, UFRGS, USP/ADM E USP/CONT – sob a coordenação da COPPEAD. Eduardo Vasconcellos também discute o problema da produção de dissertações de mestrado na área de Administração com sugestões para reduzir barreiras à elaboração da dissertação.

Nas reuniões de Assembléia Geral da ANPAD (na oitava) também se discutiu o estabelecimento de critérios escritos para regular a entrada de novos membros na ANPAD. A preocupação era com o mínimo de condições de funcionamento dirigido ao ensino e à pesquisa, e, entre elas, definia-se que cada candidatura, cada membro que pleiteava associação à ANPAD, deveria comprovar *pelo menos*: ter dois anos de funcionamento; existência de dois professores em tempo integral; ter publicado 2 trabalhos acadêmicos de nível nos últimos dois anos; dois mestres já formados pelo Programa; dois professores doutores no corpo docente; seis professores constituindo o corpo docente do Programa e índice de número de alunos/número de orientadores não superior a 10. Mas, ainda assim, a Assembléia reconhecia dificuldades e estabeleceu que os dois primeiros itens eram obrigatórios e, dos demais, quatro tinham que ser atendidos. Mesmo com todo esse esforço para definir critérios, a Assembléia não conseguiu chegar a uma decisão frente a um pedido de filiação que lhe fora encaminhado.

Outras preocupações presentes na discussão do plano de trabalho para a gestão 1981–82 foram: a Reunião Anual de 1982; a publicação de anais das Reuniões Anuais; oficialização da contabilidade da ANPAD; Simpósio sobre Pesquisa em Administração de Ciência e Tecnologia (coordenação da USP); II Reunião de Pesquisa em Administração (coordenação da UFRGS); simpósio sobre áreas funcionais de Administração (coordenação da UFMG). Discutiu-se também, nessa gestão, propostas para uma “Política de Ampliação da ANPAD” em que se discutiu a admissão de sócios individuais (só objetivada recentemente), sensibilização dos setores bancário e industrial para o financiamento de prêmios para as melhores monografias apresentadas em congressos, maior divulgação em meios não acadêmicos das Reuniões Anuais e oferecer cursos compactos durante as Reuniões Anuais, para atrair pessoas do meio empresarial (cf. ata de 17/12/82).

Foi decidida também uma ação, através de ofício ao Ministro da Educação, no sentido de questionar a criação de Programas de pós-graduação den-

tro da área de Administração Pública (como os casos já ocorridos da criação da ESAF – Escola Superior de Administração Fazendária – e ECT – Empresa de Correios e Telégrafos, “já que desta forma os recursos que deveriam ser carreados para as universidades são desviados para a criação destes cursos” (p. 7 da ata da oitava Assembléia Geral Ordinária).

A sexta Reunião Anual da ANPAD foi realizada em Salvador, no mês de setembro de 1982. Nesta, foram apresentados 39 trabalhos, sendo que 14 dentre esses eram ligados ao ensino de Administração. Há também registros em anais.

Eduardo Vasconcellos afirma, em seu depoimento na RAC, que “a sucessão da Presidência era realizada de forma tranqüila, seguindo rodízio entre os vários Programas e sem competições acirradas. Isso também aconteceu na sucessão de Eduardo Vasconcellos na Presidência da ANPAD, para a qual fui eleito por aclamação, conforme consta da ata de 17 de dezembro de 1982. É verdade que, pretendendo a Presidência, visualizei quem poderia ser um possível adversário e tanto a ele, como ao Presidente de então, comuniquei previamente meu interesse. E não surgiu adversário.

Embora seja mais fácil falar de meu período, corro o risco, pelo fato de ter a meu encargo escrever essas memórias dos 30 anos, ocupar mais espaço do que o conveniente. Aos leitores, minhas desculpas...

CAPÍTULO 5

O plano de gestão discutido com os coordenadores de pós-graduação. As mudanças no formato dos Encontros Anuais. Os anais publicados em revistas acadêmicas. A reforma na Diretoria da ANPAD. A sétima e a oitava Reuniões Anuais.

A 4ª Presidência: Roberto Costa Fachin (biênio 1983–1984).

Embora deva ser um relator impessoal dos 30 anos da ANPAD, devo necessariamente fazê-lo na primeira pessoa, tratando-se da minha gestão²². Fui o quarto Presidente da ANPAD e tudo o que fiz, pretendi fazê-lo com a contribuição de todos os coordenadores de pós-graduação, além da colaboração inestimável de Eunice Lacava Kwasnicka, da FEA/USP – a quem conheci quando convivemos como membros da Comissão de Implantação do Método do Caso (PNTE/CEBRAE) – que concordou em ser a Secretária Executiva da ANPAD, num momento em que quase nenhuma infra-estrutura administrativa existia. Não havia secretária permanente em tempo integral, nem qualquer sede definida, além do local de trabalho ou do Presidente ou da Secretária Executiva. Os livros da ANPAD e os registros contábeis seguiam com a Presidência ou a Secretária Executiva eleitos.

Ao me propor como candidato a Presidente, tinha eu recém concluído uma visita a muitos Programas de pós-graduação em Administração no processo de redigir documento a mim encomendado pelo CNPq – *Avaliação & Perspectivas 1982* (CNPq, 1983). O processo de redação do documento foi-me facilitado por relato anterior também de Avaliação & Perspectivas (1978), redigido por Carlos Osmar Bertero, então encarregado da redação. Na reunião de 17/12/1982 (ata da décima segunda Assembléia), é mencionado que fiz relato à Assembléia sobre algumas das conclusões desse diagnóstico de *Avaliação & Perspectivas*. As conclusões deste documento, registradas na ata, eram de que: a) não havia condições de aferir a qualidade das dissertações de mestrado; b) havia pouco intercâmbio entre pesquisadores dos programas; c) o intercâmbio entre universidade e empresa era pequeno; d) as pesquisas dos Programas eram pouco divulgadas; e) o nível dos cursos era bastante heterogêneo; f) os Programas de doutorado no Brasil eram escassos; g) o ensino de graduação era bastante falho, com professores pouco qualificados; h) a vontade de pesquisar era pouca; i) as entidades governamentais não colaboravam o suficiente; j) a realidade nacional era predomina-

temente de pequenas e médias empresas; e k) a bibliografia usada nos cursos era estrangeira, com pouca ênfase a esse (PME) nível de empresas.

Minha vivência como coordenador de Programa que participava das Assembléias Gerais da gestão anterior me levaram a acreditar que a área precisava pensar um pouco mais sobre o que fazer e precisava pensar em conjunto. Então, minha primeira idéia foi programar a primeira Assembléia Geral pós-eleição para dois dias de duração (antes, era no máximo de um dia, sem tempo para debate nem deliberações mais pensadas, era meu juízo). Alinhei então algumas idéias e tivemos tempo para deliberar em conjunto, o que favoreceu o consenso sobre o que fazer.

A decisão talvez mais importante foi relativa às Reuniões Anuais da ANPAD.

Apesar de ser agradável reunir poucos participantes (todos financiados por entidades governamentais) o que me preocupava e a tantos outros que partilhavam comigo das preocupações manifestadas por mim na Assembléia Geral acima narrada, era haver condições de debate, não apenas pelo tempo destinado para apresentação do trabalho, como também pela necessidade de estabelecer possibilidades de debate segundo temas específicos, o que era, *a priori*, difícil devido a diferenças nas preocupações acadêmicas dos participantes. Tinha eu tido oportunidade de participar de Reunião Anual da ANPOCS – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais – e tinha apreciado, particularmente, o sistema de preparação das Reuniões Anuais, a partir de grupos de trabalho interinstitucionais e permanentes, pois havia reuniões durante o ano.

Lembrava-me de episódios curiosos, mas indicadores de uma situação que precisava ser mudada, conforme narro no *box* abaixo.

Os primeiros eventos da ANPAD procuravam um formato possível. Recebiam-se trabalhos e eram apresentados em reuniões concomitantes, com muitos temas de interesse geral. Muitos participantes reclamavam, discordando do formato, e dizendo que não queriam sessões concomitantes, pois gostariam de ter a possibilidade de assistir a todos os trabalhos. Resultado: em debate em Assembléia foi decidido que no evento seguinte os trabalhos (todos) seriam apresentados num só auditório, reunindo contribuições de diferentes origens – Marketing, Organizações, Formação e Treinamento de Administradores, e outras. Mas, como o tempo era limitado, a decisão foi de reservar, a cada trabalho, apenas 5 minutos para apresentação! Vocês imaginem o que aconteceu após esse encontro.

Os encontros eram pequenos, a comunidade de pesquisadores reduzida. Os anais da quarta Reunião Anual da ANPAD (1980) registram a apresentação de painéis e de 16 (!) trabalhos.

Não era difícil imaginar que o episódio anteriormente narrado ocorresse então. E, como a comunidade era pequena, o intercâmbio entre pesquisadores era mais fácil e, de certa forma, “*risonho e franco*”. O episódio narrado no *box* abaixo descreve um pouco desse humor tornado possível pela incipiência do campo e pela proximidade das pessoas.

Foi nesse Encontro Anual, dentro desse formato de trabalhos apresentados em cinco (!) minutos, que observei que a maioria dos apresentadores tinha uma predileção especial pelo uso de palavras inglesas (*insight* era o termo preferido da época; *approach* era outro) e as embutiam, sem cerimônia, dentro de suas exposições. O professor Dennis Guthery, então professor visitante no PPGA-UFRGS (hoje na Thunderbird University, no Arizona), seria um dos apresentadores. Falava português razoavelmente, com sotaque identificável e era também dotado de uma fina ironia. Quando chegou a hora dele falar, aproximou-se do microfone e dirigiu-se ao auditório mais ou menos com as seguintes palavras, no seu português possível:

“Tenho observado que os trabalhos têm sido apresentados em português, mas frequentemente introduzem palavras inglesas na sua exposição. Eu vou apresentar meu trabalho em inglês e de vez em quando eu falo algumas palavras em português...”

Lembranças de João Luiz Becker

O oitavo Encontro Anual, o primeiro de minha gestão, foi realizado em setembro de 1983, em João Pessoa, sob a organização local do Programa de Pós-Graduação em Administração da UFPb. Decidiu-se reunir trabalhos submetidos a seis linhas temáticas (que se sabia ser linhas de trabalho presentes em muitos Programas): Gestão e Participação (coordenador do tema: Roberto Venosa – EAESP/FGV e IMES/SP); Gestão Tecnológica (coordenador do tema: Gileno Fernandes Marcelino – USP); Pequena e Média Empresa (coordenador do tema: Henrique Rattner – EAESP/FGV e USP); Pesquisa em Administração (coordenador do tema: Clóvis L. Machado da Silva – UFSC); Responsabilidade Social da Empresa (coordenador do tema: Luiz Antonio Antunes Teixeira – UFMG) e Administração Pública (coordenador do tema: Paulo Roberto Motta – EBAP/FGV). Foram selecionados 31 trabalhos para apresentação, o dobro (!) do encontro de 1980, e um pouco menos do que o Encontro Anual de 1982 (que teve 38 trabalhos) possivelmente porque houve definição específica de um tema.

Ligada à questão do formato das Reuniões Anuais, estava a questão dos anais, problemática enfrentada, sem muito sucesso, por todas as diretorias da ANPAD até então. Dependia-se de recursos liberados por órgãos federais (geralmente o CNPq) e os anais eram publicados após o término do encontro, pois os recursos não eram recebidos antes e a ANPAD não dispunha de recursos específicos para tal. E o formato gráfico deixava a desejar. Tinha eu como ambição que os anais fossem uma publicação mais sistemática, tipo *Proceedings* da Academy of Management, por exemplo. Visualizei, assim, procurar uma revista respeitada, como a Revista de Administração de Empresas (RAE), que se dispusesse a publicar os anais do encontro, com a qualidade editorial recomendada. O Diretor da EAESP/FGV, naquele momento, era o professor Carlos Osmar Bertero, que se mostrou receptivo à idéia. A RAE (v. 24, n. 4, out/dez 1984), publicou, então, um ano após o encontro, um número especial com os anais da sétima Reunião Anual (João Pessoa, 1983). Os trabalhos (31) apresentados, distribuídos por linha temática, foram introduzidos pelo coordenador do tema. O volume de anais teve a qualidade editorial que se buscava.

É importante registrar aqui as palavras do Diretor da EAESP, Carlos Osmar Bertero, na Apresentação da Revista (p. 3) a respeito dessa publicação:

A Revista de Administração de Empresas publica neste último número de 1984 os Anais da VII Reunião Nacional de Programas de Pós-graduação em Administração (ANPAD), ocorrida na Universidade Federal da Paraíba em 1983. Ao publicar estes Anais estamos seguros de atender a uma necessidade da área de Administração, que é a de registrar experiências e fazer circular informações. Embora administradores profissionais, empresários, professores e pesquisadores encontrem aqui material de interesse, não há dúvida de que pesquisadores e professores constituem os leitores possivelmente mais interessados.

Mas o mais importante era o que registrava após:

O Brasil é um país que até o momento se posicionou em termos de conhecimento e prática da Administração claramente no pólo consumidor e raramente no de produtor. Temos dado mostra de grande capacidade em observar tecnologias, produtos, conhecimentos e práticas que nos chegaram de outros países. Em termos de Administração, o que se absorveu e aclimatou no período posterior ao final da II Guerra foi considerável. Lamentavelmente não se tem registrado a mesma velocidade no que diz respeito à geração de conhecimentos administrativos. Como a prática e a teoria administrativas são unanimemente marcadas pelo

relativismo cultural, sofrendo influências dos vários países, a carência de informações sobre o Brasil é preocupante.

E concluía com as seguintes palavras em que se exprimia juízo sobre a comunidade anpadiana:

(...) o Encontro e seus anais constituem um depoimento da comunidade da Administração ligada aos programas de pós-graduação em senso estrito, ou seja, os programas de mestrado e doutorado. É um grupo inegavelmente menor do que outros que atuam na graduação, na especialização e no amplo campo do treinamento de quadros executivos. Mas é uma comunidade singular, cujo trabalho sempre discreto e distante da maioria é de grande importância. Isto porque ao pesquisar e ensinar e, mais especificamente, ao treinar novos mestres e doutores, assegura a permanência e a reprodução da própria área de Administração no seio da universidade. Esperamos, em conclusão, que a disseminação desses anais seja útil a todos.

Na apresentação por mim feita (p. 5), como Presidente da ANPAD, acentuei um objetivo principal da publicação dos anais como número especial da Revista: “colocar à disposição de um público maior, representado pelos assinantes da Revista, o acervo de pesquisas e ensaios divulgados anualmente nos encontros da ANPAD”.

Acentuei também a experiência editorial da RAE que possibilitou demonstrar uma característica daquele encontro:

a concentração dos artigos e ensaios em **temas** [grifo meu] ou linhas de pesquisa que extravasam o interesse de uma só instituição de pesquisa e que representam preocupações que perpassam mais de um Programa de pós-graduação. Pretendeu-se, assim, favorecer o intercâmbio de idéias entre pesquisadores com preocupações semelhantes, o que não era facilitado pela estrutura dada aos encontros anteriores.

As apresentações de cada coordenador de tema descrevem características de cada um dos trabalhos apresentados, além de considerações gerais sobre os contornos e importâncias das linhas temáticas selecionadas.

O oitavo encontro foi realizado em São Paulo, de 3 a 7 de setembro de 1984, como parte das comemorações aos 50 anos da USP. Alguns contatos feitos por nós, quando em viagem ao exterior, possibilitaram a vinda ao encontro de professores estrangeiros, que apresentaram trabalhos como qualquer outro congressista. Foi publicado um volume de anais, com 267 páginas, apresentan-

do 33 trabalhos, mas, lamentavelmente, sem o cuidado editorial dos anais anteriores, publicados na RAE. Após o encontro, alguns artigos, particularmente ligados à área de Gestão de Ciência e Tecnologia, foram publicados na Revista de Administração da USP.

Tanto em um como em outro encontro, foram tomadas providências que visavam a atrair para o encontro da ANPAD os professores mais antigos e respeitados da área. Entendia-se que reservar os encontros aos pesquisadores mais jovens – como tinha sido a praxe decorrente dos anos anteriores – acabava por deixar de lado pesquisadores outros, cuja presença enriqueceria o encontro. Sugerimos, ao grupo de coordenadores integrantes das Assembléias Gerais, criar a categoria de *papers convidados*, baseados no pressuposto de que pesquisadores experimentados não submeteriam trabalhos aos encontros e que sua presença era vital para o amadurecimento da área. Foi esse o entendimento quando convidamos os coordenadores de tema para o VII Encontro. Mas, nem todos os consultados concordaram com a proposta e ela deixou de ser implementada como concebida. Identifico, na idéia de painéis, que surgiu posteriormente nos encontros da ANPAD, uma forma de dar andamento, basicamente, a mesma idéia.

A idéia de encontros menores que concentrassem pesquisadores de uma área em torno de alguma temática, para permitir discussão aprofundada foi de alguma forma implementada quando, contando com a colaboração da Fundação Fulbright e do CNPq, realizamos o encontro sobre **Teoria Administrativa e Organização Universitária**, em junho de 1984, no Hotel Serrano, em Gramado, com reduzido número de participantes, selecionados e convidados segundo a temática específica de seus trabalhos. A Fundação Fulbright propiciou a vinda de três professores norte-americanos, Peter Blau, Philip Marcus e Kim Cameron. E os trabalhos apresentados tiveram debatedores oficialmente designados entre os participantes. Os trabalhos apresentados também foram publicados em anais, desta vez em número especial da **Revista Brasileira de Administração da Educação** (v.2, n.2, jul/dez 1984), órgão da ANPAE – Associação Nacional de Administração da Educação, cuja editora, na ocasião, era a professora Maria Beatriz Moreira Luce, hoje Conselheira Nacional de Educação.

Entre outras iniciativas tomadas, registro a da organização do *Cadastro de Pesquisadores*, elaborado sob a responsabilidade de Pedro Aníbal Drago (FUNDAP/SP) e que reuniu todas as informações sobre professores-pesquisadores dos Programas filiados, com titulação, linha de atuação, interesses de pesquisa, para facilitar o intercâmbio de docentes entre os Programas para avaliação de dissertações e teses. Cogitou-se também de realizar projetos de

cooperação técnica (a ser financiado pela CAPES) para apoio entre Programas mais fortes e mais novos, mas foi decisão repassada à Diretoria seguinte. Cogitou-se também de fazer um programa para intercâmbio entre bibliotecas, voltado principalmente à aquisição compartilhada de periódicos, mas o projeto não teve receptividade na comunidade e não chegou a ser tentada sua implementação.

Ao aproximar-se o término do período de gestão, começaram a ocorrer as articulações para a próxima Diretoria. Chegaram a perguntar se eu queria um novo período, o que neguei, já que pretendia partir para um pós-doutorado no Canadá. Articulou-se uma ampliação dos cargos de eleição pela Assembléia. Cogitou-se de uma Diretoria Científica e de uma Diretoria Administrativa. Acabou por ser decidida a criação apenas da Diretoria Científica, mantida a Secretaria Executiva, também escolhida por eleição. Entre os então coordenadores de Programa articularam-se duas chapas (nas quais apenas o lugar das pessoas nas chapas mudava) deixando ao critério da Assembléia a decisão final. A **chapa W** era composta por Clóvis Machado-da-Silva, para Presidente; Roberto Venosa, para Diretor Científico; e Suzana Braga Rodrigues, para Secretária Executiva. A **chapa Y** era composta por Roberto Venosa, para Presidente; Clóvis Machado-da-Silva, para Diretor Científico; e Suzana Braga Rodrigues, para Secretária Executiva. Esta última (chapa Y) foi a eleita, com 11 votos, cabendo 6 votos à chapa W, com 2 votos em branco e uma abstenção (representante da UnB)²³. Foi, assim, eleita a chapa encabeçada por Roberto Venosa (EAESP/FGV) como Presidente, com Clóvis L. Machado-da-Silva (UFPR) como Diretor Científico e Suzana Braga Rodrigues (UFMG) como Secretária Executiva. Entendi que era uma continuidade das idéias que tínhamos implementado, o que efetivamente foi, com novos desenvolvimentos.

CAPÍTULO 6

Um programa para seis anos. Ênfase em legitimidade institucional. A nona e a décima Reuniões Anuais.

A 5ª Presidência: Roberto Venosa (biênio 1985–1986).

Em seu depoimento publicado na RAC (v. 1, n. 1, pp. 154-155) Roberto Venosa afirma que sua gestão foi o produto de consenso de um grupo de professores de vários Programas, no sentido que entendiam que era preciso desenvolver o “projeto de uma ANPAD suprapartidária, que coordenasse as atividades da área de Administração”. Literalmente, Roberto Venosa disse: “procurava-se uma arquitetura que retirasse da ANPAD a aparência de um *Elmo de Mambrino*” (p. 155), pois “nada havia, tudo estava por construir” (p. 155). A invocação a Dom Quixote que viu, numa bacia de barbeiro, o *elmo de Mambrino*, implicava a concepção de que a ANPAD tinha que deixar de ser aparência e ser uma realidade. Para Venosa (p. 155):

Em primeiro lugar, deveria ser articulado um programa que ultrapassasse os dois anos de mandato. Em segundo lugar, a força política deveria reunir mais que alguns poucos e de preferência vários muitos. Era preciso determinação, legitimidade, capacidade de articulação, representatividade regional, peso específico nos respectivos programas e propensão para agir em grupo. Em princípio, **era um projeto para no mínimo seis anos [grifo meu]**.

O caso é que o fidalgo da Mancha, na sua aventura, que é a de todos nós, certa vez empunha a lança para conquistar o objeto prateado que um barbeiro leva à cabeça. Sancho Pança, sem entender o gesto decidido do patrão, adverte-o de que se trata de uma peça ordinária, não passa de uma bacia de lata que o barbeiro colocou à cabeça para se proteger da chuva. Mas Dom Quixote, com fé inquebrantável, proclama com satisfação: “Este é o elmo de Mambrino”. E sai para o mundo, com o coração pleno de felicidade por ter na cabeça a bacia de barbeiro, perdão, o cobiçado elmo de Mambrino. Pode estar aí o mistério da vida. Não se trata de miragem. Miragem é aquilo que não existe. A bacia/elmo existe, é vista e é palpável. A única diferença, crucial diferença, é que uns a vêem como bacia, outros como o elmo de Mambrino. Eu cá também o venho procurando. Já pensei muitas

vezes tê-lo encontrado. Mas assim que o coloquei na cabeça, vi que não passava de uma bacia. Outras vezes nem cheguei a confirmar se a bacia virava ou não o elmo de Mambrino, porque tiraram-na do meu cocuruto.

(*) **Pedro Rogério Moreira** é jornalista e escritor. E-mail: gracian@apis.com.br (acessado em www.revistaencontro.com.br/agosto04/artic_pedrorogerio.asp, via google.com.br, em 1º de junho de 2006).

Literatura encaminhando o pensamento ou não, o fato é que da Diretoria de Roberto Venosa saíram os próximos dois Presidentes, Clóvis Machado-da-Silva, na sucessão imediata, e Susana Braga Rodrigues, na seguinte.

Roberto Venosa acentua, ainda, que o que ele e seu grupo de apoio buscavam, era:

maior estabilidade com previsibilidade de recursos para os Encontros Anuais, uma carta de princípios ainda que não escrita, maior poder de barganha junto às demais áreas, maior capacidade de orquestração com os organismos oficiais como CAPES, CNPq, FINEP, FAPESP e outros, redefinição de prioridades, posicionamento em relação ao Teste de Seleção.

Quem acompanhar a leitura dessa evolução da ANPAD, nesses primeiros anos, vai identificar tais prioridades como os grandes problemas enfrentados pelas primeiras gestões. Além disso, o papel da pós-graduação como responsável pela graduação continuava a ser discutida.

Curiosidade é o que consta da Ata de 18 de setembro de 1986, dada a existência, hoje, da ANGRAD:

"A professora Tânia Fischer expôs sobre a necessidade da ANPAD discutir sobre a criação de uma Associação Nacional de Graduação devido a crescente manifestação de interesse por docentes ligados à graduação. A professora informou ao plenário da existência de uma comissão em nível do MEC que tem como um de seus objetivos a integração entre a graduação e pós-graduação. [Os membros da Comissão eram todos participantes de Programas filiados à ANPAD]. Ficou decidido que esta mesma comissão deverá estudar a questão da inclusão da associação de graduação na ANPAD."

Os Encontros Anuais (a nona Reunião, em 1985 e a décima Reunião, em 1986) promovidos pela ANPAD foram realizados em Belo Horizonte e em Florianópolis, respectivamente. Os anais da nona Reunião Anual publicaram os 52 trabalhos apresentados no evento, distribuídos nas seguintes Áreas Temáticas: Administração de Ciência e Tecnologia (6 trabalhos), Administração Rural (6), Finanças (4), Formação e Treinamento de Administradores (9), Marketing (6), Organizações (6), Pesquisa em Administração (2), Política e Negócios Públicos (3), Recursos Humanos (10), coordenadas respectivamente por Eduardo Vasconcellos, Fernando Mello do Nascimento, Moisés Swirski, Tânia Fischer, Paulo César Motta, Edi Fracasso, José Cezar Castanhar e Fernando Coutinho Garcia. Quanto à décima Reunião, só localizamos Caderno de Resumos de Trabalhos, nos quais foram publicados os resumos de 78 trabalhos, reunidos em sete áreas distintas, mas não houve publicação de anais.

Ao final da gestão, como de hábito, foi eleita a nova Diretoria: Clóvis Luiz Machado-da Silva (UFSC), para Presidente, Suzana Braga Rodrigues (UFMG) para a Diretoria Científica e, para a Secretaria Executiva, Sílvio Aparecido dos Santos (FEA/USP) (ata 18, de 22 de setembro de 1986). Posteriormente, foi criada a Diretoria Administrativa, assumida por Paulo Fiúza Bocater (PUC-RJ).

CAPÍTULO 7

A consolidação do novo formato dos Encontros Anuais. A importância dos Encontros Anuais. Os primeiros anais impressos antes do Encontro Anual. A busca de consolidação da ANPAD como Associação Científica. A décima primeira e a décima segunda Reuniões Anuais.

A 6^a Presidência: Clóvis Luiz Machado-da-Silva (biênio 1987–1988).

O depoimento de Clóvis L. Machado-da-Silva, na RAC supracitada (pp.155-158), começa reafirmando o que dissera Roberto Venosa, em seu depoimento: “minha primeira eleição como Presidente da ANPAD deu-se no bojo de projeto mais amplo que visava a tornar a Associação mais visível e significativa no contexto científico e tecnológico brasileiro”.

Especificamente, Clóvis Machado-da-Silva fazia mais um dos tantos diagnósticos de área e da ausência de uma efetiva aceitação institucional:

A Administração, como área de conhecimento e ação, muitos diriam mais de ação que de conhecimento, encontrava dificuldades para lograr ampla legitimidade institucional em contexto no qual era visualizada como composta de profissionais aprisionados pelo mercado e, portanto, sem o necessário distanciamento, para não dizer capacidade analítica, para a produção substantiva de conhecimento científico. Quase sempre ignorada em função desse possível aprisionamento, à ANPAD e aos representantes da comunidade científica de Administração nas agências de fomento, cabia espaço reduzido em foros como CNPq, CAPES, FINEP e SBPC.

O depoimento de Clóvis Luiz Machado-da-Silva acentua que o projeto de longo prazo foi delineado na gestão de Roberto Venosa, na qual ele desempenhava o cargo de Diretor Científico, mas

o seu embrião encontra-se na origem da ANPAD e foi gradualmente tomando corpo nas [primeiras] gestões. Cada um no seu tempo e no seu modo, todos contribuíram significativamente para o projeto que se delineou fortemente a partir de 2005. Mais do que a título de ilustração, chamo a atenção para a relevante modificação que teve início a partir de 1983: a organização dos Encontros Anuais da Associação em torno

de Áreas Temáticas, com coordenadores encarregados de alavancar os temas escolhidos. Nessa época, ao coordenar o tema Pesquisa em Administração, passei a me envolver mais efetivamente com a ANPAD.

Em seqüência, Clóvis Machado-da-Silva acentua que:

os temas que deram início à nova forma de organização dos Encontros Anuais da ANPAD refletiam preocupações de professores individualmente ou de grupos de pesquisa, na sua maioria em estágio ainda incipiente, em virtude da baixa ordenação dos Programas em torno de linhas de pesquisa e da pequena inserção do corpo docente na atividade sistemática de investigação científica. Diante de tais circunstâncias, não constitui surpresa a descontinuidade da maioria dos temas de 1983 e 1984; apenas dois sobreviveram: 1) Administração de Ciência e Tecnologia [...] 2) Administração Pública, [este] mais como área de aplicação em luta permanente pelo seu espaço, uma vez que, diferentemente da sua inserção em departamentos de Ciência Política, em países como os EUA, foi instituída no Brasil em escolas de Administração, o que lhe confere certa dose de identidade.

Assim, a primeira gestão de Clóvis Machado-da-Silva manteve as duas áreas supracitadas – Administração de Ciência e Tecnologia e Administração Pública – acrescentando sete outras: Recursos Humanos, Marketing, Finanças e Produção (que justifica como o abrigo a áreas funcionais clássicas, que atuam “positivamente no sentido de orientar o processo de organização do conhecimento da forma como se segmentam nos Programas de pós-graduação”, mas que “acabam tendo certas implicações negativas pela inevitável indução à delimitação desses conhecimentos”), Administração da Informação (“que vem se firmando pela produção crescente de profissionais e grupos de pesquisa”), Organizações (“com aumento quantitativo e evolução qualitativa constante, a partir de trabalhos cada vez mais analíticos”), e Formação e Treinamento de Administradores (“que se vem mantendo com trabalhos conjunturais, mais pela tradição do que mediante razões substantivas” e com tendência a se “trabalhar de forma pontual com esse tema, em mesas-redondas especialmente delineadas para atender a pressões contextuais aqui e acolá”).

O depoimento na RAC continua justificando o importante destaque aos Encontros Anuais, com explicitação de argumento que expende no sentido da construção de uma Associação Científica como a ANPAD:

[A ênfase que dei à questão das Áreas Temáticas nos Encontros Anuais] decorre de duas constatações: 1) o Encontro Anual, principal evento acadêmico da ANPAD, é o *locus* em

que os membros da comunidade acadêmica [...] passam a se conhecer, interagem social e profissionalmente, trocam idéias, submetem-se à avaliação crítica dos seus pares, enfim assentam as bases do necessário intercâmbio científico e técnico que constitui o fundamento do desenvolvimento da Administração como campo de conhecimento e ação; 2) as Áreas Temáticas propiciam o necessário *focus* para organização do Encontro Anual, agregando trabalhos resultantes de pesquisas e de reflexões [...]; induzem a produção científica de pesquisadores e a instituição de linhas e grupos de pesquisa, ao mesmo tempo que representam o que se produz [nos Programas de pós-graduação] em razão de sua segmentação em subáreas; em suma, elas estruturam a Administração enquanto campo de conhecimento e são estruturadas pela forma em que se divide esse campo de conhecimento em subáreas, em linhas e grupos de pesquisa nos Programas de pós-graduação. Desta forma refletem as articulações, as contradições, as limitações e as possibilidades da Administração, como ciência e como técnica, no país.

A importância dada ao Encontro Anual e à sua forma de organização é destacada em seu depoimento porque “é a partir do crescimento e evolução acadêmica desse evento que a ANPAD consegue firmar-se como entidade representativa da área e ampliar a sua legitimidade institucional”. E já em 1988, segundo ano dessa primeira gestão de Clóvis Machado-da-Silva, o número de *papers* submetidos e selecionados para o Encontro Anual da ANPAD foi cinco vezes maior do que em 1983, dado não só quantitativo, mas também acompanhado de evolução qualitativa, pois, “em 1987 três Programas de mestrado, de fora [do eixo Rio-São Paulo] alcançaram pela primeira vez o conceito A na avaliação da CAPES, sobretudo pela elevação do nível de qualificação docente e pelo aumento da produção científica”.

Outros dados importantes são registrados neste período 1987-88:

- a assunção efetiva, em 1987, pela ANPAD, do Teste de Seleção, que se mantinha como iniciativa isolada de alguns Programas;
- a participação do Presidente do CNPq, Evandro Mirra e Silva, para a conferência inaugural, no evento anual de 1987 (décima primeira Reunião), no período de 16 a 19 de setembro, sob o tema “Políticas de Pesquisa na Pós-Graduação”; o evento de 1987 foi realizado no Hotel Glória, no Rio de Janeiro, mas os anais foram publicados em Belo Horizonte, cidade-sede da Diretora Científica;
- a participação do Diretor-geral da CAPES, Edson Machado de Souza, com a conferência inaugural do Evento Anual de 1988, sobre o tema

“Pós-Graduação no Brasil”; o evento de 1988 (décimo segundo encontro) foi realizado no Natal Mar Hotel, em Natal, de 26 a 28 de setembro. É de destacar, pela significação do ato, que pela primeira vez, nesse encontro de Natal, o participante recebeu os anais completos do Encontro Anual no momento da inscrição ao evento. De um volume apenas, os anais do XII EnANPAD tiveram que ser subdivididos em três volumes.

A eleição para o período seguinte recaiu na pessoa da professora Suzana Braga Rodrigues (UFMG), então Diretora Científica da ANPAD. Para a Diretoria Científica, foi eleito o professor Paulo César Motta (PUC-RJ) e para a Diretoria Administrativa a professora Tânia Maria Diederichs Fischer (UFBA).

CAPÍTULO 8

Preocupações com a identidade da área e sua legitimidade institucional. Balanço dos progressos e dos problemas enfrentados no momento. O XIII e o XIV EnANPADs.

A 7ª Presidência: Suzana Braga Rodrigues (biênio 1989–1990).

Na abertura do XIII EnANPAD, realizado em Águas de São Pedro / SP, no período de 25 a 27 de setembro de 1989, Suzana Braga Rodrigues, Presidente, pronunciou conferência intitulada “Os desafios da Administração enquanto objeto de ensino e pesquisa: uma visão geral”²⁴.

No início de seu texto, destaca o fato de que o encontro iria discutir 171 trabalhos e comunicações, em 9 Áreas Temáticas, com o seguinte número de trabalhos: Recursos Humanos (30), Organizações (28), Formação e Treinamento de Administradores (27), Administração Pública (24), Marketing (17), Finanças (14), Administração de Ciência e Tecnologia (12), Administração da Informação (12) e Produção (7). Acentuando a quantidade mais ou menos semelhante dos últimos encontros, transmitia o entendimento de que tais dados indicavam a *consolidação das diferentes subáreas* e que, naquele momento, o encontro da ANPAD podia ter seus eventos situados entre outros de peso da área de Ciências Sociais (ANPOCS, ANPEC, ABEP, ANPED).

Embora acentuasse essa consolidação, apontava também para a *redução substancial dos recursos*, estimulando a busca de alternativas junto à iniciativa privada, “a qual respondeu positivamente”. O restante da conferência ocupa-se em discutir *dúvidas epistemológicas* sobre a Administração, sobre dificuldades concretas no contato com agências de fomento e sobre necessidades de redefinição de problemas de pesquisa. Afirma, por exemplo:

- a questão da carência de recursos a exigir a resposta a perguntas como: “seriam os cursos de extensão uma boa resposta ou seria o incentivo a mestradados mais profissionais a proposta mais adequada? O espaço destinado aos profissionais da Administração na reunião da ANPAD terá que ser ampliado ou redefinido?” (p. 2);
- as dúvidas de natureza epistemológica resolviam-se, desde as primeiras reuniões da ANPAD, em termos de uma busca de respostas “se o objeti-

vo dos cursos de pós-graduação deveria ser a formação do docente pesquisador ou do administrador profissional” (p. 2); afirmava-se que a ANPAD foi “inicialmente, definida, como o principal *locus* de discussão dessas questões e esperava-se que no seu âmbito fossem encontradas soluções ou alternativas”.

A palestra apontou também algumas características e problemas enfrentados pela área, de conformidade com as tendências apresentadas pelas agências governamentais de fomento. Por exemplo:

- Rumos tomados pela área que tendiam a aproximá-la de outras Ciências Sociais, em razão de pressões de agências como a CAPES, que estabeleceu planos de pós-graduação para o país e *igualou os critérios de avaliação* para diferentes áreas de conhecimento, condicionando a alocação de recursos ao atendimento desses critérios.
- *Pressões internas* decorrentes de planos de capacitação docente e da incorporação de maior número de doutores nos Programas de mestrado.
- *Evolução quantitativa* visível da área – de 38 trabalhos no Evento Anual da ANPAD de 1982 para 171 no evento de 1989.
- *Problemas de investigação* que deveriam ser discutidos pois “ainda não estão relacionados com os problemas concretos de gestão das organizações públicas e privadas no Brasil”. Isso era atribuído em parte “à influência estrangeira, principalmente à americana, que marcou a criação de alguns cursos. [Além disso], a maioria dos Programas de pós-graduação nasceu dependente, em maior ou menor grau, de professores estrangeiros [e, ainda] o ensino de Administração era lastreado em livros estrangeiros, que vinculavam docentes brasileiros às idéias e teorias criadas nos EUA e na Europa” (p. 3).

A alocução da Presidente da ANPAD encerra sua argumentação lembrando que toda essa problemática tinha *repercussões para o ensino*, “em termos da adequação do conteúdo programático” e, *para a pesquisa*, “em termos da relevância das questões examinadas”. Menciona, também, a condição multiparadigmática da Administração e a fragmentação disciplinar, com a “ausência de paradigmas dominantes”. E conclui: “*nós não temos no País escolas de “pensamento” ou “liderança” que poderiam levar à acumulação de conhecimento em determinados tópicos ou em torno de determinado paradigma*” (p. 4).

A parte final da palestra concentrou-se nos *problemas de desempenho dos cursos*, relativamente à evasão de alunos, ao número de titulados e ao tempo médio de titulação (acima de 3 anos), problemas que, de resto, além de outros, conforme lembra, já tinham sido mencionados no relatório *Avaliação & Perspectivas* de 1982. E conclui indicando os obstáculos que a redução de recursos para pesquisa e para bolsas de estudo pelas agências de fomento poderiam representar para o desenvolvimento da área.

O depoimento escrito por Suzana Braga Rodrigues na RAC (op. cit., pp. 159-162) repisa os mesmos temas apresentados na palestra inaugural do Encontro Anual de 1989. E acrescenta memórias de suas vivências anteriores à sua posse como Presidente, dizendo:

Minhas lembranças sobre essa época [no início da década de 80] são as de uma ANPAD atrelada às opiniões do Estado. Praticamente pensava-se em consonância com as opiniões da CAPES, que autoritariamente manifestava o seu pensamento sobre o que deveria ser o ocupar-se da Associação. [...] sentíamos-nos como que reféns desses órgãos [...] Contudo, não é justo afirmar que as relações entre as agências de fomento e a ANPAD tenham sido pautadas por relações autoritárias, pois a queda do regime militar, bem como a consolidação da própria pós-graduação no país contribuíram para mudar o caráter delas (RAC, p. 160).

A décima terceira Reunião Anual da ANPAD teve 131 trabalhos aceitos, além de 39 comunicações. A divisão entre trabalhos e comunicações foi assim explicada nos anais: “tal divisão visa captar a pesquisa já estruturada e envolver os pesquisadores *senior* bem como abrir oportunidades de discussão de temas emergentes em andamento, envolvendo também estudantes e os iniciantes em pesquisa”. Nove Áreas Temáticas englobaram os 131 trabalhos aceitos.

Na ata da vigésima quinta Assembléia Geral da ANPAD, realizada em 23 de setembro de 1990, aparecem algumas discussões que, mesmo tendo sido consensuais, só foram efetivamente implementadas várias gestões adiante. Entre essas, a de instituição da categoria de sócio individual, com discussão dos artigos do Estatuto que definiriam a condição e os direitos (em verdade, a categoria de sócio individual, conforme consta da ata, já tinha sido aprovada em 1985, não tendo sido implementada por não ter havido a devida alteração no Estatuto da ANPAD). Nessa mesma Assembléia, também foi aprovada mudança nos Estatutos para assegurar o direito de voz (mas não de voto) nas Assembléias Gerais a ex-Presidentes da ANPAD. E a dimensão dos problemas administrativos da entidade é evidenciada no *box* a seguir:

"Sobre a Secretaria Executiva, foi informado que está à disposição da ANPAD, em Brasília, uma sala para ser instalada a Secretaria da ANPAD, mas, devido à falta de recursos financeiros para contratação de pessoal administrativo, efetuar gastos com telefonemas, correspondência, etc. torna-se impraticável a ocupação desta sala."

Cf. Ata da XIV Assembléia Geral da ANPAD
(Florianópolis, 23 de setembro de 1990)

O encerramento do depoimento na RAC é de índole otimista:

[...] a ANPAD começou a se reafirmar no final da década de 80 como instituição autóctone, capaz de definir seu próprio destino e critérios [...] cada vez mais independente do Estado, sendo capaz de atuar na defesa dos interesses da pós-graduação *stricto sensu* [...] Mesmo se tratando a Administração de área que, tradicionalmente, se definia como pertencendo ao domínio da prática e da consultoria, ela, aos poucos, vem conseguindo demonstrar a sua força no que se refere à geração de conhecimento genuíno [com a ANPAD sendo uma instituição] capaz de encorajar o desenvolvimento de conhecimento autóctone e de relevância própria para o país (p. 162).

O XIV EnANPAD foi realizado em Florianópolis / SC, de 24 a 26 de setembro de 1990. Os anais foram publicados em 9 volumes impressos, com a divulgação de 116 trabalhos selecionados. No encontro foram ainda apresentadas 66 comunicações. Foram criadas comissões (de 3 membros) para análise e seleção dos trabalhos além da designação de coordenadores de temas, o que já ocorrera anteriormente. Os coordenadores de Área Temática foram os seguintes: César Gonçalves Neto, João Luiz Becker, Adelaide Coelho Baeta, Fernando Meirelles, Hélène Bertrand, Clóvis Machado, Sergio Zaccarelli, Celina Souza, Maria Tereza Fleury. Foram apresentadas comunicações, trabalhos em andamento e trabalhos completos. Foi adotado novo formato para os anais, por subáreas, por questões de carência de recursos. As dificuldades que cercaram a realização do Encontro foram mencionadas, na palestra de abertura da Presidência, nos seguintes termos:

É com enorme satisfação constatar que este encontro mantém o desempenho dos anteriores apesar dos problemas que quase inviabilizaram a sua concretização. Os recursos que a ANPAD possuía em caixa foram bloqueados, a iniciativa privada reduziu significativamente a sua contribuição e houve dificuldades na obtenção de recursos junto às agências de fomento²⁵.

O restante dessa palestra de abertura concentrou-se na evolução da pós-graduação de Administração, desde uma fase de *expansão não qualificada*, desde a criação dos cursos na década de 70, representado por número excessivo de alunos (maior do que a capacidade de orientação) e diversificação "em áreas de especialidade além de suas reais possibilidades". O período de 1980 até 1986 é qualificado como de *expansão qualitativa* representado pelos seguintes dados de evolução: havia 160 professores com doutorado (conforme *Avaliação & Perspectivas* do CNPq)²⁶ em 1981 e o número saltou para 261 em 1986 (um crescimento de 63% em cinco anos); número de doutores em tempo integral nos Programas evoluindo de 37% (em 1981) para 49% (em 1986); ajustamento nas áreas de concentração e redução no número de vagas que era excessivo. Mas, problemas ainda existentes, são mencionados, entre eles, a produtividade discente, pois "analisando os dados de 1981 a 1986 verifica-se que a produção de dissertações não aumentou" e "os Programas de mestrado não conseguiram reduzir o tempo médio de titulação [havendo] indicações que a conclusão do mestrado acima de três anos é a norma e não a exceção" (p. 2).

Quanto ao avanço da pesquisa e acumulação de conhecimentos, a palestra de Suzana Braga Rodrigues acentua a partir do exame de conteúdos de projetos de pesquisa e dos anais da ANPAD que "em geral, a diversidade temática predomina em todas as áreas, o que em si mesmo não se constitui em nenhum mal" mas reflete "a insipiência da área, a ausência de lideranças paradigmáticas e dificilmente gera tradição" (p. 3). A seguir, com base na sua vivência como consultora nos órgãos de fomento federais, discute a pouca expressividade da área comparativamente a outras com as quais tinha interface, e conclui que via a "conquista da legitimidade acadêmica como fundamental" e defende a reunião da ANPAD como "o fórum onde se pode encontrar caminhos que levem ao fortalecimento da Administração como área política e academicamente legítima" (p. 5).

Diferentemente das eleições anteriores, nas quais a preferência para sucessão recaía no Diretor Científico, coube ao Diretor Administrativo da gestão de Suzana Braga Rodrigues a eleição, por aclamação, para a sucessão na Presidência. A chapa eleita ficou constituída por professora Tânia Maria Diederichs Fischer (UFBA) como Presidente, sendo que a Diretoria Científica passou a ser ocupada por professora Maria Tereza Leme Fleury (FEA/USP) e a Diretoria Administrativa pelo professor Roberto Moreno (PUC-RJ).

CAPÍTULO 9

Políticas de afirmação identitária. Interação constante com outras Associações Científicas e com órgãos de fomento. O XV e o XVI EnANPADs.

A 8ª Presidência: Tânia Maria Diederichs Fischer (biênio 1991–1992).

Tânia Fischer foi a 8ª Presidente da ANPAD e, entrevistada²⁷, esclarece que suas preocupações principais como gestora da Associação foram com a *afirmação da área de Administração no contexto nacional de ciência e tecnologia*, articulando a ANPAD com outras associações e agências de fomento. Seu convívio dentro da Diretoria foi comentado agradavelmente e, no depoimento prestado no primeiro número da RAC, fala, com humor, sobre certas dificuldades enfrentadas.

Na gestão 1991–92 compartilhamos a Diretoria com a professora Maria Tereza Fleury e com o professor Roberto Moreno Moreira. Solidários e bem humorados, meus companheiros facilitaram, enormemente, o enfrentamento de dificuldades normais e as nem tanto, daqueles tempos de cólera. Além de nos comprometermos com problemas de alta relevância para o ensino e a pesquisa, vivemos situações entre o hilário e o dramático, como arrancar um talão de cheques de uma agência em Botafogo, Rio de Janeiro, com o Banco do Brasil em greve total, para pagar as passagens do EnANPAD 91, entre outras...

Algumas expressões, reproduzidas abaixo, sobre seu período na Presidência da ANPAD (RAC, pp. 163-164) traduzem as preocupações da Presidência e a atenção para o papel e a influência da ANPAD no contexto da política de pós-graduação nacional:

“[Nos anos 90] a ANPAD agregou novas preocupações estratégicas, como porta-voz e fórum principal do conjunto de Programas de pós-graduação em administração [...]”

“Houve integração da ANPAD ao conselho de sociedades científicas da SBPC.”

“A ANPAD esteve presente em comissões que reivindicaram recursos de fomento dos Ministérios da Educação e da Ciência e Tecnologia.”

“A ANPAD propôs um programa de apoio a teses e dissertações em Administração Pública à ENAP, hoje concretizado no Programa de Apoio à Pesquisa (PAP).”

[Os problemas enfrentados pela atual gestão da ANPAD, no final dos anos 90, não são] “exatamente problemas de todo novos. [...] melhores padrões de qualidade acadêmica, abertura de novas frentes no ensino e na pesquisa, busca de recursos tradicionais e alternativos, são linhas de ação constantes, afetadas por conjunturas mais ou menos favoráveis.”

Relatório de gestão destaca ainda a “cooperação nacional entre Programas, a cooperação internacional, a reorganização do Teste de Seleção, a edição de três números do Boletim e os esforços no sentido de lançar-se nova edição do Catálogo de Programas (v. ata da vigésima nona Assembléia Geral). E a ata da trigésima Assembléia Geral registra a desfiliação de Programas por inadimplência no pagamento da anuidade e a decisão para que a próxima Diretoria contrate uma pesquisa que, “apoiada nos dados dos membros da ANPAD e do teste, procurará identificar a qualidade e a efetividade do teste”.

O XV Encontro Anual da ANPAD foi realizado em Belo Horizonte / MG (23 a 25 de setembro de 1991), com submissão de 271 trabalhos e seleção de 194 trabalhos. Os coordenadores de Área Temática foram: Margarida M. da Silva, Bianor Cavalcanti, Lúcio Flávio Renault de Moraes, Rubens da Costa Santos, Humberto Marques Filho, Michel Abboud, Ricardo Câmara Leal, Francisco Lima Teixeira, Norberto Hoppen. Como conferencista estrangeiro pronunciou palestra o professor Edmund Wilson, do Kellogg Executive Masters Program. Os anais (publicados em Salvador / BA) foram em 5 volumes impressos.

Já o XVI EnANPAD foi realizado no período de 21 a 23 de setembro de 1992, no Hotel Continental, em Canela / RS. Os anais foram publicados em 8 volumes, reproduzindo os 143 trabalhos aceitos entre 242 submetidos. Os coordenadores temáticos foram Margarida M. da Silva, Enrique Saravia, Clóvis Machado, Rubens da Costa Santos, Francisco José Kliemann Neto, Michel Abboud, Ricardo Câmara Leal, Francisco Lima Teixeira e Kleber Figueiredo. Conforme declara em seu depoimento, “[os encontros da ANPAD] foram oportunidades de se perceber que a área crescia com segurança e, principalmente, que as diferenças se acentuavam e os programas buscavam novas identidades”. Na apresentação dos anais, da Presidência, dizia-se que o encontro visava “discutir propostas de ensino, formatos mais adequados aos nossos Programas, estratégia

de cooperação internacional e nacional que poderão otimizar as ações”. A ata da vigésima nona Assembléia Geral, realizada no próprio local do evento, destaca o pronunciamento da Diretora Científica sobre o EnANPAD, o saldo positivo decorrente da flexibilização de procedimentos e a *importância do coordenador temático* no bom andamento da seleção dos trabalhos. Na mesma ata registra-se a votação feita para indicação de lista tríplice a ser enviada ao CNPq para, entre os nomes indicados, ser escolhida representação no comitê científico do órgão. Foram eleitos os nomes de Maria Tereza Fleury, Peter Spink e Moema Miranda de Siqueira.

Durante o segundo ano de seu mandato, foi feita eleição para a nova Diretoria. A eleição deveria ter sido realizada na Assembléia, em setembro de 1992, mas, como consta da respectiva ata (vigésima nona Assembléia), “a despeito de a informação sobre o processo sucessório ter sido divulgada há mais de um mês, nenhum candidato havia se apresentado” o que redundou na transferência da eleição para a Assembléia a ser realizada em dezembro. Finalmente na reunião de 17 de dezembro, após votos de louvor à Diretoria que encerrava seu mandato, proposto pelo professor Clóvis Machado-da-Silva e apoiado pelos demais presentes, o professor Masayuki Nakagawa (Contabilidade/USP) apresentou o nome de Clóvis Machado-da-Silva, para Presidência da ANPAD no biênio 93-94 “e este, tomado de surpresa, apresentou os professores César Gonçalves Neto [...] (COPPEAD/UFRJ) e Jaime Evaldo Fensterseifer (PPGA/UFRGS) para compor a Diretoria nas posições, respectivamente, de Diretor Administrativo e Diretor Científico. Em seguida, apresentou e discutiu o Plano de Ação de sua chapa. Submetida a candidatura, única, à Assembléia, esta os elegeu por aclamação” (ata da trigésima Assembléia Geral da ANPAD).

Tânia Fischer, após seu mandato como Presidente da ANPAD, assumiu mandato como Representante da Área na CAPES (1993-1997), tendo, nesse período, participado do CTC e do Conselho Superior da entidade. Seu envolvimento com a CAPES foi intenso. Entre outras, deve-se mencionar, pela relevância e pelas discussões que até hoje são feitas, que fez parte da primeira comissão da CAPES que criou o mestrado profissional. E, agora, em 2006, acaba de ser convidada para compor nova Comissão, na CAPES, sobre o mestrado profissional, demonstrando a participação que membros da Associação podem ter na definição de políticas.

Ouvida sobre sua gestão, Tânia Fischer afirma que, graças especialmente aos esforços de seu Diretor Administrativo, um homem de Finanças, sua gestão terminou com “saldo em caixa”, o que era uma espetacular novidade na carência de recursos em que vivia a entidade.

CAPÍTULO 10

As preocupações com inserção nacional e internacional. O aparecimento dos cursos de pós-graduação *lato sensu* integrados ao sistema de pós-graduação e do mestrado profissional. O XVII e o XVIII EnANPADs.

A 9ª Presidência: Clóvis Luiz Machado-da-Silva (biênio 1993–1994).

Era a primeira vez em que um ex-Presidente era novamente eleito. Clóvis Luiz Machado-da-Silva não era, assim, alguém que não tivesse plena consciência dos problemas e das possibilidades da ANPAD como Associação Científica. Em verdade, em seu depoimento (RAC, 1997, pp. 164-168), afirmava que esse período de gestão se dava em “circunstâncias diferentes” da anterior pois a “Associação tinha ampliado, de forma significativa, a sua legitimidade institucional, seguindo a lógica de mudança incremental que a acompanha desde os seus primórdios”. A preocupação manifestada nas gestões anteriores (Clóvis Machado-da-Silva menciona explicitamente o projeto de 1985 – delineado na gestão Roberto Venosa – continuado nas gestões de Suzana Braga Rodrigues e de Tânia Fischer) com a inserção da área de Administração no contexto científico e tecnológico brasileiro parece que teve seus efeitos pois, segundo ele, apesar “do olhar ainda desconfiado de várias outras áreas de conhecimento, em especial as consideradas mais nobres, não havia como negar que a ANPAD já possuía certa presença [nesse contexto]”. É destacada particularmente a interação que manteve com as agências de fomento e sua colaboração específica no “processo de articulação com a CAPES, uma vez que, durante dois mandatos (1989–90 e 1991–92) ocupei a Presidência da área no seu Conselho Técnico e Científico.”

O diagnóstico da área, necessário para a elaboração de seu Plano Estratégico de Gestão, indicava crescimento quantitativo da área (em número de Programas, em número de vagas ofertadas, em número de professores-pesquisadores), com alguns avanços qualitativos (criação de três novos cursos de doutorado fora do eixo Rio–São Paulo, incremento e diversificação da produção científica e técnica docente e discente), mas com identificação de alguns problemas a serem resolvidos (necessidade de incrementar a produção científica docente e discente, ainda abaixo das possibilidades da área, especialmente o percentual de dissertações e teses em relação ao número de ingressantes, a necessidade de procurar fontes alternativas de

recursos, além de outros). Tal diagnóstico e o plano que se delineava foram sendo traçados na Assembléia Geral de 1993. É conveniente citar as próprias palavras de Clóvis Machado-da-Silva, em seu depoimento (pp. 165-166):

Depois de longos debates sobre a situação da área, os membros da Assembléia chegaram à conclusão de que os Programas não mais poderiam restringir-se ao mestrado e ao doutorado; havia-se tornado imperativa a concepção de que a pós-graduação deve ser tratada como sistema, no âmbito de cada entidade, que deve envolver tanto a dimensão *stricto sensu* quanto a *lato sensu*. Tendo em vista as dificuldades crescentes de se obter apoio financeiro das agências tradicionais de fomento e considerando o nível salarial do corpo docente na maioria das instituições, cursos de especialização e aperfeiçoamento poderiam funcionar como fonte alternativa de recursos, assim como serviços de consultoria-pesquisa.

O depoimento de Clóvis Machado-da-Silva também teceu considerações sobre o papel do doutorado e de novas formas de mestrado:

No que se refere à pós-graduação *stricto sensu*, o doutorado, como não pode deixar de ser, deve ser visto como reserva de excelência com considerável massa crítica para a formação do docente e do pesquisador; por sua vez, o mestrado pode admitir diferentes formatos, além do tradicional, desde que mantenha o mesmo padrão de qualidade do acadêmico.

Apesar dessa conclusão da Assembléia Geral, acentua que a criação do mestrado profissional, induzida pela CAPES, recebia restrições de vários coordenadores de pós-graduação. Registre-se aqui que, somente a partir de 1997 (gestão Roberto Moreno), é que passa a ser considerado, efetivamente, como alternativa exequível.

O primeiro encontro realizado pela gestão foi o XVII EnANPAD em Salvador (27 a 29 de setembro de 1993), com 37 comunicações e 190 trabalhos selecionados (anais em 10 volumes impressos), a partir de 381 submissões. Durante o encontro seguinte, localizamos artigo que registra minuciosamente a organização do XVII EnANPAD²⁸. Particularmente para os leitores deste livro e que já conheceram a ANPAD na época dos mega-encontros, o relato é particularmente revelador. Divulga, por exemplo, o muito de envolvimento do Programa de pós-graduação da sede do EnANPAD para coordenar o evento, em nível local. A ANPAD se encarregava de uma série de despesas (passagens aéreas, custos da locação de salas no hotel-sede do evento, despesas de trans-

porte e hospedagem dos conferencistas convidados, confecção de impressos e anais)²⁹. Mas, toda outra despesa – particularmente a programação social, transporte interno, equipe de apoio às coordenações de temas, equipamento audiovisual necessário – eram atribuição da coordenação local. A receita de inscrições ao evento era baixa, eis que “a Associação tradicionalmente estabelece preços bem abaixo do que se cobra em outros congressos”³⁰. O artigo acima referido informa que as ações promovidas pela coordenação local foram registradas em um projeto elaborado para negociações de atração de parceiros estratégicos: “a idéia que fundamentava o projeto partia do pressuposto de que teríamos, naquele ano, o maior encontro já promovido pela ANPAD, em se tratando de número de participantes (esperávamos em torno de 500)” (p. 230). O evento teve o apoio do Banco do Estado da Bahia, da CEMAN (empresa do Pólo de Camaçari), da Editora Vozes (que, em contrapartida, pôde instalar um posto de venda de livros, uma novidade em encontros da ANPAD). O relato de Serva (1994) também acentua as ações empreendidas na área social: um coquetel dançante para o qual foi contratado um músico, capaz de executar o que é por ele chamado de “hino do EnANPAD – New York, New York”, e uma festa na segunda noite, com a nova música baiana. Menciona, também, a dificuldade de contratação de uma empresa operadora de eventos, dadas as condições financeiras da ANPAD (o que foi viabilizado na gestão de Roberto Moreno) e, portanto, o arranjo teria que ser outro – o voluntariado de pessoal do Programa-sede. Serva (1994) sugere, ainda, lembrando texto de Wood Junior³¹, que o tipo de organização que teve que montar para possibilitar a realização das tarefas de coordenação local e que *trabalhava por música* era assemelhada a uma banca de jazz e não a uma orquestra sinfônica, como sugeria Peter Drucker em artigo publicado em 1988, sobre a “nova organização”³².

Já o XVIII EnANPAD foi realizado em Curitiba (1994), que era, à época, o último Programa filiado à ANPAD, mas que assumiu a coordenação local do evento. Nele, foram apresentadas 53 comunicações e 215 trabalhos, a partir de uma submissão de 368 trabalhos e 66 comunicações. Este último encontro teve também dez Áreas Temáticas (em dez volumes impressos) – Administração de Ciência e Tecnologia; Administração da Informação; Administração Pública; Administração Rural e Agro-industrial; Organizações; Produção Industrial e Serviços; Recursos Humanos. É novamente registrada a importância que se atribuía aos coordenadores de cada uma das Áreas Temáticas: divulgação do evento, estímulo à produção de trabalhos e comunicações e coordenação das comissões de avaliação. Os comitês de avaliação de cada Área Temática eram geralmente compostos por três membros.

A ANPAD também organizou mesas-redondas nos encontros da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em Recife (1993), e em Vitória (1994). Ações no sentido de interação com organizações internacionais como CLADEA e BALAS e com as agências de fomento CAPES e CNPq de forma articulada com os representantes da área, também foram tomadas. E ainda uma vez, a questão da regularização do registro da ANPAD ocupou também a atenção de sua Diretoria, mas só foi ultimada na gestão seguinte.

Questões outras foram deixadas para a 10ª Presidência: a profissionalização do EnANPAD, a essa altura um mega-encontro, com cerca de 600 participantes; o lançamento de uma Revista Acadêmica da ANPAD.

A gestão seguinte seria presidida por Peter Spink (EAESP/FGV), tendo José Antonio Gomes de Pinho (EA/UFBA) como Diretor Científico e José Carlos Sardinha (PUC-RJ) como Diretor Administrativo.

CAPÍTULO 11

O registro da Associação e a fixação da sede. O novo formato do EnANPAD, com a contratação de agências especializadas. A criação da revista. A assunção definitiva do Teste de Seleção pela ANPAD. O XIX e o XX EnANPADs.

A 10ª Presidência: Peter Kevin Spink (biênio 1995–1996).

As diretrizes seguidas pelas gestões anteriores estavam presentes quando assume Peter Spink, como Presidente. Tanto que, no depoimento constante do primeiro número da RAC, Peter Spink (RAC, 1997, pp. 168-170) afirma que sua gestão iniciou com um mandato claro e consensual entre os membros da Assembléia que o elegeu: consolidação como entidade representativa da área e apta a ingressar nas grandes discussões “cada vez mais internacionalizada sobre o ensino e a pesquisa em Administração”. No concreto, tal diretriz se traduzia na “necessidade de dar forma legal completa para a ANPAD, de buscar uma solução estável e permanente para o EnANPAD, de criar uma revista e assumir o Teste de Seleção enquanto atividade regular e constante”.

A questão de registro da ANPAD, que se arrastava desde as primeiras gestões, quando não havia sede fixa, nem secretaria permanente, nem registros adequados, recebia agora um tratamento definitivo. O processo foi reiniciado concretamente na 9ª Presidência, e a Diretoria encabeçada por Peter Spink continuou perseguindo tal objetivo que, segundo declara, “iria levar mais um ano antes que tivéssemos todos os documentos em dia, todas as certidões negativas em mão” e “a nova fase foi iniciada com um escritório permanente, com arquivos e com uma secretária”, sediado no próprio campus da PUC-Rio. A revisão dos estatutos também foi empreendida, com a oficialização de “práticas já estabelecidas, embora não registradas”. Inclui-se a de “criação de um comitê executivo, eleito pelos membros da Assembléia, para ajudar a Diretoria nos períodos entre as reuniões principais”, pois, “com mais de vinte membros, reunir a Assembléia com a periodicidade necessária para acompanhar e discutir os múltiplos acontecimentos na área de Administração já se mostrava difícil”. Foi também aprovada a possibilidade de reeleição da Diretoria por mais um período; manter a Diretoria com três membros (mantendo o nome Diretor Administrativo/Financeiro) podendo existir a figura do Secretário Executivo a ser selecionado pela Diretoria

com atribuições determinadas por essa Diretoria. Foi também decidido que não constaria, no Estatuto, o endereço da sede (ata 37).

A questão do EnANPAD era outra atividade da ANPAD [certamente o evento mais visível da Associação, diria eu] que precisava ser enfrentada adequadamente, pelo aumento no número de trabalhos e rigorosa exigência de avaliação, pois o encontro tinha crescido “de uma reunião de poucos pesquisadores, boa parte amigos”, para um encontro com muitos trabalhos. Os anais, impressos em dez volumes, envolviam custos consideráveis e cogitava-se de só publicar um volume com os resumos. A avaliação precisava ser enfrentada mediante um processo de *blind review* que já fora discutido mas não tinha ocorrido ainda uma decisão concreta a respeito.

A questão do local do encontro e de sua organização ainda era atribuída a um dos Programas filiados, que concordava em sediar o encontro e assumir os encargos relativos à organização. Peter Spink afirma que “era claro que poucos Programas estavam dispostos a assumir a organização de um encontro de tal envergadura”. Conforme ata 35, “nenhum Programa” se candidatara para receber o XIX EnANPAD, tendo sido sugerido pela Presidência que houvesse mudança no “sistema atual de operação do congresso, isto é, a direção da ANPAD procurasse profissionalizar o evento” mas que os coordenadores “pensassem na possibilidade de um dos Programas patrocinar o evento, caso não [houvesse] tempo hábil [para] profissionalizar o evento”, tendo sido diferida para a Assembléia, a ser realizada em novembro de 1995, a decisão a respeito do local e do processo operacional do EnANPAD de 1996. Peter Spink declara que “felizmente, a equipe do professor Humberto Marques Filho concordou em organizar o evento [XIX EnANPAD] em João Pessoa”, enquanto outra solução mais permanente [a ser adotada] era discutida e aceita pela Assembléia. E o encontro realizado em João Pessoa foi o último sob a responsabilidade efetiva de um dos Programas, tendo sido, segundo Peter Spink, um grande sucesso, e quase um laboratório para que as modificações cogitadas pudessem ser introduzidas no evento seguinte. Nesse encontro houve lançamento de livros, reunião aberta da comunidade ANPAD, distribuição de prêmio à melhor tese de Administração Bancária, concedido pelo Bamerindus, e mesas-redondas comuns, na quais participaram, além de membros locais, pessoal de outros países (Argentina, Paraguai, Camarões) em temas como Organização, Co-Gestão e Autogestão de Perímetros Públicos Irrigados; Formação de Quadros para o Setor Público nos Países do Mercosul; Globalização, Desafios Organizacionais e Gerenciais; Gastos e Desempenho, Indicadores de Qualidade e Produtividade; *Joint Ventures* – motivação e desafios das alianças estratégicas internacionais.

Assim, foi no XX EnANPAD, em setembro de 1996, que modificações, que vinham sendo discutidas, foram implantadas. A primeira, a sede: o Club Med Rio das Pedras, localizado em Angra dos Reis, RJ, com capacidade para abrigar quinhentos participantes. A gerência do Club Med concordou em fechamento do lugar durante os três dias do evento. O encontro permitiu “nível de convívio, debate e conversa sem igual nos últimos anos”. “O *blind review* foi introduzido, o número de espaços para os trabalhos foi ampliado nas Áreas Temáticas mais solicitadas, contratamos uma empresa organizadora de eventos”. O número de trabalhos submetidos e avaliados para o encontro, foi 724 (ata 39, de 22 de setembro de 1996). A questão dos anais, também em dez volumes impressos, foi enfrentada com uma solução de “meio termo em relação aos resumos e anais, o que evitou o traslado de toneladas de papel de uma parte do país para a outra”. Foram programadas as seguintes mesas redondas, sempre no horário das 18:30 às 20:30:

- **Racionalidade, Intuição e Pensamento Mágico em Administração**, sob a coordenação de Clóvis Machado-da-Silva (CEPPAD/UFPR) e tendo como expositores: Carlos Osmar Bertero (EAESP/FGV); Francisco de Araújo Santos (PPGA/UFRGS); Silvia Constant Vergara (PUC-Rio) e Paulo Roberto Motta (PUC-Rio).
- **Qualificação Avançada em Administração: Tendências, Desafios, Reconfigurações**, coordenada por Maria do Socorro V. de Carvalho (EBAP/FGV) e tendo como expositores: André Poirier (HEC – École des Hautes Études Commerciales, Université de Montreal); Emmanuel Kamdem (Université de Duala, Cameroun); David Arrellano Gault (CIDE – México); e Tânia Fischer (NPGA/UFBA).
- **Repensando a Gestão Pública: novas formas de relação entre Estado e Sociedade Civil**, coordenado por Peter Spink (EAESP/FGV) e tendo como expositores: Marta Farah (EAEP/FGV), Fernando Tenório (EBAP/FGV), Joel Souto-Maior (CPGA/UFSC).
- **Encontre o Editor**, coordenado por Norberto Hoppen (PPGA/UFRGS) e tendo como palestrantes: editores da RAE, RAP, RAUSP, RBAC, READ e Organizações e Sociedade.

A questão dos recursos financeiros da ANPAD continuava a ser um problema. Havia regularmente pedidos para o CNPq e para a CAPES, normalmente concedidos, sendo que a CAPES se concentrava em admitir recursos para a vinda de professores estrangeiros. Peter Spink assim descreve a problemática e as soluções alcançadas:

Assumir um evento nessa forma exigiu muito dos poucos recursos financeiros da Associação, porque, mesmo que o balanço final seja positivo, há muita variação de fluxo de caixa no caminho. Se a criação de um encontro científico com perfil internacional foi obra de nosso Diretor Científico, professor Pinho, tivemos no professor Sardinha um especialista em finanças disposto a utilizar seu conhecimento para o desenvolvimento da ANPAD. Junto com o professor André Martinewski do Teste de Seleção e com a Associação legalmente constituída, as contas bancárias das diferentes atividades foram interligadas de forma que permitiram gerenciamento mais estratégico das necessidades de caixa.

Em 24 de setembro de 1995, a efetiva assunção do Teste pela ANPAD ainda não era uma realidade (a administração do teste era feita via FUNDATEC, uma das fundações vinculadas à UFRGS), mas era agora possível, pois a ANPAD estava devidamente regularizada (ata 35). Mas além da questão financeira relacionada ao teste, questões relacionadas à qualidade do teste permaneciam em pauta e os avanços buscados e conseguidos na estrutura do Teste de Seleção ainda não haviam alcançado satisfação plena.

Outra medida importante esteve relacionada ao lançamento de uma Revista da ANPAD, que era uma aspiração concreta e uma decisão tomada. Faltava confiança para publicar o primeiro número. Peter Spink explica assim o surgimento da revista:

Para convencer os pesquisadores da ANPAD que era possível, decidimos, em Assembléia, transformar os anais do encontro de João Pessoa em edição-teste da revista, para depois consolidá-la na sua própria base. A revista sempre foi uma aspiração para a geração que criou a ANPAD³³; foi com muita satisfação que todos receberam a notícia de que o professor Clóvis L. Machado-da-Silva estava inclinado a assumir o posto de editor. Como bem lembraram os membros da Assembléia, após discutir a criação da revista: estava na hora.

Entre as dificuldades encontradas para viabilizar essa edição-teste da revista, estava “a da formatação dos artigos que, quando submetidos apresentavam formas distintas”. Outra era a necessidade de maior rigor na escolha dos artigos. Foi destacada a necessidade de adoção imediata do *blind review*. É preciso esclarecer, pois, que os anais do encontro de João Pessoa (1995) foram publicados como o volume I, em 10 tomos, da Revista Brasileira de Administração Contemporânea, tendo como editor geral: J. A. G. Pinho, conselho editorial e consultores. Legalmente, não era uma revista, pois não tinha registro

como tal, mas foi iniciativa que praticamente comprovou a viabilidade de uma publicação periódica (capacidade editorial e de artigos de sustentação) forçando a implementação da decisão de criar efetivamente a revista. E assim acabou surgindo a hoje conhecida como *Revista de Administração Contemporânea – RAC* – (ver ata 37, de 2 de maio de 1996). Problemas de avaliação e de edição eram os principais, parecia.

Com a publicação dos anais em formato de revista e o futuro lançamento da RAC, Peter Spink destacou que, para o evento seguinte (o XX EnANPAD), haveria “somente a publicação de resumos em uma única publicação, e [...] uma seleção dos melhores trabalhos que seriam, posteriormente, impressos na revista durante o período de um ano” (ata 35). Apesar da decisão a respeito da Revista e conseqüente eliminação dos anais, em Assembléia seguinte (ata 37 de 2 de maio de 1996), Peter Spink, devido a solicitações de Programas, sugeriu que a ANPAD continuasse com a edição dos anais. No entanto, o professor Pinho, como Diretor Científico, mencionou a dificuldade de “viabilização da produção dos anais [em maior número] [...] visto que sua produção [tinha sido] recém aprovada, [resultando daí que seriam] produzidas 60 cópias de cada área” e que cada programa teria direito a “duas cópias de cada área” e que “as pessoas [poderiam] solicitar individualmente o volume da Área Temática de seu interesse. Cada um dos volumes era uma revista, ao preço de R\$ 20,00 por unidade.

Como se deduz do que acima está narrado, tinha ficado claro, pelo volume de artigos, a dificuldade de processar tantos artigos pelos meios convencionais. Nesse XX EnANPAD, a Diretoria Científica começou a ter a percepção clara de que teria que ser dado um novo encaminhamento para viabilização do evento. Esse encaminhamento deveria ser o meio digital para submissão de artigos (até então, os trabalhos eram processados por disquete). Assim, frente a uma escala ainda maior do que no XIX EnANPAD, a Diretoria acabou por fazer os anais apenas para os Programas filiados, forçando também a mudança de tecnologia para a produção dos novos anais³⁴. José Antonio Pinho, ao comentar essa evolução, entende que deve ser destacado o papel desempenhado por José Carlos Sardinha, Diretor Administrativo Financeiro, no sentido da profissionalização do encontro, fazendo a desvinculação deste de um Programa de pós-graduação que sempre o abrigava. A escala de cada encontro (e que aumentaria nos anos subseqüentes, como sabemos e podemos verificar nos dados que se seguirão) dificultava ou até impedia que um Programa assumisse tarefa de tal magnitude.

Na ata 35 (reunião de 24 de setembro de 1995) há menção, em pronunciamento de Tânia Fischer, representante da área na CAPES, de que o mestrado profissional tinha sido autorizado para áreas aplicativas, “objetivando um tempo menor para formação do aluno, com trabalho final de curso aplicado à área, permitindo [que] o corpo docente [fosse] composto de pessoas com experiências práticas e a produção do programa [seria] mensurada pelos trabalhos de consultorias relacionados com a área” e que um Programa só poderia ter mestrado profissional se tivesse o conceito A ou B da CAPES e não teria apoio de agências oficiais. O representante da área no CNPq era Clóvis L. Machado-da-Silva, presente, como Tânia Fischer, nas reuniões de Assembleia Geral e comunicando programas e diretrizes desses órgãos.

Peter Spink conclui seu depoimento com um balanço francamente positivo da evolução da área:

A qualidade das pesquisas apresentadas tem melhorado sensivelmente; é reflexo claro das 1.500 e mais teses e dissertações produzidas nos Programas Membros da ANPAD, nos últimos cinco anos. Não há um outro país na América Latina com o número que temos de Programas de pós-graduação na área e com o nível de titulação de nossos docentes. [...] a dimensão internacional está se fazendo presente entre nós e o quanto a ANPAD está potencialmente bem posicionada para exercer alguma liderança neste campo em relação aos nossos colegas nos outros países da América Latina.

É de mencionar que as Assembleias Gerais geralmente registravam avisos sobre eventos e mensagens do CLADEA e do BALAS, assim como participação da ANPAD em eventos de caráter nacional (SBPC).

A impressão que tenho é que, pouco a pouco, a ANPAD consolidou uma competência madura de analisar e reconhecer as melhorias necessárias, tanto no conjunto da Administração como em programas específicos e com relativa habilidade de criticar, quando necessário; de forma incremental, assim se constrói uma comunidade.

CAPÍTULO 12

Informatização, profissionalização e contratação de agências – consolidação do EnANPAD como um mega-evento. O primeiro número da Revista de Administração Contemporânea. O XXI, XXII, XXIII e o XXIV EnANPADs.

A 11ª Presidência (quatro anos): Roberto Moreno (biênio 1997–1998; reeleição 1999–2000).

Como de hábito, antes do término do mandato de Peter Spink, já se articulavam candidaturas para a gestão seguinte. Duas candidaturas surgiram para a Presidência, as de Roberto Moreno, professor da PUC-RJ e a de Fauze Najib Mattar, da FEA/USP. Segundo depoimento colhido³⁵, ambos candidatos procuraram Alfredo Alves de Oliveira Melo, professor de Finanças da UFMG, para assumir o cargo de Diretor Administrativo. Deu-se um impasse: ambos candidatos queriam a Presidência. Foi, então, tentado um acordo que impedisse o confronto aberto na Assembleia Geral da ANPAD, nunca uma situação buscada, nem desejada. A minha vivência dentro da Associação me diz que os conflitos de candidaturas sempre se resolviam antes da votação propriamente dita.

A tentativa de resolução desse impasse, em particular, foi feita via encontro de Alfredo Melo (que tinha sido procurado por ambos candidatos) com Roberto Moreno (ambos tinham sido colegas no curso de graduação da Faculdade Cândido Mendes, no curso de Economia e, depois da graduação concluída, só tinham voltado a se encontrar num Encontro Anual da ANPAD – realizado em Águas de São Pedro / SP) buscando acordo que possibilitasse a resolução do conflito aparente. Após, foi buscado contato com Fauze Mattar, e ficou decidido que a Presidência seria de Roberto Moreno, a Direção Científica de Fauze Mattar e a Direção Administrativa de Alfredo Melo. Tal chapa foi levada à reunião de Assembleia Geral de 27 de junho de 1996, presidida por Peter Spink, e foi eleita por dezesseis votos, uma abstenção e quatro ausências³⁶.

Mas foi, em verdade, um acordo aparente. Antes de tomarem posse, durante o XX EnANPAD, em Angra dos Reis / RJ, Roberto Moreno, Fauze Mattar e Alfredo Melo reuniram-se com vistas à elaboração de um Plano Estratégico para a gestão que ia se iniciar. Foi uma reunião difícil. Roberto Moreno e Fauze Mattar manifestaram posições distintas e contraditórias sobre as priori-

dades e rumos da gestão. Em verdade, diria eu, ambos, Roberto Moreno e Fauze Mattar, tinham concebido seu papel como Presidentes e o acordo por cargos na Diretoria não garantia concepção clara do papel de cada um na nova Direção. A ANPAD sempre tinha sido presidencialista, como concepção de gestão, e Moreno não abria mão de seu papel como dirigente máximo. Resultado: ambos procuraram novas alternativas e pleitearam nova eleição.

No que diz respeito a Roberto Moreno, ele e Alfredo Melo dirigiram-se a Porto Alegre, procurando apoio da UFRGS para uma proposta alternativa. Em verdade, visualizavam o nome de Fernando Bins Luce, do PPGA/UFRGS, para a Direção Científica. Em reunião a que estiveram também presentes outros professores do PPGA/UFRGS, Fernando Bins Luce foi convencido a aceitar a Direção Científica e até partir para o confronto, em Assembléia Geral, caso fosse indispensável.

Em Assembléia Geral, de 14 de novembro de 1996, o tema único da agenda foi “Forma de encaminhamento da sucessão da gestão do biênio 97-98”. O presidente Peter Spink comunicou que “todos haviam recebido cartas do professor Fauze Mattar e do professor Roberto Moreno, mostrando haver problemas de relacionamento na Diretoria eleita, na reunião do dia 27 de junho de 1996” (conforme ata da reunião de 14 de novembro) e que, embora já tivessem sido eleitos pela Assembléia Geral de 27 de junho, não havia possibilidades de tomarem posse e atuarem em harmonia. Em seguida, foi divulgada carta do professor Roberto Moreno pedindo a substituição do professor Fauze Mattar pelo professor Fernando Bins Luce. Então, por proposta de Humberto Marques Filho (UFPb), apoiada por Sonia Calado (UFPe), foi considerado extinto o processo anterior, eis que a Assembléia Geral era soberana para tomar tal decisão, e marcada nova eleição de Assembléia Geral em 16 de dezembro de 1996, “na qual as chapas interessadas apresentariam suas propostas”.

Efetivamente, concorreram duas chapas, uma liderada por Moreno e outra por Fauze. A chapa composta por Roberto Moreno, Fernando Bins Luce e Alfredo Melo foi eleita com 14 votos, seis votos tendo sido carreados para a chapa encabeçada por Fauze Mattar, tendo havido ainda um voto em branco. Ao contrário do que se poderia supor, em decorrência dos conflitos iniciais, a nova Diretoria trabalhou em harmonia e, inclusive, foi reeleita. Em face dos episódios eleitorais, no entanto, a USP, pelo fato da “rejeição” ao nome de Fauze Mattar ser considerada um desprestígio para aquele curso, um dos primeiros a se alinhar e ocupar postos de Diretoria na ANPAD, afastou-se um pouco do envolvimento com as promoções anpadianas. Es-

forços posteriores garantiram, no entanto, o retorno da USP ao convívio da ANPAD.

A nova Diretoria resolveu discutir um *plano estratégico* para o biênio 1997-1998, e o denominou de *Fórum Estratégico ANPAD*. No depoimento de Roberto Moreno, a respeito de seu mandato 1997-1998³⁷, dizia ele que esse Fórum visava a

consolidar a Associação como referência natural de todos quantos se envolvam com a pós-graduação em Administração, estimulando a realização de encontros periódicos em torno de um plano estratégico para a área, comprometendo, ao mesmo tempo, nossos representantes na CAPES e no CNPq na defesa desses esforços (RAC, 1997, p. 171).

Aduzia, ainda, que “a visão estratégica passa[ria] pelo fortalecimento dos Programas de mestrado e doutorado associados [...]”.

Providências importantes assumidas pela nova Diretoria foram assim mencionadas por Alfredo Melo, na entrevista supracitada:

- uma opção pela efetiva profissionalização da administração da ANPAD, não só resolvendo o problema crônico da sede administrativa e contábil da entidade, como estabelecendo uma secretária remunerada e profissional e a contratação de empresas de organização de eventos e preparação dos anais e outras publicações, medida que prevalece até hoje;
- tentativa de estabelecer laços com associações de pós-graduação como o CLADEA (Conselho Latino-americano de Escolas de Administração) e a AACSB (*American Association of Collegiate Schools of Business*), comparecendo a seus eventos e convidando-os para virem aos EnANPADs;

Moreno, em seu depoimento (RAC, 1997, pp. 172-173), menciona a importância de

maior inserção no cenário nacional e internacional e, em consequência, um aumento do intercâmbio, ainda incipiente, que ela mantém com outras associações [inclusive] relações mais estreitas e permanentes com a ANGRAD [o que] permitirá ampliar a integração entre pós-graduação e a graduação, condição necessária para o fortalecimento da qualidade no ensino e na produção acadêmica (...) e maior intercâmbio com associações assemelhadas nacionais (como ANPOCS e SBPC) e internacionais (como no caso do BALAS e do CLADEA);

- informatizar e padronizar os diversos exames do Teste ANPAD, de interesse de toda a comunidade, e levá-lo a ser oferecido em todo o país, aumentando o acesso dos candidatos à seleção dos Programas (tópico especial neste livro, trata da evolução do Teste ANPAD); uma das propostas era realizar, a partir de 1998, dois testes anuais; Alfredo destacou, ainda, que essa informatização e aumento da abrangência do Teste foi uma fonte importantíssima de recursos para a ANPAD.

No depoimento de Roberto Moreno (em verdade, uma declaração de intenções, pois apenas iniciava-se sua gestão), afirmava ele que

o Teste ANPAD tem evoluído, mas ainda se encontra distante de sua verdadeira potencialidade. Não obstante, acreditamos que o teste tenha condições de se transformar no equivalente brasileiro do GMAT e, mais ainda, que possa ser de grande utilidade inclusive para empresas, transformando seu uso em instrumento importante a participar do processo de contratação/seleção de profissionais para posições gerenciais (RAC, 1997, p. 171);

- criação do portal da ANPAD: Moreno acentua a necessidade absoluta de melhores canais de comunicação entre a ANPAD e Associados, mencionando ser “fundamental que contemos com um instrumento universal de comunicação, como é o caso da *home page* da ANPAD (...) que deverá permitir o

acesso facilitado aos dados dos Membros Associados, com destaque para a produção científica e técnica, e substituindo com vantagem a produção de um catálogo dos programas, especialmente por facilitar a atualização e a disponibilidade da informação.

A *home page*, conforme comunicação do diretor científico Fernando Bins Luce (ata 48, de 28 de julho de 1998), passou a ser disponível para consultas, no dia 05/08/98. Tornou-se, hoje, o principal veículo de comunicação da ANPAD.

- publicação do primeiro número da Revista de Administração Contemporânea, cuja criação tinha sido decidida na gestão de Peter Spink. (O nome da Revista ainda não tinha ficado consolidado e, naquele momento, o nome cogitado era Revista Brasileira de Administração Contemporânea).

O depoimento de Roberto Moreno (RAC, 1997, pp. 170-173), ainda aborda outras intenções, relativas ao EnANPAD, referindo-se fundamentalmente às exigências decorrentes de aumento do número de trabalhos apresentados como “pela extraordinária evolução da qualidade desses trabalhos” (p. 171). E afirmava ele:

De tal forma se transformou o EnANPAD, que os atores envolvidos em sua organização tiveram de mudar: antes de responsabilidade de um Programa, apoiado pela Diretoria (especialmente, o Diretor Científico) da ANPAD, agora de responsabilidade da Diretoria da ANPAD (em que pontifica o Diretor Científico) com o suporte de uma empresa especializada. (...) o Encontro deve merecer a atenção necessária para que não perca suas características e ganhe, pelo contrário, novas dimensões, Insere-se neste último caso o esforço de se atrair a maior participação de executivos, bem como a de professores de renomados centros internacionais, ampliando a troca acadêmica de qualidade.

A participação de executivos parece que teve pouca atratividade e a vinda de professores internacionais tem sido sempre tentada.

Na primeira Assembléia Geral Ordinária, em 2 de abril de 1997, já se alinharam algumas medidas decididas pela nova Diretoria:

- Manter o Club Mediterranée, sede do XX EnANPAD (1996) para sede do XXI EnANPAD (1997); foi comunicado ter havido redução no valor da hospedagem, conseguida junto ao hotel, para possibilitar maior participação de estudantes.
- Reformular o sistema de café da manhã e almoço para permitir que o encontro tivesse o seguinte formato: apresentação de trabalhos na parte da manhã, lazer à tarde e mesas redondas à noite e, para evitar a dispersão no último dia do evento, programar um “*keynote speaker*” que interessasse a todos.
- Mudanças no prêmio ANPAD, atribuindo-se um prêmio (um certificado) ao melhor trabalho em cada Área Temática.
- Efetivação de anais eletrônicos e de caderno de resumos impresso.

Os locais dos EnANPADs, geralmente aprazíveis, demandavam vontade dos participantes de usufruírem do espaço do hotel, eis que, já naquele momento, os custos de inscrição e hotelaria passavam a pesar cada vez mais no bolso das universidades e dos próprios participantes.

Particularmente, a solução encontrada pela gestão Roberto Moreno para o EnANPAD me pareceu ter sido uma das melhores, se não a melhor, de todas buscadas pelas diferentes Diretorias: as sessões de trabalhos começavam cedo pela manhã (7h30) e encerravam às 13 horas, quando se iniciava o almoço. Desde esse momento, havia pausa de atividades acadêmicas até as 17 horas (permitindo não só o lazer mas o contato informal entre os participantes), quando tudo se reiniciava, indo até às 20h30min, quando era o momento do jantar.

Era o momento de andar de escuna, ou de outros esportes marinhos, ou de fazer ginástica, ou *step-dance*. Ou de simplesmente, *networking*.

O já hoje famoso jantar-baile do penúltimo dia dos EnANPADs foi mantido e o início do baile através da música "New York, New York", que acabou por ser identificada muito com o ex-Presidente (e também futuro, por mais mandatos) Clóvis Machado-da-Silva, foi tornado praxe absoluta pela Diretoria.

Lembranças de Alfredo Melo

Mas, nem tudo eram rosas.

"Alunos de universidade federal preferiram gastar mais tempo nos passeios turísticos propiciados (particularmente, o passeio de escuna) mas tinham receio de a medida não "pegar" bem junto aos professores. Qual a surpresa quando também esperando a escuna estava um grupo grande de professores da Federal."

Lembranças de Alfredo Melo

Nessa mesma reunião de abril de 1997, foram escolhidos os quatro coordenadores que comporiam, com o Presidente anterior (nos primeiros seis meses após o término de seu mandato) e o Presidente posterior (nos seis meses anteriores ao início de seu mandato), o Comitê Executivo da ANPAD, recentemente instituído. A função do Comitê Executivo era a de substituir a Assembléia plena em algumas decisões, facilitando as ações e reduzindo os custos das reuniões. A escolha recaiu em: Neusa Santos (PUC-SP, em Ciências Contábeis), Antonia Solino (UFRN), Fernando Tenório (EBAP/FGV) e Antonio Manfredini (EAESP/FGV).

Foi também aprovada uma *declaração da ANPAD* a respeito do mestrado profissional e da formação de professores em pós-graduação (com longa discussão que levou seis horas, segundo lembranças de Tânia Fischer, que também redigiu a sugestão de redação para o pronunciamento da ANPAD), nos seguintes termos:

apoiar a emergência de cursos de mestrado com formato profissionalizante, orientados à formação gerencial, bem como iniciativas de mestrados interinstitucionais e cursos de pós-graduação à distância, nos termos da legislação. Estes projetos devem ter o tratamento de experiências inovadoras, sendo especialmente acompanhados e avaliados, constituindo-se em laboratórios de ensino avançado (ata de Assembléia Geral de abril de 1997).

Aliás, em várias das reuniões de Assembléia Geral, foram comunicados e discutidos critérios vigentes ou em discussão na CAPES e no CNPq e que teriam forte repercussão em seus Programas. Havia relatos dos representantes da área na CAPES (Tânia Fischer) e CNPq (Clóvis Machado-da-Silva) e as mudanças nas sistemáticas de cada um dos órgãos, relatos esses que faziam parte da própria agenda das Assembléias Gerais. Se já não era praxe, passou a ser. Uma dessas discussões referiu-se a possível assunção, pela ANPAD, em acordo com a CAPES, da avaliação dos cursos de especialização. A experiência de Acreditação de cursos pela AACSB foi buscada com a aprovação da ida da Presidência à reunião da AACSB, nos Estados Unidos, que tinha a melhor experiência conhecida de Acreditação de cursos de pós-graduação.

O XXI EnANPAD, de 21 a 24 de setembro de 1997, primeiro da gestão Moreno, também foi realizado no Club Mediterranée (como o fora o XX EnANPAD, na gestão Spink, de Rio das Pedras, em Angra dos Reis / RJ). Houve 787 trabalhos submetidos e selecionados 223.

O XXII EnANPAD foi programado para Foz do Iguaçu, no Hotel Mabu, de 21 a 24 de setembro de 1998. Outras alternativas foram consideradas, mas o custo para os participantes seria muito alto, conforme deliberação da Diretoria. A sistemática do EnANPAD anterior foi discutida, especialmente quanto a turnos livres, como no ano anterior. Discussões ocorreram quanto à manutenção ou não do formato do encontro anterior. Não tendo havido avaliação formal, o professor Walter Moraes relatou ter escutado dos congressistas uma queixa das tardes com muito tempo livre e propôs uma melhor distribuição, com maior apresentação de *papers* formais, o que possibilitaria na quarta-feira os trabalhos começarem mais tarde, uma vez que a noite de terça-feira é

dedicada ao jantar de confraternização. O professor Alfredo Melo explicou que o formato foi proposto pelos próprios coordenadores, visando a aproveitar a área de lazer oferecida e que o intuito do encontro também é de integrar socialmente todos os presentes. Nesse XXII EnANPAD foram recebidos 807 trabalhos e selecionados 252. A ênfase no relacionamento entre entidades associativas resultou num painel inaugural com a presença dos Presidentes da ANPAD, do CLADEA e da ANGRAD.

Ao final do período 1997-98, em 28 de julho de 1998, a Diretoria encabeçada por Roberto Moreno decidiu concorrer a um segundo mandato. Obtendo apoio suficiente, foi providenciada mudança de Estatutos para permitir a reeleição. Aprovada a mudança, toda a Diretoria foi reeleita.



Visão do jantar-baile do EnANPAD 1998.

Mesa com a presença de Fernando Bins Luce, então Diretor Científico, e colegas, a maioria da UFRGS. Na extrema direita, Norberto Hoppen, um dos representantes atuais da área no CNPq e, na extrema esquerda, Edi Fracasso, uma das mais antigas participantes da ANPAD.

Painel: da esquerda para a direita, Paulo Roberto Mendonça Motta, Roberto Fachin, Miguel Caldas (de pé), Tânia Fischer, Clóvis L. Machado-da-Silva.



Para a preparação do XXIII EnANPAD (1999) foi realizada reunião, presidida por Fernando Bins Luce, Diretor Científico, com os coordenadores de Áreas Temáticas, algumas delas com nova denominação (v. ata 52 de 8 de março de 1999): professor Henrique Mello Rodrigues de Freitas (Administração da Informação), professor Rogério Quintella (Administração de Ciência e Tecnologia), professor Hudson Fernandes Amaral (Finanças), professor Miguel Pinto Caldas (Organizações), professor Walter Fernando Araújo de Moraes

(Administração Estratégica), professor José Amaro dos Santos (Operações, Logística e Serviços) e professor Lindolfo Albuquerque (Recursos Humanos). A escolha dos coordenadores de Áreas Temáticas era uma das atribuições da Direção Científica da ANPAD.

Após longa discussão sobre o melhor formato, ficou estabelecido que os trabalhos teriam 25 minutos para apresentação, tendo apresentação de trabalhos até as 20h no primeiro dia (segunda-feira), reservando-se a tarde livre para a terça-feira, e iniciando a quarta-feira mais tarde, com apresentação dos trabalhos que concorriam ao Prêmio ANPAD, a ser entregue às 11h50min. deste dia, e encerrando-se o evento às 13h. Sempre foi uma preocupação das gestões manter o interesse dos congressistas até o último momento da agenda programada, e a definição desses últimos prazos (e dos trabalhos que seriam apresentados) foi a solução escolhida pelos organizadores.

Os coordenadores discutiram e deliberaram sobre o processo de avaliação: concordância em manter o sistema de "blind review" que tinha sido adotado na gestão do Presidente Spink; composição da comissão de avaliação de cada área deveria variar entre três e seis integrantes que teriam também a responsabilidade de indicar os três melhores trabalhos para que o coordenador da área escolhesse, entre esses, a indicação final para concorrer ao Prêmio ANPAD; que cada trabalho deveria ser lido por 2 ou 3 pessoas e que haveria uma ficha padrão, e que cada artigo só poderia ser submetido a uma Área Temática. Ficou estabelecido que os coordenadores não poderiam apresentar trabalhos na sua área. Ficou também decidido que o prazo de envio dos trabalhos seria imprevisivelmente o dia 31 de maio de 1999, em 02 disquetes de 1/2 contendo, cada um dois arquivos (1-folha avulsa, 2-texto) e 04 cópias do trabalho deveriam ser enviadas para a secretaria da ANPAD, ficando esta com uma cópia e enviando as outras para os avaliadores, de acordo com a orientação do coordenador. Foi também cogitada recomendação quanto à limitação de *papers* por autor a partir do ano 2000. Todas essas deliberações permanecem, com pequenas alterações de tecnologia, até hoje.

O coordenador da área de Organizações, Miguel Pinto Caldas, foi um dos mais ativos na proposição de modificações. Em depoimento via correspondência eletrônica, recebido no mês de junho de 2006, Miguel Caldas assim resume sua contribuição:

A primeira e mais importante dessas coisas foi OBRIGAR as áreas a darem *feed-back* aos autores que submetiam trabalho. Até então, o processo era Cesarino: polegar pra

cima ou pra baixo, sem explicação. Minha idéia era simples: (a) isso era uma falta de respeito com o autor, e a ANPAD [não deveria] negar-se a dar um serviço mínimo à comunidade científica - não custava muito, pois os revisores tinham a informação, bastava dá-la de volta ao autor; e (b) ao ter de dar o *feed-back* ao autor, nos obrigariamos a uma discussão mais séria sobre os critérios de avaliação, e o que significavam: como sabes, tenho uma briga antiga com o campo por essa estória da qualidade da produção e da falta de critério de avaliação¹.

A segunda dessas coisas foi aumentar o número de revisores: era comum que até aquele momento cada área tivesse um par de revisores, e quem usasse mais [...] era visto como transgressor, etc. Eu achava que tinha mais era que ampliar a base, e se isso fizesse aflorar os problemas de qualidade de avaliação, que seria bom, pra gente se forçar a lidar com eles. A razão dessa mudança é que, com o crescimento, esse par de revisores estava cuidando de 20 a 25 *papers* cada um. Teve um ano em que eu avaliei 45 *papers*! Ora, a gente sabe que se a gente tem de revisar dúzias de papers, ou a gente não faz direito, ou a gente terceiriza pra alunos de doutorado (ora, se tinha gente fazendo isso, porque não incluir mais avaliadores e fazê-los mais responsáveis), ou a gente explora aqueles de boa vontade além do que era razoável.

A terceira coisa que fiz foi dividir o programa de organizações, que estava crescendo demais, e provocar uma discussão sobre as fronteiras com as demais áreas (especialmente o que na época era RH). Eu achava - e ainda acho - que essas fronteiras são mais tênues do que podemos deixá-las ser, e que a gente devia fazer a divisão *a posteriori*, e não *a priori*, ou por definições de áreas. Perdi a batalha pra fazer a divisão *a posteriori* mas consegui ao menos na minha área fazer a divisão de SEÇÕES que tinham mais a ver com Organizações no nível de análise macro (organizacional e interorganizacional), e SEÇÕES que tinham mais a ver com o nível micro (indivíduo, indivíduo-organização, grupos). Os avaliadores eram diferentes, os comentadores, tudo. Isso foi o embrião do que o Clóvis fez na gestão seguinte para cindir a área, dando origem a TEO e a COR. Eu achava que a área estava sendo separada demais, e que a multiplicação das áreas traria mais confusão do que ajudaria, mas se a decisão de separar tinha sido feita, eu achava que esse era o critério a ser usado. E foi o que aconteceu.

A quarta coisa foi aumentar o cacifê dos comentadores: era comum usar os amigos ou pessoal mais local, e não autores que tivessem mais a ver com a área temática, ou ainda

os mais respeitados na área. Desde 95 e 96, [alguns colegas e eu] tínhamos uma intenção concreta de trazer de volta pra ANPAD, e pro *spotlight* do campo, algumas pessoas que tinham de lá se afastado. Talvez por não ter *paper* aceito, ou por [outro motivo]. O Bertero era um desses. O Fernando [Prestes Motta], outro. Achávamos que essa gente devia ter um *paper* privilegiado, deveriam estar sempre por lá, orientando os mais jovens. Fico até hoje muito orgulhoso de ter ajudado um pouquinho com isso a reaproximação e qualificação do Bertero, por exemplo, no campo. Acho que tem muita gente, até hoje, meio escanteada e “esquecida”. Não que o Carlos Osmar tenha precisado de muita ajuda, nem de mim. Ele se basta, como bem sabes. O que fizemos então foi ir atrás dessas pessoas, e tentar convencê-las a ir ao evento, mesmo que só como comentadoras, oferecendo cartas-convite pra ajudar no patrocínio. Funcionou pra muitos, e não pra outros. Mas fiquei contente que a moda pegou como um todo. Nas avaliações que fizemos, muita gente dizia que [...] os comentadores valiam o evento! Teve um que falou que o único problema era o tempo excessivo dado aos *papers*, pois assim se limitava o quanto que o Bertero (acho que foi o exemplo dado) podia falar!!!

Acho que outra coisa que ajudei na nossa gestão foi a inserir o critério de CONTRIBUIÇÃO AO CAMPO nas avaliações, na minha já conhecida briga com artigos de “estudo de caso”, que no máximo apenas fazem narrativas que reproduzem ou ilustram teoria, e que nada tem a propor de novo à área. Acho que essa briga é de formiguinha, mas, naquele ano, acho que começou uma tendência a quase todas as áreas levarem em conta a contribuição que o artigo está fazendo ao campo, e não apenas se ele é “bom” ou “regular”.

Depois, eu fui o grande chato que, desde o primeiro dia do primeiro ano de gestão, insisti na regra de três [trabalhos por autor], que estava virando padrão em congressos internacionais, [e tivemos que ver] como poderíamos garantir isso (acabou-se usando CPFs). Acho que isso foi um marco importante, e algo que me orgulho de ter insistido em fazer. Até então, tinha muita gente apresentando 4, 5 e até 10 trabalhos, e gente que não conseguia mandar nem um sequer. Se o objetivo era abrir a área, essa elitização não estava ajudando. Ainda acho a questão não bem resolvida [...], porque passa por nós concordarmos no que é ou não qualidade de trabalhos, os critérios, etc.

Por fim, eu fiz uma pesquisa de final de evento com todo mundo que participou das seções de Organizações, pra pegar *feed-back* pro ano seguinte e, no segundo ano, pra gestão seguinte. Versava sobre tudo, desde os *papers* (incluindo o prêmio), até a organização das seções, os comentaristas e as avaliações. Foi uma pena que isso não tenha [conseguido continuidade].

¹ Miguel Caldas refere-se, entre outras, ao trabalho de pesquisa seguinte: Bertero, C.O.; Caldas, M.P. & Wood, T. Critérios de avaliação de produção científica em Administração no Brasil. *Relatório de Pesquisa* do Núcleo de Pesquisas e Publicações da EAESP/FGV. São Paulo, EAESP/FGV, 1998.

Fui um chato de galocha. Muitas das mudanças foram meio a fórceps, o Roberto não era fácil de aprovar, e queria pôr panos quentes. Assim, fiz várias coisas à revelia só em Organizações (um par de outras áreas fizeram também), que depois foram (no segundo ano de gestão), pela receptividade que tiveram no primeiro, replicadas para todas as áreas.

Depoimento de Miguel Caldas, via eletrônica (junho de 2006).

Em consequência das proposições acima mencionadas e do apoio da Direção Científica, foi comunicado, nas reuniões de coordenadores de temas, que a área de Organizações daria um *feed-back* aos avaliados (o que não acontecia antes, apenas aceitando ou não, sem especificação dos porquês) e que as demais áreas estariam livres para fazê-lo ou não.

Outra decisão importante tomada foi a de antecipar a data final para a chamada de trabalhos para o EnANPAD de 2000, ou seja, até 30 de abril de 2000, o que daria mais tempo de avaliação dos trabalhos aos coordenadores.

Durante a sua gestão, atuou Claudia Videira como secretária da ANPAD e, no segundo mandato, houve outra decisão que repercute até hoje: a contratação de Rosângela Brito e Cunha, para a Secretaria Geral da ANPAD, em 18/01/99, profissionalizando, de vez, a infra-estrutura administrativa da entidade (aos que hoje acham que a infra-estrutura administrativa ainda é insuficiente, é preciso olhar os primeiros anos da ANPAD...) e a definitiva (até quando se possa chamar de definitiva) localização em prédio no campus da PUC-Rio, na Gávea. É de destacar que Rosângela dirige a Secretaria até hoje, facilitando em muito os trâmites administrativos dos diversos projetos e atividades desenvolvidas pela ANPAD.

Na discussão do formato do XXIII EnANPAD, (que também foi programado para ser realizado em Foz de Iguaçu / PR, de 19 a 22 de setembro de 1999) destacou-se desejo de introdução, no encontro, de mesas-redondas competitivas com os professores “*senior*”, a fim de atrair um maior número de participantes (veja-se o depoimento de Miguel Caldas, acima). Foi também decidida a limitação de trabalhos por autor, medida válida para todos os artigos submetidos e restrição de o coordenador de tema apresentar trabalhos em sua área. A proibição não se estendia aos demais leitores de trabalhos. Tal medida vigorou por alguns anos, pois agora, como se sabe, o coordenador da Divisão e o coordenador de Área Temática podem apresentar trabalhos convidados, em sua área, trabalhos não sujeitos à avaliação. Mas parece que a idéia original – conforme relatada no depoimento de Miguel Caldas – de envolver professores *senior* precisa ser revista ou retomada.

Foi também posta em votação a eleição do Comitê Executivo da ANPAD, sendo eleitos representantes dos seguintes programas: CMA/UFPE, EAESP/FGV, COPPEAD/UFRJ e PPGA/UFLA. (v. ata 55, de 22/11/1999). A Assembléia também elegeu o Comitê do Teste ANPAD, aberta a usuários do teste, que teria duas funções básicas: 1) Apreciação do resultado do Teste de acordo com a qualidade e 2) Sugestão das alterações no Teste, buscando o aperfeiçoamento. Abertas as inscrições, houve apresentação de três Programas, sendo estes: NPGA/UFBA, PPGA/UFRN e UEM/UEL que foram eleitos por aclamação.

Na reunião de coordenadores de tema, realizada no dia 20 de dezembro de 1999, compareceram, além dos mencionados acima, os seguintes coordenadores: professor Fernando Tenório (Administração Pública), professora Ângela Cavalcanti da Rocha (Marketing). A reunião foi programada para avaliar o XXIII EnANPAD e tomar decisões sobre o XXIV, tendo sido comentada a dificuldade de encontrar um local adequado para este próximo EnANPAD. Após um debate entre todos os participantes avaliando o XXIII EnANPAD, concluiu-se que: a segunda-feira foi muito cansativa para todos os participantes; houve uma experiência que teve muito sucesso em dois encontros – as Tribunas Livres, por proposição de Sonia Calado, mas que posteriormente foi descontinuada.

Foi também tomada deliberação, por proposta do professor Moreno, quanto a organizar uma “lista negra” com os participantes que tiveram trabalhos aprovados e que não compareceram ao encontro, sem justificativa com antecedência, através da exclusão de qualquer trabalho que venham a submeter no evento seguinte, independente de conteúdo, formato, ordem de autoria, ou seja, não compareceu em 2001 ficará impedido de apresentar em 2002 e assim sucessivamente.

Foi deliberado, nesta ocasião, que todas as áreas dariam *feed-back* aos autores dos trabalhos, aprovados ou não, com base nas próprias fichas de avaliação, dando continuidade ao que tinha sido iniciado pela área de Organizações, no ano anterior.

Outra novidade foi a decisão de que a submissão dos trabalhos seria por via eletrônica e que haveria nova reunião, no dia 03 de julho, dos coordenadores das Áreas Temáticas, para deliberar sobre os trabalhos selecionados.

Em 30/03/2000, na reunião de Assembléia Geral, Roberto Moreno colocou em discussão a questão dos Associados Individuais, ressaltando que esta modalidade estava prevista no Estatuto. Houve uma discussão sobre como seria o relacionamento do sócio individual para com a ANPAD; que taxa seria

cobrada; que tipo de aspiração teria o sócio individual com a ANPAD e o que a ANPAD poderia proporcionar a este sócio. Considerou-se que a inserção deste sócio nos quadros seria uma oportunidade interessante de revitalização, mas que, no entanto, algumas questões operacionais precisavam ser levantadas e demandavam uma resolução. Concluiu-se que o mais adequado seria estabelecer mecanismos de absorção de sócios individuais por área de interesse, via grupos de pesquisa, a exemplo do GEO (Grupo de Estudos Organizacionais), que fariam a mediação da relação do sócio com a ANPAD. (Note-se que mais adiante, na gestão atual da ANPAD, a questão dos Associados Individuais é viabilizada juntamente com a decisão de criação das Divisões Acadêmicas). Nada



Aspecto do jantar-baile no XXII EnANPAD, em 1998. Clóvis Machado-da-Silva e Suzana Braga Rodrigues, dois ex-Presidentes.

Diversos participantes do XXIII EnANPAD. Ao centro, de pé, o Presidente (Moreno) e, agachado, o Diretor Científico (Luce).

Mesa diretora do XXIII EnANPAD, tendo ao centro o Presidente Roberto Moreno.



especialização oferecidos por programas filiados à ANPAD deveriam ser os primeiros a submeterem-se ao processo de avaliação, embora este deva ser voluntário. O assunto permaneceu em pauta.

No dia 13/06/2000, como de ordinário, ainda sob a Presidência de Roberto Moreno, no item eleição da futura Diretoria, decidiu-se pelo voto secreto, a eleição, por 15 votos a favor e 03 em branco, após a apresentação do plano de trabalho, do professor Clóvis Machado-da-Silva, candidato único. Seis Programas não compareceram. Como companheiros de chapa do professor Clóvis, foram eleitos os professores Nicolau Reinhard – Diretor Administrativo e Rogério Quintella – Diretor Científico.



Visão parcial da plateia de uma sessão de trabalho.

Visão parcial de uma pausa-café no XXII EnANPAD, em Foz do Iguaçu.



Da esquerda para a direita: Alfredo Melo, Fernando Bins Luce, Roberto Moreno, Eduardo Peninba Bueno (conferencista), Rogério Quintella e Nicolau Reinhard, XXII EnANPAD.

objetivamente foi decidido, no entanto (v. ata 57). Em reunião seguinte, o tema foi retomado e decidido que seria promovida a associação de membros individuais, com anuidade de R\$ 500,00, com direito a uma assinatura gratuita da RAC, mantendo-se os direitos já previstos no Estatuto.

Outro tema foi colocado em discussão pelo professor Moreno, qual seja o uso indevido de marcas como MBA, mestrado profissional evidenciando a necessidade de regulamentar o setor dos cursos de especialização no Brasil, que estava crescendo vertiginosamente. Colocou em discussão como a ANPAD deveria posicionar-se, assumindo um processo de avaliação dos cursos de especialização, configurando-se como órgão certificador. Nesse caso, os cursos de

CAPÍTULO 13

Ampliação das Áreas Temáticas nos EnANPADs. Novos encontros setoriais. A concepção e a criação das Divisões Acadêmicas. ANPAD com nova denominação: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração. A maturidade da Revista de Administração Contemporânea e a criação da Brazilian Administration Review. Reflexões sobre o futuro de uma Associação Científica. Os XXV, XXVI, XXVII e XXVIII EnANPADs.

A 12^a Presidência (quatro anos): Clóvis Luiz Machado-da-Silva (biênios 2001–2002 e 2003–2004).

Clóvis Machado-da-Silva assume pela terceira vez, a Presidência da ANPAD, inicialmente para mais um mandato de dois anos, mas, com sua reeleição permaneceu, portanto, quatro anos³⁸. No segundo período de dois anos, apenas houve mudança na Direção Administrativa, que acabou sendo ocupada por Paulo Tromboni do Nascimento, também da FEA/USP.

Duas Assembléias Gerais foram realizadas no primeiro ano (2001) desta gestão. Na primeira reunião, realizada em 24/04/2001 (ata 62), além dos assuntos que habitualmente estão presentes nessas reuniões, como comunicações, relatos dos representantes das áreas no CNPq e CAPES, outros temas ocuparam a atenção da Assembléia: a eleição do Comitê Executivo, a questão do Conselho Fiscal (indicação e procedimentos), a participação da ANPAD no Fórum Nacional de Ensino de Administração (reunindo, entre outros, Conselho Federal de Administração (CFA), ANGRAD, CEEAD/SESu/MEC, INEP/MEC, e CAPES/MEC, com o objetivo de estabelecer maior intercâmbio com o ensino de graduação, em especial no que concerne à qualificação docente; e o Teste de Seleção, em que, mais uma vez, se fizeram críticas à demasiada ênfase, do teste, na parte quantitativa, o que deu margem a medidas para diminuir esse viés³⁹.

No seu depoimento eletrônico, Clóvis Machado-da-Silva esclarece que houve ampliação e desdobramento das Áreas Temáticas de submissão de trabalhos para o EnANPAD, de dez para dezessete, a fim de proporcionar cobertura mais adequada dos campos de produção e atuação nas Ciências Administrativas.

É de destacar, também, nessa reunião, o apoio solicitado, pela UFRGS, ao Consórcio Doutoral, que pela primeira vez era organizado por aquele Pro-

grama, uma reunião que precederia o Encontro Anual, reunindo doutorandos que apresentariam seus projetos a bancas constituídas por integrantes de vários programas de doutorado. O primeiro Consórcio Doutoral foi realizado assim em 2001, imediatamente antes do XXV EnANPAD, e o evento consolidou-se, nos anos seguintes, como atividade integrante da programação do Encontro Anual, implicando em incluir mais um dia na duração do evento. O Consórcio Doutoral da ANPAD é hoje definido como tendo o objetivo de promover a integração e o intercâmbio de idéias entre os participantes dos cursos de doutorado em Administração, Controladoria e Contabilidade. Constitui, assim, espaço privilegiado para apresentação de projetos de tese e realização de atividades acadêmicas interinstitucionais.

Na mesma Assembléia, foi registrado em ata, e feito o devido destaque, à Medalha 50 anos da CAPES, concedida, em nossa área, à professora Tânia Fischer. Tal medalha foi concedida a pesquisadores das várias áreas de conhecimento, julgados merecedores dessa distinção.

Na assembléia de 15 e 16/09/2001, no Royal Palm Plaza, em Campinas, local do XXV EnANPAD, foi destacado o estado satisfatório das finanças da entidade e a organização de um Plano de Ação da Pós-graduação em Administração para o período 2001-4, constituído de várias temáticas, cada uma sob a responsabilidade de um professor: 1) Mestrado Acadêmico e Mestrado Profissional; 2) Doutorados; 3) Qualificação Docente; 4) Produção Científica e Técnica; 5) Publicação de Revistas Científicas; 6) Grupos e Linhas de Pesquisa; e 7) Critérios de Acreditação.

EnANPAD 2001, em Campinas. Da esquerda para a direita: o conferencista Evandro Mirra e Silva, o Presidente Clóvis Machado-da-Silva, o Diretor Científico Rogério Quintella e Nicolau Reinhard, Diretor Administrativo.

Foto de momento de premiação, na área de Comportamento Organizacional, na qual figuram Gustavo Angelim, Antonio Virgílio Bittencourt Bastos e Tomás de Aquino Guimarães, atual coordenador da Comissão de Administração da CAPES.



EnANPAD 2002. Abertura: Edson Vaz Musa (conferencista), Rogério Quintella, Clóvis Machado-da-Silva, Nicolau Reinhard e Paulo Tromboni do Nascimento.

Platêia da abertura do EnANPAD 2002. Consegue-se visualizar facilmente na primeira fila, Jaime Fensterseifer (ex-Diretor Científico), Adalberto Fischmann, Reinaldo Marcondes, Tânia Fischer (ex-Presidente), Carlos Osmar Bertero e, na segunda fila, Eduardo Vasconcellos (3º Presidente da ANPAD).

No aniversário de 25 anos da ANPAD, em 2001, a Diretoria da ANPAD acompanhada da equipe de apoio. Ao centro, Rosângela Brito e Cunha, chefe da equipe.

A ata 65, da reunião de 22/09/2002, realizada no local e data de início do XXVI EnANPAD (Pestana Hotel, Salvador), registrou a admissão de mais Programas como membros da ANPAD, alcançando o número de 50 Programas associados. Longe estava o tempo da criação da ANPAD com 10 Programas fundadores.

A busca de contatos e intercâmbio com a Academy of Management (AOM), dos EUA, foi também acionada nesta gestão, assegurando o intercâmbio entre os eventos da AOM e da ANPAD. A visita ao evento da AOM pelo Diretor Científico, Rogério Quintella, propiciou o contato com novos formatos de apresentação de trabalhos, tais como sessões interativas e painéis para apresentação de trabalhos, que se adicionaram à forma tradicional e às mesas-redondas, com a finalidade de tornar o EnANPAD um evento mais dinâmico e interativo.

O crescimento do número de Programas na ANPAD exigiu a criação de novas coordenadorias de apoio à Direção Executiva da ANPAD: a Coordenadoria do Sistema de Acreditação (com Roberto Moreno), a Coordenadoria de Comunicação (com Deborah Zouain) e a Coordenadoria de Ensino – PCDA (com Tânia Fischer).



Abertura do EnANPAD 2003, Atibaia / SP. A conferencista convidada, Dr.^a Jone Pearce, Presidente da Academy of Management, ao lado do Presidente da ANPAD.



Grupo de premiados na área de Gestão Internacional. Da esquerda para a direita: Roberto Gonzalez Duarte, John Child e Suzana Braga Rodrigues (coordenadores), Sergio L. Rezende, Hilka Vier Machado e Dinorá Floriani.

Durante o processo de organização do EnANPAD foi divulgada a intenção de constituir coordenações de temas para algumas áreas com a participação de acadêmicos de outros países, visando à gradual internacionalização da ANPAD. Assim, algumas das áreas do EnANPAD tinham professores brasileiros e estrangeiros na coordenação.

Importante também foi a comunicação de que a RAC passaria, de revista quadrimestral, a trimestral.

De 18 a 20 de maio de 2003, realizou-se o I 3Es, em Curitiba / PR⁴¹.

O XXVII EnANPAD foi realizado, em setembro de 2003, em Atibaia, no *Bourbon Atibaia Resort Convention Center*. Neste encontro foram submetidos 2.332 trabalhos e selecionados 630 para apresentação. Na Assembléia Geral que sempre antecede tais eventos, **foi aprovada a instituição de Divisões Científicas na ANPAD** [grifo meu], por proposta do Presidente, com o objetivo de filiar e agregar Membros Individuais. Foram também propostas algumas vantagens para quem se associasse e a possibilidade de associação a uma Divisão principal e a quantas outras Divisões de interesse do membro, com a conseqüente mudança de denominação da ANPAD, permanecendo a sigla. Como foi decidido, de Associação Nacional de Programas de Pós-graduação em Administração, passa a ANPAD a denominar-se **Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração**. Em seu depoimento eletrônico, Clóvis acentuou que as finalidades primordiais das Divisões Acadêmicas eram as de: incrementar a interação entre profissionais com interesses intelectuais semelhantes, elevar a qualidade da produção científica e aperfeiçoar o processo de avaliação dos trabalhos submetidos aos diversos eventos promovidos pela associação.

Na mesma Assembléia foi decidido que a ANPAD faria um pronunciamento específico sobre seu entendimento a respeito dos mestrados profissionais em administração e comunicado que, após entendimentos com a FEA/USP, a ANPAD assumiria, a partir de 2006, a organização do Simpósio de Gestão da Inovação Tecnológica, que já tinha tido 22 edições promovidas pela FEA/USP. Foi também instituído um Comitê de Acreditação, para discutir e elaborar normas para o funcionamento do Sistema de Acreditação, decidido pela ANPAD.

Em 2004, outro avanço na área de divulgação científica e buscando a presença dos pesquisadores brasileiros em nível internacional, foi a aprovação da BAR – Brazilian Administration Review – como revista eletrônica internacional, por ser publicada em inglês, como um subproduto da RAC (inclusive publicando os artigos na RAC durante os primeiros dois anos de funcionamento da BAR, para não haver prejuízos aos colegas que publicassem na revista, até que ela fosse avaliada pelo sistema QUALIS)⁴². Nessa mesma reunião, foi divulgado um novo projeto – Banco de Casos de Ensino, o projeto Panteon – que seria assumido pela ANPAD mas até agora não temos conhecimento do andamento deste projeto.

Uma das questões que apareceu nessa sessão foi a proposta apresentada pela Presidência, no sentido de se avaliar a necessidade do EnANPAD ser bienal, assunto que apareceu na reunião, mas que não teve decisão (nem favorável nem

desfavorável). Em verdade, o que hoje vigora é a realização dos EnANPADs a cada ano, e a realização de encontros setoriais, com base na lógica das Divisões Acadêmicas: Encontro de Estudos Organizacionais (EnEO), Encontro de Estudos em Estratégia (3Es), Encontro de Estudos em Marketing (EMA), Encontro de Estudos em Administração Pública e Governança (EnAPG) e, agora, a partir de 2006, Simpósio de Gestão da Inovação Tecnológica – a cada dois anos. Tais eventos, iniciados em 2000, com o I EnEO, ocorreram em 2003 e 2004, durante a gestão de Clóvis Machado-da-Silva. A difusão de tais eventos como promoção da ANPAD tem possivelmente provocado, em outras Divisões Acadêmicas, motivação para realização de outros encontros setoriais/temáticos.



*Grupo de premiados no
EnANPAD 2003 e
coordenadora de tema.*

A partir de 1999 começaram a ser instituídos prêmios para os melhores trabalhos de cada área (ou por Divisão) e, com vigência a partir de 2005, foi decidido que o prêmio ANPAD para melhor trabalho deveria ser valorizado, limitando-o a apenas três premiações gerais para todo o congresso, com base em três formas de produção acadêmica: trabalho de pesquisa teórico-empírica, ensaio teórico e caso de ensino em Ciências Administrativas. Tem-se observado que tais premiações não têm efetivamente ocorrido para as três formas.

A questão da avaliação de trabalhos e de preocupação com correção de desvios no processo (que aparecem, neste livro, em preocupações em vários momentos – ver, por exemplo, as descrições do processo de avaliação no I EMA, no IV EnEO, nas mudanças ocorridas na área de Organizações, na gestão Roberto Moreno, como exemplo dessas preocupações) foi tentativamente resolvida, na gestão, com um trabalho estatístico de correção de desvios (entre avaliadores rígidos e “bonzinhos”) mas que, na opinião de alguns colegas com quem se conversa, tem recebido restrições, quando é tentado, pelos coordena-

dores de Áreas Temáticas, uma redução no número de trabalhos submetidos a cada avaliador. Mas, no momento de adoção desse sistema de correção estatística de desvios, promovido sob a orientação do Diretor Científico, Rogério Quintella, o entendimento foi que o sistema seria mais confiável e o conceito de avaliação anônima seria reforçado.

O site da associação (www.anpad.org.br), criado na gestão Roberto Moreno, foi reformulado, criando-se novas seções, inclusive uma de Opinião (cujos textos são submetidos à Diretoria da ANPAD) e outra em que se veicula o Informativo ANPAD, que tem servido para divulgação de notícias dos Programas e das Divisões Acadêmicas.

Em seu depoimento eletrônico (ver nota 38), Clóvis Machado-da-Silva destaca o amplo envolvimento de toda a comunidade anpadiana, particularmente o aval da Assembléia da Associação, o forte respaldo dos Programas Associados, a importante colaboração dos coordenadores de temas e avaliadores de trabalhos submetidos aos diversos eventos, a participação efetiva dos profissionais que se dedicam à produção acadêmica.

Importante que se registre suas palavras com respeito à criação das Divisões Acadêmicas:

De todas as realizações no quadriênio, cabe especial destaque à criação das Divisões Acadêmicas na estrutura organizacional da Associação. Constitui atribuição de cada divisão promover o desenvolvimento de seu campo de conhecimento e aplicação, estimulando a elevação contínua da qualidade da produção científica e a sua utilização nas atividades de ensino e pesquisa. Essas Divisões Acadêmicas devem propiciar espaço para o necessário debate democrático, plural e substantivo em um país como o nosso tão afeito à estreita segmentação ideológica. Para tanto, devem ser integradas por especialistas do campo de conhecimento e precisam funcionar como lugar privilegiado para a interação, o debate e a troca de idéias. O respeito entre pares, a avaliação e a crítica séria e consistente da produção científica constituem os requisitos para organização, sustentação e funcionamento de cada Divisão Acadêmica.

Acrescente-se que cada coordenador de divisão pode participar como membro nas Assembléias da ANPAD, com direito a voz e voto. Essa participação deverá fazer emergir, nas Assembléias da Associação, além das preocupações típicas de coordenadores de Programas, as considerações relevantes dos representantes dos campos de conhecimento das Ciências Administrativas. Espera-se a união da lógica institucional dos Programas com a lógica institucional das áreas de conhecimento. A ANPAD tenderá, assim, a evoluir em qualidade das decisões com a convivência mais estreita dessas duas lógicas de ação.

Ao mesmo tempo, destaca ele a indispensabilidade de elevarmos a nossa produção acadêmica ao nível do padrão internacional, sem perder de vista as especificidades e a relevância do nosso contexto sociocultural e que, apesar de ter havido evolução qualitativa dos trabalhos dos EnANPADs, nos últimos dez anos, ainda assim “temos problemas de qualidade, como revelam de forma consistente as publicações sobre o estado da arte da nossa produção científica em diversos campos das Ciências Administrativas”.

Sendo a gestão de Clóvis Machado-da-Silva a última gestão antes da atual, presidida por Carlos Osmar Bertero, registre-se aqui seu pensamento sobre o caminho que a Associação deve perseguir, como Associação de Pós-graduação e Pesquisa em Administração:

O crescimento quantitativo da área (em termos de trabalhos submetidos e selecionados, número de Programas de mestrado e doutorado, dimensão do corpo docente e discente, e assim por diante) propicia bases mais efetivas para o debate sobre o tema da qualidade, uma vez que o aumento de massa crítica gera também a possibilidade de maior severidade qualitativa. Daí a necessidade de maior rigor no atual estágio em que nos encontramos.

Cabe assinalar, no entanto, que a dificuldade com nível de qualidade não é apenas nossa. É também de todos os congressos internacionais da área de Administração, em maior ou menor grau. Mesmo os eventos de maior reputação mundial enfrentam o dilema de que a quantidade não se faz acompanhar da qualidade em proporção equivalente. Tendo em vista que boa parte deles apenas publica os resumos dos trabalhos, não é possível verificar a extensão do problema com a mesma propriedade de avaliação que se pode realizar com os encontros da ANPAD. Além disso, em todos esses congressos está sempre presente o quase impasse da relação entre teoria e prática.

Parece-me que a relação entre teoria e prática em nosso campo depende de encontrarmos criativas e substanciais soluções para duas primordialidades: significância internacional e contextualização sociocultural. Estou convencido de que uma não se efetiva, nem faz sentido, sem a outra. O conhecimento, em nossa área, torna-se universal não ao ser obrigatoriamente descontextualizado, mas sim pela utilização de quadros teóricos de referência substantivos e procedimentos metodológicos consistentes, adequadamente articulados e tratados com continuidade, visando ao atendimento da imprescindível condição cumulativa. Homogeneidade e diversidade não devem ser forçosamente opostas quando se articulam os planos teórico e metodológico com a aplicação contextualizada.

O que efetivamente precisamos fazer é dedicar maior tempo para elaboração de nossos trabalhos. Trabalhos científicos consistentes demandam tempo. Tempo é elemento escasso na Academia Brasileira de Administração, que se sente premiada pela necessidade de apresentar produção em congressos e de publicar em anais e revistas. Observa-se que muitos trabalhos foram apressadamente concluídos, a fim de atender à demanda de publicar contínua e intensamente. Muitos desses trabalhos, com melhor uso de critério e tempo, poderiam subir degraus nos patamares de qualidade.

Além disso, e para finalizar esta parte, devemos estimular e organizar a interação continuada entre pares, nos diversos campos das Ciências Administrativas. Maior organização e articulação entre os acadêmicos que integram esses campos devem implicar, também, em utilização mais significativa de autores brasileiros em nossas atividades de ensino, pesquisa e produção acadêmica.



Comemoração dos 25 anos da ANPAD, em 2001, com a presença de ex-Presidentes, Secretários Executivos e coordenadores de temas nesses 25 anos de trajetória.

CAPÍTULO 14

A descentralização. As Divisões. As revistas eletrônicas. A reeleição. O XXIX e o 30º EnANPADs.

A 13ª Presidência: Carlos Osmar Bertero (biênio 2005–2006).

A gestão que vai alcançar, em seu mandato, 30 anos de ANPAD, é presidida por Carlos Osmar Bertero, que esteve também presente na primeira reunião da ANPAD e em sua fundação. Como membros de sua Diretoria, foram eleitos Walter Fernando Araújo de Moraes (PROPAD/UFPe), para Diretor Científico; Ernani Ott (UNISINOS), para Diretor Administrativo; e Antonio Freitas (IBMEC-RJ, hoje na FGV/EBAPE), para Diretor de Acreditação.

Um dos primeiros atos da gestão foi designar os coordenadores para cada Divisão Acadêmica, observada a votação recebida dos associados de cada Divisão e observados alguns critérios de distribuição geográfica. Após sua designação, cada coordenador submeteu, à Direção Científica, propostas de denominação de Áreas Temáticas em que cada Divisão se subdividiria e indicou lista de vários nomes de Associados da Divisão que poderiam vir a ser designados para coordenador de Área Temática. A Diretoria da ANPAD (especificamente seu Presidente e seu Diretor Científico) decidiu os nomes de cada coordenador de Área Temática, (ver relação das Divisões e respectivos coordenadores nos anexos, em Registros).

Tais Divisões tinham sido aprovadas e feita a devida reformulação estatutária, ao final do terceiro mandato como Presidente da ANPAD, de Clóvis Luiz Machado-da-Silva, um resultado direto da admissão de Associados Individuais na ANPAD. O processo de criação e implantação das Divisões na ANPAD foi acompanhado de processos eleitorais e de declarações de ênfase numa descentralização dos processos diretivos. Embora não meridianamente clara como se daria essa descentralização, entendia-se que ela estaria enquadrada dentro das obediências hierárquicas da ANPAD e articulação efetiva com a Diretoria Científica.

Decidida em Assembléia Geral da ANPAD, na gestão anterior, foram oficialmente implantadas, durante a gestão, nove Divisões Acadêmicas: Administração da Informação, Administração Pública e Gestão Social, Estratégia em Organizações, Estudos Organizacionais, Finanças e Contabilidade, Gestão de Ciência, Tecnologia e Inovação, Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho,

Operações Industriais e de Serviço e Marketing. Já em processo de implantação das Divisões Acadêmicas, foi proposta à Assembléia Geral, e criada, a Divisão de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade, que não havia sido inicialmente prevista.

O período inicial de funcionamento das Divisões gerou alguns desconfortos, decorrente de falhas de comunicação e de interpretação do sentido da descentralização. Diálogos mantidos, jogos de poder, novos diálogos e tomada de decisões conjuntas acabaram resultando em acordos satisfatórios.

A própria seleção das Áreas Temáticas foi distinta em cada uma das Divisões. Houve consulta a alguns colegas, já que era impossível consultar todos os Associados, no tempo disponível. O resultado final foi predominantemente o de Áreas Temáticas que seguiram o recorte tradicional de EnANPADs com algumas áreas novas que precisam ser avaliadas. Há Áreas Temáticas com o mesmo recorte em mais de uma Divisão e alguma interface em mais de uma Divisão. Professores que submetem trabalhos aos EnANPADs ficam freqüentemente em dúvida sobre a que Divisão e a que Área Temática deveriam submeter. Algum esforço tem sido feito para diminuir sobreposições mas isso não parece ser uma solução fácil.



Parte da platéia da sessão de encerramento do EnANPAD de 2005, em Brasília.



EnANPAD 2005. Visão da mesa diretora, Ernani Ott (Diretor Administrativo), Walter Moraes (Diretor Científico), Carlos Osmar Bertero, Antonio Freitas (Diretor de Acreditação).

O XXIX EnANPAD, realizado de 17 a 21 de setembro de 2005, privilegiou um tipo de sessão de apresentação de trabalhos diferente das tradicionais: a *sessão interativa*. Tal sessão supõe pouco ou nenhum espaço para apresentação do trabalho pelo autor e uma intensa interação (inclusive leitura de todos os trabalhos da sessão, possível pelo acesso eletrônico que se tornou dis-

ponível) para que ocorram debates relevantes. A Divisão de Estudos Organizacionais (DIVEOR) resolveu ir mais longe (para alguns, demasiado longe) e “inventou” uma sessão interativa em que o autor não apresentava *seu próprio* trabalho mas o trabalho de outro da mesma sessão, adquirindo somente o direito de reagir ou complementar a leitura feita por seu colega. As razões da DIVEOR para propor tal modalidade eram “garantir” que o trabalho de cada um fosse lido por *pelo menos um* dos outros participantes da sessão e que esse leitor daria ao autor do trabalho, um ponto de vista de como o trabalho era lido. Quando tal modalidade foi anunciada, as sessões já estavam organizadas e os coordenadores de sessão designados. Alguns reagiram veementemente contra a proposição e até afirmaram que iam publicamente, durante a sessão, promover uma espécie de “desobediência civil” para que o grupo escolhesse o formato: ou a “nova” sessão interativa ou o formato tradicional. Outros se mantiveram em protesto, apenas.

É curioso que numa dessas sessões, quando o coordenador propôs ao grupo de apresentadores a escolha do formato, estes se pronunciaram, a maioria dizendo que prefeririam o formato interativo tradicional, mas que tinham se preparado para o novo formato e estavam dispostos a experimentar a modalidade, o que efetivamente aconteceu. Apenas um dos participantes da sessão se pronunciou inequivocamente pelo sistema de apresentar seu próprio trabalho, com um pronunciamento vigoroso e decidido. Curiosamente, tal participante tinha escrito um trabalho valorizando o “herói” tipo faroeste...

Como fui, e ainda sou, coordenador geral da Divisão de Estudos Organizacionais, posso narrar parte do nosso processo decisório, como Divisão. O primeiro ato efetivamente proativo empreendido foi uma tentativa de inovação no processo avaliativo, não só fazendo uma triagem prévia (não é uma novidade na ANPAD: leia-se, por exemplo, a descrição do I EMA) realizada no mês de maio de 2005, nos dias 11, 12 e 13 – como diminuindo o número de trabalhos a serem lidos por avaliador (e encaminhando os trabalhos na medida do efetivamente possível, dentro do interesse temático e metodológico de cada avaliador). Atribuiu-se ao redor de 5 trabalhos nas áreas EOR-A e EOR-C e ao redor de 10 na área EOR-B. Além disso, buscou-se organizar para o EnANPAD mesas mais homogêneas, com resultados razoáveis, digamos assim. Tal sistema, pelo reduzido número de trabalhos por avaliador, acaba, possivelmente, conflitando com o tratamento estatístico das avaliações para desfazer a diferença que

existe entre um avaliador “bonzinho” e um avaliador “exigente”. Conflita também com o sistema de designação de avaliadores, pois certos avaliadores acabam avaliando em mais de uma Divisão ou Área Temática e o número de trabalhos que acaba lhe sendo atribuído excede consideravelmente aquele que, por exemplo, a DIVEOR pretendeu dar como limite máximo. A DIVEOR resolveu fazer uma avaliação do processo empreendido e fez entrega de formulários de avaliação aos participantes de cada sessão. As respostas, tabuladas, constam de um Informativo da ANPAD, e foram em geral favoráveis ao processo introduzido. Mas, a Divisão resolveu, para o EnANPAD 2006, não manter o sistema de sessões interativas modificada, e sim transformá-la em “apresentação interativa”, em que o autor do trabalho tem um tempo para apresentação de seu trabalho (em geral, de 10 minutos) sendo seguido por um dos participantes da sessão que ficou com a obrigação de ser o debatedor oficial daquele trabalho. Tal modalidade foi testada, com sucesso, no IV EnEO, organizado pela Divisão. Este é um exemplo das possibilidades de inovação presentes no esquema de Divisões Acadêmicas mas também tem possibilidades de conflitar com critérios gerais adotados pela ANPAD em todos os eventos por ela organizados.

Na reunião de Assembléia Geral, de setembro de 2005, foram lidas e aprovadas as normas propostas pela Diretoria Executiva da ANPAD sobre a indicação de Coordenadores de Divisão. Entre essas, o período de apresentação de candidaturas e de eleição e designação, requisitos mínimos para candidatura (doutorado concluído há pelo menos cinco anos; vínculo de cinco anos a um Programa *stricto sensu* filiado à ANPAD; ter orientado pelo menos cinco dissertações ou teses; ter alcançado pelo menos quinze pontos médios anuais de produção científica, em conformidade com o sistema QUALIS da CAPES), mandato (coincidente com o da Diretoria) e, obviamente, os eleitores tendo que ser associados da Divisão respectiva antes de iniciar o período eleitoral.

Nessa mesma reunião (ver ata 73, de 18/09/05) foi comentado a respeito da pontuação dos eventos científicos (como o EnANPAD e os encontros setoriais) que a comissão da CAPES definiu que deveria ser reduzido, com repercussões possíveis na possível presença em eventos da ANPAD, tendo a Presidência emitido a opinião de que “o desejável é a viabilização da edição de revistas eletrônicas, com trabalhos de qualidade”. Em reunião realizada em junho de 2006, foi comunicado que a Diretoria estava examinando critérios e normas para a publicação de revistas eletrônicas, associadas à RAC, uma por Divisão, com números a serem publicados, possivelmente, nos meses de janeiro e de setembro de cada ano. Uma previsão é de que, dos trabalhos submetidos aos encontros, 25% sejam os selecionados para apresentação e dos 25% assim

escolhidos, 25% sejam previstos para publicação nos números anuais das revistas eletrônicas. As normas para regular a publicação das revistas eletrônicas (custos, conselhos editoriais, etc.) devem ficar prontas para decisão de Assembléia na reunião que precede o 30º EnANPAD.

Na mesma Assembléia de 21 de junho de 2006 foi proposta e aprovada a subdivisão da Divisão Acadêmica de Finanças e Contabilidade, constituindo-se uma Divisão de Finanças e outra de Contabilidade, a vigorarem a partir de janeiro de 2007. Foi também proposta a criação de uma Divisão Acadêmica em Agronegócios, mas não foi autorizada pela Assembléia, voltando a debate em próxima reunião. E também ficou para decisão futura a organização de um encontro setorial específico para Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho.

Ao encaminhar estes originais para editoração, a programação do 30º EnANPAD ainda estava em organização, mas alguns aspectos já tinham sido decididos: a organização do Consórcio Doutoral, como de praxe, no dia que precede a abertura oficial do evento; a presença de conferencistas estrangeiros convidados em cada uma das Divisões Acadêmicas. Os demais detalhes da programação ainda não haviam sido acertados ou divulgados.

Em Assembléia Geral de 21 de junho de 2006, ao lado da aprovação da filiação de novos membros institucionais, notícias da Diretoria Científica, Diretoria de Acreditação, eleição dos Programas Membros do Comitê Executivo e do Comitê do Teste ANPAD, foi promovida eleição para a diretoria da ANPAD no período 2007–2008. A diretoria atual apresentou sua candidatura à reeleição, apenas modificando o nome a ocupar a Diretoria Administrativa, para a qual foi indicado Hudson Fernandes do Amaral, da UFMG. Não houve outra candidatura. A votação foi por voto individual, a pedido da Presidência da ANPAD, e não por aclamação como tem sido praxe em várias eleições, tendo a chapa sido reeleita com 47 votos favoráveis e 6 abstenções.

Os EnANPADs permaneceram absolutos como encontros de divulgação da pesquisa em Administração desenvolvida nos Programas de pós-graduação até 2000, quando surgiu o primeiro encontro setorial, o EnEO – Encontro Nacional de Estudos Organizacionais, realizado em Curitiba / PR. É bem verdade que anos antes, em 1984, acontecera o encontro temático “Teoria Administrativa e Administração Universitária” em Gramado / RS, como promoção da ANPAD. Tal encontro teve o patrocínio habitual das agências de financiamento, acrescido do apoio decidido da Comissão Fulbright que possibilitou a vinda ao Brasil dos professores Peter Blau, Kim Cameron e Philip Markus. O encontro teve anais publicados pela RBAE – Revista Brasileira de Administração da Educação, em número especial (1984). Os encontros setoriais como

uma atividade ordinária, embora bienal, em algumas áreas do conhecimento, no entanto, iniciaram efetivamente com o EnEO, que, no ano de comemoração dos 30 anos da ANPAD, realizou o IV EnEO.

Os encontros setoriais levados a efeito pela ANPAD, além do EnEO, têm sido o Encontro de Estudos em Estratégia (o 3 Es), que já realizou dois encontros bienais; o Encontro de Marketing (EMA) que, também no ano de 2006, realizou seu II EMA, o primeiro tendo sido em 2004; o Encontro de Administração Pública e Governança (EnAPG) que já realizou o I EnAPG em 2004 e realiza o segundo em 2006. Pela primeira vez sob a organização da ANPAD, acontece em 2006, em Gramado / RS, o XXIV Simpósio de Gestão da Inovação Tecnológica, evento criado e organizado pela FEA/USP até o vigésimo terceiro evento.

Os próximos capítulos registram dados e comentários sobre os diversos eventos setoriais realizados pela ANPAD.

Construindo uma
Associação Científica:

30
TRINTA ANOS da **ANPAD**
- memórias, registros, desafios -

Parte III

Os Encontros Setoriais

CAPÍTULO 15

EnEO – Encontro de Estudos Organizacionais^{II}.

com a colaboração de Marcelo Milano Falcão Vieira

O EnEO – Encontro de Estudos Organizacionais – foi o primeiro encontro setorial da ANPAD, realizado em Curitiba / PR, em junho de 2000. A idéia motriz percorreu trajetórias tentativas, antes de concretizar-se no formato EnEO. Em diversas oportunidades, houve tentativa de aglutinação através de um Grupo de Estudos Organizacionais (GEO), em que um dos artífices foi a ex-Presidente Tânia Fischer, que assumiu a tarefa de emitir um Boletim do GEO. O GEO/ANPAD chegou a ter reuniões e também expedir um Boletim GEO/ANPAD que teve dois números, em 1997/98. No segundo número do Boletim, expedido em 29 de outubro de 1997, aparece uma proposta de publicação feita por Miguel Caldas, então na FGV/EAESP: “a proposta é a de que o grupo organize, de forma permanente e em editoria volante e eleita, uma publicação exclusivamente voltada para a pesquisa brasileira no campo de organizações, em estilo *Annual Review*”. A leitura do Capítulo 14, deste livro, registra a probabilidade de serem criadas, pela ANPAD, revistas eletrônicas, o que virá a concretizar, dez anos depois, a idéia supracitada.

Segundo depoimento de Clóvis Machado-da-Silva⁴³, foi no final de 1994 que ele e Tânia Fischer conversaram, no edifício onde se localiza a CAPES, sobre a possibilidade de se constituir um grupo ou uma associação de estudos organizacionais, vinculado à própria ANPAD. Aparentemente, o tamanho dos EnANPADs já preocupava os participantes e demandava a existência de um grupo menor, para aprofundar a discussão em campos específicos e reunindo-se durante os EnANPADs. Outras pessoas foram certamente contatadas para dar apoio a essa idéia nascente.

Mas, somente no encontro da ANPAD de Rio das Pedras / RJ, em 1996, é que acabou ocorrendo uma sessão informal entre interessados nos estudos organizacionais e se discutiu a idéia de articulação informal de um grupo de estudos organizacionais. Durante o restante do ano e até setembro de 1997, esse grupo

^{II} Dados colhidos principalmente em depoimento escrito de Clóvis Luiz Machado-da-Silva e em depoimentos orais e contribuições de Cristina Carvalho, Darcy Mitiko Mori Hanashiro, Marcelo Milano Falcão Vieira, Maria Ceci Misoczky, Maria José Tonelli, Tânia Fischer e em minhas próprias lembranças. A parte final do texto contou com a colaboração específica de Marcelo Milano Falcão Vieira.

informal pouco se articulou. No EnANPAD de 1997, novamente em Rio das Pedras, realizou-se a segunda reunião informal desse grupo. Novamente o que foi ali tratado não teve o necessário desdobramento na seqüência. Em setembro de 1998, no EnANPAD em Foz de Iguaçu, a terceira reunião informal teve poucos participantes, revelando certo esvaziamento da idéia. A partir daí não se falou mais no assunto, com a conseqüência, no EnANPAD de 1999, de não realização de qualquer reunião, parecendo ser este o esvaziamento da idéia.

A idéia tomou novo rumo, pela ação de Clóvis Machado-da-Silva. Sediado, nessa época, já em Curitiba, reuniu-se ele com a colega Valéria Fonseca no sentido de articulação de um evento específico, que pudesse ser ponto de referência para os pesquisadores da área de Estudos Organizacionais. Os desdobramentos foram assumidos por ele próprio, tendo em vista sua presença nos órgãos financiadores da pesquisa na pós-graduação brasileira. Foi preparado um pedido específico de recursos financeiros ao CNPq, formulado por Clóvis Machado-da-Silva e por Valéria Fonseca para a realização de um “Encontro de Estudos Organizacionais – EnEO”. Segundo o próprio Clóvis Machado-da-Silva, apesar de esperar certo grau de auxílio, acabou sendo surpreendido pela plena aceitação da proposta, que foi, na época, de R\$ 80.000,00 (Oitenta mil reais). É verdade que Clóvis integrava, à época, o Conselho Deliberativo do CNPq, e, conseqüentemente, conforme ele mesmo declara, o acesso às informações sobre recursos e onde obtê-los era facilitado.

Assim, os recursos financeiros conseguidos garantiram a efetivação, em 2000, do I Encontro de Estudos Organizacionais – EnEO, em Curitiba. Com os recursos recebidos do CNPq foram pagas 53 passagens aéreas, uma por trabalho selecionado (entre 146 submetidos e avaliados por 25 acadêmicos da área, em sistema de *blind review*), além de passagens aéreas para palestrantes convidados, bem como a vinda de John Child para fazer a palestra de abertura, cujo título foi “Teorizando sobre organizações entre nações”. Exceção feita ao pagamento da hospedagem por participante, todas as demais despesas do evento – salas e refeições para os participantes que apresentaram trabalhos – foram cobertas pelos recursos do CNPq. Os trabalhos aprovados constaram de anais, produzidos em CD-ROM.

A apresentação do EnEO, no caderno com os Resumos dos Trabalhos⁴⁴, assinada por Clóvis L. Machado-da-Silva, coordenador do EnEO 2000, tecia as ligações mais antigas da idéia e os contornos teóricos do evento:

O EnEO 2000, I Encontro de Estudos Organizacionais, constitui iniciativa do Grupo de Estudos Organizacionais da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Administração – GEO/ANPAD.

[A concepção do ENEO 2000] leva em conta os principais questionamentos que têm sido feitos, em anos recentes, sobre o ensino e a pesquisa, sobre teoria e construção do conhecimento, sobre a fragmentação e a identidade do campo de estudos organizacionais no país (p.iii). [...]

Os temas básicos abordados nos 53 trabalhos selecionados são os seguintes: a) praxis organizacional – teoria, pesquisa e ensino; b) relações interorganizacionais e redes organizacionais; c) conhecimento e gestão do conhecimento em organizações; d) mapas cognitivos; e) aprendizagem organizacional; f) qualidade total; g) instituições, cultura e identidade organizacional; h) mudança organizacional; i) estratégia, inovação e competência em organizações (p.iii).

No seu conjunto, os artigos escolhidos revelam o amadurecimento do campo de estudos organizacionais no país. A análise predomina sobre a prescrição. Os ensaios trazem contribuições relevantes. Os trabalhos teórico-empíricos tratam a metodologia de maneira mais cuidadosa, bem como procuram, de forma mais consistente, articular o quadro de referência conceitual com os dados empíricos (p.iv).

O nível de análise dominante nos artigos selecionados é o organizacional, o que significa que se mantém a tendência de predomínio de estudos que utilizam perspectivas macro relativamente a aqueles que se detêm na verificação do relacionamento entre o indivíduo e a organização (p.iv).

Na sessão de encerramento do I EnEO decidiu-se que o II EnEO seria realizado dois anos após, em 2002, em Recife / PE, sob a responsabilidade do PROPAD/UFPE, onde efetivamente se realizou, sob a coordenação de Cristina Amélia Carvalho e Marcelo Milano Falcão Vieira, ambos integrantes do PROPAD/UFPE à época (Marcelo hoje encontra-se na FGV/EBAPE). Nesse II EnEO foram submetidos 231 trabalhos, tendo sido selecionados 73. O conferencista convidado para o II EnEO foi o Senador Roberto Freire.

A organização do II EnEO foi inteiramente assumida pela UFPE – aliás, a última vez em que os Programas ficaram totalmente responsáveis pela organização.

Todos os cuidados, afirma Cristina Carvalho, foram tomados para que nada houvesse que empanasse o brilho do encontro. Mas, mesmo assim, “de repente um trio elétrico passou a tocar na frente do hotel do evento!” perturbando todas as sessões.

A organização do evento, em Recife, decidiu homenagear, com um mimo típico de “arte popular nordestina”, pessoas julgadas pioneiras e que em muito contribuíram para o desenvolvimento da área de Estudos Organizacionais. Foram aquinhoados os seguintes professores: Carlos Osmar Bertero, Clóvis Luiz Machado-da-Silva, Fernando Cláudio Prestes Motta, Paulo Roberto Mendonça Motta, Roberto Costa Fachin, Suzana Braga Rodrigues e Tânia Fischer. No encerramento do evento em Pernambuco, em 2002, foi decidido que o EnEO seguinte seria organizado pela FGV/EAESP, em 2004, ano do 50º aniversário da Escola.

Assim, o III EnEO realizou-se em Atibaia / SP, em junho de 2004. Nesse encontro foram recebidas 500 submissões e aprovadas 146. O evento praticamente dobrou de tamanho em relação ao anterior e contou com a participação de mais de 300 autores, de diferentes instituições das mais diversas regiões do país. A coordenação geral foi de Carlos Osmar Bertero, com o comitê de coordenação composto também Maria José Tonelli e Rafael Alcadiapani da Silveira e por Clóvis Machado-da-Silva, então Presidente da ANPAD.

A chamada deste encontro incluiu Áreas Temáticas típicas, por exemplo: Interdisciplinaridade e Estudos Organizacionais, Relações Internacionais e Análise de Redes, Organizações da Sociedade Civil, Cultura e Poder nas Organizações, Estudos Organizacionais e Práticas de Gestão, entre outros. Cabe destacar, entretanto, que, pela primeira vez foram colocadas como Áreas Temáticas: “Estudos Organizacionais em Países Emergentes”, provocativo na questão da especificidade da realidade brasileira e latino-americana e que foi colocado como centro temático da chamada de trabalhos; além disso, o tema dos “Estudos Organizacionais Críticos” também esteve presente, tema este que terá presença marcante no EnEO seguinte, em Porto Alegre.

O evento contou com sessões tradicionais de apresentação de trabalhos e também sessões interativas, formato que começava a ser explorado também nos outros encontros da ANPAD e, reconhecidamente, um meio inteligente de debate entre autores e suas idéias.

O evento contou ainda com espaços de convívio musical, com apresentação de chorinho (típico do Estado de São Paulo) e do Coral da FGV/EAESP, composto por alunos, funcionários e professores, com música popular brasileira, que fizeram o maior sucesso.

Como conferencistas foram convidados dois nomes da área de Estudos Organizacionais: Mary Jo Hatch, da McIntire School of Commerce – University of Virginia, e John Hassard, da Manchester School of Management – UMIST, conhecido na área por sua atuação em Estudos Organizacionais Críticos.

Pouco antes do III EnEO, ocorreu o falecimento de um dos pioneiros da área, Fernando Cláudio Prestes Motta, muito sentido pela comunidade acadêmica em geral. A organização do encontro decidiu, então, criar o Prêmio Fernando Cláudio Prestes Motta, uma homenagem à inestimável contribuição deste acadêmico ao desenvolvimento da área de estudos organizacionais no Brasil, a ser atribuído, em cada EnEO, ao melhor trabalho nele apresentado. Nesse EnEO, o trabalho julgado merecedor do Prêmio (uma placa sugestiva) foi o trabalho *Agroecologia: Identidade e Realidade*, de autoria de Márcio André Leal Bauer (PPGA/EA/UFRGS/Fundação Universidade do Rio Grande) e Zilá Mesquita (PPGA/EA/UFRGS), e o prêmio foi entregue por dona Cristina Prestes Motta, viúva de Fernando Claudio Prestes Motta.



Coral da FGV/EAESP, no IV EnEO.

Equipe da secretaria da ANPAD que viabiliza todos os eventos: Ana Paula, Rosângela e Rafaela.

Entrega do prêmio Fernando Prestes Motta. Ao centro a Sr.^a Cristina Prestes Motta, viúva do homenageado com o nome do prêmio. Ao seu lado, os autores do trabalho premiado: Zilá Mesquita e Márcio André Leal Bauer.

Em inícios de junho de 2006, o IV EnEO foi realizado em Porto Alegre, sob a coordenação local da Escola de Administração da UFRGS, sob a responsabilidade da Divisão de Estudos Organizacionais (DIVEOR), coordenada por mim no período de 2005–2006, uma das Divisões Acadêmicas implantadas pela gestão da ANPAD, em janeiro de 2005. Foi decidido que o EnEO teria, pela primeira vez, um tema orientador, no caso “Apropriando teoria e prática –

deslocando o centro". O tema orientador, inspirado explicitamente em Guerreiro Ramos, assim era justificado:

A apropriação da teoria e da prática pode ser entendida em diversos sentidos, entre os quais mencionamos: honrar nossa tradição intelectual, abordar temas relevantes para nosso tempo e espaço, interagir na sociedade enquanto acadêmicos e cidadãos preocupados com nosso contexto de vida e trabalho, incorporar traços de nossa identidade cultural enquanto produtores de conhecimento. Não se trata de adotar um nacionalismo ingênuo, nem o isolamento com relação ao que se realiza no restante do mundo. O que se pretende é problematizar onde está o centro em torno do qual nos organizamos e produzimos. Ao fazê-lo, evidentemente, estamos levantando a possibilidade que esse centro se localize aqui. Aqui pode e deve ter vários sentidos: aqui no sul global, aqui na América Latina e em nossa proximidade com os países africanos – especialmente os de língua portuguesa, aqui no Brasil em sua enorme diversidade de locais e regiões. [...] Esperamos uma ampla variedade de contribuições, já que o tema central desta chamada de trabalhos expressa uma preocupação que, temos certeza, ronda nossa comunidade de estudiosos de organizações, ainda que não de modo claramente expresso. Portanto, se existe um desafio nesta proposta, é o de explicitarmos nossas posições, reflexões e incertezas sobre a apropriação da nossa produção acadêmica.



O quarteto da organização do III EnEO: Professores Mary Jo Hatch, da McIntire School of Commerce, University of Virginia, Rafael Alcázar da Silveira, Maria José Tonelli, Carlos Osmar Bertero, da FGV/EAESP e John Hassard, da Manchester School of Management – UMIST. Clóvis Luiz Machado-da-Silva é o coordenador geral.



A opção por organizar um encontro com tema orientador teve suas raízes na própria instituição das Divisões Acadêmicas e da responsabilidade que lhe é atribuída de não só congregar, como mesmo orientar o desenvolvimento do conhecimento na área. Tal missão envolvia, no entender

dos organizadores, não só eliciar novos temas de investigação como também dirigir a atenção para aspectos outros não cogitados nas linhas de investigação.

Outra novidade foi a de adotar uma nova forma de submissão – por *resumos ampliados* – sem uma segunda avaliação dos trabalhos completos. Foram submetidos 738 resumos ampliados e aprovados 142, obedecida a diretriz do tema orientador, subdivididos em quatro modalidades: A1 – trabalhos completos; A2 – trabalhos em processo; A3 – arte e estudos organizacionais; A4 – sessões coletivas (reuniões de grupos interinstitucionais de pesquisa). O processo de verificação (se estavam, ou não, dentro da temática – ou tema orientador) e seleção foi um processo difícil pois envolvia uma nova postura de análise e, mesmo, uma certa interpretação do que seria “deslocar o centro”. Dos resumos selecionados, somente dois não apresentaram o texto final, o que era um temor dos organizadores pela forma inédita de seleção de trabalhos. Distribuídas por modalidades, as estatísticas de submissão foram as seguintes: A1 Trabalhos Concluídos: 462; A2 Trabalhos em Construção: 237; A3 Interfaces entre Arte e Estudos Organizacionais: 21; A4 Sessões Coletivas: 18.

Decisivo, neste IV EnEO, foi o papel reservado à coordenação local do encontro, a professora Maria Ceci Araújo Misoczky, não só pela sua capacidade de contribuir com idéias inovadoras na organização do encontro, como a disposição para enfrentar os dilemas que possivelmente ocorreriam quando da submissão de trabalhos em várias modalidades. A outra foi a disponibilidade manifestada pela Direção da Escola de Administração da UFRGS em ceder o prédio da Escola, inclusive deslocando aulas para outros locais dentro da Universidade, para possibilitar que o encontro se efetivasse em próprio universitário. E, tudo isso, sem custos adicionais para a ANPAD.

No processo de triagem e seleção dos resumos ampliados, houve também margem para descontração, ao se ler afirmações curiosas como a que continha um dos resumos: dizia-se, literalmente, “parte-se da premissa que a pessoa continua a ser estudada no campo do Comportamento Organizacional”...

Muitos trabalhos foram sumariamente eliminados por não estarem dentro da temática – alguns evidentemente originários de outras áreas da ANPAD – a ponto de uma das componentes do grupo ter aventado que, para o próximo carnaval, se a ANPAD fizesse um bloco, esse poderia ser denominado “Desenquadrados da temática”...

Na organização do evento, decidiu-se também abrir espaço para palestras sobre autores representativos das áreas geográficas onde se realiza o encontro, no caso, o Rio Grande do Sul (uma sugestão originada em conversa com Tânia Fischer) tendo sido decidido que Erico Verissimo, escritor gaúcho particularmente famoso pela sua trilogia “O Tempo e o Vento” em que a história do Rio Grande do Sul é integrada por lúcidas análises sociais e políticas, seria tema da palestra inaugural. O conferencista escolhido foi o Dr. Flávio Loureiro Chaves, estudioso da obra de Erico Verissimo e pesquisador com linha de pesquisa sobre literatura e aspectos sociopolíticos.

Além dos vários formatos de apresentação de trabalho que envolviam, inclusive, experiências de ensino com atividades lúdicas e envolvendo poesia, prosa e administração, despertando particular interesse, houve, no aspecto litero-musical, a apresentação de grupos de teatro de rua (que tiveram que ser apresentados dentro de casa, pela temperatura reinante no mês de junho, em Porto Alegre).

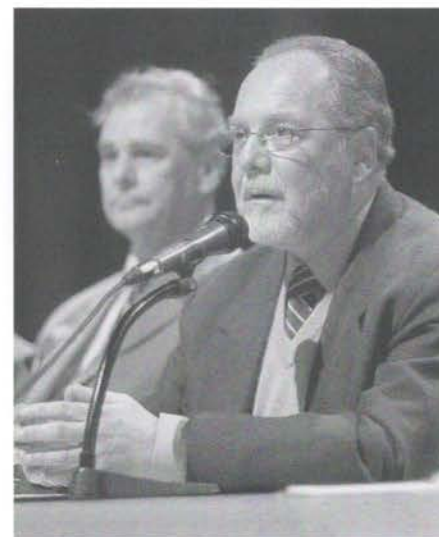
Finalmente, tinha sido decidido pela coordenação do evento que se convidaria reconhecidos pesquisadores brasileiros em estudos organizacionais, para apresentarem sua trajetória de pesquisa em palestra específica. Foram convidados Clóvis Machado-da-Silva, para falar sobre seu caminho de pesquisa em Teoria Institucional e Tânia Fischer, sobre sua experiência na organização do grupo de pesquisa na Bahia. Ambos preferiram, no entanto, adotar posturas ligeiramente distintas. Na programação final, ambos não quiseram ser conferencistas clássicos. Preferiram repartir a mesa com outros professores. No caso de Tânia Fischer, justificando-se pela importância que o tema se apresenta na atualidade, apresentou exposição sobre Estudos Curriculares e Estudos Organizacionais, tendo como debatedores Carlos Osmar Bertero (FGV/EAESP e Presidente da ANPAD) e Tomás de Aquino Guimarães (UnB e Representante da área na CAPES). Por seu lado, Clóvis Machado-da-Silva preferiu coordenar uma mesa redonda, sobre Teoria Institucional, em que figuraram Charles Kirchbaum (FEI-SP), Flávio Vasconcellos (FGV/EAESP), João Alberto Crubellate (UEM) e Marcelo Milano Falcão Vieira (FGV/EAESP). Não foi exatamente o que os organizadores tinham em vista, pois o que se pretendia era conseguir o relato da trajetória de pesquisa de pesquisadores reconhecidos em nosso meio que pudesse servir como estímulo a outros. Será que o fato de ser convidado para ser conferencista em um evento nosso seria considerado por eles evidência demasiada?

O Prêmio Fernando Cláudio Prestes Motta foi entregue, na sessão de encerramento, ao trabalho *Teoria Crítica e a Desnaturalização do Tercei-*

ro Setor: a Urgência de Novas Sínteses, de autoria de Armindo dos Santos de Souza Teodósio (FGV/EAESP – PUCMinas) e Mário Aquino Alves (FGV/EAESP).

Finalmente, tanto na sessão inaugural como no encerramento, foi divulgado que o V EnEO deverá ser realizado em Belo Horizonte, em 2008, sob a coordenação geral da UFMG, mas possivelmente incluindo outras universidades em sua organização, tanto na cidade de Belo Horizonte, como em localidades ou mesmo estados vizinhos.

Embora o espaço conseguido com a criação do EnEO como evento setorial mais antigo dentro da área, os limites ou contornos do que é entendido como Estudos Organizacionais têm sido mutantes, desde a época em que **Organizações** dos EnANPADs era discriminada entre Organizações/Comportamento Organizacional e Organizações/Teorias das Organizações até o ano de 2005, em que na constituição da Divisão de Estudos Organizacionais, se definiram três Áreas Temáticas, duas clássicas – Teoria das Organizações e Comportamento Organizacional e uma emergente – Gestão das Organizações e Desenvolvimento. Participantes da área têm manifestado interesse em não só delimitar melhor os contornos da área de Estudos Organizacionais como melhor definir a interface entre Comportamento Organizacional e Gestão de Pessoas.



Abertura do IV EnEO. Na foto, o Diretor da Escola de Administração da UFRGS, João Luiz Becker, e Flávio Loureiro Chaves, conferencista convidado para a abertura.



Na foto, Roberto Fachin, coordenador geral do IV EnEO (2006) e Carlos Osmar Bertero, Presidente da ANPAD, na entrega do prêmio de melhor trabalho a Armindo Teodósio, primeiro autor.

Mesa de abertura do IV EnEO: Walter Moraes, Roberto Fachin, Carlos Osmar Bertero, Flávio Loureiro Chaves (conferencista), João Luiz Becker e Ernani Ott.

A exemplo de outras áreas de conhecimento da ANPAD, pesquisadores da área de Estudos Organizacionais (ou Organizações) vêm há algum tempo demonstrando preocupação em conhecer e analisar sua própria produção. Assim, observa-se que os Estudos Organizacionais vêm passando por importantes mudanças que revelam um esforço, por parte de diversos teóricos da área, no sentido de desenvolver pesquisas mais autônomas e conectadas com a realidade da sociedade na qual estamos imersos. Além disso, percebe-se que o espaço da área de Estudos Organizacionais em congressos e revistas acadêmicas vem aumentando ao longo do tempo⁴⁵.

O primeiro estudo identificado é o de Machado, Cunha e Amboni (1990, p. 26-27), que tinha por objetivo analisar as publicações na área de Estudos Organizacionais no período entre 1985-1989. Foi observado, nesse estudo, um “aumento quantitativo da produção acadêmica na área”, sendo o paradigma funcionalista aquele que fundamentava a maior parte dos trabalhos em questão. Ainda, os autores constataram “a predominância do enfoque prescritivo sobre o enfoque analítico nos artigos analisados”, o que era motivo de preocupação para os autores.

Quatro anos mais tarde, Bertero e Keinert (1994) analisaram a evolução dos Estudos Organizacionais no Brasil a partir dos artigos publicados pela Revista de Administração de Empresas (RAE), no período entre 1961 e 1993. Eles concluíram que há uma predominância das idéias norte-americanas na produção acadêmica brasileira, e que nós continuamos a consumi-las de forma contínua. Por esse mesmo motivo, afirmam que a produção nacional nesse período é de “reduzida originalidade”. Ainda, os autores constataram que a posição marxista faz-se ausente dos artigos em análise organizacional nesse período.

Por sua vez, Vergara (2001, p. 75), ao analisar a produção científica nacional em estudos organizacionais no período entre 1994 e 1998, concluiu que havia uma predominância de referências estrangeiras em tais trabalhos, sobretudo de origem norte-americana. Entretanto, a autora mostra que houve um aumento considerável de referências brasileiras no período, o que sinalizava, para ela, uma “maior associação entre pesquisa e realidade nacional”, assim como “uma certa busca de independência intelectual”. Diferentemente dos autores citados anteriormente, os quais constataram que o aumento quantitativo da produção acadêmica não foi acompanhado do aumento em sua qualidade, Vergara (2001, p. 75) afirma que “a maior vinculação a referências brasileiras pode ser um sinal de que a qualidade está se aprimorando (...)”.

Posteriormente, Vergara e Peci (2003), ao analisarem o tipo de metodologia privilegiada por autores brasileiros na área de Estudos Organizacionais, perceberam

que há uma certa resistência por parte da nossa academia em “construir e testar hipóteses”. As autoras ainda afirmam que outros objetivos que não os explicativos, bem como o tratamento qualitativo, são privilegiados nas revistas brasileiras.

Recentemente percebe-se que há uma busca por parte de diversos pesquisadores de Estudos Organizacionais em tornar a área mais aberta a outras opções metodológicas diferente daquelas mais tradicionais, em torná-la mais analítica, e, ao mesmo tempo, torná-la mais autônoma e mais brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERTERO, Carlos Osmar; KEINERT, Tania Margarete Mezzomo. A evolução da análise organizacional no Brasil. **Revista de Administração de Empresas (RAE)**, São Paulo, v. 34, n. 3, p. 81-90, 1994.
- MACHADO, Clóvis; CUNHA, Vera Carneiro da; AMBONI, Nério. O estado da arte da produção acadêmica no Brasil. **Anais do 14º EnANPAD**, p. 11-28, 1990.
- VERGARA, Sylvia Constant. A hegemonia americana em estudos organizacionais, **Revista de Administração Pública (RAP)**, v. 35, n. 2, 2001.
- VERGARA, Sylvia Constant; PECI, Alketa. Escolhas metodológicas em estudos organizacionais. **Organizações & Sociedade**, v. 10, n. 27, p. 13-26, 2003.

CAPÍTULO 16

3 Es – Encontro de Estudos em Estratégia^{III}.

com a colaboração de Valéria Fonseca

O I Encontro de Estudos em Estratégia (3 Es) foi o segundo evento setorial concebido pela ANPAD. Assim como o I EnEO, o encontro também foi realizado na cidade de Curitiba / PR, no período de 18 a 20 de maio de 2003. A organização do I 3Es foi de responsabilidade conjunta de dois Programas filiados à Associação: o Centro de Pesquisa e Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Paraná (CEPPAD/UFPR) e o Programa de Pós-Graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PPAD/PUC-PR). A Comissão Executiva do evento, por delegação da ANPAD, foi constituída por três professores: Eduardo Damião da Silva (PPAD/PUCPR), Sergio Bulgacov (CEPPAD/UFPR) e Valéria Silva da Fonseca (PPAD/PUCPR). Outros treze docentes fizeram parte da Comissão Organizadora: Adalberto Américo Fischmann (FEA/USP), Alexandre de Almeida Faria (IAG/PUC-Rio), Antônio de Araújo Freitas (IBMEC-RJ), Carlos Osmar Bertero (FGV/EAESP), Clóvis L. Machado-da-Silva (CEPPAD/UFPR), Fernando Antônio Prado Gimenez (PPA/UEM), Jaime Evaldo Fensterseifer (PPGA/UFRGS), Jorge Ferreira da Silva (IAG/PUC-Rio), Reynaldo Cavalheiro Marcondes (Universidade Mackenzie), Rogério H. Quintella (NPGA/UFBA), Sérgio Henrique Arruda Cavalcante Forte (CMA/UNIFOR), Tomás de Aquino Guimarães (CMA/UnB) e Walter Fernando Araújo de Moraes (PROPAD/UFPE).

A área de Estratégia em Organizações já era, naquele momento, uma das linhas temáticas do EnANPAD. Porém, como crescia cada vez mais o volume de artigos submetidos a ela por ano, pretendia-se que a implementação de um encontro específico auxiliasse na consolidação de um espaço já legitimado para o desenvolvimento do conhecimento em Estratégia no Brasil. Logo, os objetivos específicos formulados para o evento foram os seguintes: 1) promover

^{III} Texto concluído com a colaboração de Eduardo Damião, Valéria Fonseca e Sergio Bulgacov, no que se refere ao I 3 Es, e Jorge Ferreira da Silva, no que respeita ao II 3Es. A parte final, relativa à evolução do conhecimento na área, foi preparada por Valéria Fonseca, a pedido.

o encontro entre pesquisadores da área de Estratégia no Brasil, a fim de fomentar debates sobre temas relevantes e estabelecer potenciais agendas de pesquisa; 2) promover o desenvolvimento da área de Estratégia no Brasil por meio do intercâmbio de informações sobre pesquisas que estão sendo realizadas nas instituições brasileiras; e 3) contribuir para o desenvolvimento das Organizações no Brasil em termos de competitividade, relações com o ambiente, aprimoramento das condições internas, conteúdos e processos estratégicos, por meio da disseminação dos resultados das pesquisas realizadas e do intercâmbio mais próximo entre pesquisadores, profissionais e praticantes.

Em conformidade com a evolução técnica do processo de submissão de trabalhos para os EnANPADs, aguardavam-se submissões de artigos inéditos no Brasil, via internet, por meio do *site* da ANPAD, resultantes de pesquisas ou de ensaios, na forma de artigos prontos para publicação, com o máximo de dezoito páginas, incluindo resumo, ilustrações, referências bibliográficas e notas de final de texto. Acentuava-se, como resultado de encontros anteriores da área, a necessidade de aumento no número de páginas com o objetivo de possibilitar que os procedimentos metodológicos utilizados fossem adequadamente explorados e as conclusões mais bem elaboradas no trabalho.

Foram definidas 11 Áreas Temáticas para submissão de trabalhos: 1) Perspectivas Teóricas e Construção do Conhecimento em Estratégia; 2) Métodos e Procedimentos de Pesquisa em Estratégia; 3) Estratégia e Estudos Organizacionais; 4) Estratégia e Desenvolvimento Econômico-social; 5) Estratégia, Ética e Responsabilidade Social; 6) Estratégia e a Questão Ambiental; 7) Estratégia e Empreendedorismo; 8) Alianças e Redes Estratégicas; 9) Competitividade, Competição, Competência e Recursos; 10) Controle e Avaliação de Estratégias; 11) Implementação em Estratégia.

O encontro alcançou a repercussão esperada. A Comissão de Avaliação, composta por 45 docentes atuantes na área de Estratégia, vinculados a diversas instituições nacionais, analisou 438 artigos submetidos. Sob o sistema de avaliação anônima, eles selecionaram 96 artigos para serem apresentados e integrarem os anais do evento. Inscreveram-se no encontro 212 participantes.

O I 3 Es foi iniciado com a palestra intitulada *Uma Década de Produção Científica em Estratégia Empresarial*, proferida por Carlos Osmar Bertero (FGV/EAESP) e Flávio Carvalho de Vasconcelos (FGV/EAESP) e mediada por Clóvis L. Machado-da-Silva (CEPPAD/UFPR), Presidente da ANPAD à época. Tal palestra foi transformada em artigo publicado na Revista de Administração de Empresas, conforme comentado e referenciado no final do presente

capítulo. Também se destacou no encontro a apresentação da mesa-redonda intitulada *Caminhos Quantitativos e Qualitativos para a Pesquisa em Estratégia no Brasil: Confronto ou Conversação entre Abordagens Alternativas?*, composta pelos palestrantes Clóvis L. Machado-da-Silva (CEPPAD/UFPR), Jorge Ferreira da Silva (IAG/PUC-Rio), Tomás de Aquino Guimarães (CMA/UnB) e Walter Fernando Araújo de Moraes (PROPAD/UFPE), e coordenada por Sergio Bulgacov (CEPPAD/UFPR).

Além disso, já na chamada de trabalhos anunciou-se que, após o evento, alguns trabalhos seriam selecionados para compor um número especial da Revista de Administração Contemporânea (RAC). Tal promessa foi efetivamente cumprida com a publicação de 10 dos 96 artigos apresentados no encontro, na Edição Especial 2004, do volume 8 da revista, cujos editores foram os três integrantes da Comissão Executiva do I 3Es, além de Tomás de Aquino Guimarães (CMA/UnB), Editor da RAC naquela ocasião. O critério de seleção dos artigos publicados nessa edição especial foi a pontuação obtida em novo processo de avaliação anônima, conduzido por avaliadores designados para o evento e por avaliadores indicados pela RAC.

O II Encontro de Estudos em Estratégia (3 Es) foi realizado no Rio de Janeiro / RJ, dois anos depois, no período de 08 a 10 de junho de 2005. Dois Programas filiados à ANPAD tiveram a responsabilidade de sua organização – o Instituto de Administração e Gerência/IAG da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/PUC-Rio e Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração/COPPEAD da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ. A coordenação executiva do evento coube aos professores Jorge Ferreira da Silva (IAG/PUC-Rio) e Agrícola Bethlem (COPPEAD/UFRJ).



Dirigentes da ANPAD e da Comissão Organizadora do II 3 Es: Adalberto Fischmann, Clóvis Machado-da-Silva, Agrícola Bethlem, Carlos Osmar Bertero, Antonio Freitas, Ernani Ott e Walter Moraes.



Diretoria da ANPAD na abertura do II 3 Es.

Inovou-se, na organização do encontro, nos moldes, aliás, do que já estava acontecendo nos EnANPADs, no sentido da especificação de diferentes formatos de apresentação de trabalho: a) *apresentação tradicional*: com 15 a 20 minutos de apresentação para cada trabalho, seguida de debates imediatos ou ao final da sessão (a critério da coordenação), com a platéia se distribuindo no usual *layout* de auditório e os autores de trabalhos podendo utilizar recursos audiovisuais; b) *apresentação interativa*: em que era requerida a leitura prévia de todos os trabalhos da sessão por parte de cada um dos autores/apresentadores, recomendando-se esse procedimento também aos membros da platéia, o que foi possibilitado pela disponibilização via eletrônica – pela primeira vez, dentro dos eventos da ANPAD – dos textos a serem apresentados. Nesse tipo de apresentação, cada autor dispunha de 10 minutos para apresentar seu trabalho, seguidos por debates, com formato mais ou menos livre, cabendo ao coordenador da sessão a palavra final sobre esse assunto. A apresentação interativa supõe a platéia acomodada em um *layout* de círculos concêntricos e não se utiliza qualquer equipamento de projeção. A finalidade primordial deste tipo de apresentação é a interação entre os autores/apresentadores e também com a platéia. O *layout* e a dispensa de projetores visam a proporcionar caráter mais informal às apresentações; e c) *painéis*: com um mínimo de três participantes (apresentadores/debatedores) e um máximo de cinco, tipo de apresentação concebida para possibilitar uma análise transversal dos trabalhos que compõem a sessão, ou seja, uma discussão específica de determinados tópicos em diferentes trabalhos, sendo utilizado por opção do coordenador do evento, em função dos trabalhos selecionados. No caso do 3 Es foram programados dois painéis, sem vinculação com os trabalhos recebidos: um sobre *Retrospectiva da área* e um outro sobre *Tendências*.

Voltou-se ao padrão de 16 páginas, no máximo, incluindo ilustrações, bibliografia e notas de final de texto. Definia-se limitações técnicas como “não serão aceitos trabalhos com tamanho de arquivo superior a 1 *megabyte*, assim como trabalhos que requeiram *softwares* não contidos no *Microsoft Office* para sua completa visualização”.

O encontro teve a repercussão esperada. Foram submetidos 490 trabalhos, sendo que 75 foram eliminados por enquadramento e 73 por formato, restando 361 para serem submetidos ao grupo de avaliadores (foram utilizados 31 avaliadores). A programação final chegou a 100 trabalhos aceitos para apresentação, que foram subdivididos em 11 grandes subáreas. Foi premiado como melhor trabalho: “*Estudo da Dinâmica da Descoberta e da Difusão de Tecnologias através de Algoritmos Genéticos*”, de autoria de Herbert Kimura, Roberto

Giro Moori e Oscar Kenjiro Asakura, todos do Programa de Pós-Graduação de Administração de Empresas/Universidade Mackenzie.

Os organizadores do encontro resolveram prestar homenagens a professores vinculados à ANPAD e que tiveram participação importante nos primórdios da área. Foram selecionados e agraciados com uma **placa comemorativa** os seguintes professores: Adalberto Fischman (FEA/USP), Agrícola Bethlem (COPPEAD/UFRJ), Carlos Osmar Bertero (FGV/EAESP), Clóvis Luiz Machado-da-Silva (UFPR), Roberto Costa Fachin (PPGA/UFRGS) e Sergio Baptista Zaccarelli (FEA/USP).

Como tem ocorrido em outras Áreas Temáticas da ANPAD, a área de Estratégia em Organizações continua a evoluir como espaço fundamental de desenvolvimento de pesquisas em Administração no Brasil. Os dois encontros setoriais realizados só contribuíram para esta expansão, pois, ao contrário do que se previa a princípio, o sucesso deles não resultou em redução na submissão de artigos à área nos EnANPADs seguintes. Conforme constatado por Jorge Ferreira da Silva (IAG/PUC-Rio), atual coordenador da Divisão Acadêmica de Estratégia em Organizações da ANPAD, já em 2003, logo após a realização do I 3Es, esta área “foi a segunda maior do evento em número de submissões, sem qualquer prejuízo da qualidade e da pluralidade de temas abordados” (Resumo dos Trabalhos do XXVII EnANPAD, 2003, p. 175). A crescente publicação de artigos em periódicos acadêmicos é outra demonstração de que o esforço de pesquisadores e profissionais segue intenso, no sentido de analisar o fenômeno da estratégia sob perspectivas teóricas e metodológicas já consolidadas no campo e sob aquelas com potencial de adicionar novas abordagens ao tema, além de discutir o seu rumo em nível nacional e internacional.

De acordo com Bertero, Vasconcelos e Binder (2003), a obtenção de espaço próprio em eventos e publicações acadêmicas tornou a área de Estratégia autônoma no campo da Administração, seguindo uma tendência internacional, sobretudo a partir da década de 70, quando surgiram periódicos dedicados exclusivamente ao tema. Segundo os autores, em 2003 a maioria da produção nacional na área se baseava em abordagens tradicionais e na busca de compreensão sobre a realidade das empresas brasileiras, embora os estudiosos não estivessem alheios ao que acontecia no exterior. Porém, poucos deles possuíam tradição no exercício profissional em Estratégia e, assim, a maioria era proveniente da área de Organizações, além de Finanças e Marketing, em menor extensão. Deste modo, ainda predominava a concepção de Estratégia enquanto posicionamento, e notava-se a ausência de produção sustentada por pressupostos teóricos oriundos de campos das Ciências Sociais e Comportamentais, com re-

lativa exceção da Sociologia, pelo interesse no uso da vertente sociológica da teoria institucional, e da Antropologia, pelo interesse no entendimento da interface entre Estratégia e Cultura Organizacional.

Verifica-se que, nos dias atuais, os rumos da pesquisa em Estratégia caminham para a internacionalização e a interdisciplinaridade, à medida que ela tem sido mais pautada por análises e debates em âmbito global, além do maior emprego na sua elaboração de pressupostos teóricos advindos da Sociologia e da Antropologia, como também da Economia, das Ciências Políticas e da Psicologia. O Fórum de Estratégia promovido em 2004 pela Revista de Administração de Empresas, intitulado *Novas Perspectivas em Estudos de Estratégia*, com artigos publicados no primeiro número da European Management Review, constitui indicador destas tendências, exemplificadas pelos trabalhos listados a seguir.

- BERTERO, Carlos Osmar; VASCONCELOS, Flávio Carvalho de; BINDER, Marcelo Pereira. Estratégia empresarial: a produção científica brasileira entre 1991 e 2002. *Revista de Administração de Empresas*, v. 43, n. 4, p. 48-62, out./dez. 2003.
- CARTER, Chris; CLEGG, Stewart R.; KOMBERGER, Martin. A "máquina estratégica": fundamentos epistemológicos e desenvolvimentos em curso. *Revista de Administração de Empresas*, Fórum de Estratégia, v. 44, n. 4, out./dez. 2004.
- LOEBEL, Eduardo. Uma análise dos estudos sobre a dimensão política em estratégia de negócios. In: Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 29., 2005, Brasília. *Anais*. Rio de Janeiro: ANPAD, 2005. 1 CD-ROM.
- LOEBEL, Eduardo; PRADO JÚNIOR, Sérgio Túlio. Qual é a relevância da teoria crítica para a administração estratégica hoje? In: Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 28., 2004, Curitiba. *Anais*. Rio de Janeiro: ANPAD, 2004. 1 CD-ROM.
- MEIRELLES, Anthero de Moraes; GONÇALVES, Carlos Alberto. Uma abordagem multiparadigmática para a disciplina estratégia. In: Encontro de Estudos em Estratégia, 2., 2005, Rio de Janeiro. *Anais*. Rio de Janeiro: 3Es, 2005. 1 CD-ROM.
- PEGINO, Paulo Marcelo Ferraresi. As bases filosóficas das publicações na área de estratégia das organizações nos Encontros Nacionais da ANPAD. In: Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 29., 2005, Brasília. *Anais*. Rio de Janeiro: ANPAD, 2005. 1 CD-ROM.
- TAVARES, Mauro Calixta; AMARAL, Luís Alexandre Simpson do; GONÇALVES, Carlos Alberto. Construção do conhecimento em estratégia e em competitividade: uma síntese. In: Encontro de Estudos em Estratégia, 1., 2003, Curitiba. *Anais*. Curitiba: 3Es, 2003. 1 CD-ROM.

- VOLBERDA, Henk W. Crise em estratégia: fragmentação, integração ou síntese. *Revista de Administração de Empresas*, Fórum de Estratégia, v. 44, n. 4, out./dez. 2004. (Acessível pelo site www.rae.com.br).
- WHITTINGTON, Richard. Estratégia após o modernismo: recuperando a prática. *Revista de Administração de Empresas*, Fórum de Estratégia, v. 44, n. 4, out./dez. 2004. (Acessível pelo site www.rae.com.br).
- WILSON, David C.; JARZABKOWSKI, Paula. Pensando e agindo estrategicamente: novos desafios para a análise estratégica. *Revista de Administração de Empresas*, Fórum de Estratégia, v. 44, n. 4, out./dez. 2004. (Acessível pelo site www.rae.com.br).

Antes de 2003, ano do I Encontro de Estratégias Empresariais, algumas publicações merecem ser listadas, como as que seguem:

- BIGNETTI, Luiz Paulo; PAIVA, Ely Laureano. Ora (direis) ouvir estrelas!: estudo das citações de autores de estratégia na produção acadêmica brasileira. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 6, n. 1, p. 105-125, jan./abr. 2002.
- FONSECA, Valéria Silva da; MACHADO-DA-SILVA, Clóvis. L. Conversação entre abordagens da estratégia em organizações: escolha estratégica, cognição e instituição. *Organizações & Sociedade*, v. 9, n. 25, p. 93-110, 2002.
- KLOTZLE, Marcelo Cabus. Alianças estratégicas: conceitos e teorias. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 6, n. 1, p. 85-104, jan./abr. 2002.
- PAULINO, Alice Dias et al. Organização e estratégia: tendências de estudos no cenário nacional. In: Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 25., 2001, Campinas. *Anais*. Rio de Janeiro: ANPAD, 2001. 1 CD-ROM.

CAPÍTULO 17

EMA – Encontro de Marketing^{IV}.

*com a colaboração de Cláudio Hoffmann Sampaio
e Marcelo Gatterman Perin*

O encontro setorial mais antigo, depois do EnEO e do 3 Es, é o Encontro de Marketing (EMA), realizado pela primeira vez em Porto Alegre, em 2004. A mensagem da Presidência da ANPAD, impressa no Caderno de Resumos de Trabalhos do evento, assim mencionava a importância do EMA:

[O EMA] constitui evento da Divisão Acadêmica de Marketing da ANPAD [note-se que as Divisões da ANPAD foram efetivamente só implantadas oficialmente, na gestão de 2005–2006 mas, em 2004, a idéia das Divisões já era implantada informalmente, aprovada que fora em reforma estatutária].

A mensagem afirmava, ainda, que “do ponto de vista quantitativo, constituímos uma comunidade sólida, com mais de 3000 trabalhos submetidos para o EnANPAD” mas “já no que se refere à dimensão qualitativa, estamos em progresso, mas precisamos acelerar a velocidade da evolução”.

A mensagem da Presidência entendeu de incluir na Apresentação uma justificativa para a constituição de Divisões Acadêmicas. Assim, dizia:

“Constitui atribuição de cada Divisão Acadêmica promover o desenvolvimento de seu campo de conhecimento e aplicação, estimulando a elevação contínua da qualidade da produção científica e a sua utilização nas atividades de ensino e pesquisa. Para tanto, devem ser integradas por especialistas do campo de conhecimento e precisam funcionar como lugar privilegiado para a interação, o debate e a troca de idéias. O respeito entre pares, a avaliação e a crítica séria e consistente da produção devem constituir os pilares de sustentação, organização e funcionamento de cada divisão acadêmica. Elas precisam funcionar com a função solidária de *locus* de inclusão e pertencimento” (pp. 9-10 dos Resumos de Trabalhos do EMA 2004).

^{IV} O texto sobre o EMA foi baseado em dados de arquivo e em entrevistas com Fernando Bins Luce, um dos coordenadores do I EMA e teve a decisiva colaboração dos professores Marcelo Gatterman Perin e Cláudio Hoffman Sampaio, na identificação de estudos a respeito da produção científica da área.

A mensagem conclui dizendo que a realização do I Encontro de Marketing em Porto Alegre, hospedado pelo PPGA/EA/UFRGS, constitui uma homenagem da ANPAD a um dos Programas que esteve presente à fundação da entidade.

O I EMA foi coordenado por Carlos Alberto Vargas Rossi e Fernando Bins Luce (do PPGA/EA/UFRGS) que tiveram o apoio de uma comissão científica composta ainda por Angela da Rocha (COPPEAD), José Affonso Mazzon (USP), Rogério Quintella (UFBA e ANPAD) e Sergio Benício de Mello (UFPE). Na apresentação da coordenação do evento, foi dito que a “concepção [do EMA] leva em conta os principais questionamentos feitos, em anos recentes, sobre o ensino e a pesquisa, sobre a teoria e a construção do conhecimento, sobre a identidade do campo de estudos em Marketing no país”.



Participantes e dirigentes do II EMA. O penúltimo, à direita, é o coordenador do evento, Marcos Campomar. Mesa diretora de trabalhos do II EMA.

Vinte e sete avaliadores foram mobilizados (mas efetivamente somente 22 fizeram avaliações) para a seleção dos trabalhos submetidos ao I EMA. Foram submetidos 358 trabalhos às nove Áreas Temáticas do EMA e, afinal, escolhidos 60 trabalhos (114 autores, no total). Fernando Bins Luce, um dos coordenadores do evento, informa que foi introduzida, na seleção de trabalhos, sob responsabilidade dele, de Carlos Alberto Rossi e José Affonso Mazzon, uma etapa de pré-seleção, ou seja, todos os trabalhos sofreram um escrutínio prévio de três pessoas da Comissão Científica, eliminando, como de resto se faz em eventos e periódicos internacionais, todos aqueles que não tinham qualidade mínima ou possibilidades de virem a ser selecionados. O trabalho foi hercúleo, pois envolveu a leitura de todos os trabalhos submetidos, mas permitiu uma melhor seleção de trabalhos, do ponto de vista quantitativo, pois foram distribuídos sete trabalhos por avaliador. Além disso, essa etapa, cumulada com uma definição prévia, pelos avaliadores selecionados, de quais eram as Áreas Temáti-

cas do evento que não gostariam de avaliar (cada avaliador trabalhava em 3 Áreas Temáticas, apenas), resultou num trabalho qualitativamente melhorado de seleção de *papers*. Havia, implícita na decisão, o entendimento de que dever-se-ia tentar restringir o número de avaliadores, para garantir mais consistência nos pareceres.

Foi também proposta pela coordenação do EMA uma ficha de avaliação contendo um parecer final do avaliado e a explicitação de uma decisão: aceitar prioritariamente; aceitar; aceitar se a competição for baixa; rejeitar. No entender dos coordenadores do I EMA, a solução encontrada permitiria uma decisão real sobre o trabalho avaliado, pois os diversos itens da ficha de avaliação existente tinham efetivamente pesos diferentes mas eram tratados igualmente e isso deveria ser melhorado.

Foi instituído, nesse I EMA, o **Prêmio Raimar Richers**, uma homenagem à inestimável contribuição do acadêmico ao desenvolvimento da área de Marketing no Brasil. O trabalho premiado neste I EMA foi *Elementos Formadores de Preferências no Ambiente da Internet*, de autoria de George Bedinelli Rossi (Programa de Pós-Graduação de Administração de Empresas/Universidade Presbiteriana Mackenzie), Reynaldo Cavalheiro Marcondes (Programa de Pós-Graduação de Administração de Empresas/Universidade Presbiteriana Mackenzie) Silvio Popadiuk (Programa de Pós-Graduação de Administração de Empresas/ UPM).

O II EMA foi realizado no Rio, no Excelsior Copacabana Hotel, em 2006, organizado pela Divisão Acadêmica de Marketing da ANPAD, coordenada pelo coordenador da Divisão, Marcos Cortez Campomar (FEA/USP-RP), já designado pela Presidência da ANPAD, ao implantar oficialmente as Divisões Acadêmicas e supervisionado pelo Diretor Científico da ANPAD, Walter Moraes, com o apoio da Secretaria da ANPAD, dirigida por Rosângela Brito e Cunha. A Comissão Científica tinha mais os seguintes membros: Salomão Alencar de Farias (UFPE), Zaki Abel Sobrinho (UFPR) e Francisco Antonio Serralvo (PUC-SP).

Foram submetidos, para o II EMA, 415 trabalhos (120 para a Área Temática A: Teorias, Modelos e Metodologia em Marketing; 128 para a área B: Comportamento, Dimensionamento e Previsão de Mercados; 167 para a área C: Atividades, Aplicações e Técnicas de Marketing) tendo sido selecionados 35 (área A), 38 (área B) e 49 (área C), num total de 122 trabalhos (com um total de 250 autores).

O Prêmio Raimar Richers foi atribuído ao trabalho *Redes Sociais e o Marketing de Inovações*, de autoria de Herbert Kimura, Diógenes Manoel Leiva

Martin e Leonardo Fernando Cruz Basso, vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresas da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Era trabalho inscrito na área temática A, Teorias, Modelos e Metodologia em Marketing.

A exemplo de outras áreas de conhecimento da ANPAD, a área de Marketing tem se ocupado com investigações sobre a produção científica da área. Nesta linha, “os acadêmicos da área têm demonstrado um grande esforço no sentido de discutir a sua identidade e também os rumos desta disciplina no contexto nacional, especialmente a partir do final da década de 90 no escopo de congressos acadêmicos de expressão na área de Marketing, EnANPAD e EMA” (SAMPAIO e PERIN, 2006, p. 180). Em estudo recentemente publicado pela RAC, Sampaio e Perin (2006, p. 180) destacam vários

estudos de diagnóstico da produção científica nacional (Botelho; Macera, 2001; Campomar, 2005; Farias, 2004; Kovacs, Leão, Vieira, Barbosa, & Dias, 2004; Perin, Sampaio, Froemming, & Luce, 2000; Proença; Lopes, & Meucci, 2005; Révillion, 2001; Rocha & Barros, 2004; Vieira, 1998, 1999, 2000); pela avaliação de posturas metodológicas alternativas (Barros, 2004; Botelho; Macera, 2001; Casotti, 1998; Cerchiaro; Sauerbronn; Ayrosa, 2004; Jaime Jr., 2000; Neves; Giglio, 2004; Rocha & Barros 2004; Rocha, Barros, & Pereira, 2005; Vilas Boas, Sette & Abreu, 2004); e pela proposição de caminhos de consolidação da disciplina no país (Campomar, 2005; Cardoso; Faria, 2004; Casotti, 1999; D'Angelo, 2003; Faria, 2004; Farias, 2004; Rocha Et Al., 1999; Rossi; Hor-Meyll, 2001; Rossi & Silveira, 1999; Vieira, Dias, Filho, & Neto, 2002.

Na avaliação desses autores, “percebe-se uma alteração de padrões diagnosticados em estudos anteriores por Perin et al. (2000) e por Froemming et al. (2000a e 2000b)” (p. 196), especialmente no que tange aos métodos de pesquisa aplicados pelo corpo de pesquisadores. “Apesar da manutenção de predomínio das pesquisas do tipo *survey*, é visível o crescimento da aplicação da metodologia experimental, além do despertar para a aplicação de abordagens alternativas à positivista.”

Por outro lado, cabe destacar a preocupação com a organização do conhecimento da área no Brasil. Neste sentido, ocorreu uma reestruturação, a partir de 2005, das linhas divisórias da produção em Marketing em seus eventos científicos, estabelecendo três linhas condutoras, quais sejam: *Teorias, Modelos e Metodologias em Marketing; Comportamento, Dimensionamento e Previsão de Mercados; e Atividades, Aplicações e Técnicas de Marketing*. Tal postura denota uma atenção especial com a solidificação do conhecimento teórico e metodo-

lógico de Marketing no Brasil, promovendo paralelamente uma aproximação da academia com as práticas e atividades mais usuais da função de Marketing.

A listagem abaixo reproduz uma série de estudos diagnósticos do conhecimento produzido na área de Marketing no Brasil, sem pretensão de ser exaustiva. Curioso é que a maioria da produção científica foi divulgada em EnANPADs e EMAs e poucas em periódicos científicos, o que denota ou insuficiência dos veículos existentes para veiculação de produção definitiva, ou desinteresse dos autores em submeter seus artigos a periódicos acadêmicos. Ao mesmo tempo, registra a importância que os eventos acadêmicos têm para a disseminação do conhecimento produzido na área. Algumas dessas obras foram apresentadas no recente EMA, realizado em maio de 2006.

- ALMEIDA, Stefânia Ordovás de; LOPES, Tétis Correa; PEREIRA, Rita de Cássia de Faria. A Produção Científica em Marketing de Relacionamento no Brasil entre 1990 e 2004. In: 2º Encontro de Marketing da ANPAD, 2006, Rio de Janeiro - RJ. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2006.
- BARROS, Carla Fernanda. Marketing e Etnografia: um Levantamento em *Journals* dos anos 80 e 90. In: 26º Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 2002, Salvador-BA. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2002.
- BOTELHO, Delana; MACERA, Andréa. Análise Metateórica de Teses e Dissertações da Área de Marketing Apresentadas na EAESP-FGV (1974-1999). In: 25º Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 2001, Campinas - SP. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2001.
- CAMPOMAR, Marcos C. Pesquisa em Marketing e Seus Problemas *Versus* Pesquisa de Marketing. In: 29º Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 2005, Brasília - DF. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2005.
- CAMPOS, Roberta Dias; CASOTTI, Leticia Moreira; SUAREZ, Maribel Carvalho. Possibilidades de Contribuição da Sociologia ao Marketing: Itinerários de Consumo. In: 2º Encontro de Marketing da ANPAD, 2006, Rio de Janeiro - RJ. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2006.
- CARDOSO, Márcia L.; FARIA, Alexandre. Em busca da aproximação da disciplina à realidade nacional. In: 1º Encontro de Marketing da ANPAD, 2004, Porto Alegre - RS. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2004.
- CASOTTI, Leticia. Marketing Moderno e Consumidor Pós-Moderno. In: 22º Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 1998, Foz do Iguaçu - PR. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPAD, 1998.
- CASOTTI, Leticia. Que é a Pesquisa do Consumidor? Reflexões Geradas a Partir de um Problema Prático. In: 23º Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 1999, Foz do Iguaçu - PR. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPAD, 1999.

CERCHIARO, I.; SAUERBRONN, J.; AYROSA, E. Uma Visão Alternativa da Pesquisa em Marketing: Como a Fenomenologia Pode Contribuir para Gerar Conhecimento em Marketing. In: 1º Encontro de Marketing da ANPAD, 2004, Porto Alegre - RS. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2004.

D'ANGELO, André. Cultura e Consumo: Apanhado Teórico e Reflexões para o Ensino e a Pesquisa de Marketing e Administração. In: 27º Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 2003, Atibaia - SP. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2003.

FARIA, Alexandre. Em busca de relevância no âmbito de estratégia de Marketing. In: 28º Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 2004, Curitiba - PR. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2004.

FARIA, Patrícia do Couto Nascimento; OLIVEIRA, Daniela Ferro de; LACERDA, Tales Sarmiento; LARA, José Edson. Mapeamento, análise e classificação dos trabalhos acadêmicos de Marketing nos EnANPADs de 2000 a 2005. In: 2º Encontro de Marketing da ANPAD, 2006, Rio de Janeiro - RJ. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2006.

FARIAS, Salomão A. Em busca da inovação no Marketing brasileiro: discutindo o processo de publicação de artigos em revistas e congressos. In: 1º Encontro de Marketing da ANPAD, 2004, Porto Alegre - RS. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2004.

FARIAS, Salomão Alencar de. Pesquisa Flexível em Marketing: o Lado Humanista de uma Ciência Socialmente Construída e Fixamente Investigada. In: 2º Encontro de Marketing da ANPAD, 2006, Rio de Janeiro - RJ. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2006.

FROEMMING, L. M. S et al. Inventário de Artigos Científicos na Área de Marketing. **Revista de Administração Contemporânea**, vol. 4, nº 2, 2000a.

FROEMMING, L. M. S. et al. Análise da Qualidade dos Artigos Científicos da Área de Marketing no Brasil: As Pesquisas Survey na Década de 90. **Revista de Administração Contemporânea**, vol. 4, nº 3, 2000b.

JAIME, Pedro, Jr. Breves Notas sobre Etnomarketing, ou das Relações entre a Antropologia do Consumo e a Administração Mercadológica. In: 24º Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 2000, Florianópolis - SC. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2000.

KOVACS, Michelle H. et al. Podemos Confiar nos Resultados de Nossas Pesquisas? Uma Avaliação dos Procedimentos Metodológicos nos Artigos de Marketing do EnANPAD. In: 1º Encontro de Marketing da ANPAD, 2004, Porto Alegre - RS. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2004.

MIRANDA, Claudia Maria Carvalho; ARRUDA, Danielle Miranda. A Evolução do Pensamento de Marketing: uma Análise do Corpo Doutrinário Acumulado no Século XX. In: EnANPAD, 26, 2002, Salvador (BA). **Anais**. Salvador, ANPAD, 2002.

NEVES; Livia M. P.; GIGLIO, Eugenio A. M. Ethnographic Marketing: a Critical Appraisal of the Use of Anthropology in Marketing Research. In: 28º Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 2004, Curitiba - PR. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2004.

PERIN, Marcelo Gattermann; SAMPAIO, Claudio Hoffmann; FROEMMING, Lurdes Marlene Seide; LUCE, Fernando Bins. A Pesquisa Survey em Artigos de Marketing nos EnANPADs da Década de 90. In: 24º Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 2000, Florianópolis - SC. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2000.

PROENÇA, Eduardo de R.; LOPES, Felipe T. P.; MEUCCI, Arthur. A construção do conhecimento em Marketing: considerações sobre o discurso acadêmico e a produção científica do I Encontro de Marketing da ANPAD. In: 29º Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 2005, Brasília - DF. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2005.

RÉVILLION, Anya S. P. A Utilização de Pesquisas Exploratórias na Área de Marketing. In: 25º Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 2001, Campinas-SP. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2001.

ROCHA, Everardo P. Q. et al. Cultura e Consumo: um Roteiro de Estudos e Pesquisas. In: 23º Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 1999, Foz do Iguaçu - PR. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPAD, 1999.

ROCHA, Everardo P. Q.; BARROS, Carla. Dimensões Culturais do Marketing: Teoria Antropológica, Estudos Etnográficos e Comportamento do Consumidor. In: 28º Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 2004, Curitiba - PR. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2004.

ROCHA; Everardo P. Q.; BARROS, Carla ; PEREIRA, Claudia. Perspectivas do método Etnográfico em Marketing: consumo, comunicação e Netnografia. In: 29º Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 2005, Brasília - DF. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2005.

ROSSI, Carlos. A. V.; HOR-MEYLL, Luiz Fernando. Explorando Novas Trilhas na Pesquisa do Consumidor. In: 25º Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 2001, Campinas-SP. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2001.

ROSSI, Carlos. A.V.; SILVEIRA, Teniza. Pesquisa sobre Culturas Nacionais: O Inexorável Futuro do Marketing na Globalização. In: 23º Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 1999, Foz do Iguaçu - PR. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPAD, 1999.

SAUERBRONN, Fernanda Filgueiras; FARIA, Alexandre. A Utilização do Método Histórico em Pesquisa Acadêmica de Marketing. In: 2º Encontro de Marketing da ANPAD, 2006, Rio de Janeiro - RJ. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2006.

SAUERBRONN, João Felipe R.; CERCHIARO, Isabel Balloussier. Uma Discussão sobre Métodos Alternativos em Pesquisa Acadêmica em Marketing. In: 28º Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 2004, Curitiba (PR). **Anais**. Curitiba, ANPAD, 2004.

- VIEIRA, Francisco G. D. Ações empresariais e prioridades de pesquisa em Marketing: tendências no Brasil e no mundo segundo a percepção dos acadêmicos brasileiros. In: 23º Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 1999, Foz do Iguaçu - PR. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPAD, 1999.
- VIEIRA, Francisco G. D. Narciso sem espelho: A publicação brasileira de marketing, **Revista de Administração de Empresas**, v. 43, n. 1, p. 81-90, 2003.
- VIEIRA, Francisco G. D. Panorama Acadêmico Científico e Temáticas de Estudos de Marketing no Brasil. In: 24º Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 2000, Florianópolis - SC. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2000.
- VIEIRA, Francisco G. D. Por quem os sinos doam? Uma análise da publicação científica na área de Marketing no EnANPAD. In: 22º Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 1998, Foz do Iguaçu - PR. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPAD, 1998.
- VIEIRA, R.; DIAS, C.; FILHO, J.; NETO, M. O conhecimento de marketing sob os olhos da teoria crítica. In: 26º Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 2002, Salvador-BA. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2002.
- VILAS BOAS, Luiz Henrique; SETTE, Ricardo; ABREU, Nelsio. Teoria e Pesquisa em Marketing: a Contribuição da Antropologia para o Estudo do Comportamento do Consumidor. In: 28º Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, 2004, Curitiba (PR). **Anais**. Curitiba, ANPAD, 2004.

CAPÍTULO 18

EnAPG – Encontro de Administração Pública e Governança.

com a colaboração de José Antonio Gomes Pinho

O Encontro de Administração Pública e Governança (EnAPG) foi o quarto encontro setorial promovido pela ANPAD. Delineado a partir do XXVII EnANPAD, ocorrido em 2003, o I EnAPG ocorreu em novembro de 2004, no Rio de Janeiro, hospedado pela Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getúlio Vargas (FGV/EBAPE), e, segundo a mensagem da Presidência, integrava a programação de eventos temáticos e setoriais da ANPAD. Nas chamadas de trabalho para o EnAPG acentuava-se a importância da discussão sobre a reestruturação do Estado, bem como dos entes privados vinculados ao provimento de serviços públicos, com vistas à promoção do desenvolvimento nacional. O terceiro setor, recente mas cada vez mais um foco de pesquisa e ação, também integrava o rol de aspectos importantes que deram origem ao EnAPG.

A criação dos eventos setoriais como o EnAPG era resultante da expansão quantitativa e conseqüente necessidade de fortalecimento qualitativo da área e da necessidade de “acelerar a velocidade de evolução”. A mensagem da Presidência acrescenta que não custava lembrar que a explosão significativa de Programas de pós-graduação *stricto sensu* em Administração era fenômeno dos últimos oito anos, ocasionando um surpreendente crescimento quantitativo da produção científica na área e de problemas de qualidade resultantes desse crescimento rápido. O Presidente da ANPAD, Clóvis Machado-da-Silva, afirma também, na mesma mensagem, que sediar o encontro na FGV/EBAPE, que deu todo o seu apoio ao evento, era uma homenagem da ANPAD a um dos Programas que estiveram presentes à fundação da ANPAD.

Vale mencionar que a criação do EnAPG resultou de um processo de reflexão sobre a área de Administração Pública nos Encontros da ANPAD feito por um grupo de professores e instituições que tratam da questão da Administração Pública. O que se sentia em torno de 2003/4 é que a área precisava de um novo enquadramento frente ao número decrescente de trabalhos apresentados no EnANPAD.

A comissão organizadora do I EnAPG foi formada pelos professores Clóvis L. Machado-da-Silva (UFPR e ANPAD), Deborah Moraes Zouain

(FGV/EBAPE), José Antonio Gomes de Pinho (UFBA), José Matias Pereira (PPGA/UnB), Luciano Junqueira (PUC-SP) e Marco Aurélio Ruediger (FGV/EBAPE). A coordenação do encontro coube à professora Deborah Moraes Zouain. Cento e dez dos 366 trabalhos submetidos foram selecionados pela comissão organizadora do evento.

Na justificativa da agenda temática, incluíam-se temas inovadores como a judicialização da política até temas mais tradicionais como Poder, Estado e Regulação” (...) ligados pelo fio condutor do espírito público. A expectativa da comissão organizadora era que o encontro possibilitasse “uma visão moderna do Estado e dos demais atores da esfera pública, em torno da construção efetiva de políticas, que [possibilitassem] o equacionamento do desenvolvimento com justiça em nosso país”. Afirmava-se, ainda:

verifica-se [...] uma preocupação geral de equilíbrio entre temas vinculados à política, à sociedade e à economia, percebidos [...] como arenas interrelacionadas e constitutivas de poder [e devidamente contextualizadas] na contemporaneidade e na dialética entre o local e o global (Chamada de trabalhos do I EnAPG).

A diversidade de temáticas foi refletida em 13 itens:

1) Gestão das Políticas Sociais e Intersetorialidade; 2) Organizações Públicas e Gestão de Pessoas; 3) Cultura, Estado e Sociedade; 4) Reforma do Estado, Tecnologias da Informação e Gestão Pública; 5) Estado, Controle Social e *Accountability*; 6) Direitos Sociais, Participação e Movimentos Sociais; 7) Terceiro Setor e Redes Sociais; 8) Descentralização e Poder Local; 9) Governabilidade e Governança; 10) Segurança Pública e Justiça; 11) Economia do Setor Público; 12) Finanças Públicas; 13) Marketing Político.

Já os documentos de chamada de trabalhos para o II EnAPG – que, quando este livro for publicado, ainda estará em processo de organização, seleção e distribuição das sessões (data do II EnAPG: 24 a 26 de novembro de 2006, em São Paulo / SP) – destacavam algumas pretensões, entre antigas e novas: troca de informações e estabelecimento de redes de trabalho e “nova discussão a respeito dos contornos estabelecidos pela área, das suas construções conceituais, e de sua identidade no campo da Administração”. É importante destacar as preocupações explícitas manifestadas na chamada de trabalhos:

O desafio posto à comunidade acadêmica é justamente a construção de novas perspectivas de estudo que incorporem temas não mais setoriais, definidos por espaçamentos rígidos, mas busquem a composição de um campo marcado por pers-

pectivas transversais, em que diversos ramos do conhecimento possam dialogar e refletir sobre os problemas contemporâneos aos quais a Administração Pública é chamada a responder. Vale chamar a atenção para o fato que os temas setoriais poderão incorporar esses elementos transversais promovendo o seu enriquecimento. Nesse sentido, a preocupação com a realidade brasileira é uma incumbência da qual os pesquisadores de nosso país não devem se furtar. Contudo, o foco nas questões de interesse nacional não elimina a perspectiva comparada. Ao contrário, a abertura a outras experiências e o seu confronto com a realidade nacional se transforma em um elemento de grande importância para construção de ferramentas conceituais mais adequadas a compreender as especificidades do mundo contemporâneo e da situação brasileira, e à elaboração de respostas que tenham por objetivo o incremento da cidadania e a melhoria da gestão pública.

Um tema geral foi definido para o II EnAPG: *Relações entre Estado, Governo, Mercado e Sociedade – continuidade e inovação*. A pretensão é que se estabeleça “diálogo entre as distintas abordagens” e sugeriu-se alguns subtemas:

- Teorias e modelos para análise da Administração Pública e Governança – referenciais teóricos para ensino e pesquisa na área;
- Gestão de organizações públicas, planejamento e gestão estratégica, gestão por resultados, contratualização de resultados, gestão da informação e tecnologias de informação, mensuração de desempenho, gestão de pessoas;
- Macro-estrutura e desenhos organizacionais – redes, consórcios, agências, organizações setoriais, ouvidorias, administração direta, autarquias;
- Formulação e avaliação de políticas públicas;
- Formas de controle e (in)transparência da Administração Pública;
- Sociedade civil e cidadania – novas formas de organização, demandas e movimentos sociais;
- Formas de provisão de infra-estrutura e serviços públicos, PPPs, privatização, concessão, parcerias;
- Finanças públicas e orçamento.

Pode-se observar uma mudança de temas em relação ao I EnAPG o que resultou de um processo de discussão levado a cabo pela equipe de coordenação. Neste sentido, cabe observar que se manteve, em linhas gerais, a mesma equipe do I EnAPG, reforçada por novos membros, o que possibilitou fazer um juízo crítico do primeiro encontro e, ao mesmo tempo, dar continuidade

a um processo de reflexão e crítica dos pontos positivos e negativos da primeira experiência.

Concretamente, a proposta do II EnAPG tem nítida a sua busca de relevância e um apreço pela multidisciplinaridade:

Cabe à nossa comunidade construir perguntas, respostas e propostas aos problemas contemporâneos vividos pela sociedade brasileira. Somente uma certeza nos acomete: a superação desta peleja somente é possível com a combinação de diversos saberes.

A Comissão Organizadora do II EnAPG, sob a coordenação geral do Coordenador da Divisão de Administração Pública e Gestão Social da ANPAD, José Antonio Gomes de Pinho, inclui os seguintes membros: Marco Aurélio Ruediger (FGV/EBAPE), Coordenador de APS-A, Elvia Fadul (UNIFACS - NPGA/UFBA), Coordenadora de APS-B e Luis Felipe Nascimento (PPGA/EA/UFRGS), Coordenador de APS-C (A, B e C são as áreas temáticas da Divisão, denominadas, respectivamente, de Estado, Administração Pública e Sociedade Civil; Gestão e Políticas Públicas; e Gestão Social e Ambiental). A organização do II EnAPG tem uma Comissão de Apoio composta dos seguintes professores: Déborah Moraes Zouain – FGV/EBAPE; José Matias Pereira – PPGA/UnB; Luciano Prates Junqueira – PUC-SP; Regina Silvia Pacheco – FGV/EAESP.

Ao encerrar este capítulo, um levantamento a respeito dos trabalhos publicados nos anais da ANPAD na área de Administração Pública no contexto nacional, a partir do ano 2000, indica as preocupações principais predominantes a cada momento⁴⁶. Longe estamos, assim, de querer fazer qualquer levantamento exaustivo da produção sobre Administração Pública em um período muito longo de tempo e em diversos veículos de publicação, mas acreditamos ser o ano 2000 uma data representativa, pois é quando os EnANPADs começam a ganhar uma dimensão significativa do ponto de vista quantitativo (e também qualitativo) e a área começa a colher de uma maneira mais sistemática uma produção referente à reforma do Estado empreendida na segunda metade dos anos 1990. De modo a realizar este levantamento e conseqüente análise, procedeu-se à leitura das apresentações feitas pelos diversos coordenadores da Área Temática ao longo dos anos pesquisados ou as temáticas cobertas pelos artigos selecionados.

O primeiro ano desta investigação (2000) mostra a ambigüidade e a indefinição que se vivia naquela época, identificando-se predominância de artigos sobre a questão da reforma do Estado e o papel da regulação no contexto

da globalização e, amarrado a isto, uma ênfase também em artigos tratando de treinamento e formação de gestores para este novo Estado que emergia. Também obtêm destaque investigações sobre teorias da Administração Pública associadas também à Administração Estratégica assim como concentração de análises no poder local (municípios, principalmente). Observa-se o despertar de novos temas como o comércio eletrônico e tecnologias de informação assim como análises sobre orçamento participativo e orçamento público em geral.

No ano seguinte (2001), a área experimentava novo formato com a criação de duas áreas temáticas: 1) Gestão Pública e Governança e 2) Políticas Públicas. Este formato propiciava uma focalização mais definida dos temas. Assim, a primeira área temática comportava artigos tratando de inovação no setor público, gestão em diferenciados setores, controle social, desenvolvimento sustentável, poder local e temas emergentes como polícia cidadã e governo eletrônico. Em Políticas Públicas assistiu-se a uma discussão de novas perspectivas teóricas ao lado do planejamento e desenvolvimento econômico. Foi detectada ênfase na questão do governo local. Nas políticas específicas apareciam temas como educação, saúde, meio ambiente, combate à pobreza, refletindo a situação social do país. O mesmo formato foi adotado no ano seguinte (2002). Ao lado dos temas anteriormente mencionados surgiam também artigos relativos a voluntariado, gestão de redes, controle, economia solidária, terceiro setor, crise fiscal. No que se refere à área de Políticas Públicas emergiam também novos interesses como segurança pública, ensino superior, avaliação de políticas e construção de indicadores. Havia indicação de uma certa ebulição e inquietação na área.

Seguiu-se o mesmo formato no encontro de 2003, havendo a percepção de uma grande diversidade de interesses por parte dos pesquisadores, embora sendo possível detectar uma convergência para questões tais como regulação e controle da gestão pública e sua eficácia ligada a *accountability*, às novas tecnologias de informação. Observava-se também o aparecimento de artigos referentes a descentralização, governança, organizações sociais, refletindo novos arranjos institucionais que se faziam presentes. Era exposta a dificuldade mesmo de organizar o encontro com temas tão divergentes. A pulverização de interesses se fazia notar ainda mais claramente na área de Políticas Públicas, na qual pontuavam artigos sobre segurança pública, orçamento, privatização, redes de aprendizagem, economia solidária, guerra fiscal, entre outros, ao lado dos mais tradicionais. A diversidade dos temas continuou sendo detectada no encontro de 2004, o que reflete um campo bastante variado e rico de oportunidades de pesquisa. Os temas mais recorrentes agrupavam-se em torno de gestão de competências, regulação e governança, gestão pública e governança, gestão

municipal, participação e responsabilidade social, responsabilidade fiscal e *accountability*, descentralização e reforma do Estado. Na área de Políticas Públicas essa diversidade ainda era mais patente, mas é possível identificar uma concentração de artigos em conselhos gestores e participação, indústria farmacêutica, segurança pública, meio ambiente, capital social, e estudos no poder local. Vale notar a crescente oferta de trabalhos a cada ano o que refletia o interesse e a própria pujança da área de Administração Pública.

No ano de 2005, uma reestruturação mais forte foi conduzida com a implantação das Divisões dentro da ANPAD. Assim, a área de Administração Pública passou a ser chamada de Divisão de Administração Pública e Gestão Social comportando três Áreas Temáticas: 1) Estado, Administração Pública e Sociedade Civil; 2) Gestão e Políticas Públicas; e 3) Gestão Social e Ambiental. Houve uma verdadeira explosão do número de artigos ofertados nessa Divisão. Na primeira Área Temática pôde-se observar uma concentração de artigos mais relacionados à Ciência Política com ênfase nas questões da democratização, da responsabilidade fiscal, governabilidade, *accountability* e com áreas setoriais de investigação tais como o sistema político eleitoral, o Judiciário, mídia, entre outros. Na segunda área, observa-se a predominância de artigos referentes à reforma do Estado, novas formas de gestão, desenvolvimento local, controle e *accountability*, arranjos produtivos locais. Observou-se também a análise dos setores tradicionais como saúde, educação, segurança pública, entre outros. A terceira área constituía-se quase como um experimento ao juntar gestão social e ambiental, sendo, no entanto, detectados poucos artigos que fizeram tal junção, o que já parece indicar uma necessidade futura de desagregar essas duas subáreas. De qualquer forma, esta ainda foi a Área Temática com o maior número de trabalhos submetidos em todo o EnANPAD, o que certamente indica como as questões referentes a ela estão a preocupar os pesquisadores. Foram expressivos os artigos tratando de ONGs e Terceiro Setor, fazendo avaliações de experiências em curso. O meio ambiente em geral mereceu atenção representativa sendo a gestão ambiental debatida tanto em organizações públicas como privadas.

Em síntese, o que se assiste é uma pluralidade de interesses tanto teóricos quanto empíricos, surgindo a cada ano novas temáticas e assuntos, mas afastando-se qualquer possibilidade de modismos. Os temas que surgem são os que a vida social impõe como necessários e passíveis de investigação. A elevada receptividade à realização do I EnAPG convergiu com as observações aqui condensadas mostrando novamente a pujança da área de Administração Pública com seus diferenciados recortes. O que se observa a título de fecha-

mento é um engajamento da comunidade científica na análise e proposição de soluções em problemas sérios que afligem a sociedade brasileira principalmente aqueles referentes aos arranjos políticos existentes tanto na esfera do Estado como da sociedade civil que ficam passíveis de crítica e posterior redefinição.



Equipe
organizadora do
I EnAPG.

CAPÍTULO 19

Simpósio de Gestão da Inovação Tecnológica.

O mais recente evento setorial da ANPAD é o *Simpósio de Gestão da Inovação Tecnológica*. Evento novo para a ANPAD, como promotora de eventos, é de longa tradição com a entidade que o criou: o PACTO – Programa de Administração em Ciência e Tecnologia, da FEA/USP. Já foram realizados 23 Simpósios de Gestão da Inovação Tecnológica pela FEA/USP. Assim, o primeiro evento, em 2006, fazendo parte, agora, do calendário de “seminários temáticos” da ANPAD, será o 24º numa seqüência de eventos, com características ligeiramente distintas dos demais eventos setoriais da ANPAD, pois, além de pesquisadores, o Simpósio incorpora gestores, tendo significativa participação de profissionais de empresas. Os trabalhos submetidos podem ser relatos de experiências, submetidos por empresários ou gestores, além de trabalhos completos ao estilo tradicional dos encontros da ANPAD.

O 24º Simpósio será realizado em Gramado / RS, no mês de outubro de 2006, sob a responsabilidade da Divisão Acadêmica Gestão de Ciência, Tecnologia e Inovação (GCT), da ANPAD, e organização pelo Núcleo de Gestão da Inovação Tecnológica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NITEC/UFRGS) e pelo Núcleo de Política e Gestão Tecnológica da Universidade de São Paulo (PGT/USP). A Comissão Organizadora inclui representantes do PPGA/EA/UFRGS e da FEA/USP: Paulo Zawislak, como coordenador geral da Divisão Acadêmica (GCT), Francisco de Lima Cruz Teixeira (UFBA), coordenador da Área Temática GCT-A, de Administração de Ciência e Tecnologia; Luiz Paulo Bignetti (Unisinos), coordenador de GCT-B, Gestão da Tecnologia e Inovação; Eda Castro Lucas de Souza (UnB), coordenadora de GCT-C, Empreendedorismo e Negócios Inovadores; Décio Zylberstein (FEA/USP), coordenador de GCT-D, Agregação de Valor e Agronegócios.

Na chamada de trabalhos para o evento, consta que o tema central escolhido é o imbricamento entre Inovação e Redes, mas que, mais do que discutir o “fenômeno da inovação em rede”, o que se pretende focar é o das “redes de inovação”, assim explicado:

Se o primeiro surge com uma alternativa estratégica das próprias organizações que vêem, na complementaridade de competências, uma alternativa para manter, quando não ampliar seus padrões de competitividade, o segundo fenômeno é

como que a institucionalização e a decorrente sistematização deste processo integrado.

E conclui:

Portanto, é papel dos pesquisadores e profissionais que atuam na área de política e gestão da inovação tecnológica contribuir para uma melhor compreensão dos fenômenos em curso e por vir, para, a partir daí, desenvolver novas competências necessárias para lidar com as mudanças decorrentes. [...] Similaridades e discrepâncias nas diretrizes e políticas governamentais e nos estilos de Administração das Empresas precisam ser confrontadas e analisadas. Novas abordagens, experiências e práticas de sucesso precisam ser conhecidas e difundidas tanto nacional quanto internacionalmente.

E é assim justificado o Simpósio:

No século do conhecimento, a fim de lidar com a complexidade do desenvolvimento tecnológico, a organização do processo de inovação requer mais do que um corpo coerente de estratégias, técnicas e ferramentas de gestão. Ao mesmo tempo, e por causa disto, tornaram-se raras as organizações que conseguem pôr em prática um sistema autônomo de pesquisa, desenvolvimento e inovação. Neste quadro, o debate da gestão da inovação tecnológica aponta para o ambiente externo das empresas e instituições de pesquisa, isto é, para o estabelecimento de redes de interação para lidar com o volume de informações e gerar as soluções de valor necessárias em mercados cada vez mais exigentes e dispersos.

Construindo uma
Associação Científica:

30
TRINTA ANOS da **ANPAD**
- memórias, registros, desafios -

Parte IV

O Teste de Seleção da ANPAD

CAPÍTULO 20

Padronizando a seleção de alunos.

com a colaboração de Antonio Artur de Souza

O Teste ANPAD surgiu da necessidade de homogeneizar o processo de ingresso de candidatos aos cursos de pós-graduação em Administração e Contabilidade dos Programas filiados. Desde o início da década de 80, a ANPAD já discutia a importância de um processo de escolha uniforme e de abrangência nacional que fosse de alto nível. O Teste ANPAD, denominado TS ANPAD (Teste Seleção ANPAD) até 1997, foi iniciativa de um Programa de pós-graduação (UFRJ) e apoio de outros (UFRGS, entre outros). Já na primeira reunião da ANPAD, em 1977, o coordenador do programa COPPEAD/UFRJ, Paulo Mattos de Lemos, informava da sua iniciativa em criar um Teste de Seleção nos moldes do GMAT e do GRE, a ser usado por todos os Programas da ANPAD. Volnei Corrêa, então coordenador do PPGA/UFRGS, manifestou-se logo em seguida, comunicando sua adesão ao Teste. A coordenação do Teste era do professor José Eduardo Teixeira, da COPPEAD.

Do momento de sua criação pela COPPEAD até a sua assunção efetiva, pela ANPAD, em 10 de abril de 1987, na vigésima primeira Assembléia Geral da ANPAD, o Teste de Seleção sempre entrava em pauta nas Assembléias e era discutido, inclusive quanto ao tipo e qualidade das provas a que seriam submetidos os alunos, bem como da adequação de tais provas às características de cada Programa. Mas, por um ou outro motivo, o Teste de Seleção continuava sendo administrado pela COPPEAD. Só em 1987 é que a ANPAD finalmente assumiu a coordenação do teste. Escolhidos, então, pela Diretoria da ANPAD, já desempenharam a função de coordenador do teste os professores Walter Meucci Nique (UFRGS), Vera Suely Storck (UFRGS) e André Luis Martinewski (UFRGS). O coordenador do Teste ANPAD sempre se reporta ao Diretor Administrativo e ao Presidente da ANPAD. Há também um Comitê do Teste ANPAD, composto de representantes de Programas eleitos pela Assembléia Geral, que participam das principais decisões relativas ao Teste.

Quando o professor André Martinewski pediu afastamento da função, em virtude de sua pretensão de cursar o Doutorado na COPPEAD, quem acabou assumindo a coordenação do Teste, a partir de fevereiro de 1998, foi o professor Antônio Artur de Souza que, a essa altura tinha sido concursado pela

UFMG e lá desempenhava atividades nas áreas de Finanças e Sistemas de Informação. Por um interregno (2000 a 2003), no entanto, o Teste passou a ter sede em Maringá, na Fundação Universidade Estadual de Maringá – UEM, quando o professor Antônio Artur de Souza esteve vinculado àquela instituição. Em 2004, ele voltou a trabalhar na UFMG e o Teste passou a ter sede novamente na UFMG em Belo Horizonte.

Nos primeiros anos do Teste eram poucos os programas que dele se utilizavam. A partir da assunção do Teste pela ANPAD e de sua realização nas principais cidades do país, tal número tem aumentado de forma consistente. Com a adoção de duas realizações do Teste por ano em 1998 e de três em 2001, o número de usuários do Teste aumentou em muito. O quadro abaixo registra os dados a partir de 1998.

Quadro 1 – Programas de Pós-Graduação em Administração e Contabilidade, usuários do teste ANPAD – de 1998 a 2006.

Ano	Número de cursos
1998	19
1999	22
2000	27
2001	43
2002	45
2003	56
2004	59
2005	66
2006	82

O Teste ANPAD é atualmente utilizado nos processos de seleção de 83 cursos de mestrado e doutorado em Administração e Contabilidade das mais importantes Instituições de Ensino Superior do país, como exame de proficiência.

Desde 1998, o Teste ANPAD conta com uma página na internet, que oferece todas as informações para os candidatos e Programas usuários. A partir da edição de junho de 1999, as inscrições dos candidatos são realizadas exclusivamente pela internet, com pagamento via boleto bancário. A partir de 2000, foi criado um banco de dados para armazenar todos os dados de candidatos e Programas usuários.

Até 1998, os Programas usuários recebiam os resultados dos candidatos em forma de relatórios impressos. Para melhor transporte dos dados dos candidatos e ordenação da forma de trabalho nos programas para a análise dos dados enviados, foi elaborado um software que continha um relatório específico, o qual seguia anexo. Portanto, para cada Programa do Teste era enviado um software que encaminhava o desempenho dos candidatos no Teste e ajudava na operacionalização do processo de seleção.

A partir de 2001, os resultados dos candidatos passaram a ser disponibilizados aos Programas/Cursos via internet, por meio de um portal. Com isso, apesar do prazo máximo para divulgação dos resultados ser de 15 dias, a divulgação vem ocorrendo uma semana após a realização das provas.

No âmbito da ANPAD, o Teste era composto pelas provas de Redação, Raciocínio Lógico e Quantitativo, Interpretação de Textos em Português, Inglês e Processo Decisório, cada uma com um tempo distinto de duração. Esta configuração de provas permaneceu até 1997, sendo a aplicação das provas realizada apenas uma vez por ano. A validade dos resultados era de apenas um ano.

Em 1998, o Teste ANPAD passou, então, a ser oferecido duas vezes por ano, em maio e em setembro, agora com validade máxima de dois anos. Passou a ser constituído de cinco provas – Raciocínio Lógico, Raciocínio Quantitativo, Português, Inglês e Redação – todas com 25 questões cada uma, de múltipla escolha e com o mesmo tempo de duração. A partir da edição de maio de 1999, a prova de Redação deixou de constar no Teste ANPAD, sendo assumida diretamente por aqueles Programas que o desejassem. A partir de 2001, o Teste ANPAD passou a ocorrer três vezes ao ano, nos meses de fevereiro, junho e setembro.

Na edição de junho de 2003, o Teste voltou a ser composto por cinco provas, com a inclusão da prova de Raciocínio Analítico. Todas as provas, a partir desta edição, passaram a ter 20 questões cada uma, de múltipla escolha. O número total de questões continuou sendo 100. A partir deste ponto, as provas passaram a ser aplicadas em três cadernos: o primeiro é composto das provas de Raciocínio Lógico e Raciocínio Quantitativo, o segundo das provas de Português e Inglês e o terceiro consiste unicamente da prova de Raciocínio Analítico.

De 1997 a 1998 houve mudanças na configuração das provas em função de relatórios que apontavam limitações na capacidade discriminatória das provas. A partir de 1998, promoveu-se uma redução gradual no viés quantitativo do Teste, nas provas de Raciocínio Quantitativo e de Raciocínio Lógico. Em junho de 2003, foi incluída a prova de Raciocínio Analítico, com o objetivo de concluir o processo de redução do viés quantitativo.

A prova de Raciocínio Analítico foi criada a partir da comparação das provas do Teste com as provas aplicadas no GMAT. Evidenciou-se a carência de uma prova do tipo *Critical Reasoning*, cuja lógica formal parte do princípio de que a validade de um argumento depende apenas de sua forma, e não de seu conteúdo. A Assembléia da ANPAD acatou a sugestão da então Diretoria e, na edição de junho de 2003, esta nova prova passou a compor o Teste.

O Teste ANPAD, concebido, na sua origem, para ser o instrumento básico de seleção para os Programas de mestrado e doutorado em Administração e Contabilidade dos Programas filiados, foi, com o tempo, ampliando sua área de ação. Hoje, outros cursos, que não de mestrado e doutorado, utilizam o Teste. Assim, Programas/Cursos de Especialização e Cursos *in company* também utilizam o Teste em função de conseguir padronização no processo de seleção e, ainda, agregar velocidade, segurança e simplificação. Há também a utilização do Teste por cursos de pós-graduação de áreas afins.

Os Programas/Cursos também podem ter as inscrições a seus cursos completamente feitas por meio do Teste ANPAD. Esta é uma opção para os Programas/Cursos que, além das provas do Teste ANPAD, utilizam outro instrumento no processo seletivo, como a aplicação da prova de Conhecimentos Específicos, relacionada ao Curso.

Desde 2002, este tipo de serviço é prestado para o PPGA/FEA/USP, que tem seu processo seletivo dividido em três etapas. As duas primeiras etapas são desenvolvidas e aplicadas sob a responsabilidade do Teste ANPAD. Em 2006, este tipo de serviço também será prestado para o PPG-CC/FEA/USP.

O Teste responsabiliza-se por toda a divulgação em nível nacional das inscrições, pela captação e processamento das inscrições, pela elaboração, aplicação e correção das provas, pela comunicação do desempenho dos candidatos aos Programas/Cursos e pelo julgamento de recursos. Assim, os Programas de Pós-Graduação que o utilizam podem contar com:

- elaboradores de reconhecida competência no meio acadêmico de nível superior;
- divulgação nacional do Programa/Curso de Pós-Graduação;
- confiabilidade no processo seletivo;
- agilidade no processo de geração do resultado;
- três edições ao ano, para melhor adequar-se ao período de seleção de cada Programa/Curso⁴⁷;
- realização das provas nas principais cidades do território brasileiro;

- comprometimento da coordenação em atender cada Programa/Curso conforme a necessidade;
- credibilidade por parte dos candidatos, pelo reconhecimento do rigoroso processo de seleção;
- praticidade e economia no processo de seleção;
- acesso a um sistema de gerenciamento do processo seletivo disponibilizado gratuitamente pelo Teste ANPAD, o que minimiza a necessidade de digitação por parte da Secretaria do Programa/Curso;
- análise do desempenho dos candidatos com sofisticadas aplicações estatísticas;
- esclarecimento de dúvidas aos candidatos, recurso que serve como filtro para o acesso aos Programas de Pós-Graduação e reduz o trabalho de suas secretarias;
- possibilidade de sediar a aplicação das provas do Teste ANPAD, com remuneração aos coordenadores, aplicadores e à equipe de apoio;
- aplicação das provas na modalidade on-line. A ANPAD desenvolveu o "Teste ANPAD *On-line*", uma nova modalidade de realização das provas. O objetivo é permitir que os candidatos realizem as provas em salas com computadores conectados à internet, supervisionados por fiscais de prova. O principal benefício é a rapidez na divulgação dos resultados. Na edição de junho de 2006 houve a primeira utilização desta nova modalidade em algumas cidades. Na edição de setembro de 2006, mais locais de realização estarão aderindo a esta nova modalidade;
- aplicação na versão *on-line*, em situações específicas.

Construindo uma
Associação Científica:

30
TRINTA ANOS da **ANPAD**

- memórias, registros, desafios -

Parte V

As Revistas da ANPAD

CAPÍTULO 21

A RAC, a BAR e as revistas eletrônicas.

*com a colaboração de Clóvis L. Machado-da-Silva
e Tomás de Aquino Guimarães*

Uma revista da ANPAD era um sonho já presente nas primeiras gestões e na própria discussão que deu origem à ANPAD. A concretização deste sonho começou a tomar forma na gestão Peter Spink. Antes da publicação do primeiro número da Revista de Administração Contemporânea, em 1997, já se ensaiava, na gestão Spink, as possibilidades editoriais de uma revista, tanto que os anais foram produzidos como primeiro número, em 10 tomos, da Revista Brasileira de Administração Contemporânea. Quando o primeiro editor da revista, Clóvis Luiz Machado-da-Silva, assumiu, o nome foi definitivamente escolhido, ficando simplesmente *Revista de Administração Contemporânea (RAC)*.

A RAC – Revista de Administração Contemporânea

Machado-da-Silva, por nós solicitado, fez um depoimento (enviado via eletrônica) que descreve o nascimento da RAC da seguinte forma:

Em conversa com Peter Spink (ele havia me sucedido na Presidência da ANPAD), no início de 1995, disse a ele que publicar uma revista deveria ser um dos desafios de sua gestão, pois, no Brasil, a maioria das revistas era produto de escolas. Ressaltei que as revistas das escolas sofriam de um viés problemático, que consistia na publicação de muitos artigos de autores da própria escola, o que não me parecia saudável para o desenvolvimento da Academia Brasileira de Administração. Pareceu-me que uma revista efetivamente de origem nacional ajudaria a resolver a questão, pois poderia ser um exemplo para as outras, e a ANPAD não poderia se furtar a isso. Peter concordou com a idéia e ficou de pensar no assunto.

Continua Clóvis:

Na Assembléia da ANPAD realizada no primeiro semestre de 1996 (acredito que no mês de junho), Peter Spink me surpreendeu com o convite para ser o criador e editor

da revista. Submeteu o meu nome à Assembléia da ANPAD que aprovou a indicação. Portanto só me restava trabalhar para lançar a revista. Comecei todo o trabalho de pensar em uma cara e uma filosofia para a revista. Examinei muitos exemplos do Brasil e do exterior e me inspirei, em especial, em duas revistas: *Administrative Science Quarterly* e *Organization Studies*. Com a ajuda de um estudante de desenho artístico chegamos ao formato da revista e ao layout da capa. A partir daí utilizamos, inicialmente, os três melhores trabalhos de cada área temática na ANPAD (eram 10 áreas) para compor os três números anuais da revista que teve seu primeiro número em 1997, referente ao quadriênio janeiro-abril. Até meados de 1997 eu fui simultaneamente Editor-Geral e Editor Executivo da RAC. A partir de meados de 1997 restringi-me ao cargo de Editor-Geral, pois Valéria Fonseca assumiu o cargo de Editora Executiva.

Gradualmente fomos diminuindo o número de artigos com origem nos melhores trabalhos da ANPAD por artigos diretamente submetidos à RAC. Pode-se dizer que nos dias atuais a RAC é auto-suficiente, não dependendo mais dos melhores artigos submetidos aos encontros da ANPAD. Na verdade ela já enfrenta dificuldades para desaguar os artigos de qualidade a ela submetidos em quatro edições anuais, mais a edição especial. Vale registrar que a UFPR contribuiu em muito para a viabilização da RAC, ao ceder instalações físicas para a revista, assim o fazendo até os dias de hoje.

A RAC é hoje reputada uma das revistas de circulação nacional, nível A, da área de Administração. Foram editores da RAC: Clóvis Machado-da-Silva, de janeiro de 1997 a abril de 2001; César Gonçalves Neto, de maio de 2001 a agosto de 2002; Tomás de Aquino Guimarães, de setembro de 2002 a dezembro de 2005; e Rogério Hermida Quintella, a partir de janeiro de 2006. A partir da gestão de César Gonçalves Neto foram criadas editorias associadas, dedicadas a incrementar aspectos específicos de uma revista. Desde aquela época até hoje, os seguintes professores desempenharam, por períodos distintos, tais editorias associadas: Miguel Caldas (Notas e Resenhas Bibliográficas), Roberto Costa Fachin e Eloise Dellagnello (Documento e Debates), Kleber Fossati Figueiredo (Casos de Ensino), Alexandre Carrieri (Notas e Resenhas Bibliográficas).

Conforme registrado acima, o editor da RAC, sucedendo a Clóvis Luiz Machado-da-Silva, que assumia, à época, a Presidência da ANPAD, em seu terceiro mandato, foi Tomás de Aquino Guimarães. Solicitamos a ele um depoimento, que desse uma visão do que era ser Editor da RAC e quais as dificuldades e vantagens de ter uma revista da Associação⁴⁸.

Para Tomás de Aquino, a RAC é um importante veículo de fortalecimento da pós-graduação em Administração pois concentra em nível de Revista da ANPAD, classificada como Nacional A no sistema QUALIS-CAPES, algu-

mas das melhores contribuições de profissionais da área. Sobre a evolução da RAC e o aumento das possibilidades de publicação de trabalhos considerados “definitivos” (não apresentados em Congressos), assim se exprime:

Em 2003, a RAC passou a editar quatro números anuais além das edições especiais. Isso não somente serviu para diminuir o prazo médio entre submissão e publicação de artigos aprovados, já que a revista àquela altura era uma das mais competitivas da comunidade científica de Administração no país, como, também, permitiu a publicação de um maior número de artigos. Estávamos, portanto, alinhados com a política de aumentar o volume de produção qualificada na área e, assim, contribuir para a consolidação da própria área no Brasil. Além disso, havia uma outra preocupação por trás: o Comitê da Área de Administração da CAPES já havia sinalizado, em 2001, que haveria uma nova ponderação de pontuação da produção bibliográfica (para efeito de avaliação de Programas de pós-graduação), que resultaria em aumentar o valor relativo dos produtos definitivos, ou seja, artigos publicados em periódicos, livros e capítulos de livros, em comparação com os trabalhos publicados em anais de eventos, considerados textos provisórios, o que veio a ocorrer a partir de 2006. Ao aumentar o volume de produção da revista a ANPAD, por meio da RAC, cumpria o seu papel de fortalecer a pós-graduação e, conseqüentemente, a produção e disseminação do conhecimento em Administração no país.

Outra das funções, não escritas, que a RAC vem desempenhando, é a respeito dos limites éticos no trabalho de submissão e publicação de artigos. Tomás de Aquino assim se exprime:

[A RAC vem] sendo utilizada, também, para “dar o tom” a respeito de limites éticos relacionados com a submissão de um mesmo texto a diferentes veículos. Muitos autores têm dúvidas a respeito das possibilidades de um texto vir a ser publicado em anais e em periódico e em que condições.

Conseqüentemente, vale a pena ler o registro a respeito disso, feito pelo editor Tomás de Aquino no Editorial do v. 8, n. 4, out.-dez. 2004:

Apresentar um mesmo trabalho em mais de um encontro científico é possível? Submeter à publicação em periódico um trabalho publicado em anais é válido? Publicar como capítulo de livro um artigo publicado em periódico é permitido? Submeter um artigo para publicação em dois periódicos ao mesmo tempo é proibido? Essas e outras questões estão relacionadas com a ética do trabalho do cientista e fazem parte do dia-a-dia de

editores de um periódico como a RAC. De modo a contribuir para esclarecer até onde o autor de um artigo pode ou não pode ir nessa trajetória, gostaria de discutir e colocar a posição desta Revista sobre essas questões, que exige ineditismo no material que publica.

A seguir, detalha ele a posição relativa aos limites éticos da atividade de submissão de artigos e do conseqüente tratamento editorial:

Embora os organizadores da maioria dos encontros científicos estipulem a necessidade de que o texto não tenha sido publicado anteriormente, há um consenso na comunidade científica de que apresentar um mesmo trabalho em dois ou mais encontros, desde que estes sejam realizados em diferentes países, é uma prática permitida. Pode-se dizer, inclusive, que esta seria uma prática recomendável. Isso porque a apresentação de um trabalho em um encontro tem a finalidade de promover a interlocução entre pares, isto é, o autor submete um texto provisório à análise crítica de uma audiência especializada, com a finalidade de trocar experiências e receber críticas e sugestões de melhoria ao seu trabalho. Nesse sentido, a apresentação de um texto em dois ou mais encontros, realizados em distintos países, promove a interlocução do seu autor com diferentes públicos, contribuindo para melhorar a qualidade do trabalho e, assim, com o produto do trabalho do cientista. Aliás, o percurso natural de um texto científico de boa qualidade é ser publicado em anais de encontro(s) e, na seqüência, em um periódico, e ainda transformar-se em capítulo de livro. Esse percurso não implica em conduta ética inadequada do autor, desde que respeitadas as regras do periódico e da Editora do livro, relacionadas com direitos autorais.

Agora, quanto a submeter um artigo a dois periódicos, simultaneamente, é assim o entendimento formulado por Tomás de Aquino:

Falta responder a última pergunta: **é permitido submeter um mesmo artigo a dois periódicos ao mesmo tempo?** A resposta é absolutamente não, mesmo que a submissão dupla tenha sido realizada com a intenção de “ver quem responde primeiro”. Essa prática, que se configura em conduta ética inadequada, felizmente não tem sido uma prática comum na comunidade científica de Administração do Brasil, embora alguns casos tenham sido identificados.

A BAR – Brazilian Administration Review

Ao final da terceira gestão de Clóvis Machado-da-Silva como Presidente da ANPAD, foi resolvida a criação de uma revista eletrônica, em língua ingle-

sa, com a finalidade de divulgar os melhores trabalhos produzidos no Brasil para uma comunidade acadêmica mais ampla do que aquela composta apenas por aqueles que dominam a língua portuguesa. Surgiu, assim, a BAR. A circulação do primeiro número deu-se em julho–dezembro de 2004. O primeiro Editor-geral da BAR foi o Professor Tomás de Aquino Guimarães, que cuidou dos dois primeiros números. Em 1º de julho de 2005, já na gestão Carlos Osmar Bertero, Clóvis Machado-da-Silva foi designado para ser o editor da BAR, separando-se, assim, a gestão da RAC e da BAR, antes sob o mesmo Editor.

Clóvis Machado-da-Silva assim resume seu pensamento sobre a BAR:

Não tenho dúvidas da importância de uma revista que possa divulgar artigos brasileiros de alta qualidade para uma comunidade acadêmica que não se restringe aos países de língua portuguesa. O fato de a BAR ser editada em inglês possibilitará que acadêmicos de diferentes países, do ocidente ao oriente, possam ter acesso à pelo menos parte da produção acadêmica brasileira.

Surgirão, sem dúvida, críticas ao fato de termos uma revista em inglês, publicada no Brasil, mas elas tendem a vir daqueles que constituem a vanguarda do atraso ou daqueles que sofrem, de maneira exagerada, do complexo de Policarpo Quaresma, advogando um pretensão e equivocado nacionalismo. O verdadeiro nacionalismo é aquele que nos coloca, a partir da nossa realidade, em face do mundo e não aquele que nos isola do mundo. Aquele que nos isola do mundo deve ser mais apropriadamente adjetivado de provincianismo.

As revistas eletrônicas das Divisões Acadêmicas

O ano de 2006 vai marcar mais uma decisão importante no campo das revistas da ANPAD. Com a criação das Divisões Acadêmicas (10) na estrutura da gestão da ANPAD, e a necessidade de dar sempre mais vazão à produção crescente de artigos apresentados nos congressos da ANPAD, estão sendo ultimadas, no momento de concluir os originais deste livro, as normas que vão presidir a publicação de revistas eletrônicas provavelmente em cada uma das Divisões da ANPAD. O aparecimento dessas revistas é, pois, um dos eventos que poderá marcar o 31º ano da ANPAD.

Construindo uma
Associação Científica:

30
TRINTA ANOS da **ANPAD**

-memórias, registros, desafios-

Parte VI

A ANPAD, o passado e o futuro:
temas selecionados

ANPAD 30 anos: o ensino como direção estratégica.

Tânia Fischer

1. O Ensino Volta ao Centro...

A ANPAD nasceu comprometida com a institucionalização do ensino de pós-graduação em Administração. Trinta anos depois, temos o desafio estratégico de promover mudanças estruturais na pós-graduação. As várias gerações de professores em atividade lecionam em instituições de grande diversidade, tais como universidades públicas e particulares, centros, escolas, faculdades. Parcerias e franquias mudam rapidamente a configuração organizacional de, aproximadamente, 2.000 instituições e 3.000 cursos de graduação. São 200.000 professores de graduação e cerca de 600 professores de pós-graduação, distribuídos em 60 programas.

O decênio 2000–2010 marca uma transição importante no ensino de Administração em geral e na pós-graduação em particular. Ao identificar os sinais de mudança que nos ajudam a proagir face ao futuro, constata-se um cenário de tensões e transformações em várias escalas institucionais.

Trinta anos de uma associação representativa de uma área jovem como a Administração é um marco que nos ajuda a olhar para o processo recente, ao mesmo tempo em que se projeta o futuro, trazendo uma agenda de questões para discutir e uma proposta concreta de enfrentamento dos desafios estratégicos traduzida em um programa que a ANPAD compartilha com os seus membros: o Programa de Capacitação Docente em Administração (PCDA).

A área de Administração tem cerca de 60 anos de institucionalização do ensino na graduação e há 40 anos que a profissão do administrador foi regulamentada no Brasil.

Se a graduação e as primeiras escolas nasceram induzidas por políticas formuladas em acordos de cooperação internacional, a pós-graduação *stricto sensu* é um movimento nacional, resultado da consolidação das primeiras escolas e de programas nacionais como o Programa Nacional de Treinamento de Executivos (PNTE) da FINEP, nos anos 70, e da ação indutora da CAPES, que estimulou, fortemente, associações nacionais de pós-graduação.

Neste período, nascem a ANPOCS, a ANPUR e a ANPEC, além da ANPAD. A pós-graduação brasileira é uma experiência de sucesso e, como tal, consolidou-se a partir de um modelo acadêmico estabelecido pelas áreas mais tradicionais, científicas e tecnológicas. Ao se fortalecer como Associação, a ANPAD defende uma identidade enquanto área de conhecimento e comunidade de Programas. Dos primeiros anos do estabelecimento dos Programas, evoluiu-se para a estrutura de Áreas Temáticas e Divisões que temos hoje. Do ensino como questão primordial, evoluiu-se para a pesquisa e produção bibliográfica como preocupações maiores. Quais são os cenários do presente que devem ser levados em conta nos desenhos estratégicos do futuro?

2. Contextualizando o Presente

Nos anos 2000, temos um cenário de tensões e transformações em várias escalas. No cenário internacional, mudanças estruturais no ensino ocorrem em universidades europeias, enquanto discussões acirradas sobre rumos do ensino de Administração agitam a academia americana. Os novos modelos de ensino globalizados já vigentes em países asiáticos e em processo acelerado na América Latina, bem como o rápido desenvolvimento de alternativas de ensino à distância, aproximam os desenhos institucionais e criam padrões globais de cursos, bastante reforçados pelo isomorfismo coercitivo dos sistemas de avaliação.

No plano nacional, há sinais importantes de que a área deve realizar transformações rápidas primeiro considerando as novas políticas e formas de regulação e, segundo, pelo reposicionamento da área em relação às outras áreas de conhecimento.

O projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação enviado ao Congresso Nacional confere à pós-graduação deveres com a democratização do ensino, ampliando a oferta de cursos, especialmente de doutorado, e comprometendo a pós-graduação com a interiorização do ensino, a redução das desigualdades regionais e a formação de professores; pontos bastante reforçados no Plano Nacional de Pós-Graduação 2005–2006.

Na esfera local, há decisões sobre contextualização do ensino e sustentabilidade. A dimensão concorrencial é paralela à necessidade de cooperar e estabelecer parcerias, tanto nas instituições públicas quanto particulares.

Como um eixo transversal de preocupação, a nova categorização do conhecimento proposta pelas agências nacionais de política e avaliação da pós-graduação deixa claro que gestão é especialidade multidisciplinar que pode ser apropriada por qualquer área, como já está ocorrendo com a Engenharia, a

Saúde e a Computação. Constructos como organizações e instituições são também patrimônio comum às Ciências Sociais e às chamadas Ciências Socialmente Aplicáveis, na qual a Administração foi enquadrada.

Constata-se, primeiramente, uma forte questão identitária: o que singulariza a Administração como campo de conhecimento, ensino e prática social, se a gestão é comum a todas as demais? Além desta incerteza identitária de quem vê e julga a área, há também a posição de comunidade sobre a natureza e limites do campo em questão. No que respeita ao ensino, não há um consenso consistente sobre a formação profissional ou, mais especificamente, sobre a diferenciação de critérios entre cursos acadêmicos e profissionais.

Os dois eixos de formação nos currículos de pós-graduação – acadêmico e profissional – de um lado, mestrado e doutorados e mestrado profissional e especialização, de outro, formam-se mestres e doutores que são e serão professores de cursos de graduação e pós-graduação.

Enquanto a graduação teve expansão massiva, a pós-graduação tem números discretos e está concentrada nas capitais e no litoral, sendo ausente na região norte e tendo apenas um Programa no centro-oeste.

Neste contexto de mudanças e confrontos, o ensino de Administração volta a ser um desafio estratégico, porque o dilema identitário está à área de fora para dentro e no seu próprio âmbito. A questão que se coloca é um desafio estratégico a ser respondido hoje.

Se não houver uma delimitação maior para os propósitos e conteúdos de ensino, a gestão será ensinada por todas as áreas, menos pelos administradores. Se não prepararmos melhor os professores para a graduação e a pós-graduação, não haverá mais e melhor ensino.

4. Direcionando o Futuro

O ensino, que foi o mote inicial da criação de associações como a ANPAD, deve retornar ao centro das estratégias de desenvolvimento institucional dos Programas de Administração. É o momento de decisões estratégicas sobre prioridades, perfis de formação pretendidos, desenhos de programas e cursos e estratégias de ensino.

A agenda de questões nesta conjuntura deve ser direcionada igualmente para o ensino com questões tais como:

- Que prioridades de formação têm os programas hoje? Formar pesquisadores e gestores tem sido um objetivo explícito. A formação de professores é um corolário, uma consequência que se obtém de forma quase

aleatória, pelo ensino de conteúdo. O quanto os Programas investem, de fato, na formação de professores?

- Que esforços têm sido feitos na atualização dos cursos nos últimos 20 anos, tanto nos conteúdos de ensino quanto nos desenhos curriculares/ inovações no ensino?
- Há distinção entre os modelos de cursos antigos e cursos novos? Que estratégias de organização curricular tem sido utilizadas? Como se processa o ensino e como se incorporam tecnologias de ensino presencial e à distância? Como o ensino à distância vai impactar no país, considerando as necessidades de difusão massiva, especialmente na formação de quadros docentes?
- Como os Programas estão enfrentando as pressões por parcerias nacionais e internacionais? A área tem atendido às ofertas e demandas por cooperação nacional?

Integrar ensino e pesquisa é uma diretriz importante. Se todos os Programas criarem linhas, programas ou projetos de pesquisa em ensino, pode-se ter como resultados estudos configuracionais da área, sobre perfis de professores e alunado, sobre trajetórias e desenhos curriculares, sobre ensino e aprendizagem, sobre o uso de recursos digitais, estéticos (cinema, teatro, literatura, música e outros) mapeando-se tradições e inovações. Materiais de ensino de boa qualidade, renovando os manuais utilizados na graduação e conferindo um caráter mais didático aos recursos textuais utilizados nos cursos de pós-graduação, são um tipo de produção científico-tecnológico que deve ser valorizada.

Estas questões e diretrizes estão contempladas no Programa de Capacitação em Administração – PCDA – como resposta da ANPAD e da comunidade de Programas a estes desafios.

Iniciado por cinco instituições (EBAPE, EAESP, UFRGS, UFBA e PUC/MG) o programa está aberto à comunidade ANPAD. Representa um posicionamento da área face aos dilemas do ensino e um espaço de reflexão e práticas, tão necessário em um país de dimensões continentais e tantas diferenças. Respeitando a diversidade o PCDA deve ser formatado segundo as peculiaridades institucionais, respeitando a trajetória e vocação de cada programa. Compreende três eixos de ação: ensino, pesquisa e difusão. No ensino, pode haver a criação de alternativas de formação de mestrandos e doutorandos para a docência, bem como atividades de estímulo à constituição de uma comunidade de práticas que reflita sobre o ensino e encontre soluções para os problemas vividos por professores e alunos. Na pesquisa, a constitui-

ção de atividades, projetos e programas que se organizam como uma linha de pesquisa integradora.

Os resultados da pesquisa podem também ser difundidos como materiais de ensino, desde manuais para diversas disciplinas e recortes temáticos até tecnologias mais sofisticadas para ensino presencial e a distância. Na difusão, cabem eventos, revistas com números temáticos sobre aprendizagem e ensino de Administração.

O PCDA é, em suma, um espaço coletivo de reflexão e construção do conhecimento sobre o ensino e para o ensino de Administração.

A ANPAD é uma instituição de base comunitária, construída com esforços múltiplos que, a despeito das diferenças, convergiram em um ponto: delimitar e dar identidade a um campo. A recentralização do ensino hoje, alicerçada na pesquisa que temos construído nestes trinta anos, é uma direção estratégica de sobrevivência e expansão da Administração como área de ensino, pesquisa e ação social.

CAPÍTULO 23

A ANPAD e a Acreditação.

Roberto Moreno

A discussão sobre avaliação dos cursos estrito senso iniciou-se com a decisão de criar-se uma nova categoria de sócios da ANPAD: os Membros Observadores. Naquela ocasião – final de 1997 – percebemos o crescimento dos mestrados em Administração e Contabilidade ainda não recomendados pela CAPES. Foi meu entendimento buscar meios de abrigá-los no âmbito da ANPAD, com vistas não apenas a dar-lhes um espaço de convívio com Programas já experimentados, mas também para que fosse a ANPAD a representação natural de suas demandas. A idéia foi muito bem recebida, mas colocava uma questão: como filtrar entre aqueles cursos que buscassem a afiliação e ainda não eram recomendados? Seria necessário que criássemos um instrumento de aferição para servir como filtro e a Assembléia da ANPAD, em ocasião que não posso precisar (mas foi entre a quadragésima sétima e a quadragésima nona Assembléia), aprovou a deliberação de a ANPAD construir um Sistema de Acreditação, binário (acreditado ou não), a ser utilizado, inicialmente, na avaliação de candidatos a Membros Observadores. Deliberou, ainda, que todos os Programas Associados seriam submetidos ao processo, como forma de testá-lo e adequá-lo à realidade que vivíamos. Apenas no final de minha gestão decidiu a Assembléia incluir os cursos lato senso no Sistema de Acreditação, por entender que o crescimento extraordinário desse segmento estava a exigir algum tipo de “selo” que espelhasse a qualidade do curso avaliado e acreditado. Naturalmente, os cursos acreditados teriam vantagens competitivas na seleção dos alunos desejosos de freqüentar um curso lato senso.

Apesar de aprovado há tanto tempo, a criação do Sistema de Acreditação ANPAD (SAA) enfrentou inúmeros obstáculos, especialmente de natureza política: entre alguns colegas, prevalecia o temor de que um sistema como esse fosse visto como um enfrentamento à CAPES, agência governamental que tem a responsabilidade de avaliar a pós-graduação estrito senso no país. De fato, nunca foi essa a intenção da ANPAD. Ao contrário, chegamos, a redigir – a professora Tânia Fischer, o professor César Gonçalves e eu – um projeto de construção do SAA e o submetemos à CAPES em busca de patrocínio financeiro.

ro e, especialmente, aval para o esforço da Associação. Sempre entendi, ainda, que, fazendo um bom trabalho de Acreditação, um dia seríamos chamados pela CAPES para assumir a tarefa que hoje já realizamos, mas em nome dela. Ainda acho que isso acabará por ocorrer!

Em virtude de várias dificuldades, especialmente da natureza que acabei de relatar, a proposta inicial só foi efetivamente aprovada, na gestão seguinte, em meados de 2002, quando foi criada uma coordenadoria de Acreditação, para a qual fui nomeado, por Clóvis Machado-da-Silva, Presidente.

Na reunião de 13/11/03 (ata 68) houve uma submissão da proposta preliminar de criação do Sistema de Acreditação. Esta proposta refletia a visão do comitê anteriormente formado para discutir as normas de funcionamento do SAA e era formado pelos professores Cristina Limongi, Carlos Pedrosa Junior, Fernando Bins Luce, Wilton de Oliveira Bussab, Ricardo Leal, e por mim.

Na ocasião, fiz um relato do trabalho desenvolvido durante o ano de existência da Coordenação, e apresentei e distribuí um texto, o qual demonstra os objetivos do Sistema, abaixo reproduzidos. O documento de criação do Sistema de Acreditação da ANPAD foi aprovado por unanimidade.

A questão da Acreditação passou a merecer prioridade na ANPAD, a ponto de, quando da eleição da atual Diretoria para a ANPAD, ter sido definida que haveria uma Diretoria de Acreditação, que ficou entregue a Antonio Freitas, ficando eu, Roberto Moreno, como gerente do sistema.

No dia 22/06/2005, em nova Assembléia Geral (ata 72) e seguindo os rituais previstos nos textos aprovados até então, foi eleito o Comitê de Acreditação, órgão máximo do SAA e tendo como principal atribuição determinar as diretrizes que nortearão o funcionamento do SAA, a serem executadas pela Gerência de Acreditação nas atividades de avaliação dos cursos que atendam aos padrões definidos, cujos membros serão indicados dentro dos quadros de professores dos Programas filiados a ANPAD e eleitos pelos Membros Efetivos da Assembléia para mandato de três anos (o mais votado), dois anos (segundo lugar) e um ano os dois membros finais. Apresentaram-se as candidaturas de diversos professores dos quadros das instituições membros da ANPAD, sendo eleitos os professores Eliseu Martins, João Luiz Becker, Maria Tereza Fleury e Rebecca Arkader.

O SAA encontra-se hoje na iminência de iniciar a Acreditação dos programas lato senso das seguintes instituições: UFRGS, COPPEAD/UFRJ, FAF/UFGM, UFBA. E há a possibilidade de o mesmo ser realizado para a FEA/USP em futuro imediato. Em seqüência, apresenta-se o documento que define os contornos do Sistema de Acreditação, preparado e apresentado por mim, em Assembléia realizada em agosto de 2005.

Sistema de Acreditação ANPAD

Justificativa

A expansão da área de Administração e Contabilidade nos últimos anos tem se traduzido não apenas pelo crescimento dos cursos de graduação e pós-graduação lato senso. Também tem sido registrado um expressivo aumento dos cursos estrito senso, especialmente aqueles de mestrado. Nas universidades, ademais, é crescente o fenômeno das “Escolas de Administração e de Negócio”, reunindo e subordinando esses diferentes níveis de ensino. De outro lado, é cada vez maior o número de universidades estrangeiras que, no esforço de expandir os seus domínios, têm se voltado naturalmente para o Brasil, o mercado mais promissor de toda a América Latina.

Assim, a distinção entre as diferentes instituições de ensino que atuam nessas áreas tem ficado mais complexa, não apenas em função da diversidade em termos da qualidade do que oferecem e dos objetivos que perseguem, mas também do espectro de sua atuação (graduação e pós-graduação lato senso, apenas pós-graduação lato e estrito senso, etc.), entre outras características.

É fato, ainda, que o crescimento assinalado tem ensejado um maior interesse dessas novas instituições em se afiliarem a ANPAD, para o que é necessária alguma forma de avaliação de suas características e competências.

Em função desse quadro, a Assembléia da ANPAD decidiu criar o Sistema de Acreditação ANPAD (SAA), com o propósito de complementar a tarefa realizada pela CAPES de avaliar os cursos de pós-graduação do país,

acreditando, através de avaliação, Cursos, Programas de Pós-Graduação e, de uma ótica mais global, Escolas de Administração e de Negócio, sempre considerando as áreas de Administração e Contabilidade.

Missão e Objetivos

Quanto à Missão, o Sistema de Acreditação ANPAD:

- proverá instrumentos para o contínuo aperfeiçoamento da educação em Administração e Contabilidade;
- oferecerá padrões de qualidade que possam ser utilizados por estudantes, empresas e administradores acadêmicos;
- oferecerá serviços de informação, acreditação, consultoria e desenvolvimento gerencial para as áreas de Administração e Contabilidade, permitindo, através dessas ações, criação de valor para os seus associados;

- promoverá debates, seminários, conferências, publicações e outros serviços destinados a estimular a troca de experiências e favorecer o aperfeiçoamento das práticas de governança nas instituições que ofereçam serviços de educação em Administração e Contabilidade.

São objetivos do SAA:

- definir padrões de qualidade a serem utilizados pelo ensino de pós-graduação em Administração e Contabilidade;
- contribuir para o aperfeiçoamento dos cursos de pós-graduação nessas áreas;
- avaliar os cursos que atendam aos padrões definidos.

Governança^v

O SAA está organizado da seguinte forma:

O *Comitê Executivo (CE)* é o órgão máximo do SAA, sendo responsável por estabelecer seus objetivos estratégicos, deliberar sobre as propostas de Acreditação e sobre os critérios e indicadores utilizados na avaliação para fins da Acreditação, entre outras responsabilidades. O Comitê será constituído por quatro membros eleitos pela Assembleia da ANPAD, e pelo *Diretor de Acreditação da ANPAD (DA)*. Este, além de ser membro natural e coordenador do CE como representante da ANPAD, terá a responsabilidade política de atuar junto às entidades públicas e privadas que operam na área de avaliação/acreditação.

A *Gerência de Acreditação (GA)* terá uma ação técnica-executiva, responsável por conduzir o dia-a-dia do SAA, divulgando-o, coordenando as atividades administrativas, visitando instituições, propondo a composição das Comissões de Visita para deliberação do CE, entre outras tarefas. Caberá ao Gerente de Acreditação submeter à apreciação do CE, os critérios e indicadores a serem empregados na etapa avaliadora do processo de acreditação. Indicado pelo Diretor de Acreditação da ANPAD e a ele subordinado, o GA funcionará como executivo do SAA. Sua contratação ou demissão só se fará mediante aprovação do CE.

^v As informações mais completas encontram-se no documento *Governança do Sistema de Acreditação ANPAD*.

A Secretaria caberá a tarefa de viabilizar a ação estratégica, gerencial e executiva dos demais membros da administração do SAA.

Auxiliar no funcionamento do SAA é a função do *Comitê de Recursos (CR)*, atuante sempre que necessário apreciar recurso interposto por instituição candidata e que não tenha logrado êxito em sua acreditação. O CR será constituído por três membros, eleitos pela Assembleia da ANPAD, além do Gerente de Acreditação e de um membro da Comissão de Visita que tenha participado do processo de Acreditação da instituição reclamante.

Fundamental para o sucesso do SAA é a *Comissão de Visita*. Embora não faça parte da estrutura formal do Sistema de Acreditação, as Comissões de Visita terão o papel de avaliar *in loco* a instituição candidata e produzir relatórios que suportem as decisões do CE. Será constituída por dois profissionais de reconhecida competência em seus campos de atuação e sua composição deverá refletir, necessariamente, a natureza acadêmica e/ou profissionalizante da avaliação a ser realizada. Os membros da Comissão de Visita serão indicados pelo Gerente de Acreditação e aprovados pelo Comitê Executivo.

Clientela

Para alcançar esses propósitos, o SAA pretende realizar sua tarefa contemplando duas diferentes estruturas:

■ Cursos

Atendem às instituições que desejam acreditar individualmente cursos de estrito senso ou de lato senso. Nessa estrutura cabe, ainda, o conceito de **Programa**: serve às instituições que tendo vários cursos partilhando a mesma filosofia, preferem submeter à Acreditação o conjunto desses cursos, em lugar de cada um individualmente.

■ Escolas de Administração e de Negócio

Caracterizadas pela integração entre, no mínimo, dois de três cursos que confirmam grau acadêmico (graduação, mestrado e doutorado).

A Acreditação ANPAD pretende atender àquelas instituições que, mercê de sua seriedade, procuram diferenciar o seu trabalho educacional. Assim, submeter-se-iam voluntariamente ao processo de Acreditação que será, por seu turno estruturado em torno de critérios gerais e específicos, destinados a identificar a capacidade da instituição em alcançar os objetivos estabelecidos em sua Missão.

A acreditação obedecerá ao princípio binário, sem pretensões a ordenações de cursos ou escolas.

Em termos gerais:

- A graduação, no caso das Escolas, será avaliada considerando o credenciamento MEC. Posteriormente, poderão ser introduzidos outros elementos, como é o caso da visão do mercado;
- Os mestrados e doutorados já recomendados serão avaliados considerando a recomendação CAPES, *ajustada para incluir características específicas das áreas de Administração e Contabilidade*. Aqueles ainda não recomendados serão avaliados através de critérios próprios, *fruto dos critérios CAPES ajustados*;
- O lato senso será aferido segundo critérios próprios, construídos conforme o espírito desses cursos, ou seja, voltados para o público não-acadêmico;
- Haverá distinção entre os critérios de aferição para os mestrados “acadêmicos” e os “profissionalizantes”, tendo em vista o caráter teoricamente diferente de seus objetivos;
- Os momentos diferentes em termos de desenvolvimento que atravessam as áreas de Administração e Contabilidade, ensejarão a adoção de critérios específicos para essas áreas, que reflitam esses momentos.

Considerando-se a natureza abrangente dos profissionais formados nas Escolas de Administração e de Negócio, que contempla tanto o mercado acadêmico – professores e pesquisadores – quanto o mercado não-acadêmico – primordialmente executivos com atuação nas organizações, é natural que os indicadores empregados no processo de Acreditação sejam pautados tanto em critérios de caráter geral, quanto em critérios específicos e indicativos do universo que pretendem representar.

A avaliação utilizará como norte a Missão da instituição e o papel que a Escola de Administração e de Negócio e/ou Curso nela desempenha. Os indicadores utilizados contemplarão as seguintes dimensões:

- Projeto Acadêmico;
- Docentes;
- Produção;
- Mercados e Egressos;
- Infra-estrutura.

Avaliação de trabalhos acadêmicos no âmbito da ANPAD: apreciações e proposições⁴⁹.

Walter Fernando Araújo de Moraes

A avaliação de trabalhos no âmbito da ANPAD é uma questão que se caracteriza não pelo volume de reclamações formalizadas, mas por um estado latente de que precisa ser melhorada. De fato, de forma geral, tem-se menos de 10 registros de descontentamento em encontros com mais de 3 mil trabalhos submetidos, como são os EnANPADs. Durante a realização dos próprios encontros, incluindo igualmente os temáticos, os descontentamentos são ainda mais residuais, embora tal fato seja compreensível, dado que, em sua maioria, lá estão apenas os pesquisadores que tiveram trabalhos aceitos. A realidade, entretanto, expressa nas conversas de pequenos grupos é diferente e, de uma forma ou de outra, há insatisfação. As dificuldades são inúmeras e as alternativas sugeridas quase sempre não apresentam boas garantias de que podem ser as mais corretas.

O crescente volume de artigos submetidos sem haver um equivalente aumento de avaliadores com maturidade e formação nas Áreas Temáticas para que se conduza uma avaliação justa é apenas uma das dificuldades mais evidentes. Um dos pontos cruciais é que quase todos os pesquisadores, com apenas algumas exceções de modéstia, se consideram com maturidade elevada e formação sólida para avaliar os trabalhos submetidos, o que nem sempre é correspondido em seus pareceres. Ademais, pesquisadores seniores tendem a ser mais ocupados e, quase sempre, se disponibilizam apenas para avaliar um reduzido número de trabalhos. Em consequência, um quantitativo maior do que o desejável deve ser avaliado por pesquisadores menos experientes. Tal situação tem acarretado, com frequência, disparidades acentuadas nas avaliações. Em tais casos, os coordenadores de área procuram um terceiro avaliador, que tende a ser o próprio, sobrecarregando-o.

Um dilema associado também existe quando os coordenadores de área e de divisão definem o número de avaliadores que devem atuar. A opção de poucos avaliadores acarreta, na maioria das situações, um volume inaceitável de tarefas a serem realizadas pelo avaliador, não obstante, tal alternativa deva resultar em maior consistência das avaliações. A outra opção é tornar, quando possí-

vel, em face das peculiaridades de sedimentação acadêmica das Divisões, o processo mais democrático, possibilitando a expansão do número de avaliadores, e, em decorrência, uma menor quantidade de esforço para cada um deles. Neste caso, a inconsistência das avaliações é quase a certeza, o que acarreta enormes dificuldades para os coordenadores de Áreas Temáticas e de Divisões, que são, em última instância, respeitadas as diretrizes da Direção Científica, os responsáveis pelo fechamento das listas de aceitação.

Pareceres lacônicos, sem o fornecimento de comentários que possibilitem o aprimoramento do trabalho, em especial nos casos dos não-aceitos, têm, embora reduzida, indesejável frequência. Em situações limite, há mesmo registros de expressões pouco condizentes com o mundo acadêmico. Lamentavelmente, há ainda pareceres em que o avaliador é tão sintético em seus comentários que fica uma impressão de não ter havido uma leitura adequada do texto. Por outro lado, em sua maioria, dedicados avaliadores fazem comentários que permitem aos autores enriquecerem seus trabalhos, tanto em termos bibliográficos quanto metodológicos, visando a uma nova submissão em encontros futuros ou, mesmo, em publicações definitivas em revistas.

Como é relativamente comum em casos em que se tem volume significativo de tarefas, há algum tempo a ANPAD adotou um sistema eletrônico padronizado, com dez dimensões de atribuição de notas, acrescido mais recentemente de uma complementação classificatória do tipo: aceita preferencialmente, aceita se demanda justificar e rejeita. A reutilização desta complementação (já existente no passado) na avaliação tem-se revelado muito satisfatória para o fechamento da lista de aceitação, a qual sofre restrições intrínsecas relativas à qualidade do trabalho e ao espaço do local onde o evento será realizado. Associada aos aspectos críticos da escolha das dimensões e suas próprias conceituações, há ainda a questão do uso de estatística para normalizar as avaliações. Assim, na tentativa de reduzir a influência do avaliador generoso e do cruel, seus resultados são relativizados, o que é muito eficaz quando se tem um número de avaliações maior do que vinte trabalhos, que é uma situação pouco desejável, mas que infelizmente ocorre. No caso do avaliador ter um número reduzido de avaliações a normalização pode não ser eficaz. Nesta situação, injustiças podem ser cometidas.

Na tentativa de aprimorar a avaliação, algumas experiências têm sido conduzidas em Áreas Temáticas específicas. A Divisão de Estudos Organizacionais tem sido o “campo de teste” de tais experiências. Assim, testou-se o procedimento de um pequeno comitê realizar uma avaliação prévia dos trabalhos completos e posterior encaminhamento para o sistema tradicional de avaliação,

i.e. eletrônico com dimensões pré-definidas, tratamento estatístico dos resultados e fechamento da lista de trabalhos aceitos por parte dos coordenadores. Ou ainda, submissão preliminar de resumo expandido (até três páginas) e submissão posterior do texto completo pelos pré-selecionados, seguindo-se apenas uma análise mais orientada para a consistência do trabalho final em relação ao resumo inicial. Há ainda que se avaliar a alternativa de submissão de resumo simples limitado a um número pequeno de palavras, o que deve exercitar sobremaneira a capacidade de síntese dos autores.

Estas apreciações têm sido consideradas por todos que se preocupam com que se ofereçam avaliações cada vez mais justas aos trabalhos submetidos pelos pares. Ações podem ser implementadas no sentido de se elaborar uma espécie de conjunto detalhado de procedimentos para, em sendo difundido, reduzir eventuais distorções e, talvez seja o caso, propiciar treinamento para todos que se comportam na atividade acadêmica como um eterno aprendiz. Tudo de forma voluntária e sempre de forma não identificável.

CAPÍTULO 25

A Administração Pública e a ANPAD.

Peter Spink

Em 1984 a oitava reunião da ANPAD teve lugar no prédio da FEA-USP. Felizmente a sala alocada para a área de Administração Pública foi pequena porque nós éramos cinco pessoas; quatro apresentadores e uma platéia de um. Apresentei um trabalho sobre as contradições no campo inter-organizacional, refletindo sobre as vantagens e as desvantagens para a democracia das articulações inter-organizacionais na implementação das políticas públicas. Naquela época no período de transição entre os governos militares e civis, a área pública não estava na moda. Ainda estávamos com questões de administração de pessoal e administração para o desenvolvimento; falava-se em modernização e não em reforma do Estado e a sociedade civil era Gramsci e movimentos sociais urbanos. No âmbito sub-nacional, pouca atenção seria prestada à vitória do PT em Diadema na região metropolitana paulista (onde a esquerda continua no poder até hoje) e não havia ninguém prestando atenção aos consórcios inter-municipais sendo estimulados pelo Franco Montoro no governo do Estado de São Paulo. De pesquisadores havia uma ou duas pessoas na UFBA, na UFRGS e na FGV (Rio e São Paulo). Dois anos mais tarde, o cenário era outro no X Encontro em Florianópolis, em 1986. Eu lembro de Clóvis Machado discutindo Burrell & Morgan em relação aos estudos organizacionais em geral – público e empresarial – e Ramon Garcia contra argumentando a partir da posição de Alberto Guerreiro Ramos e as organizações alternativas e substantivas. Havia gente de diversos lugares do país e um contingente grande da FUNDAP de São Paulo com casos de mudança organizacional. A transição tinha terminado – foi assim que imaginávamos – e era tudo para ser feito.

Bem, de fato a transição iria levar muito mais tempo, mas, por outro lado, a área de Administração Pública não mais parou de expandir conforme os trabalhos publicados nos anais e o número de submissões pode testemunhar. Temos hoje um encontro somente para a área pública – já na sua segunda edição em 2006 – e outros encontros como o Colóquio de Poder Local, organizado pela UFBA com ANPAD e ANPUR já em sua décima edição. As revistas principais publicam regularmente trabalhos deste campo; especialmente a RAP

e a Organizações & Sociedade mas também a RAC, RAUSP e a RAE. Curiosamente, com toda esta presença, a área continua pequena em termos do número de Programas de pós-graduação com linhas específicas de Administração Pública, mas com muitos pesquisadores individuais e uma população de mestrands e doutorandos igualmente vocíferas; pequena mas barulhenta talvez seria uma boa descrição.

Sem dúvida, a consolidação democrática foi importante para a área de Administração Pública, como também foi o período do Bresser Pereira no MARE ou das gestões de cidades como Curitiba, Porto Alegre e Belo Horizonte e muitos outros municípios menos conhecidos (afinal 70% dos municípios brasileiros tem abaixo de 20.000 habitantes). Havia em outras palavras o que descrever e discutir. Mas gostaria de argüir que outros fatores foram também importantes e que talvez permitissem que a área de Administração Pública entendida tanto em termos amplos, estatal e não estatal, fosse seguir um caminho que as outras áreas da Administração não foram capazes de seguir; o caminho do conhecimento situado, relativamente autóctone e ativo num contexto latino.

Um destes fatores se refere à história do pensamento administrativo na América Latina, onde a discussão sobre Administração Pública e sobre formas de governo se estabeleceu no início do século passado – quando não em todas as constituições que seguiram as independências no século anterior muitas das quais em múltiplas versões. Ou seja, desde que nos conhecemos como gente, discutimos a organização administrativa e reclamamos sobre governos. Em contraste, o desenvolvimento industrial próprio seria um fenômeno tardio e, mesmo assim, foram poucos os países que conseguiram efetivamente se industrializar. Tivemos os nossos barões industriais mas – diferentes às famílias e os empreendimentos relatados por Alfred Chandler – com raras exceções desapareceram ao longo do caminho, junto com seus empreendimentos.

Administração Pública é, antes de mais nada, um assunto público. Dado que normalmente em qualquer país há somente um modelo de governo – que pode ser diferente em níveis diferentes – e também um modelo de Administração Pública dominante em cada nível, torna-se muito difícil produzir qualquer teoria sobre Administração Pública em geral sem comparar países e refletir sobre as influências de leis, tradições culturais, práticas de governo e de constituições. Pode-se mostrar preferências para este ou aquele modelo, mas reconhece-se que a complexidade do “público” tem a sua especificidade. A teoria pode ajudar a criação de alternativas, mas dificilmente levará à imposição de uma solução única. Neste processo, talvez pela rebeldia latino-americana, ou pela eloquência de seus juristas, ou pelas questões de linguagem ou pelo fato de que

– fora a área diplomática – a Administração Pública é de fato “ensimesmada”, conseguimos manter os pés no chão das questões diárias tanto das grandes conurbações, onde quase 40% da população vive em 2% do território nacional, quanto nos pequenos municípios com seus programas de saúde que articulam saberes locais com saberes científicos. Não há nada parecido na área de Estudos Empresariais, ao contrário e com poucas exceções, a tendência era e continua sendo de seguir a agenda estabelecida pela *Academy of Management* quando não o *Harvard Business Review*. Claro, a área pública também recebeu os ventos dos bons modelos – o próprio movimento de reforma do Estado foi um e a Aliança para o Progresso um outro – mas sempre o jeitinho levou o dia, porque queira-se ou não as cadeias decisórias param na mesa de prefeitos, secretários, governadores, ministros e um presidente, em municípios, estados e a capital federal e não em New York, Paris, Londres, Tóquio ou Milão.

Três outros aspectos também merecem destaque: os vínculos interdisciplinares, o uso do estudo de caso e a abertura para estudos e publicações que descrevem o que acontece em agências, ministérios, programas e municípios. Sendo a Administração Pública um conceito composto de administração e público é inevitável que seu estudo traga junto as disciplinas que tradicionalmente se preocupavam com o “público” (desde a Filosofia Política, o Direito até as Ciências Sociais e muitos outros pontos no caminho). Felizmente, esta mescla de gente trouxe junto seus métodos de investigação variadas, desde a reflexão histórica, passando pela etnografia, os estudos quantitativos e demográficos até os trabalhos analíticos de textos, de entrevistas em profundidade e do “conte-me o que aconteceu”. Sim, de vez em quando há brigas homéricas entre os apoiadores deste ou daquele método mas – em geral – todos sabem que se precisa um do outro e que o preço pago é a aceitação de sua maneira de investigar e argumentar sobre a validade daquilo sendo proposto.

Com este pano de fundo e com uma tendência geral de trabalhos comparativos, o estudo de caso continua sendo o arroz e feijão da pesquisa em Administração Pública; continuamos sendo os contadores de história do mundo de Administração. Gostamos de números também, mas somente quando ajudam a contar uma boa história, um processo de mudança que entre em parafusos, ou de um novo tipo de arranjo organizacional, uma inovação ou melhor ainda – uma contradição ou um dilema. Afinal somos da área pública – um terreno onde não há certos e errados e onde é a sociedade que define o “*bottom line*”.

O último elemento é talvez o mais importante de todos e é o mais brasileiro de todos. Quando cheguei ao Brasil em 1980 vinha de uma tradição de pesquisa aplicada, na qual era comum as universidades serem convidadas

pelas empresas para fazerem estudos dos processos de mudança em curso, de entrevistar gerentes para ajudar na discussão sobre modernização, de conversar com trabalhadores sobre práticas de RH e – preservando a anonimidade – publicando os resultados. Aqui a situação era outra; havia alguns estudos na Sociologia Industrial do período pré-militar mas os pioneiros de pesquisa no período de transição rapidamente aprendiam a trabalhar do lado de fora da porta da fábrica. Os poucos estudos que conseguimos fazer sobre gestores foram feitos nas salas de aulas dos cursos abertos de educação continuada para executivos. A idéia de que uma universidade e seu departamento ou escola de Administração de Empresas poderia ser útil para melhorar a produção, o clima de gestão, que havia algo que poderia ser aprendido sobre gestão no Brasil, que conhecimento apropriado ao contexto era possível, tinha nenhum lugar no mundo do “veste a camisa do time” e “quem manda aqui sou eu”, duas frases cujas implicações simbólicas rapidamente aprendi. Havia sim, alguns momentos de abertura, pequenas janelas quando alguém estava no lugar certo no momento certo, mas para a grande maioria de empresários e executivos o conhecimento ou veio por avião internacional ou estava gravado na genética do umbigo do próprio gerente. A situação iria mudar um pouco com a abertura e os ventos de um desenvolvimento possível mas logo em seguida veio o *tsunami* do *downsizing* e das cadeias produtivas globalizadas.

Em contraste, a área pública era aberta aos estudos e à publicação dos resultados. Abra-se qualquer revista de Administração e esta diferença será imediatamente visível. O resultado é que, hoje em dia, a produção acadêmica brasileira na área geral de gestão pública, poder local e governo é respeitada em muitos lugares do hemisfério norte, em ambos os lados do Atlântico e em grande parte da América Latina. Somos escutados enquanto pessoas que têm opiniões válidas, posições próprias e são capazes de arguir de maneira independente a partir de casos e dados empíricos – nada mal!

NOTAS

¹ Mais informações podem ser obtidas consultando os volumes de **Avaliação & Perspectivas**, 1978 e 1982, uma série de documentos produzidos pelo CNPQ, redigidos respectivamente, para a área de Administração, por Carlos Osmar Bertero (1978) e Roberto Costa Fachin (1982).

² CNPq, **Avaliação & Perspectivas**, 1978 apud CNPq, **Avaliação & Perspectivas**, 1982, p. 35.

³ CAPES, 50 anos, p. 21.

⁴ Em depoimento pessoal ao organizador deste livro, em 27/10/2005, em Brasília, DF.

⁵ **RAC**, v. 1, n. 1, Jan/Abr. 1997: 145-173.

⁶ Criado então pelo Diretor da EBAP, Kleber Nascimento, recém egresso de seu Doutorado em Administração Pública, obtido na University of Southern California, EUA, onde fomos colegas e me lembro de sua motivação pela criação do PRONAPA.

⁷ Dados sobre os Estatutos e a reunião foram colhidos na Ata do **III Encontro de Coordenadores de Pós-Graduação em Administração**, de 21/12/1976, realizada na EBAP/FGV.

⁸ Mas que, em 1978, firmou convênio com a ANPAD, viabilizando inclusive a realização do Segundo Encontro da ANPAD, em João Pessoa (agosto de 1978) com o propósito de discutir as Linhas de Pesquisa desenvolvidas pelos Programas (cf. depoimento em **RAC** v. 1, n. 1, p. 148).

⁹ Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque é executivo, hoje, de uma associação voltada à inovação tecnológica.

¹⁰ A mim feito em junho de 2006.

¹¹ Período de Darcy Closs, na Direção-geral da CAPES, foi de 1974 a 1979.

¹² Período de Cláudio de Moura Castro, na Direção-geral da CAPES, foi de 1979 a 1982.

¹³ Depoimento na **RAC**, v. 1, n. 1, pp. 149-150.

¹⁴ ANPAD, **Relatório Gestão 1979/80**. Xerocado.

¹⁵ Em data de 2 de junho de 2006.

¹⁶ A Comissão de Implantação do Método do Caso foi criada, pelo CEBRAE, em 1976, como parte do apoio ao Sistema Brasileiro de Casos. A Central Brasileira de Casos era sediada na COPPEAD/UFRJ e as Centrais Regionais tinham sede em diversos programas filiados à ANPAD (UFRGS, USP, FGV-SP, UFMG, UFPB).

¹⁷ O CEBRAE foi o antecessor do atual SEBRAE.

¹⁸ Ver depoimentos orais de Darcy Closs e de Cláudio de Moura Castro, no livro **CAPES 50 anos** (ver bibliografia).

¹⁹ Não conseguimos cópia desse relatório.

²⁰ Ver parte de seu depoimento no livro **CAPES, 50 anos**.

²¹ Diretor-geral da CAPES, “Mestrado e doutorado: em muitos casos, dois luxos dispensáveis”. Entrevista concedida a Ivo Egon Stigger, **Correio do Povo**, Porto Alegre, 20 de maio de 1979, p. 18.

²² Não obstante, o relato aqui segue as linhas do que escrevi para o conjunto de Depoimentos de ex-Presidentes, publicados pela RAC, em seu primeiro número (A Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Administração nas palavras de seus Presidentes. **RAC**, v. 1, n.1, Jan/Abril 1997, pp. 152-154).

²³ Cf. ata da 16^a. Assembléia Geral, de 3 de setembro de 1984.

²⁴ ANPAD, Suzana Braga Rodrigues, **Palestra de Abertura XIII Encontro Anual da ANPAD**. São Paulo, 25 de setembro de 1989, 7 pp.

²⁵ Suzana Braga Rodrigues, **Palestra de abertura da Presidência da ANPAD**. XIV Encontro Anual da ANPAD, 24 de setembro de 1990. Florianópolis (folheto).

²⁶ Ver referência bibliográfica na parte correspondente.

²⁷ Realizada em 8/06/06, em Porto Alegre.

²⁸ Mauricio Serva, A realização do 17^o EnANPAD – analogias com a “Nova Organização. In: XVIII EnANPAD, **Anais**. Volume Organizações. Salvador, BA, 1994., pp. 227-243.

²⁹ Atendidos pela busca de verbas nas agências de fomento e, às vezes, em empresas.

³⁰ Serva, op. cit., 1994, p. 230.

³¹ Thomas Wood Junior. Fordismo, toyotismo e volvismo: os caminhos da indústria e a busca do tempo perdido. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, FGV, v. 32, n. 4. (Acessível pelo site www.rae.com.br).

³² Peter Drucker, The coming of the new organization. **Harvard Business Review**. Boston, 68 (66): 45-53, jan/fev 1988.

³³ Ver, por exemplo, o que consta do relato da segunda presidência, por exemplo.

³⁴ Agradecemos a contribuição de José Antonio Pinho, no esclarecimento desta etapa da evolução do EnANPAD.

³⁵ Entrevista com Alfredo Alves de Oliveira Melo, em 13 de maio de 2006, em Belo Horizonte.

³⁶ Ata da 38^a Reunião Ordinária da ANPAD, em 27 de junho de 1996.

³⁷ IN “A Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Administração nas palavras de seus presidentes. **RAC**, v. 1, n. 1, Jan/Abril 1997, pp. 170-173.

³⁸ O texto que aparece neste capítulo é baseado num depoimento especial, enviado via eletrônica, de Clóvis L. Machado-da-Silva (ver referências bibliográficas), redigido a meu pedido, eis que esta gestão foi posterior ao número especial da RAC (v. 1, n. 1, 1997) que publicou os outros depoimentos.

³⁹ Ver capítulo especial sobre o teste de seleção, para maiores informações.

⁴⁰ Ver detalhes na seção correspondente deste livro.

⁴¹ Ver detalhes na seção correspondente deste livro.

⁴² Cf. ata 70, de 26/09/2004, reunião realizada em Curitiba, na Estação Embratel Convention Center, onde se realizaria o XXVIII EnANPAD).

⁴³ A mim enviado, via eletrônica, como subsídio para redação deste livro.

⁴⁴ ANPAD, **Resumos de Trabalhos - ENEO 2000**. 1^o Encontro de Estudos Organizacionais. Curitiba, Paraná, 15 a 17 de junho de 2000, 60 pp.

⁴⁵ Nas referências abaixo não se pretendeu ser exaustivo mas exemplificativo do tipo de questões que tem sido levantadas pelos pesquisadores a respeito da produção acadêmica da área.

⁴⁶ Há estudos que discutem a produção científica da área, anteriores a essa data. Um dos exemplos é o artigo de Clovis Machado, Vera Carneiro e Cunha, Nerio Amboni. **Administração Pública – uma revisão dos artigos apresentados à ANPAD no período 1983-1986**. XII Reunião Anual da ANPAD. **Anais**. 1988.

⁴⁷ Em 2006, a situação de usuários do teste chegou a 83 programas usuários, no teste a ser realizado em setembro; o número de candidatos ao Teste foi de 1553, no teste realizado em fevereiro, 1869 em junho e 3500 em setembro. (dados comunicados em reunião de Assembléia Geral da ANPAD, em junho de 2006).

⁴⁸ Recebemos também seu depoimento, via eletrônica, em junho de 2006.

⁴⁹ Este capítulo contém dados sobre a situação atual da avaliação dos trabalhos acadêmicos na ANPAD. Em capítulos anteriores, o leitor encontrará as referências à evolução do processo de avaliação, desde a seleção pura e simples pelo coordenador do evento dos trabalhos possíveis nos primeiros anos da ANPAD, até a seleção por comissões de três membros, até a introdução do *blind review* e de outras mudanças que estão presentes até hoje e referidas neste capítulo 24 (N.Org.).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Administração nas Palavras de seus Presidentes. *Revista de Administração Contemporânea (RAC)*, v. 1, n. 1, jan/abril 1997: 145-173.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Plano Nacional de Pós-Graduação - PNPg 2005-2010* / Ministério da Educação. Brasília: CAPES, 2005.
- CALDAS, Miguel Pinto. *Correspondência eletrônica para Roberto Costa Fachin, relatando fatos de seu período como coordenador da área de Organizações no EnANPAD*. Recebida em junho de 2006.
- CNPQ. *Avaliação & Perspectivas 1978*. Redator: Carlos Osmar Bertero.
- CNPQ. *Avaliação & Perspectivas 1982*. Redator: Roberto Costa Fachin.
- FERREIRA, Marieta de Moraes & MOREIRA, Regina da Luz (org.) *CAPES, 50 anos – depoimentos ao CPDOC/ FGV, s.d. (2002)*.
- MACHADO-DA-SILVA Clóvis Luiz. *Fatos e eventos para subsidiar o livro dos 30 anos da ANPAD, que está em processo de organização por Roberto Fachin, com a colaboração, em especial, dos ex-presidentes da ANPAD*. Transmido via correio eletrônico em abril de 2006.
- Mestrado e doutorado: em muitos casos, dois luxos dispensáveis** Entrevista de Cláudio de Moura Castro, diretor-geral da CAPES, concedida a Ivo Egon Stigger, *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 de maio de 1979, p. 18.
- RODRIGUES, Suzana Braga. Os desafios da administração enquanto objeto de ensino e pesquisa: uma visão geral. *Palestra de Abertura XIII Encontro Anual da ANPAD*. São Paulo, 25 de setembro de 1989, 7 pp.
- _____. *Perspectivas da Pós-graduação em Administração. Palestra de abertura da Presidência da ANPAD. XIV Encontro Anual da ANPAD*, 24 de setembro de 1990. Florianópolis (folheto).
- SAMPAIO, C.H. e PERIN, M.G. Pesquisa Científica na área de marketing: uma revisão histórica. *Revista da Administração Contemporânea*. v. 10, n. 2, abr/mai/jun 2006.
- SERVA, Mauricio. A realização do 17º EnANPAD – Analogias com a “nova organização”. XVIII EnANPAD. *Anais*. 1994. V. Organizações pp. 227-243.

Obras consultadas:

- Atas, Anais, Cadernos de Resumos de Trabalhos das Reuniões Anuais e EnANPADs.
- Dissertações e teses defendidas nos programas membros da ANPAD de janeiro de 1991 – abril 1991**. ANPAD, Publicação da Diretoria Peter Spink (disponível na Secretaria da ANPAD).

Pessoas consultadas:

- Grande número de pessoas contatadas, desde os ex-Presidentes, muitos dos quais leram as partes do manuscrito referentes a suas gestões, a participantes dos eventos da ANPAD, geralmente referidos nos capítulos específicos e registrados em notas de fim de livro.

Registro 1

Diretoria da ANPAD (2005–2006).

Presidente

Carlos Osmar Bertero

pres@anpad.org.br

Diretor Científico

Walter Fernando Araújo de Moraes

dircient@anpad.org.br

Diretor Administrativo

Ernani Ott

diradm@anpad.org.br

Diretor de Acreditação

Antônio de Araujo Freitas

diracred@anpad.org.br

Secretaria

Rosângela de Brito e Cunha

Rua Marquês de São Vicente, 225 Gávea

22451-900 Rio de Janeiro / RJ

secretaria@anpad.org.br

Comitê Executivo

- Centro de Pesquisa e Pós-Graduação em Administração - CEPPAD
Universidade Federal do Paraná - UFPR
Curitiba / PR
www.ceppad.ufpr.br
- Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração - CEPEAD
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
Belo Horizonte / MG
www.cepead.face.ufmg.br
- Instituto COPPEAD de Administração - COPPEAD
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Rio de Janeiro / RJ
www.coppead.ufrj.br

- Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA
Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade - FEA
Universidade de São Paulo - USP
São Paulo / SP
www.usp.br

Comitê Teste ANPAD

- Curso de Pós-Graduação em Administração - CPGA
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
Florianópolis / SC
www.cpga.ufsc.br
- Programa de Pós-Graduação em Administração - PPAD
Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR
Curitiba / PR
www.pucpr.br
- Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Natal / RN
www.ufrn.br/ppga

Registro 2

Relação de Diretorias da ANPAD.

Biênio 77-78: Presidente Prof. Armando Santos Moreira da Cunha
Secretaria Executiva Prof. Julio da Silva Freitas
Eduardo de Oliveira Dapieve

Biênio 79-80: Presidente Prof. Volnei Alves Corrêa
Secretaria Executiva Prof. Ernani Tadeu de Oliveira

Biênio 81-82: Presidente Prof. Eduardo Pinheiro Gondin de Vasconcellos
Secretaria Executiva Prof. Roberto Sbragia

Biênio 83-84: Presidente Prof. Roberto Costa Fachin
Secretaria Executiva Prof.^a Eunice Lacava Kwasnicka

Biênio 85-86: Presidente Prof. Roberto Venosa
Diretoria Científica Prof. Clóvis L. Machado da Silva
Secretaria Executiva Prof.^a Suzana Braga Rodrigues

Biênio 87-88: Presidente Prof. Clóvis L. Machado-da-Silva
Diretoria Científica Prof.^a Suzana Braga Rodrigues
Secretaria Executiva Prof. Sílvio Aparecido dos Santos
Diretoria Administrativa Prof. Paulo Fiúza Bocater

Biênio 89-90: Presidente Prof.^a Suzana Braga Rodrigues
Diretoria Científica Prof. Paulo César Motta
Diretoria Administrativa Prof.^a Tânia Maria Diederichs Fischer

Biênio 91-92: Presidente Prof.^a Tânia Maria Diederichs Fischer
Diretoria Científica Prof.^a Maria Tereza Leme Fleury
Diretoria Administrativa Prof. Roberto Moreno

Biênio 93-94: Presidente Prof. Clóvis L. Machado-da-Silva
Diretoria Científica Prof. Jaime Evaldo Fensterseifer
Diretoria Administrativa Prof. César Gonçalves Neto

Biênio 95-96: Presidente Prof. Peter Kevin Spink
Diretoria Científica Prof. José Antônio Gomes de Pinho
Diretoria Administrativa Prof. José Carlos Sardinha

Biênio 97-98: Presidente Prof. Roberto Moreno
Diretoria Científica Prof. Fernando Bins Luce
Diretoria Administrativa Prof. Alfredo Alves de Oliveira Melo

Biênio 99–2000: Presidente Prof. Roberto Moreno
Diretoria Científica Prof. Fernando Bins Luce
Diretoria Administrativa Prof. Alfredo Alves de Oliveira Melo

Biênio 2001–2002: Presidente Prof. Clóvis L. Machado-da-Silva
Diretoria Científica Prof. Rogério H. Quintella
Diretoria Administrativa Prof. Nicolau Reinhard

Biênio 2003–2004: Presidente Prof. Clóvis L. Machado-da-Silva
Diretoria Científica Prof. Rogério H. Quintella
Diretoria Administrativa Prof. Paulo Tromboni de Souza Nascimento

Biênio 2005–2006: Presidente Prof. Carlos Osmar Bertero
Diretoria Científica Prof. Walter Fernando Araújo de Moraes
Diretoria Administrativa Prof. Ernani Ott
Diretoria de Acreditação Prof. Antônio de Araujo Freitas

Biênio 2007–2008: Presidente Prof. Carlos Osmar Bertero
Diretoria Científica Prof. Walter Fernando Araújo de Moraes
Diretoria Administrativa Prof. Hudson Fernandes Amaral
Diretoria de Acreditação Prof. Antônio de Araujo Freitas

Registro 3

Evolução do número de Associados Efetivos e Observadores da ANPAD.

1976: 10 (fundadores)

1996: 21

1999: 22 efetivos/ 8 observadores

2000: 25 efetivos/ 11 observadores

2001: 32 efetivos/ 10 observadores

2002: 43 efetivos/ 7 observadores

2003: 49 efetivos/ 8 observadores

2004: 59 efetivos/ 2 observadores

2005: 65 efetivos/ 8 observadores

2006 (agosto): 67 efetivos/ 8 observadores

Registro 4

Relação de Membros Efetivos (Programas) em agosto de 2006.

- 1 Centro de Pesquisa e Pós-Graduação em Administração - CEPPAD
Universidade Federal do Paraná - UFPR
Curitiba / PR
www.ceppad.ufpr.br
- 2 Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração - CEPEAD
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
Belo Horizonte / MG
www.cepead.face.ufmg.br
- 3 Curso de Mestrado Acadêmico em Administração
Faculdade Novos Horizontes - UNIHORIZONTES
Belo Horizonte / MG
www.unihorizontes.br
- 4 Curso de Mestrado Acadêmico em Administração - CMAAd
Universidade Estadual do Ceará - UECE
Fortaleza / CE
www.uece.br
- 5 Curso de Mestrado em Administração
Escola Superior de Administração e Gerência - ESAG
Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
Florianópolis / SC
www.esag.udesc.br/mestrado
- 6 Curso de Mestrado em Administração - CMA
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
Vitória / ES
www.ppgadm.ufes.br
- 7 Curso de Mestrado em Administração - CMA
Centro de Ciências Sociais Humanas - CCSH
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
Santa Maria / RS
www.ufsm.br

8 Curso de Mestrado em Administração de Empresas - CMA
Universidade de Fortaleza - UNIFOR
Fortaleza / CE
www.unifor.br

9 Curso de Mestrado em Ciências Contábeis
Programa de Pós-Graduação Multiinstitucional
Universidade de Brasília/Universidade Federal da Paraíba/Universidade Federal de Pernambuco e Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UnB/UFPB/UFPE e UFRN
Brasília / DF
www.unb.br

10 Curso de Mestrado em Desenvolvimento
Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUI
Ijuí / RS
www.unijui.tche.br

11 Curso de Mestrado Profissional em Administração
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas
Belo Horizonte / MG
www.pucminas.br

12 Curso Mestrado Profissional em Administração
FEAD-Minas Centro de Gestão Empreendedora
Belo Horizonte / MG
www.fead.br

13 Curso Mestrado Profissional em Gestão Empresarial
Faculdade Boa Viagem - FBV
Recife / PE
www.fbv.br

14 Curso de Mestrado Profissional em Gestão Pública para o
Desenvolvimento do Nordeste
UFPE/ADENE/PNUD
Recife / PE
www.ufpe.br / www.adene.gov.br

15 Curso de Mestrado Profissionalizante em Gestão e Estratégia em Negócios
Instituto de Ciências Humanas e Sociais - ICHS
Departamento de Ciências Administrativas e Contábeis - DCAC
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ
Seropédica / RJ
www.ufrj.br

16 Curso de Pós-Graduação em Administração - CPGA
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
Florianópolis / SC
www.cpga.ufsc.br

17 Curso de Pós-Graduação em Controladoria e Contabilidade
Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade - FEA
Universidade de São Paulo - USP
São Paulo / SP
www.usp.br

18 Departamento de Política Científica e Tecnológica - DPCT
Instituto de Geociências - IG
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP
Campinas / SP
www.unicamp.br

19 Instituto COPPEAD de Administração - COPPEAD
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Rio de Janeiro / RJ
www.coppead.ufrj.br

20 Mestrado e Doutorado em Administração de Empresas
Escola de Administração de Empresas de São Paulo - EAESP
Fundação Getúlio Vargas - FGV
São Paulo / SP
www.fgvsp.br

21 Mestrado e Doutorado em Administração de Empresas
Instituto de Administração e Gerência - IAG
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio
Rio de Janeiro / RJ
www.puc-rio.br/iag

- 22 Mestrado em Administração
Universidade de Caxias do Sul - UCS
Caxias do Sul / RS
www.ucs.br
- 23 Mestrado em Administração e Desenvolvimento Empresarial - MADE
Universidade Estácio de Sá - UNESA
Rio de Janeiro / RJ
www.estacio.br
- 24 Mestrado em Administração Estratégica
Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA
Universidade Salvador - UNIFACS
Salvador / BA
www.unifacs.br
- 25 Mestrado em Administração Pública
Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas - EBAPE
Fundação Getúlio Vargas - FGV
Rio de Janeiro / RJ
www.ebape.fgv.br
- 26 Mestrado em Administração Pública
Fundação João Pinheiro - FJP
Belo Horizonte / MG
www.eg.fjp.mg.gov.br
- 27 Mestrado e Doutorado em Administração Pública e Governo
Escola de Administração de Empresas de São Paulo - EAESP
Fundação Getúlio Vargas - FGV
São Paulo / SP
www.fgvsp.br
- 28 Mestrado em Ciências Contábeis
Faculdade de Administração e Ciências Contábeis - FACC
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Rio de Janeiro / RJ
www.facc.ufrj.br
- 29 Mestrado em Controladoria e Contabilidade
Faculdade Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto - FEA-RP/USP
Ribeirão Preto / SP
www.fearp.usp.br/cpg
- 30 Mestrado em Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente
Centro Universitário SENAC
São Paulo / SP
- 31 Mestrado em Gestão do Desenvolvimento Local Sustentável - GDLS
Faculdade de Ciências da Administração de Pernambuco - FCAP
Universidade de Pernambuco - UPE
Recife / PE
www.fcap.upe.br
- 32 Mestrado Profissional em Administração
Faculdades IBMEC
Rio de Janeiro / RJ
www.ibmecrj.br
- 33 Mestrado Profissional em Administração - MPA
Fundação Cultural Dr. Pedro Leopoldo - FCDrPL
Faculdades Integradas de Pedro Leopoldo - FPL
Pedro Leopoldo / MG
www.unipel.edu.br
- 34 Mestrado Profissional em Administração - MPA
Universidade Federal do Ceará - UFC
Fortaleza / CE
www.acep.org.br/mpa.ufc
- 35 Mestrado Profissional em Administração - MPA
Centro Universitário Nove de Julho - UNINOVE
São Paulo / SP
www.uninove.br

- 36 Mestrado Profissional em Administração
Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP
Piracicaba / SP
www.unimep.br
- 37 Mestrado Profissional em Controladoria - MPC
Universidade Federal do Ceará - UFC
Fortaleza / CE
www.acep.org.br/mpc.ufc
- 38 Núcleo de Pós-Graduação em Administração - NPGA
Universidade Federal da Bahia - UFBA
Salvador / BA
www.adm.ufba.br
- 39 Programa de Estudos Pós-Graduados em Administração
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP
São Paulo / SP
www.pucsp.br
- 40 Programa de Estudos Pós-Graduação em Ciências Contábeis - CCA
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP
São Paulo / SP
www.pucsp.br
- 41 Programa de Mestrado Acadêmico em Administração
Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI
Biguaçu / SC
www.pma.big.univali.br
- 42 Programa de Mestrado em Administração
Centro de Ciências Econômicas/Centro 5
Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS
São Leopoldo / RS
www.unisinos.br
- 43 Programa de Mestrado em Administração
Centro Universitário Positivo - UnicenP
Curitiba / PR
www.unicenp.com.br / www.mestradounicenp.com.br

- 44 Programa de Mestrado em Administração
Universidade Municipal de São Caetano do Sul - IMES
São Caetano do Sul / SP
www.imes.edu.br
- 45 Programa de Mestrado em Administração e Negócios - MAN
Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia - FACE
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS
Porto Alegre / RS
www.pucrs.br/face/man
- 46 Programa de Mestrado em Ciências Contábeis
Centro de Ciências Econômicas/Centro 5
Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS
São Leopoldo / RS
www.unisinos.br
- 47 Programa de Mestrado em Controladoria e Contabilidade Estratégica
Centro Universitário Álvares Penteado - UniFECAP
São Paulo / SP
www.fecap.br/mestrado
- 48 Programa de Mestrado Profissional em Ciências Contábeis
Fundação Instituto Capixaba de Pesquisa em Contabilidade,
Economia e Finanças - FUCAPE
Vitória / ES
www.fucape.br
- 49 Programa de Pós-Graduação em Administração
Universidade Federal de Uberlândia - UFU
Uberlândia / MG
www.ufu.br
- 50 Programa de Pós-Graduação em Administração - PPAD
Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUCPR
Curitiba / PR
www.pucpr.br

- 51 Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGAd
Centro de Ciências Sociais Aplicadas - CCSA
Universidade Regional de Blumenau - FURB
Blumenau / SC
www.furb.br/ppgad
- 52 Programa de Pós-Graduação em Administração
Universidade Federal de Viçosa - UFV
Viçosa / MG
www.ufv.br
- 53 Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA
Universidade de Brasília - UnB
Brasília / DF
www.unb.br
- 54 Programa de Pós-Graduação de Administração de Empresas
Universidade Presbiteriana Mackenzie - Mackenzie
São Paulo / SP
www.mackenzie.br
- 55 Programa de Pós-Graduação em Administração de Organizações
Faculdade Economia, Administração e Contabilidade
de Ribeirão Preto - FEA-RP/USP
Ribeirão Preto / SP
www.fearp.usp.br
- 56 Programa de Pós-Graduação em Administração e Desenvolvimento Rural - PADR
Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE
Recife / PE
www.ufrpe.br
- 57 Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA
Escola de Administração - EA
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
Porto Alegre / RS
www.ppga.ufrgs.br
- 58 Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Natal / RN
www.ufrn.br/ppga

- 59 Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA
Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade - FEA
Universidade de São Paulo - USP
São Paulo / SP
www.usp.br
- 60 Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA
Universidade Federal de Lavras - UFLA
Lavras / MG
www.prpg.ufla.br
- 61 Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA
Universidade Federal da Paraíba - UFPB
Campus Universitário - CCSA
João Pessoa / PB
www.ccsa.ufpb.br/~ppga
- 62 Programa de Pós-Graduação em Administração - PROPAD
Departamento de Ciências Administrativas - DCA
Centro de Ciências Sociais Aplicadas - CCSA
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE
Recife / PE
www.dca.ufpe.br/propad
- 63 Programa de Pós-Graduação em Agronegócios - PPG
Centro de Estudos e Pesquisa em Agronegócios - CEPAN
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
Porto Alegre / RS
www.ufrgs.br/cepan
- 64 Programa de Pós-Graduação em Contabilidade - PPGC
Centro Sócio Econômico - PPGC
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC
Florianópolis / SC
www.ppgc.ufsc.br
- 65 Programa de Pós-Graduação em Gestão de Negócios
Universidade Católica de Santos - UNISANTOS
Santos / SP
www.unisantos.br

- 66 Programa de Pós-Graduação
Mestrado em Administração - MA
Universidade Metodista de São Paulo - UMESP
São Bernardo do Campo / SP
www.metodista.br/posadministracao/
- 67 Programa de Pós-Graduação - PPA
Consórcio Universidade Estadual de Londrina-Universidade Estadual
de Maringá - Consórcio UEL/UEM
Centro de Estudos Sociais Aplicados - CSA
Universidade Estadual de Maringá - UEM
Maringá / PR
www.ppa.uem.br

Registro 5

Relação de Membros Observadores em agosto de 2006.

- 1 Curso de Mestrado em Administração
Centro Universitário Monte Serrat - UNIMONTE
Santos / SP
www.unimonte.br
- 2 Curso de Mestrado em Administração
Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL
Florianópolis / SC
www.unisul.br
- 3 Curso de Mestrado em Contabilidade
Centro de Pós-Graduação e Pesquisa Visconde de Cairu - CEPPEV
Fundação Visconde de Cairu - FVC
Salvador / BA
www.cairu.br
- 4 Curso de Mestrado Profissional em Administração
Programa de Pós-Graduação em Administração - PPGA
Campanha Nacional de Escolas da Comunidade - CNEC
Faculdade Cenecista de Varginha - FACECA
Varginha / MG
www.faceca.br
- 5 Curso de Mestrado Profissional em Administração
Universidade Potiguar - UnP
Natal / RN
www.unp.br
- 6 Mestrado de Ciências Contábeis
Faculdade de Administração e Finanças - FAF
Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ
Rio de Janeiro / RJ

- 7 Mestrado em Administração
Escola de Gestão e Negócios - EGN
Universidade do Grande Rio - UNIGRANRIO
Rio de Janeiro / RJ
www.unigranrio.com.br

- 8 Programa de Mestrado em Administração: Gestão Empresarial
Centro Universitário de Franca - Uni-FACEF
Franca / SP
www.facef.br

Registro 6

Relação das Divisões Científicas, respectivas coordenações,
número de Associados Individuais por Divisão.

Divisão Acadêmica 1

ADI Administração da Informação
Coordenador: Eduardo Henrique Diniz

Áreas Temáticas e seus Coordenadores

ADI-A Administração de TI nas Empresas
Coordenador: César Alexandre de Souza

ADI-B Gestão de Ambientes Virtuais
Coordenador: Antonio Roberto Ramos Nogueira

ADI-C Impactos Socioculturais dos Sistemas de Informação
Coordenador: Maria Alexandra V. Cortez da Cunha

ADI-D Metodologia e Análise de Informação
Coordenador: Mirian Oliveira

Número de Associados Individuais em 1º de agosto de 2006: 49

Divisão Acadêmica 2

APS Administração Pública e Gestão Social
Coordenador: José Antônio Gomes de Pinho

Áreas Temáticas e seus Coordenadores

APS-A Estado, Administração Pública e Sociedade Civil
Coordenador: Marco Aurélio Ruediger

APS-B Gestão e Políticas Públicas
Coordenador: Elvia Fadul

APS-C Gestão Social e Ambiental
Coordenador: Luis Felipe Nascimento

Número de Associados Individuais em 1º de agosto de 2006: 56

Divisão Acadêmica 3

ESO Estratégia em Organizações
Coordenador: Jorge Ferreira da Silva

Áreas Temáticas e seus Coordenadores

ESO-A Estratégia em Organizações
Coordenador: Flávio de Carvalho Vasconcelos

ESO-B Gestão Internacional
Coordenador: Sérgio Henrique Cavalcanti Forte

ESO-C Empreendedorismo e Comportamento Empreendedor
Coordenador: Carlos Alberto Gonçalves

Número de Associados Individuais em 1º de agosto de 2006: 137

Divisão Acadêmica 4

EOR Estudos Organizacionais
Coordenador: Roberto Costa Fachin

Áreas Temáticas e seus Coordenadores

EOR-A Teoria nas Organizações
Coordenador: Cristina Amélia Pereira de Carvalho

EOR-B Comportamento Organizacional
Coordenador: Darcy Mitiko Mori Hanashiro

EOR-C Gestão de Organizações e Desenvolvimento
Coordenador: Marcelo Milano Falcão Vieira

Número de Associados Individuais em 1º de agosto de 2006: 95

Divisão Acadêmica 5

FIC Finanças e Contabilidade
Coordenador: Fábio Frezatti

Áreas Temáticas e seus Coordenadores

FIC-A Contabilidade para Usuários Externos
Coordenador: César Augusto Tibúrcio Silva

FIC-B Contabilidade Gerencial e Controladoria
Coordenador: Marcos Gonçalves Ávila

FIC-C Mercado: Financeiro, Acionário e Risco
Coordenador: Richard Saito

FIC-D Finanças Corporativas
Coordenador: Fernanda Finotti Cordeiro

Número de Associados Individuais em 1º de agosto de 2006: 103

Divisão Acadêmica 6

GCT Gestão de Ciência, Tecnologia e Inovação
Coordenador: Paulo Antônio Zawislak

Áreas Temáticas e seus Coordenadores

GCT-A Administração de Ciência & Tecnologia
Coordenador: Francisco Lima Cruz Teixeira

GCT-B Gestão de Tecnologia e Inovação
Coordenador: Luiz Paulo Bignetti

GCT-C Empreendedorismo e Negócios Inovadores
Coordenador: Eda Castro Lucas de Souza

GCT-D Agregação de Valor e Agronegócios
Coordenador: Decio Zylbersztajn

Número de Associados Individuais em 1º de agosto de 2006: 29

Divisão Acadêmica 7

GPR Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho
Coordenador: Valmíria Carolina Piccinini

Áreas Temáticas e seus Coordenadores

GPR-A Gestão de Pessoas
Coordenador: Allan Claudius Querioz Barbosa

GPR-B Relações de Trabalho
Coordenador: Maria Auxiliadora Diniz de Sá

Número de Associados Individuais em 1º de agosto de 2006: 84

Divisão Acadêmica 8

GOL Gestão de Operações e Logística

Coordenador: Rebecca Arkader

Áreas Temáticas e seus Coordenadores

GOL-A Operações Industriais e de Serviços

Coordenador: Ely Laureano Paiva

GOL-B Gerenciamento da Cadeia de Suprimento

Coordenador: Peter Wanke

Número de Associados Individuais em 1º de agosto de 2006: 26

Divisão Acadêmica 9

MKT Marketing

Coordenador: Marcos Cortez Campomar

Áreas Temáticas e seus Coordenadores

MKT-A Teorias, Modelos e Metodologias em Marketing

Coordenador: Salomão Alencar de Farias

MKT-B Comportamento, Dimensionamento e Previsão de Mercados

Coordenador: Zaki Akel Sobrinho

MKT-C Atividades, Aplicações e Técnicas de Marketing

Coordenador: Francisco Antonio Serralvo

Número de Associados Individuais em 1º de agosto de 2006: 111

Divisão Acadêmica 10

EPQ Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade

Coordenador: Pedro Lincoln Leão de Mattos

Áreas Temáticas e seus Coordenadores

EPQ-A Práticas de Ensino e Pesquisa em Administração

Coordenador: Elisa Yoshie Ichikawa

EPQ-B Práticas de Ensino e Pesquisa em Contabilidade

Coordenador: José Francisco Ribeiro Filho

Número de Associados Individuais em 1º de agosto de 2006: 12

Registro 7

Reuniões preparatórias à criação da ANPAD.

I Encontro – realizado em Nova Friburgo / RJ, em setembro de 1976.

II Encontro – realizado na FEA/USP em 15 de outubro de 1976.

III Encontro – realizado na EBAP/FGV, RJ, em 21 de dezembro de 1976.

Presentes: representantes dos seguintes Programas de Pós-Graduação em Administração: Armando Moreira da Cunha (EBAP/FGV); Carlos Osmar Bertero (EAESP/FGV); Eduardo Vasconcelos (FEA/USP, SP); Maria do Socorro M. V. de Carvalho (UnBrasília); Paulo Mattos de Lemos (Coppead/UFRJ), Ricardo José Fonseca Ferreira (PPGADM, UFMG), Tara Baidya (PUC, RJ); Volnei Alves Correa (PPGA, FCE, UFRGS); Wilson Guedes Marinho (Fac de Adm. e Contab., UFPA).

Neste III Encontro, foi: 1) aprovada a versão final dos Estatutos da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Administração – ANPAD; 2) escolhida a sede da ANPAD e decidida a eleição do Presidente; 3) definida a relação dos sócios fundadores: 10 Programas, 9 de Administração e 1 de Ciências Contábeis.

Registro 8

Reuniões Anuais da ANPAD (dados sucintos).

- 1^a Reunião: Simpósio sobre Conteúdo Curricular dos Programas de Pós-Graduação em Administração
Data: 30 e 31 de agosto de 1977
Local: Hotel Plaza São Rafael, Porto Alegre / RS
Trabalhos apresentados: não disponível
- 2^a Reunião: II Encontro de Pós-Graduação em Administração: Pesquisa
Data: 23 a 25 de agosto de 1978
Local: Hotel Tambaú, João Pessoa / PB
Trabalhos apresentados: não disponível
- 3^a Reunião Anual da ANPAD
Data: 29 a 31 de agosto de 1979
Local: Niterói / RJ
Tema básico: Administração na atualidade brasileira (trabalhos distribuídos em 4 subtemas: Política Pública, Administração de Ciência e Tecnologia, Pequenas e Médias Empresas e Gerência de Exportação)
Trabalhos apresentados: 6
- 4^a Reunião Anual da ANPAD
Data: 26 e 27 de março de 1980
Local: Natal / RN
Tema básico: Administração na atualidade brasileira
Trabalhos apresentados: 16
Conferencista convidado: Hélio Beltrão, Ministro da Desburocratização
Possui Anais (primeiros Anais conhecidos)
- 5^a Reunião Anual da ANPAD
Data: 21 a 23 de outubro de 1981
Local: Edifício-sede da FGV, Rio de Janeiro / RJ
Tema principal: Ensino de Administração no Brasil
Patrocínio: CNPq e CAPES
Trabalhos apresentados: 4 painéis e 8 trabalhos em grupos específicos. Temas de painéis: Pós-Graduação em Administração; Formação de Administradores; Experiências no Ensino de Administração; Formação de Docentes e Treinadores
Conferencista convidado: Cláudio de Moura Castro, Diretor-geral da CAPES: "Ensino de Administração no Brasil"

6ª Reunião Anual da ANPAD

Data: 1982

Local: Salvador / BA

Anfitrião: Programa de Pós-Graduação em Administração – EA/UFBA

Trabalhos submetidos: não disponível

Trabalhos apresentados: 39

Possui Anais

7ª Reunião Anual da ANPAD

Data: 1983

Local: João Pessoa / PB

Anfitrião: UFPB

Trabalhos submetidos: não disponível

Trabalhos aceitos: 31

Anais – publicados em número especial da **Rev. Adm. Empr.**, v. 24, n.4, out-dez 1984

8ª Reunião Anual da ANPAD

Data: 3 a 7 de setembro de 1984

Local: FEA/USP – comemorativo aos 50 anos da USP

Anfitrião: USP

Patrocínio: CNPq, CAPES, FAPESP

Trabalhos submetidos: não disponível

Trabalhos publicados: 33, em Anais (267 pp).

Houve presença de professores estrangeiros (Alain Chanlat – HEC-Montreal), apresentando trabalhos nas sessões normais

9ª Reunião Anual da ANPAD

Data: 16 a 19 de setembro de 1985

Local: Belo Horizonte / MG

Anfitrião: CMA/UFMG

Trabalhos submetidos: não disponível

Trabalhos publicados: 52

Trabalhos por Área Temática: Administração da Ciência e Tecnologia: 6; Administração Rural: 6; Finanças: 4; Formação e Treinamento de Administradores: 9; Marketing: 6; Organizações: 6; Pesquisa em Administração: 2; Política e Negócios Públicos: 3; Recursos Humanos: 10

Coordenadores de Área Temática: Eduardo Vasconcellos, Fernando Mello do Nascimento, Moisés Swirski, Tânia Fischer, Paulo César Motta, Edi Fracasso, José Cezar Castanhar, Fernando Coutinho Garcia

Patrocínio: CNPq, FINEP

Anais editados pela UFSC, com apresentação do Reitor da UFSC, Rodolfo Joaquim da Luz. Além dos trabalhos normalmente apresentados, são publicados, em português, um texto de Charles Perrow (Complexidade, Interligação, Cognição e Catástrofe) e Ray Loveridge (Micro Eletrônica e o Setor Serviços). Houve professores estrangeiros, visitantes de Programas filiados, que apresentaram *papers* em sessões normais

Comissões de avaliação de área constituídas por 3 membros

10ª Reunião Anual da ANPAD

Data: 22 a 25 de setembro de 1986

Local: Castelmor Hotel, Florianópolis / SC

Anfitrião: UFSC

Trabalhos submetidos: não disponível

Trabalhos aceitos: 78

Há Caderno de Resumos de Trabalhos, distribuídos em 9 temas

Não foram publicados Anais com trabalhos completos

11ª Reunião Anual da ANPAD

Data: 16 a 19 de setembro de 1987

Local: Hotel Glória, Rio de Janeiro / RJ

Trabalhos submetidos: não disponível

Trabalhos aceitos: 157

Áreas Temáticas: Formação e Treinamento de Administradores: 12 trabalhos (Tânia Fischer); Administração e Áreas Especiais: 9 (Francisco Heidemann); Administração Pública: 35 (Julio Cezar Castanhar); Organizações: 24 (Peter Spink); Marketing: 13 (Paulo César Motta); Administração da Produção: 11 (Jaime E. Fensterseifer); Recursos Humanos: 27 (Moema Siqueira); Finanças: 12 (Paulo Fiuza Bocater); Administração de Ciência e Tecnologia: 14 (James C. Wright)

Há Caderno de Resumos

Não foram publicados Anais com trabalhos completos

Comissões de avaliação de área constituídas por 3 membros

Conferência Inaugural: Evando Mirra e Silva, Presidente do CNPq

Professores estrangeiros visitantes (Cynthia Hardy, McGill/Montreal) compareceram à Reunião, apresentando trabalhos em sessões normais

12ª Reunião Anual da ANPAD

Data: 26 a 28 de setembro de 1988

Local: Natal Mar Hotel, Natal / RN

Anfitrião: PPGA/UFRN

Trabalhos submetidos: não disponível

Trabalhos aceitos: 93

Comunicações aceitas e publicadas: 78

Anais dos trabalhos completos e Anais das Comunicações: pela primeira vez, disponíveis no primeiro dia da Reunião

Áreas Temáticas: Formação e Treinamento de Administradores (Antonio Virgílio Bittencourt de Bastos); Administração Pública (Bianor Cavalcanti); Organizações (Carlos Osmar Bertero); Marketing (Fernando Bins Luce); Administração da Produção (Francisco José Kliemann Neto); Recursos Humanos (Marlene Catarina Melo); Finanças (Eduardo Facó Lembruger); Administração de Ciência e Tecnologia (James C. Wright)

Comissões de avaliação de área constituídas por 3 membros

A apresentação dos Anais, com as comunicações, assim diferencia os trabalhos e as comunicações: **Trabalho**: ensaio elaborado com certa profundidade ou relatório de pesquisa colocado em forma de artigo; **Comunicação**: pode conter idéias preliminares de um ensaio

a ser produzido ou de uma pesquisa a ser realizada ou, ainda, um modelo de pesquisa a ser testado. A diferença não é de qualidade mas de natureza da produção acadêmica

Conferência inaugural: Edson Machado de Souza, Diretor-geral da CAPES: A Pós-Graduação no Brasil.

13ª Reunião Anual da ANPAD

Data: 25 a 27 de setembro de 1989

Local: Águas de São Pedro / SP

Anfitrião: EAESP/FGV

Trabalhos submetidos: não disponível

Trabalhos aceitos: 131

Comunicações aceitas: 39

Patrocínio: CNPq, FAPESP, FINEP, CAPES e empresas (Eucatex, Banco Itaú, Quimbrasil, Kibon, Schaim Cury, Seagram's, Tintas Coral, Credicard, Makro, VASP)

Possui Anais

Nove Áreas Temáticas: Formação e Treinamento de Administradores: 19 trabalhos e 8 comunicações; Administração Pública: 20 trabalhos e 4 comunicações; Organizações: 21 trabalhos e 7 comunicações; Marketing: 16 trabalhos e 1 comunicação; Administração da Produção: 7 trabalhos; Recursos Humanos: 22 trabalhos e 7 comunicações; Finanças: 8 trabalhos e 6 comunicações; Administração de Ciência e Tecnologia: 9 trabalhos e 3 comunicações; Administração da Informação: 9 trabalhos e 3 comunicações

Coordenadores de Área Temática: Adelaide Baeta, Celina Souza, Clóvis Machado, Carlos Alberto F. Bessa, Sérgio B. Zaccarelli, Maria Tereza Leme Fleury, João Luiz Becker, César Gonçalves Neto, Fernando Meirelles

Comissões de avaliação de área constituídas por 3 membros

A apresentação dos Anais assim explica a organização em Trabalhos e Comunicações: tal divisão visa captar a pesquisa já estruturada e envolver os pesquisadores seniores bem como abrir oportunidades de discussão de temas emergentes em andamento, envolvendo também estudantes e os iniciantes em pesquisa

XIV EnANPAD

Data: 24 a 26 de setembro de 1990

Local: Centro de Convenções Castelmair Hotel, Florianópolis / SC

Anfitrião: PPGA/UFSC

Trabalhos submetidos: 193

Trabalhos aceitos: 116 trabalhos e 66 comunicações

Anais: sim, em 9 volumes (por área). Anais editados em Belo Horizonte / MG

Coordenadores de Área Temática: César Gonçalves Neto, João Luiz Becker, Adelaide Coelho Baeta, Fernando Meirelles, Hélène Bertrand, Clóvis Machado, Sérgio Zaccarelli, Celina Souza, Maria Tereza Fleury

Comissões de avaliação de área constituídas por 3 membros

Na apresentação dos Anais, consta que "procurou-se criar um espaço para avaliação das sub-áreas. A reunião geral programada para o final do encontro visa sintetizar os trabalhos de cada área temática, analisando as convergências e divergências de temas e metodologias bem como a evolução das sub-áreas"

XV EnANPAD

Data: 23 a 25 de setembro de 1991

Local: Belo Horizonte / MG

Anfitrião: CMA/UFMG

Trabalhos submetidos: 271

Trabalhos aceitos: 194

Conferencista convidado: Edmund Wilson, Kellogg Executive Masters Program. Professores estrangeiros apresentaram trabalhos dentro das sessões normais.

Anais editados em Salvador / BA, com patrocínio do CNPq. Divididos por Área Temática, com apresentação por coordenador de área

Trabalhos apresentados por Área Temática: Formação e Treinamento de Administradores: 24; Administração Pública: 21; Organizações: 32; Marketing: 24; Administração da Produção: 14; Recursos Humanos: 29; Finanças: 15; Administração de Ciência e Tecnologia: 19; Administração da Informação: 16

Coordenadores de área temática: Margarida M. da Silva, Bianor Cavalcanti, Lucio Flavio Renault de Moraes, Rubens da Costa Santos, Humberto Marques Filho, Michel Abboud, Ricardo Câmara Leal, Francisco Lima Teixeira, Norberto Hoppen

Comissões de avaliação de área constituídas por 3 membros

Na apresentação da Diretora Científica, foi acentuado que: "tentou-se maior agrupamento de tópicos em cada área temática, abrindo o espaço para mesas redondas e conferências na área de Formação e Treinamento de Administradores, área que muito se justifica pois o Encontro é um espaço de discussão muito especial de questões de ensino de graduação e pós-graduação em Administração"

XVI EnANPAD

Data: 21 a 23 setembro de 1992

Local: Hotel Continental, Canela / RS

Anfitrião: UFRGS

Trabalhos submetidos: 242

Trabalhos aceitos: 143

Patrocínio: CNPq, CAPES, FINEP, ENAP, FAPERGS, FUNDATEC

Anais em 9 volumes

Coordenadores de Área Temática: Francisco Lima Teixeira, Ricardo Câmara Leal, Margarida M. da Silva, Norberto Hoppen, Rubens da Costa Santos, Clóvis Machado, Enrique Saravia, Michel Abboud, Francisco José Kliemann Neto, Kleber Figueiredo

Apresentação da Presidência: "discutir propostas de ensino, formatos mais adequados aos nossos programas, estratégia de cooperação internacional e nacional que poderão otimizar as ações"

XVII EnANPAD

Data: 27 a 29 de setembro de 1993

Local: Salvador / BA

Anfitrião: UFBa

Trabalhos submetidos: 381

Trabalhos aceitos: 190 trabalhos e 37 comunicações

Anais em 10 volumes

Trabalhos apresentados por Área Temática: Administração Pública: 25; Organizações: 24; Marketing: 13; Administração da Produção: 18; Recursos Humanos: 23; Finanças: 20; Administração de Ciência e Tecnologia: 18; Administração Rural: 18; Administração da Informação: 18; Formação e Treinamento de Administradores: 18

Mesas-redondas: 1) Organizações baianas, cultura, permanência, inovações; 2) A Teoria e a Prática Organizacional para o 3º milênio: perspectivas, demandas, desafios

XVIII EnANPAD

Data: 26 a 28 de setembro de 1994

Local: Mabu Hotel, Curitiba / PR

Anfitrião: UFPR

Trabalhos submetidos: 368 trabalhos e 66 comunicações

Trabalhos aceitos: 215 trabalhos e 53 comunicações

Anais em 10 volumes, publicando só os trabalhos

Coordenadores de Área Temática: Ary Plonski, Eduardo Facó Lembruger, Fernando Bins Luce, Fernando Meirelles, José Antonio Gomes Pinho, Juvêncio Braga de Lima, Kleber Figueiredo, Marlene Catarina Melo, Sylvia Vergara, Talita Ribeiro

Especificado na Apresentação dos Anais que "coordenadores de temas tem papel relevante uma vez que compete a eles divulgar o evento, estimular a produção de trabalhos e comunicações e coordenar as comissões de avaliação"

Professores estrangeiros Stewart Clegg (Austrália), James Calopio (Austrália) compareceram apresentando trabalhos

XIX EnANPAD

Data: 25 a 27 de setembro de 1995

Local: Hotel Ouro Branco, João Pessoa / PB

Anfitrião: UFPB

Trabalhos submetidos: não disponível

Trabalhos publicados: 212

Em mesa redonda organizada participaram professores estrangeiros (um de Camarões)

Anais publicados na **Revista Brasileira de Administração Contemporânea**, vol. I, n. 1-10. Rio de Janeiro, ANPAD, 1995. (editor geral: J. A. G. Pinho com conselho editorial e consultores)

XX EnANPAD

Data: 23 a 25 de setembro de 1996

Local: Club Med, Angra dos Reis / RJ

Trabalhos submetidos: 724

Trabalhos publicados: 239

Possui Anais

Implantação do *blind review* por comissão de avaliação com 3 membros

Mesas redondas

Trabalhos por Área Temática: Organizações (2 seções): 55; Marketing: 25; Produção Industrial e Serviços: 26; Recursos Humanos: 32; Finanças: 23; Administração de Ciência e Tecnologia: 28; Administração Rural e Agro-industrial: 18; Administração da Informação: 15; Formação e Treinamento de Administradores: 17

XXI EnANPAD

Data: 21 a 24 de setembro de 1997

Local: Club Med, Rio das Pedras / RJ

Trabalhos submetidos: 787

Trabalhos aceitos: 243

Resumos dos Trabalhos impresso e Anais em CD-ROM

Trabalhos apresentados por Área Temática: Administração Pública: 28; Organizações: 33; Organizações/Estratégia: 28; Marketing: 27; Administração da Produção: 26; Recursos Humanos: 27; Finanças: 25; Administração de Ciência e Tecnologia: 17; Administração Rural: 12

XXII EnANPAD

Data: 21 a 24 de setembro de 1998

Local: Mabu Hotel, Foz de Iguaçu / PR

Trabalhos submetidos: 807

Trabalhos aceitos: 250

Resumos dos Trabalhos impresso e Anais em CD-ROM. Dez Áreas Temáticas

Premio ANPAD sofre modificações. Dos 3 artigos com maior destaque, um recebe o prêmio de melhor artigo e os outros dois recebem Menção Honrosa, todos com indicação preliminar para serem publicados na RAC

Desmembramento de Finanças em Finanças e Contabilidade e Controle Geral. Mudança de denominação: de Produção Industrial e Serviços para Operações, Logística e Serviços

XXIII EnANPAD

Data: 19 a 22 de setembro de 1999

Local: Mabu Hotel, Foz de Iguaçu / PR

Trabalhos submetidos: 893

Trabalhos aceitos: 270

Resumos dos Trabalhos impresso e Anais em CD-ROM

XXIV EnANPAD

Data: 10 a 13 de setembro de 2000

Local: Costão do Santinho Resort, Florianópolis / SC

Trabalhos submetidos: 1300

Trabalhos aceitos: 363

Resumos dos Trabalhos impresso e Anais em CD-ROM

10 Áreas Temáticas

XXV EnANPAD

Data: 16 a 19 de setembro de 2001
Local: The Royal Palm Plaza, Campinas / SP
Trabalhos submetidos: 1385
Trabalhos aceitos: 428
Resumos dos Trabalhos impresso e Anais em CD-ROM

XXVI EnANPAD

Data: 22 a 25 de setembro de 2002
Local: Pestana Bahia Hotel, Salvador / BA
Trabalhos submetidos: 1991
Trabalhos aceitos: 556
Conferencista convidado: Edson Vaz Musa – Competitividade e o futuro das empresas
Painéis convidados: **Ensino de Administração e Qualificação Profissional.** Coordenação: Tânia Maria D. Fischer (NPGA/UFBA) Painelistas: Sônia Maria Rodrigues Calado Dias (CAPES), Rui Otávio Bernardes de Andrade (CFA), Mauro Kreuz (ANGRAD), Clóvis L. Machado-da-Silva (ANPAD). **A Importância das Publicações Internacionais para a Carreira Acadêmica.** Coordenação: Suzana Braga Rodrigues (CEPEAD/UFMG). Painelistas: Maria Tereza Leme Fleury (FEA/USP), Afonso Carlos Correia Fleury (FEA/USP), John Child (University of Birmingham)
Resumos dos Trabalhos impresso e Anais em CD-ROM

XXVII EnANPAD

Data: 20 a 24 de setembro de 2003
Local: Bourbon Atibaia Resort & Conventions Center, Atibaia / SP
Trabalhos submetidos: 2332
Trabalhos aceitos: 630
Conferencistas convidados:
Dr.^a Jone L. Pearce, Presidente da Academy of Management: *How Professional Associations contribute to the Creation and Dissemination of Management Knowledge*
Dr. Geoffrey Walsham, da University of Cambridge: *Interpretive Research Methodology*
Resumos dos Trabalhos impresso e Anais em CD-ROM

XXVIII EnANPAD

Data: 25 a 29 de setembro de 2004
Local: Estação Embratel Convention Center, Curitiba / PR
Trabalhos submetidos: 3073
Trabalhos aceitos: 720
Conferencista convidado: Dr. Evando Mirra de Paula e Silva – Presidente do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE): *Cenário da Ciência e Tecnologia no Brasil e as Implicações para a Área de Administração*
Resumos dos Trabalhos impresso e Anais em CD-ROM

XXIX EnANPAD

Data: 17 a 21 de setembro de 2005
Local: Blue Tree Hotel, Brasília / DF
Trabalhos submetidos: 3020
Trabalhos aceitos: 779
Conferencista convidado: Prof. Jonathan Michie, Diretor da Birmingham Business School (University of Birmingham): *Management Practice and Corporate Performance OR If You're So Clever, Why Aren't You Rich?*
Resumos dos Trabalhos impresso e Anais em CD-ROM

30º EnANPAD

Data: 24 a 27 de setembro de 2006
Local: Pestana Bahia Hotel, Salvador / BA
Trabalhos submetidos: 3214
Trabalhos aceitos: 848
Resumos dos Trabalhos impresso e Anais em CD-ROM

Registro 9

Encontros Temáticos e Setoriais (dados sucintos).

Encontro temático: Teoria Administrativa e Gestão Universitária – 1984

Local: Gramado / RS

Realização: ANPAD

Convidados estrangeiros: Peter Blau, Philip Marcus, Kim Cameron

Patrocínios: Comissão Fulbright, CNPq

Participantes brasileiros: professores convidados, autores de publicações relativas ao tema do evento

Publicação: número especial da **Revista Brasileira de Administração da Educação** (1984), contendo todos os artigos e comentários do encontro

1 ENEO – Encontro de Estudos Organizacionais

I EnEO – 2000

Local: Curitiba / PR

Anfitrião: UFPR

Trabalhos: 146 submetidos e 53 apresentados

II EnEO – 2002

Local: Recife / PE

Anfitrião: Propad/UFPE

Trabalhos: 231 submetidos e 72 apresentados

III EnEO – 2004

Local: Atibaia / SP

Anfitrião: FGV/EAESP

Trabalhos: 500 submetidos e 146 apresentados

IV EnEO – 2006

Local: Porto Alegre / RS

Anfitrião: EA/UFRGS

Responsabilidade: Divisão de Estudos Organizacionais e Diretoria Científica ANPAD

Trabalhos: 739 submetidos e 142 apresentados

2 3 Es – Encontro de Estudos em Estratégia

I 3 Es – 2003

Local: Curitiba / PR

Anfitriões: UFPR e PUCPR

Trabalhos: 438 submetidos e 96 aceitos

II 3 ES – 2005

Local: Rio de Janeiro / RJ

Anfitriões: PUC-Rio e COPPEAD/UFRJ

Trabalhos: 490 submetidos e 100 aceitos

3 EMA – Encontro de Marketing

I EMA – 2004

Local: Porto Alegre / RS

Anfitrião: EA/UFRGS

Trabalhos: 356 submetidos e 60 aceitos

II EMA – 2006

Local: Rio de Janeiro / RJ

Responsabilidade: Divisão de Marketing e Diretoria Científica ANPAD

Trabalhos: 415 submetidos e 122 aceitos

4 EnAPG – Encontro de Administração Pública e Governança

I EnAPG – 2004

Local: Rio de Janeiro / RJ

Anfitrião: FGV/EBAPE

Trabalhos: 366 submetidos e 110 aceitos

II EnAPG – 2006

Local: São Paulo / SP

Responsabilidade: Divisão de Administração Pública e Gestão Social e Diretoria Científica ANPAD

Realização: novembro de 2006

Trabalhos: 410 submetidos

Trabalhos aceitos: em avaliação

5 Simpósio de Gestão da Inovação Tecnológica

Realizados 23 encontros sob a chancela da FEA/USP

O 24º Simpósio será realizado sob a chancela da ANPAD

Local: Gramado / RS

Data: 17 a 20 de outubro de 2006

Responsabilidade: Divisão GPR – Gestão e Ciência, Tecnologia e Inovação

Trabalhos: 410 submetidos e 251 aceitos

Registro 10

Trabalhos premiados.

No corpo deste livro são mencionados os diversos formatos adotados pela ANPAD para a premiação dos melhores artigos apresentados em seus encontros.

A partir de 2004, foi divulgado que teríamos três prêmios gerais – para o Melhor Trabalho Teórico, para o Melhor Trabalho Empírico e para o Melhor Caso de Ensino – apresentados no evento.

Os registros de todos os premiados, desde 1998, estão presentes no *site* da ANPAD (www.anpad.org.br), com respectivas instituições a que estavam vinculados. Muitas e diferentes instituições tiveram seus professores-pesquisadores premiados, mostrando a amplitude da qualidade acadêmica entre as instituições vinculadas à Associação. No corpo do livro são mencionados alguns dos premiados em determinados encontros.

Esta publicação foi produzida em Porto Alegre / RS, em setembro de 2006, composta nas fontes Galliard e Ottawa, impressa em papel Couché Matte 115g/m², pela Gráfica e Editora Pallotti.

Construindo uma
Associação Científica:

30

TRINTA ANOS da **ANPAD**
-memórias, registros, desafios-

Entregamos neste trigésimo aniversário da ANPAD – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração – a nossos associados e à comunidade científica este relato de nossos primeiros trinta anos. Graças ao trabalho e ao empenho de Roberto Costa Fachin, temos um texto que abarca as diversas facetas do desenvolvimento da ANPAD até o momento.

Se em nosso trigésimo ano de existência compararmos o que realizamos com o que nos propúnhamos realizar, não há como duvidar que o objetivo central da Associação foi alcançado, ou seja, colaborar e trabalhar pela consolidação da pós-graduação em Administração de nosso país.

Carlos Osmar Bertero
Presidente